

***SINTRA: ROMANTISMO E NEO-MUDÉJAR  
REABILITAÇÃO DA QUINTA DO RELÓGIO***



**Stefan Ferreira Olímpio**

(Licenciado em Estudos Arquitectónicos)

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

**Orientação Científica:**

Professora Doutora Bárbara Massapina Vaz  
Professor Doutor Paulo Pereira

**Júri:**

Presidente: Prof. Dr. Amílcar de Gil e Pires  
Vogal: Prof. Dr. Marta Feliciano  
Vogal e Orientador: Prof. Dr. Bárbara Massapina Vaz

Lisboa, FA ULisboa, Março, 2017





Título do projecto: *Sintra: Romantismo e Neo-Mudéjar Reabilitação da Quinta do Relógio*

Nome do Aluno: Stefan Ferreira Olímpio

Orientação: Professora Doutora Bárbara Massapina Vaz e Professor Doutor Paulo Pereira

Mestrado: Arquitectura

Data: Lisboa, FA ULisboa, Março, 2017

## Resumo

A presente dissertação tem a finalidade de compreender, partindo de considerações primeiramente teóricas sobre o acto de Projectar e as suas correspondências e vinculações com o Lugar, a Quinta do Relógio em Sintra, procurando elos de ligação e uma harmonização sobre a identidade e o conceito do local de intervenção. Ao nível programático encontramos desejavelmente na presença de uma Fundação Luso-Árabe, justificada pela relação com o mundo árabe e com uma estética arabizante, para além de influências históricas que sabemos evidentes, entre Sintra do passado e o Palácio existente na Quinta, bem como pela facilidade em como estes locais de recreio se adaptam a diferentes e exigentes programas.

A análise inicial procura investigar todos os elementos associados à Quinta, desde a sua envolvência e ambientes exteriores até ao seu interior e unidades particulares. O gesto primordial é interpretar a relação do antigo com novo, e de que modo é que a reabilitação pode valorizar o sítio tornando-se significativo e indispensável que exista uma verdadeira cumplicidade entre edificações e conjuntura de épocas distintas no tempo.

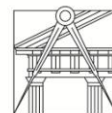
Fundamental e de primeira ordem é a temática da Quinta de Recreio: todo um contexto histórico e cultural tem de ser entendido para este caso particular, e nele se deve procurar a génese dos ambientes criados e suas formas arquitectónicas, a que crescem, depois todo o panorama circundante da Quinta do Relógio e inerente ao seu Palácio, tocado pelo romantismo de Sintra e pelas influências mudéjares suscitando uma pertinente investigação histórica e artística.

A próxima fase será a constatação dos elementos que compõem toda a Quinta, procurando oportunidades de intervenção para um planeamento programático e arquitectónico que ofereça todas as condições para uma Fundação Luso-Árabe.

Por último, a abordagem realizada ao local será abordada: até que ponto as intervenções realizadas ainda poderão contribuir para valorizar e enaltecer as pré-existências como o Palácio Neo-Mudéjar ou o jardim romântico, enquanto elementos unitários intrinsecamente ligados.

Palavras-chave: Lugar, Paisagem, Neo-Mudéjar, Quinta de Recreio, Identidade





Título do projecto: *Sintra: Romantismo e Neo-Mudéjar Rehabilitation for Quinta do Relógio*

Nome do Aluno: Stefan Ferreira Olímpio

Orientação: Professora Doutora Bárbara Massapina Vaz e Professor Doutor Paulo Pereira

Mestrado: Arquitectura

Data: Lisboa, FA ULisboa, Março, 2017

### **Abstract**

The purpose of this dissertation is to understand, starting from theoretical considerations about the act of Projecting and its correspondences and links with the Place. Looking for links and a harmonization on the identity and concept of the intervention site, Quinta do Relógio in Sintra. At the programmatic level we are in the presence of a Luso-Arab Foundation, justified by the relationship of the influence of intra over the Quinta Palace, with the Arab world dealing, as well, with the flexibility through which these recreational places can be adapted to different and demanding programs.

The initial analysis seeks to investigate all elements associated with the Quinta, from its surroundings and exterior environments to its interior and private units. The main key is to interpret the relationship of the old and new, as well as in what measure rehabilitation can value the site becoming significant and indispensable given the true complicity between the buildings and the conjuncture and layers of different eras.

Also fundamental is the entire historical and cultural context that has to be understood in the context of the Quinta de Recreio, searching the genesis of the created environments and their architectural forms: hence, the whole panorama surrounding the Quinta do Relógio and inherent to its Palace covered by the romanticism of Sintra and Mudejar influences of which its historical and artistic investigation is pertinent.

The next phase addresses the elements that make up the whole Quinta, looking for opportunities for an intervention for a programmatic and architectural planning that offers all the conditions for a Luso-Arab Foundation.

Finally, a purposeful approach is undertaken in the site to access how the interventions carried out still contributed to enhance the pre-existences such as the Neo-Mudéjar Palace or the romantic garden, always watching in a perspective of unity since all those elements are intrinsically linked.

Key Words: Spot, Landscape, Neo-Arab, Leisure Villa, Identity



## Agradecimentos

Para a concretização deste trabalho foi essencial o contributo de algumas pessoas, desde o processo de investigação até à execução da componente projectual, ajudando-me com o seu apoio e conhecimento, a quem francamente agradeço.

Em primeiro lugar, quero manifestar o meu tributo de gratidão à Prof.<sup>a</sup> Doutora Bárbara Massapina, pela orientação científica deste trabalho e toda a confiança e disponibilidade demonstrada para acompanhar e melhorar o desenvolvimento do projecto.

Agradecer ao Prof. Doutor Paulo Pereira também pela sua orientação, bastante útil e importante nos contextos históricos, artísticos e bibliográficos que permitiram ampliar e enriquecer o documento e o interesse e motivação manifestada pelo tema.

Ao Sr. Christopher Berglund, proprietário da Quinta do Relógio, pela disponibilização de visitas ao interior da quinta e de recursos necessários à investigação realizada.

À Historiadora Maria João Martinho pelo seu saber e conhecimento das histórias e curiosidades contadas acerca da Quinta do Relógio.

Ao Técnico Pedro Moreira, funcionário da Fundação Olga Cadaval em Sintra, por partilhar o seu conhecimento sobre os diferentes auditórios e espaços adjacentes, matérias que foram bastante úteis para o desenvolvimento do meu programa similar.

Ao *Chef* Bernardo Quintas, que permitiu desenvolver a parte programática relativa à zona da cozinha e todos os seus inúmeros espaços de apoio.

Ao Engenheiro Alcides Silvestre Colaço pelo acompanhamento em questões pontuais relativas aos elementos estruturais do projecto.

Às diferentes associações presentes em Sintra —e aos seus membros— através dos quais me foi dado a perceber melhor a realidade dos problemas de diferentes conjuntos arquitectónicos que estão ao abandono ou a necessitar de intervenções de reabilitação, como a *Alagamares - Associação Cultural*, *Amigos da Vila Velha* e *Amigos de Monserrate*.

Aos funcionários do Arquivo Histórico e da Biblioteca de Sintra, que auxiliaram em processos de investigação e referências locais que se mostraram importantes.

Por último, mas não menos importante, à minha Família, à Beatriz e Amigos.



**Dedico a vocês meus pais e avós, minhas infindáveis inspirações.**





# ÍNDICE GERAL

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>1</b>  |
| 1.1 Conceitos.....   | 2         |
| 1.2 Contextualização do tema .....   | 3         |
| 1.3 Objectivos do trabalho.....  | 4         |
| 1.4 Questões de trabalho.....  | 5         |
| 1.5 Metodologia proposta .....   | 6         |
| <b>2. ESTADO DO CONHECIMENTO .....</b>   | <b>8</b>  |
| <b>3. O LUGAR .....</b>  | <b>11</b> |
| 3.1 Conceito do Lugar .....  | 11        |
| 3.2 Análise fenomenológica do Lugar .....  | 13        |
| 3.3 Quinta de Recreio .....  | 15        |
| 3.3.1 Surgimento e contexto histórico.....                                       | 15        |
| 3.3.2 Sentido de Vilegiatura .....   | 18        |
| 3.4 Sintra Lugar de Vilegiatura Renascentista .....                              | 23        |
| <b>4. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO .....</b>  | <b>25</b> |
| 4.1 História: Sintra Mítica, o Romantismo e o Tardo-Romantismo.....              | 25        |
| 4.1.1 <i>O Monte da Lua</i> .....  | 25        |
| 4.1.2 História mítica, geografia sagrada .....                                   | 25        |
| 4.1.3 A "Paisagem Cultural de Sintra" na Lista do Património Mundial (UNESCO)... | 26        |
| 4.1.4 As referências monumentais circa 1860 .....                                | 28        |
| 4.1.4.1 Palácio Nacional de Sintra ou <i>Paço de Sintra</i> .....                | 28        |
| 4.1.4.2 Castelo dos Mouros.....  | 30        |
| 4.1.4.3 Convento dos Capuchos .....  | 30        |
| 4.1.4.4 Capela de Nossa Senhora da Peninha ou da Penha .....                     | 31        |

|  |           |
|--|-----------|
| 4.1.4.5 Palácio de Monserrate .....  | 32        |
| 4.1.4.6 Palácio Nacional da Pena .....                                       | 32        |
| 4.1.4.7 Parque da Pena .....   | 34        |
| 4.1.5 Sintra e os românticos.....  | 35        |
| 4.2 A moda do orientalismo árabe .....                                       | 38        |
| 4.2.1 Guildhall London .....   | 38        |
| 4.2.2 Sezincote House .....  | 39        |
| 4.2.3 Royal Pavillion in Brighton .....                                      | 40        |
| 4.2.4 Leighton House .....   | 40        |
| 4.2.5 Kew Gardens .....  | 42        |
| 4.2.6 Ludwing van Zanth e o pavilhão Wilhelma (Estugarda).....               | 43        |
| 4.3 O neo-mourisco em Portugal .....   | 46        |
| 4.3.1 O neo-mourisco precose: apontamento neo-mudejares do Palácio da Pena.. | 46        |
| 4.3.2 Palácio de Monserrate .....  | 47        |
| 4.3.3 Palácio da Associação Comercial do Porto .....                         | 48        |
| 4.3.4 A casa Ribeiro da Cunha ao Príncipe Real .....                         | 49        |
| 4.3.5 Palacete mourisco da Avenida da Liberdade .....                        | 49        |
| 4.3.6 Praça de Touros do Campo Pequeno .....                                 | 50        |
| 4.3.7 Pátio neo-mourisco do Clube <i>Majestic</i> .....                      | 50        |
| 4.3.8 Decorativismo e "design" neo-mourisco .....                            | 51        |
| <b>5. A QUINTA DO RELÓGIO .....</b>  | <b>53</b> |
| 5.1 Lugar e Fundação .....   | 53        |
| 5.2 Manuel Pinto da Fonseca: apontamento biográfico .....                    | 53        |
| 5.3 António Tomás da Fonseca, arquitecto e pintor .....                      | 54        |
| 5.4 Palácio Neo-Mourisco .....   | 54        |
| 5.5 Jardim Romântico .....   | 58        |
| 5.6 Topografia do terreno.....   | 59        |
| 5.7 Curiosidades e histórias .....   | 61        |

|   |               |
|---|---------------|
| <b>6. ESTADO ACTUAL DA QUINTA .....</b>         | <b>63</b>     |
| 6.1 Patologias do Palácio .....                 | 63            |
| 6.2 Área envolvente do Palácio .....            | 65            |
| 6.3 Jardim.....                                 | 65            |
| 6.4 Restantes elementos da Quinta.....          | 65            |
| <br><b>7. DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO .....</b> | <br><b>67</b> |
| 7.1 Fundação Luso-Árabe.....                    | 67            |
| 7.2 Casos de Estudo .....                       | 69            |
| 7.2.1 Programático.....                         | 69            |
| 7.2.2 Solução Arquitectónica .....              | 71            |
| 7.3 Roteiros .....                              | 75            |
| 7.3.1 Quintas .....                             | 77            |
| 7.3.2 Inspiração Árabe .....                    | 78            |
| 7.3.3 Romântico .....                           | 79            |
| 7.4 Estratégias compositivas adoptadas.....     | 82            |
| 7.4.1 Planos de Base.....                       | 82            |
| 7.4.2 Eixos Visuais e Percursos.....            | 83            |
| 7.4.3 Eixos Estruturantes .....                 | 84            |
| 7.4.4 Área Elevada.....                         | 85            |
| 7.4.5 Hierarquia Espacial.....                  | 86            |
| <br><b>8. CONCLUSÃO .....</b>                   | <br><b>88</b> |
| <br><b>9. BIBLIOGRAFIA.....</b>                 | <br><b>89</b> |
| <br><b>10. ÍNDICE DE IMAGENS.....</b>           | <br><b>95</b> |

|   |            |
|---|------------|
| <b>11. ANEXOS .....</b>                   | <b>102</b> |
| I - Memória Descritiva.....               | 102        |
| II - Processo Criativo.....               | 110        |
| III - Peças Desenhadas (Provisórias)..... | 113        |
| IV - Maquetes.....                        | 129        |
| V - Modelo Digital .....                  | 132        |

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tenciona delinear uma proposta para a Quinta do Relógio, unificando-a através do potencial acolhimento neste magnífico edifício de uma Fundação Luso-Árabe, da qual existirá a Casa Árabe e o Instituto Casa das Culturas que se pretende venham a permitir ligar todo o conjunto edificado já existente e a nova solução arquitectónica a par de uma situação de diálogo de culturas, que julgamos incontornável e urgente.

No nosso território nacional constatamos a existência de um vasto Património Arquitectónico de diferentes gerações temporais, devendo ser prioritária a sua preservação. A herança construída no passado e com valor patrimonial deve ser entendida como uma das prioridades de intervenção no nosso tecido urbano e rural, no qual as quintas de recreio assumem decisiva importância.

Na zona de Sintra, na serra e, especificamente, em toda a vertente dos arredores de Colares temos o privilégio de contemplar inúmeras quintas das quais fazem parte da identidade do lugar e acrescentando-lhe um abundante valor cultural e identitário.

Próximo do centro histórico da Vila de Sintra, nesse (poético) caminho para Colares, temos a Quinta do Relógio, onde se evidenciam o Palácio de influência Neo-Mudéjar do século XIX e o jardim romântico à maneira inglesa, permanecendo ali e ainda várias espécies raras e exóticas que sobreviveram até ao presente.

Muitos foram os proprietários da Quinta e diversas foram as histórias e personalidades que por aqui passaram, sendo que um dos pontos altos a lua-de-mel dos reis D. Carlos de Bragança e D. Maria Amélia de Orleans no actual Palácio.

A propriedade, de momento, encontra-se à venda, pertencendo a uma família sueca, sendo que a Câmara Municipal de Sintra já considerou a sua compra de forma aproveitar a proximidade e complementarização com a Quinta da Regaleira.



Fig. 1 - Localização da Quinta do Relógio, proximidade com o Centro Histórico

## 1.1 CONCEITOS

### - CONSCIÊNCIA DO LUGAR

Entender o espaço resulta naquilo que podemos construir para dar uma função existencial e verdadeira. Conseguir reflectir algo que contribua para dignificar o local, criando um espaço arquitectónico a partir da criação do homem.

Só depois de perceber o “Lugar” é que podemos saber o que fazer, pensar num programa com bases estruturadas e para isso é necessário captar todos os seus elementos constituintes. Ao projectarmos, temos de assegurar um pacto entre aquilo que é uma verdadeira intervenção construtiva - como é a arquitectura - e o meio natural inserido na e com a paisagem, realizando-se depois de uma observação e leitura completa do “Lugar”.

### - QUINTA DE RECREIO

A Quinta de Recreio é algo que funciona como um todo, um corpo composto por vários elementos e programas que podem ser Conventos, Palácios e Casas de Habitação, a jardins ou hortas, constituindo lugares cheios de versatilidade e diversidade quer a nível de estilo arquitectónico como funcional, com características singulares. Tendo todas estas áreas a condição de serem puras na sua essência definem locais de agradável estadia, que confinam e se juntam em várias componentes formando uma unidade única e irrepetível com a sombra, luz, água e sons.

*“A quinta de recreio, entendida como um todo tendencialmente auto suficiente e organizado, constitui um espaço versátil, onde as componentes lúdica e produtiva se associam e invadem mutuamente, estabelecendo relações formais e funcionais”.*<sup>1</sup>

Vale a pena debruçar-nos sobre algumas características que, afinal, distinguem a Quinta de Recreio da chamada Casa Rural. Segundo João Vieira Caldas <sup>2</sup>, a designação Casa Rural aplica-se *“às habitações, ou melhor, aos conjuntos construtivos que, integrando a habitação, os edifícios de apoio à agricultura e à criação de animais, o pátio e os próprios muros envolventes, limites popular e erudito. Tanto designa a edificação rural de Trás-os-Montes com recinto fechado e varandas interiores, ou o pequeno solar rústico da mesma região cuja nobreza é apenas aferível pela pedra de armas, como a quinta do litoral algarvio, ou o monte do interior, passando pelas modestas quintas de recreio ou casas de lavoura dos arredores da capital.”*. Assim, a Casa Rural resulta de *“de um compromisso desigual entre o modo tradicional de edificar, os novos valores barrocos e a adaptação a características regionais que vão dos materiais utilizados à tipologia. (...)”*.

Acrescenta João V. Caldas: *“A forte ruralidade destas propriedades não permitia que o dispositivo de recreio, quando existia, fosse desenvolvido e muito menos autónomo. Raramente o era, aliás, nos solares mais importantes ou nas grandes quintas. Nas menos abastadas, porém, o desejo de seguir modelos elaborados levou a complementar o jardim, dadas as suas dimensões mínimas, com o efeito da horta, do pomar, ou das latadas, ou, dada a sua total inexistência, a substituí-lo pelo exclusivo partido visual de recintos com finalidade agrícola.”*

---

<sup>1</sup> MESQUITA, Marieta Dá, História da Arquitectura, *Uma Proposta de Investigação - O Palácio dos Marqueses de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1992, p.234.

<sup>2</sup> CALDAS, João Vieira, *A Casa Rural nos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, FAUP, Porto, 1999, p.109, 110.

O contraste entre Casa Rural encontra e Quinta de Recreio torna-se evidente a partir daqui: A Quinta de Recreio, entendida como a *“casa de campo erguida no perímetro das cidades, residências secundárias dos grupos sociais dominantes.”*(...) *“Ainda no século XVII surgirá um esquema mais complexo com planta em U adossada a um quadrado com pátio central(...). Mas o padrão mais simples, e por isso mais generalizado, sobretudo no Norte, é o simples rectângulo, postado sobre a via pública, com capela adossada num dos extremos e abrindo no outro um portão de acesso ao pátio, que Carlos de Azevedo baptizou de «casa comprida»”*.

E aqui, também, se destriça melhor a condição de uma Quinta de Recreio romântica ou tardo-romântica, como é o caso em apreço das restantes e mais antigas formulações. Com efeito, a Quinta de Recreio romântica assume, definitivamente, em maior grau e em percentagem de área a função de Recreio. Aqui, situando-se numa zona já marcada pela profusão de Casas Rurais e Quintas de Recreio antigas, marcada agora a partir do século XIX pela cultura romântica, mais do que palacetes com a área produtiva, são Palácios, mais ou menos fantasiados, que assumem protagonismo como é o caso. E os jardins serão isso mesmo e apenas: jardins “de recreio”, área abertas, e abertas á fruição de uma paisagem próxima – o arranjo do jardim – e da paisagem em torno – a Serra de Sintra – como lugar quase exclusivo de *vilegiatura*. É assim que se pode situar a Quinta do Relógio: um lugar de apaziguamento, fora da cidade e em plano ambiente campestre.

#### - VALOR PATRIMONIAL

A reabilitação do património é uma oportunidade de podermos desenvolver e explorar outros meios que vão ao encontro da sustentabilidade e da devolução ao lugar uma nova utilidade de acordo com a sua época.

Dar importância a um património muitas das vezes esquecido, que não podemos dar ao luxo de omitir algo que existe na nossa paisagem com bastante expressão e dando o valor e significado que é devido, podemos reaver espaços e funcionalidades que encaixam verdadeiramente nestes espaços.

#### - ARQUITECTURA AGREGADORA

Partindo de uma arte como é a Arquitectura, eis o que nos possibilita diversas soluções diferentes, encontrando aquela que mais se aproxima das pessoas, favorecendo um comportamento de bem estar e protecção, promovendo uma alteração de comportamento, e um modo de entender como podemos incorporar diferentes pessoas, culturas e pensamentos distintos num só grupo com o único objectivo de progredir e prosperar num sentido mais evolutivo, agregando as pessoas no mesmo ideal de respeito pelos outros, neste caso, partindo da ideia de unir dois mundos distintos como são o Árabe e o Ocidental, mostrando o que de melhor tem cada um, para depois juntá-los e permitir o seu melhor uso.

## 1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Ter a noção do que implica reabilitar um património com individualismos e particularidades singulares, sabendo fazer as escolhas certas de modo a manter a identidade e o espírito do Lugar, implica que a nova solução arquitectónica tenha que cumprir com a premissa de não omitir a pré-existência, nunca lhe conferindo secundaridade.

Este novo uso - um equipamento cultural apoiado pelo jardim e toda a área verde circundante - oferece aos diferentes públicos alvos uma experiência única e enriquecedora, valorizando a fusão do romantismo “natural” presente em Sintra com os apontamentos

mouriscos espalhados quer pela Serra, bem como pelo Centro Histórico, que fazem com que este espaço se torne uma referência neste panorama cultural.

Noutra vertente é uma chamada importante para o conhecimento e abertura de outras culturas e também um alerta para a importância das diversas quintas espalhadas pela Serra pertencentes a privados para as quais é de difícil implementação um controlo de preservação do importante património edificado e natural, tornando-se um ponto chave de interesse para as pessoas que visitem regularmente ou pontualmente a Paisagem Cultural de Sintra.

### 1.3 OBJECTIVOS

As Quintas fazem parte da paisagem que é necessário preservar, recuperar, dinamizar, e inserir numa lógica de manutenção de lugares que são únicos e irrepetíveis.

Todos conhecemos Sintra pelas suas paisagens e monumentos belíssimos mas será que os conhecemos todos? O objectivo inicial será mostrar que Sintra tem ainda mais potencial do que aquilo que é mostrado e que a maioria conhece, dinamizando a Serra e a sua envolvente até à zona de Colares, descobrindo e desvendando outros segredos arquitectónicos escondidos ou esquecidos tais como as Quintas espalhas pela Serra.

Criar roteiros dos quais têm em comum a passagem pela Quinta do Relógio, em que surgem ao longo da Serra, viagens pelos edificados de influências árabes da época do romantismo existentes e caminhos românticos de cenários e panoramas únicos característicos de Sintra, constituirá um complemento válido (e de “validação” patrimonial) à reabilitação da Quinta do Relógio, servindo de exemplo para o valor escondido e o potencial que existe neste tipo de espaços.

O que se procura nestas Quintas, que são espaços de alguma dimensão no tecido urbano, são os ambientes que estão suspensos no tempo, lugares que cruzam a arquitectura, a cultura e a natureza. Ao valorizar e evidenciar o estilo neomourisco, veremos como a Arquitectura pode funcionar como elemento de agregação e junção de culturas distintas.

Unir a Quinta num corpo só, atribuindo-lhe um novo uso mas respeitando a sua essência e as memórias do *Lugar*, não alterando por completo as suas características únicas e irrepetíveis através da necessidade de conferir um novo uso, proporcionando uma agregação do estilo árabe e ocidental vale como uma premissa sempre intrínseca ao trabalho e terá como objectivo melhorar o valor patrimonial já existente sem nunca assumir qualquer perda que pudesse resultar na descaracterização do seu verdadeiro significado.

Explorar a nível histórico o *Lugar* e trazer à actualidade algumas dessas memórias perdidas, sejam elas espaciais ou meramente conceptuais será a forma de incrementar uma continuidade do pensamento de respeito e valorização dos espaços verdes existentes e predominantes em Sintra, para consolidar um programa de relação com o *Lugar* não perdendo um entendimento entre o passado e o presente, uma recordação sempre corrente do que era a preexistência.



## 1.4 QUESTÕES DE TRABALHO

As nossas cidades vão assistindo à degradação progressiva das suas estruturas urbanas, dos seus edifícios e dos seus espaços exteriores. Uma degradação decorrente do envelhecimento próprio, da falta de manutenção ou ainda do desajustamento dos desenhos da sua organização a novos modos de vida.

Verificamos, assim, a enorme necessidade que o País tem de reabilitar, renovar e remodelar o imobiliário existente, em particular, o de específico e excecional que temos em algumas zonas particulares do nosso País, como é o caso de Sintra com todas as suas Quintas e Palácios. Pegando neste exemplo particular que é a Quinta de Recreio, reabilitando-a e dando-lhe uma nova vida que sirva como exemplo para que possamos olhar mais para toda a região de Sintra e ver estes "tesouros" perdidos que não podem continuar no esquecimento, permite-nos debruçarmo-nos sobre quais os verdadeiros significados e possibilidades de programas relativos a Quintas de Recreio, isto é, se serão limitados ou se promovem uma liberdade total por pertencerem a uma Arquitectura capaz de se adaptar a novas tipologias.

Falta de união: não existe um seguimento nem conjunto, encontramos diversas Quintas abandonadas e fechadas ao público geral. Mas a Quinta do Relógio, de momento, é presenteada com vários usos, mas nenhum pensado globalmente, ou seja: existe uma casa de habitação, um jardim e um palácio abandonado com evidentes e graves disfunções.

O que fazer com este tipo específico de Arquitectura existente com bastante expressão na nossa paisagem?

Como manter a autenticidade dos edifícios inerentes e sujeitos a novas funções?

Palácio de um estilo único e raro em Portugal, sendo que o seu estado de conservação encontra-se bastante debilitado e a precisar de uma intervenção, o qual influenciará toda a Quinta de forma a torná-la mais interessante ao nível da possibilidade de ocupação do espaço por parte do homem, são dados presente que fundamentam uma intervenção de reabilitação.

## 1.5 METODOLOGIA PROPOSTA

De início é necessário uma visita ao local de modo a colher uma experiência que inspire a intervenção: ver, sentir e ouvir. Este passo permite efectuar alguns registos dos elementos que formam a Quinta quer fotográficos, quer recorrendo ao desenho ou até a descrições escritas, numa abordagem de interpretação activa relativamente ao que o Lugar nos transmite.

A investigação é a etapa seguinte, onde numa perspectiva teórica se devem procurar elementos que justifiquem o revelar deste tipo de arquitectura, tendo sempre em conta os diferentes trabalhos e pesquisas acerca deste estilo específico espalhado pelo nosso País, entender como surgiram neste contexto, percebendo qual o seu verdadeiro enquadramento na Serra de Sintra até Colares.

Importante também a compilação dos diferentes casos de estudo, numa perspectiva mais geral, a da Reabilitação abordando casos idênticos ao estudado, vendo diferentes perspectivas em Quintas de Recreio que voltaram a pertencer ao presente e às quais foi devolvida uma condição ancorada no presente. São ferramentas que permitem seguir o caminho certo e alcançar a correcta interpretação deste tipo de temática que ficaram muita das vezes perdidas no tempo.

Termina esta fase quando o verdadeiro conceito estiver formalizado e consistente, com bases bem fundamentadas para que depois ao longo do processo de progressão do trabalho se possa recorrer e fazer concordar o que se recolheu com a ideia base e estruturante do projecto:

- analisar a morfologia não só da área de intervenção mas de toda a sua área de influência procurando através de documentação de cartografias específicas como do Arquivo da Câmara Municipal;
- produzir levantamentos desenhados para avançar no desenvolvimento do projecto, relacionado agora mais com a parte prática, procurando de início definir um programa e perceber se será necessário desenvolver novas propostas arquitetónicas ou se simplesmente nos deveremos cingir à reabilitação do existente.
- o desenho, complementado com outras ferramentas de visualização do espaço tais como maquetes de estudo ou recorrendo a meios digitais para essa representação, tendo sempre como o objectivo comum a procura de ideias e princípios gerais.
- produção de desenhos técnicos finais, onde estarão representados de acordo com as escalas adequadas e em forma de plantas, alçados, cortes e todos os pormenores construtivos necessários à sua perfeita compreensão, terminando com a conclusão final.

## *Quintas de Recreio: uma Questão de Identidade Cultural*

*“Vemos paisagens paradisíacas destruídas por construções em altura, a casuística especulativa que betoniza e destrói o coberto arbóreo, ou espraia-se no território sem salvaguardar os valores naturais, a identidade dos lugares.*

*Há sempre um elo mais fraco que decorre da condição poética dos lugares dos quais ficam apenas pequenos fragmentos residuais duma pré-existência que deixou de ter sentido.*

*A questão torna-se preocupante quando quem olha não vê, ou não consegue ver. Sabemos que os gostos se educam, - por isso existe o ensino - , não há necessidade de seguir as referências do mercado ou o gosto vendido pelo marketing.*

*Como dizia Almada: “tinham olhos e não viam, tinham ouvidos e não ouviam”. Também Saramago escreveu o “ensaio sobre a cegueira”, e Eça de Queirós referia-se aos especuladores dizendo que “têm o turvo do olho posto no lucro”.*

*Assim, as intervenções no território quando não trazem uma mais-valia cultural, quando não interpretam o seu tempo e lugar, o valor ambiental e simbólico, a razão de ser da sua existência, criam condições para a sua própria degradação.*

*Temos memórias que nos ligam à terra. Portugal não tem tido o crescimento das grandes escalas, a nossa identidade cultural – envolvendo a paisagem, arquitectura, gastronomia, qualidade ambiental - , é um valor cada vez mais procurado num mundo global...que se podem acrescentar com cuidado, interesse cultural e económico. São duas vertentes indissociáveis, que é necessário dinamizar.*

*Neste contexto, as Quintas de Recreio constituem “unidades de paisagem” que é necessário preservar, recuperar, dinamizar, inserir numa lógica de manutenção de lugares que são únicos e irrepetíveis”.<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup> Cit. DUARTE, Rui Barreiros; PIRES, Amílcar de Gil e; *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p.9

## 2. ESTADO DO CONHECIMENTO

O suporte de pesquisa relativa aos parâmetros mais teóricos de modo a formalizar uma proposta bem fundamentada e consistente, deve inserir num foco inicial da consciência do *Lugar*, procurando de base autores com trabalho de investigação feito acerca deste tema.

De forma a uma melhor interpretação organizacional existem grupos entre cada fase desta pesquisa de referências, inscritos de início num campo mais teórico acerca do *Lugar*, a que se segue uma pesquisa sobre as Quintas de Recreio, procurando contextos culturais, funcionais e programas adequados a este tipo de Arquitectura. Por último trata-se da junção da teoria com a prática para entender como as intervenções podem ser resolvidas, conseguindo sempre um equilíbrio entre o que já existe e o que irá ser construído, ao nível do respeito de todas as preexistências do local, nunca lhes retirando o seu significado, tentando que a nova intervenção só faça valorizar o *Lugar*.

Analisando e conhecendo esta bibliografia apetrechamo-nos para uma melhor reflexão acerca de todos os elementos que compõem o *Lugar*, entendendo neste todo o controlo do espaço e do simbolismo a ele inerente.

Inicialmente será importante uma boa base teórica do que implica o *Lugar*, o Homem e a Arquitectura, entender os seus conceitos e de, como conjugados, deles podemos retirar as suas relações mútuas. Elegem-se autores que escreveram sobre este assunto como Norberg-Schulz "*A paisagem e a Obra do Homem, Existencia, Espácio y Arquitectura*"<sup>4</sup> e "*Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*".<sup>5</sup> Algumas reflexões importantes acerca deste âmbito mais teórico e geral são do professor Amílcar de Gil e Pires "*Carácter da Arquitectura e do Lugar*"<sup>6</sup>.

Entender o sentido da arquitectura, ou seja, a sua intemporalidade que resiste, e como é que os projectos se encontram sujeitos a diversas formas de criar, desenhar e inventar, inerentes a novas metodologias, sendo necessário compreender que cada momento na sua história teve um sentido de modernidade, é o que pode ajudar a formalizar estes conceitos como se extrai do livro "*Património Edificado*"<sup>7</sup> do Professor Paulo Pereira.

Relativamente à especificidade do tema, apoiámo-nos nas várias obras do Professor Amílcar de Gil e Pires, onde são estudadas as formas de entender estes espaços e como os explorar respeitando a sua essência. Podemos verificar na sua Tese de Doutoramento "*Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*"<sup>8</sup> toda uma metodologia necessária à compreensão desta tipologia, desde os modelos arquitectónicos de referência, as suas tipologias e evoluções, até à sua adaptação e interpretação, nomeadamente em Portugal.

No seguinte grupo, as fontes bibliográficas serão importantes para assimilar de que modo é que as Quintas se cruzam com o território e quais as suas ligações, tais como a "*A casa rural dos arredores de Lisboa no séc.XVIII*" – já atrás citada -<sup>9</sup> e "*O Lugar da quinta de recreio na periferia de Lisboa*" de Amílcar Pires.<sup>10</sup> Numa fase posterior procura-se entender a importância da paisagem e de como esta influencia qualquer tipo de construção, pois é daqui que procede a concepção de um projecto no meio natural respeitando a envolvente.

---

<sup>4</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian, *A paisagem e a Obra do Homem, Existencia, Espácio y Arquitectura*, Blume, Barcelona, 1975

<sup>5</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984

<sup>6</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, Artitextos, Julho 2008

<sup>7</sup> PEREIRA, Paulo, *Património Edificado, Pedras angulares*, Aura. Estudos e projectos de arte – Lda, 2005

<sup>8</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*, Tese para obtenção do grau de Doutor, FAUL, 2008.

<sup>9</sup> CALDAS, João Vieira, *A Casa Rural nos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, FAUP, Porto, 1999.

<sup>10</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *O Lugar da quinta de recreio na periferia de Lisboa*, in *Arte e Teoria – Revista de Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas Artes da Univ. Lisboa*, 2007, nº 9.

Investigar alguns significados e princípios da Reabilitação Patrimonial, tendo por base os Volumes do "*Guião de apoio à Reabilitação de edifícios habitacionais*"<sup>11</sup> da autoria de José Aguiar, João Appleton e António Reis Cabrita é o decurso natural da nossa indagação. Existindo um Palácio no interior da Quinta, ou sendo a Quinta função do Palácio, é útil perceber qual o processo para que a sua reabilitação seja bem sucedida tendo como apoio para sustentar estes princípios a consulta dos livros "*Palácio da Cidadela de Cascais*"<sup>12</sup> e "*Viveiros de Belém*"<sup>13</sup>, obras colectivas com o concurso da Professora Bárbara Massapina, e, da mesma autora, a obra de sua exclusiva autoria o "*Palacete das Seixas*"<sup>14</sup>.

Não podendo esquecer o local da intervenção, de forma a conhecer e aprofundar as tradições e costumes é aconselhável ao longo do trabalho de investigação a permanente proximidade com autores de referência de Sintra, tais como João António de Lacerda, autor do livro "*Cintra Pinturesca*"<sup>15</sup>, ou Oliva Guerra, que escreveu o "*Roteiro lírico de Sintra*".<sup>16</sup>

Outra referência bastante importante é a obra de Regina Anacleto, "*Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924*"<sup>17</sup>, por introduzir uma lista vasta de estilos entre os quais o neomourisco, contendo, aliás, informações pormenorizadas do património revivalista existente em Portugal. Outros volumes ligados à história e levantamento da arquitectura do século XIX é o "clássico" da autoria José-Augusto França, "*A Arte em Portugal no Século XIX*"<sup>18</sup>, decisivo complemento para uma investigação do edificado existente e, em especial, do seu contexto sócio-cultural.

Inevitavelmente será necessário recorrer a alguma informação acerca da formação dos jardins e de como estes moldaram a paisagem a partir dos séculos XVIII e XIX, principalmente com o aparecimento dos jardins românticos Ingleses e das "Villas" Italianas e de como esses hábitos passaram para as Quintas portuguesas, sustentando-nos nos trabalhos do Professor Amílcar Pires, "*O Lugar da Villa Renascentista na Arquitectura Portuguesa*"<sup>19</sup> e "*Da essência do Jardim Português*"<sup>20</sup>, este último mais específico quanto aos princípios de ligação dos jardins que definem e personalizam estes locais.

Finalmente a problemática específica de reabilitar um lugar que faz parte do património nacional, de forma a saber quais as resultantes destas intervenções em preexistências e qual é o valor actual que permanece.

Temos de saber agir conforme o local e a maneira como o fazemos é determinante, ao sabermos responder às diferentes perguntas da reabilitação que passam pelo que reabilitar, como o fazemos e o porquê de não destruir e construir de novo.

---

<sup>11</sup> AGUIAR, José, APPLETON João e CABRITA, António Reis; *Guião de apoio à Reabilitação de edifícios habitacionais*, LNEC, Lisboa, 2002

<sup>12</sup> VAZ, Pedro Vaz; MASSAPINA, Bárbara; *Reabilitação Projecto e Obra - Palácio da Cidadela de Cascais*, Museu da Presidência da República, 2011

<sup>13</sup> VAZ, Pedro; MASSAPINA, Bárbara Massapina; *Viveiros de Belém*, Museu da Presidência da República, 2012

<sup>14</sup> MASSAPINA, Bárbara; *Palacete das Seixas*, Instituto Camões, Lisboa, 2011

<sup>15</sup> LACERDA, João António de Lemos Pereira de; *Cintra Pinturesca*, C.M. Sintra, 1989

<sup>16</sup> GUERRA, Oliva; *Roteiro Lírico de Sintra*, SNI, Lisboa, 1940

<sup>17</sup> ANACLETO, Regina; *Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924* Vol. I,II; Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT, Lisboa, 1997

<sup>18</sup> FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa: Livraria Bertrand, 1966

<sup>19</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, "*O Lugar da Villa Renascentista na Arquitectura Portuguesa*" in *Uma Utopia Sustentável: Arquitectura e Urbanismo no Espaço Lusófono: Que Futuro?*, Edição da FAUTL, Lisboa, pp-252-259

<sup>20</sup> CARAPINHA, Aurora Da Conceição Parreira, *Da Essência do Jardim Português*, Tese para obtenção do grau de Doutor no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, Universidade de Évora, Évora, 1995.

Já no domínio da intervenção de reabilitação que mais à frente defendemos, conhecemos bem os pontos em que se encontra a reflexão patrimonial e as suas diversas graduações. Relembro que, numa adopção das mais recentes Cartas na análise e comparação de casos de estudo, a intervenção no objecto edificado passa por uma definição de níveis que a nós nos interessa, a saber: como *primeira solução* deveríamos estar perante a possibilidade, ideal, , de *não intervir*. Uma *segunda solução* impõe a *intervenção preventiva* ou *indireta*, de modo a impedir a degradação do objecto patrimonial. Já a *terceira solução* constitui, no jargão patrimonial aquilo a que se chama intervenção direta. A intervenção direta pressupõe o uso de técnicas –de todas as técnicas, tradicionais e absolutamente contemporâneas- passíveis de resgatar o monumento ou conjunto. Implica muitas vezes, a introdução de novos elementos, de modo a conceder refuncionalização ao objecto patrimonial.

Ora, sem prejuízo de outras reflexões, é deste lado que os colocamos. Com efeito, a Quinta do Relógio necessita de ser resgatada, de ser resgatada das partes espúrias que resultaram de acrescentos, salvaguardando apenas aquelas intervenções que, apesar de completamente canhestras, poriam –caso fossem eliminadas – em risco, a integridade do que existe de autêntico.

A nossa posição, como ficará expresso mais adiante, é a da combinação destes elementos, ou melhor, a conjugação desta possibilidades de intervenção: intervenção indireta, especialmente na componente jardim/terreno; e intervenção direta na componente casa/palácio. Mas mesmo aqui, fazendo uso de uma ideia de reciclagem e de modelação do existente, devido aos constrangimentos estruturais que ali já se encontram instalados mercê destas intervenções não patrimoniais recentes, mormente, como veremos, a betonagem de um embasamento com efeitos “especiais” completamente deslocados e desarmónicos. Como fazer: reintegrar a sua estrutura e conferir-lhes uma linguagem que os coloque em consonância com a pré-existências, isto é: que nos devolva, alguma autenticidade, ou como nos permita uma reinterpretação ponderada destes elementos espúrios para fazer valer a nossa visão de resgate absoluto e de devolução à harmonia deste magnífico conjunto. Equilíbrio?. Em parte sim. Mas também uma grande dose de pragmatismo o que nos é exigido.

### 3. O LUGAR

#### 3.1 CONCEITO DO LUGAR

O Homem tem um sentido de vinculação a um *Lugar* ao qual pode conferir uma maior importância e valor sendo que quando assumimos uma intervenção no determinado local devemos primeiro que tudo optar por uma estratégia, com intuito em ir ao encontro do conceito do lugar. Através do conceito de *génio do lugar* ou de *espírito do Lugar* - *Genius Loci* <sup>21</sup>- é possível aproximarmos daquilo que é verdadeiramente importante, já que é toda uma experiência teórica e prática que nos leva à herança deixada pelas pré-existências e a uma abordagem fenomenológica de sentimentos, logo, menos racional.

Readquirir a noção e compreensão do Lugar, fazendo uma ponte entre aquilo que é a aprendizagem do estudo Arquitectónico a junção entre o Homem e a Natureza, levou a uma intensa exploração por parte de diversos fenomenólogos. Com esta experimentação de todo um ambiente em volta do espaço e a importância a que ela lhe está inerente, obtém-se uma maior perícia na entidade do Espírito do Lugar, quase como um "código genético" identificador.

No livro "*Construir, Habitar, Pensar*" <sup>22</sup>, de Martin Heidegger, está bem patente a vinculação do sentido de união do Homem com o Mundo numa perspectiva de ocupação relativa ao habitar nos espaços. É um processo que implica o estabelecimento de conexões em que um conjunto de percursos formam o espaço e a Arquitectura inscreve-se aí ao entender a essência da memória do sítio para depois poder compreender o Lugar.

O respeito pelo meio natural que deve de existir num projecto de Arquitectura é diferenciado do pensamento acerca do Lugar e vai para além da sua implantação. Criar uma base sólida ao nível teórico antecedendo os primeiros riscos e ideias práticas tornam muito mais seguras as considerações futuras acerca do projecto, já que a ideia do Lugar é salvaguardada e protegida de quaisquer outras formas de intervir que em nada possam contribuir para a qualidade arquitectónica e consequentemente para a relação do Habitar e do Homem com a Natureza.

Em *Homem e Espaço* <sup>23</sup>, de Friedrich Bollnow, ficamos a conhecer a evidente influência do Homem no espaço que percorre e como o altera devido à sua presença. Se pensarmos que o Lugar já tem a sua individualidade, qualquer tipo demarcação dessa realidade por parte do Homem fará com que exista uma homogeneidade e relativas semelhanças a outros tantos espaços., sendo que é uma forma provocada pelas diferenças existenciais depois do habitar.

Se virmos a intervenção no espaço como caminhos que percorremos pela primeira vez, assumimos o receio de enveredar pelo desconhecido. Mas se alguém já o tiver feito - se já o tiver percorrido, queremos dizer - , essa experiência poderá aconselhar-nos e, consequentemente, a tornar o percurso mais fácil reduzindo possivelmente o número de erros ou de trajectos inúteis. A ideia é não começar do zero e perceber como a experiência pode ser utilizada como uma ferramenta de bastante utilidade e lucidez indo ao encontro das premissas que foram idealizadas por C. Norberg-Schulz em *Existência, Espaço e Arquitectura* <sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984, p.5

<sup>22</sup> HEIDEGGER, Martin Heidegger; *Construir, Habitar, Pensar*, Pfullingen: Gunther Neske, 1954

<sup>23</sup> BOLLNOW, Otto Friedrich, *Hombre y Espacio*, Editorial, S.A., Barcelona, 1969

<sup>24</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975-,

*“O caminho permite-nos não só movermo-nos no espaço, ir a Lugares próximos ou distantes, mas também nos ajuda a recordar as experiências vividas e a situar-nos numa comunidade.*

*Parece que a experiência acumulada durante as nossas viagens permite-nos interiorizar arquétipos ou modelos de organização espacial de modo a confrontar e avaliar novas situações. Graças a esses arquétipos podemos orientarmo-nos num espaço desconhecido.”<sup>25</sup>*

Quando idealizamos e passamos à concretização de um espaço relacionado com o âmbito da arquitectura, concebemos cenários e condições que têm o papel de direccionar a forma como o homem se envolve no Mundo. No livro *Existência, Espaço e Arquitectura* <sup>26</sup> a centralidade do tema está focada num membro fundamental que é a particularidade de cada Lugar e de como podemos desenvolver o projecto partindo dessas especificações. Com este tipo de apreciação foi progredindo e evoluindo o conceito de “*Genius Loci*”<sup>27</sup> na Arquitectura, enquanto “rede” que deve ser vista enquanto interligação de elementos e que tem a finalidade de juntar os sítios, percursos e envolventes num só corpo.

*“A tarefa central do arquitecto é ajudar o homem a encontrar um sítio existencial, onde este se possa fixar e existir, concretizando a sua imaginação e fantasias.”<sup>28</sup>*

O sentido da Arquitectura tem de ir ao encontro do Homem para se identificar com as tais qualidades e atributos caracterizadores do Lugar; assegurando esse elo de ligação os arquitectos tem de permitir que o ambiente possa continuar intrinsecamente inalterável no seu verdadeiro sentido.

*“Uma das questões fundamentais da relação entre Arquitectura e “Lugar” está ligada à necessidade de voltar a propor, no espaço arquitectónico, um complexo de experiências caracterizantes do espaço de vida do Homem. Contra a tentativa de reduzir a poucas regras e princípios dados à priori o vasto material que dá origem à Arquitectura, muitos arquitectos recuperam a ligação intrínseca entre a linguagem arquitectónica e raízes profundas do ser.”<sup>29</sup>*

O que deve ser salientado é que a dimensão existencial é exibida e exposta através da memória, onde Heidegger <sup>30</sup> também explorou de uma forma concreta: o sentido de pertença, abrigo ou refúgio. No *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture* <sup>31</sup> é patente esta noção de como o Lugar assume evidências distintas e que são essas que tornam verdadeiramente os espaços em Lugares que os arquitectos devem de procurar concretizar.

*“A Arquitectura significa visualizar o Genius Loci e a tarefa do arquitecto é criar Lugares com sentido, com o que ajuda o Homem a habitar”.<sup>32</sup>*

---

<sup>25</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975-, p.156???

<sup>26</sup> Idem

<sup>27</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984

<sup>28</sup> Idem, p.135

<sup>29</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p. 98

<sup>30</sup> HEIDEGGER, Martin; *Construir, Habitar, Pensar*, Pfullingen: Gunther Neske, 1954

<sup>31</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984

<sup>32</sup> Idem, p.5



### 3.2 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO LUGAR

É necessário um discernimento correcto para manifestar uma abordagem prática ao projecto e para isso é utilizada uma ferramenta que serve como análise teórica sobre o objecto de estudo. É uma experiência que tem sido debatida por diversos autores e que foi evoluindo de forma a descartar quaisquer atitudes ou comportamentos antes adquiridos. Esta investigação fenomenológica tende a ir ao encontro do autêntico, do genuíno e mais fidedigno conceito do objecto que será objecto de intervenção.

Para Martin Heidegger o significado de Fenomenologia é o de *“permitir ver o que se mostra, tal como se mostra por si mesmo”*<sup>33</sup>. Neste sentido percebemos que se trata de um descortinar e de uma descoberta de ocorrências camufladas que estão à espera de serem mostradas: e é este fenómeno de exposição o que devemos de procurar na nossa análise.

*“A Architectura está sempre dependente de preexistências e baseia-se, inevitavelmente, no reconhecimento das potencialidades do Lugar natural que escolheu para se implatar.”*<sup>34</sup>

*“O que é próprio a cada Lugar origina o sentido de pertença. O significado do Lugar está determinado pelo sistema de relações estabelecidos entre os edifícios que pertencem a esse Lugar, pelo significado que reúnem.”*<sup>35</sup>

A narrativa do Lugar é desenvolvida partindo da memória desse local e qual o percurso da Architectura nesse tipo de expressão espacial e funcional. Ao elegermos o sítio de intervenção sabemos que vai ser alterado consoante o entendimento e o panorama da qual queremos que a concepção do projecto se encaminhe. Temos a possibilidade de escolha para de facto criarmos Lugares onde eles ainda não existem.

*“O sítio como Lugar está sempre ligado à História. O sítio que elegemos ou que nos é dado para a construção dum edifício é, talvez, já um Lugar no campo ou na cidade. Este é destruído, reforçado ou transformado pela nossa intervenção.*

*“Se o sítio está entre lugares, sem ser realmente um Lugar, pode tornar-se num Lugar, pelo menos para os seus futuros habitantes. Se se pretende construir uma instituição, o seu papel como Lugar assume uma dimensão pública, vamos observá-lo cuidadosamente e estudar a sua história antes de desenhar. É nosso dever e nossa possibilidade porque, na sua origem, na sua estrutura formal e nos seus significados, nós encontramos os estímulos mais poderosos e o material mais enriquecedor para desenhar: linhas geométricas, memórias (vestígios), fragmentos da Natureza e feitos humanos.”*<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> HEIDEGGER, Martin, *El Ser y el Tiempo*, Ed. F.C.E. Espanã, S.A., Madrid, 1984, p. 45.

<sup>34</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Architectura*, Caleidoscópio, 2013, p. 198.

<sup>35</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Architectura*, Caleidoscópio, 2013, p. 102.

<sup>36</sup> MEISS, Pierre Von, *Elements of Architecture - From Form to Place*, E FN Spon Ed. London, 1990, p. 143

O legado deixado pelo Homem nas diversas manifestações de arquitectura em locais no meio natural tem demonstrado a sua preocupação eterna sobre o *Lugar*. Esse respeito deve ser mútuo, entre o artificial criado pelo Homem e o natural que é a pré-existência. A modificação do sítio deve ser cuidadosamente pensada e elaborada já que podemos criar na estrutura do terreno formas de potenciar ainda mais as suas características e potencialidades.

Outro princípio fundamental passa por entender que cada *Lugar* é específico ao nível experimental e que a sensibilidade é causadora de diversas reações distintas, o que quer dizer que a Arquitectura está incumbida de valorizar essas características que são inerentes ao próprio local. É importante estarmos conscientes dessas questões, aliás, abordadas no *Regionalismo Crítico*<sup>37</sup> de K.Frampton. Substancialmente, trata-se de ter o discernimento para entender que a cultura do sítio pode ser identificada e deste modo reagirmos de modo a dar lugar a uma produção singular e, sobretudo, própria.

A investigação do que vai ser a nossa Arquitectura e primeiramente do *Lugar* passa muito por criarmos uma estrutura e um sistema que facilite essas abordagens de forma a criar uma maior assertividade. Uma metodologia proposta pode passar pelas análises fenomenológicas, tipológicas e semióticas. É uma dissecação e um profundo conhecimento de toda uma base que nos permitirá elevar a obra de Arquitectura a um outro patamar.

Tal como o professor Amílcar Pires refere em relação ao espaço *“A necessidade de saber apreendê-lo e compreendê-lo teoricamente fá-lo reflectir, também, sobre os processos de investigação necessários para a sua abordagem, contestando o uso de abordagens críticas e analíticas importadas das Artes Plásticas e da Filologia”*.<sup>38</sup>

Bruno Zevi<sup>39</sup> também aborda o assunto na medida em que assume um comportamento da idealização do espaço como uma quarta dimensão, sendo para o autor a verdadeira substância e alma da arquitectura e referindo ainda que a interpretação espacial é um mecanismo e uma ferramenta para examinar uma intervenção arquitectónica.

Ao longo deste projecto, esta ferramenta de trabalho e todos os seus procedimentos e mecanismos inerentes ao conceito da Fenomenologia irão ser cruciais na investigação e exploração do Lugar que é a Quinta do Relógio em Sintra. Todos os antecedentes, princípios e regras que permitam uma vinculação e associação das novas intervenções com as pré-existências serão vantajosas de forma a permitir ver o projecto como uma única e completa unidade.

---

<sup>37</sup> FRAMPTON, Kenneth , *História Crítica da Arquitectura Moderna*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1997, p.381.

<sup>38</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p. 130.

<sup>39</sup> ZEVI, Bruno, *Saber Ver a Arquitectura*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1996

### 3.3 QUINTA DE RECREIO

#### 3.3.1 Surgimento e contexto histórico

*“Chama-se Quinta de Recreio à propriedade rústica que, independentemente da dimensão, inclui terrenos de cultivo, hortas e pomares, edifícios de apoio à exploração agrícola e pecuária, habitações de trabalhadores rurais e, junto à residência do proprietário, zonas de lazer, designadamente jardins, pavilhões, fontes, lagos, pombais e matas, variando em função do estatuto social dos moradores.”<sup>40</sup>*



Fig. 2 - Quinta dos Marquês de Fronteira

Esta ideia da criação de Quintas na sua grande maioria em lugares periféricos à cidade e rodeados de natureza teve origem em Itália a partir de uma vontade cultural em viver num clima rural, da qual serviria para uma temporada de lazer e interrupção do trabalho executado na cidade.

Esta agregação de elementos arquitectónicos repletos de um universo natural, em que o Homem e a Natureza se juntam criando lugares de maior ou menor artificialização enquadram-se num objectivo de complementaridade.

Para James Ackerman <sup>41</sup>, a ‘Villa’ é inerente a uma singularidade que a distingue da casa do campo e esta prende-se com a ideia de recreação e prazer. Por outro lado o contexto agrícola é o aspecto primordial para a casa do campo que é dotada de uma arquitectura elementar e uniforme contrastando com o projecto mais trabalhoso de uma Villa.

<sup>40</sup> MESQUITA, Marieta Dá, *História da Arquitectura, Uma Proposta de Investigação – O Palácio dos Marquês de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1992, p.231.

<sup>41</sup> ACKERMAN, James S., *The Villa, Form and Ideology of Country Houses*, Princeton University Press, Washington, D.C., 1985, p.9.

*“A "villa" é uma casa de campo projectada para o bem estar e recreio do seu encomendador. Podendo ser o centro de uma empresa agrícola, o factor de lazer é o que distingue a "villa" da cada de campo e a quinta de recreio da propriedade agrícola...a "villa" é por excelência o produto da imaginação de um arquitecto e exprime de alguma forma a sua contemporaneidade.”<sup>42</sup>*

Em meados do século XV em Itália a *“...crescente vontade de construir Villas beneficiou de um sentimento de segurança que se passou a sentir em relação ao exterior do espaço habitado, mesmo quando se tratava de residências exteriores ao limite da cidade, tornando dispensáveis as casas de campo fortificadas. Muitas destas casas rurais existentes nos arredores de grandes cidades italianas, pertencentes a alta nobreza, foram transformadas em autênticas Villas - o principal objectivo das sua construção seria o desfrute da vida no campo.”*<sup>43</sup>

A noção do surgimento de uma Quinta sustentável economicamente foi um factor importante, uma vez que houve um *“(...)progressivo aumento das áreas cultivadas e à transformação de algumas culturas para adaptação às novas realidades conjunturais”*.<sup>44</sup> Dependendo exclusivamente dos seus rendimentos na produção agrícola, para o que a proximidade dos centros urbanos era primordial, a escolha do sítio não poderia só recair sobre um espaço contemplativo no meio natural mas com algumas proximidades e facilidades de transporte para a cidade, de forma a garantir as condições de permanência em Quintas destinadas ao ócio e refúgio.

*“A localização próxima da cidade é fundamental também para a vivência da “Vilegiatura” – procura-se nestes espaços a fruição contemplativa da Natureza, influência do Humanismo importado do Renascimento italiano, e o usufruto dos privilégios da vida citadina, nomeadamente da sua cultura.”*<sup>45</sup>

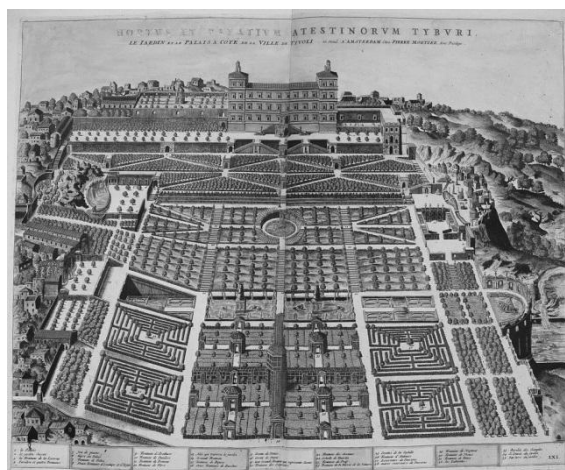


Fig. 3 - Villa D'Este - Tivoli

<sup>42</sup> MESQUITA, Marieta Dá, *História da Arquitectura, Uma Proposta de Investigação - O Palácio dos Marqueses de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1992, p.98.

<sup>43</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p.21

<sup>44</sup> FELICIANO, Ana Marta, António Santos Leite, *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade - A região de Torres Vedras entre o tempo medieval e o final do antigo regime*, Caleidoscópio, Lisboa, 2015, p.169

<sup>45</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p.320

Em Portugal as primeiras quintas surgem por volta do século XVI,<sup>46</sup> onde os programas se foram desenvolvendo à volta das influências renascentistas vindas de Itália e onde os espaços exteriores como os jardins, pomares e hortas ganhavam maior notoriedade; mas o seu ordenamento em Portugal viria a ser desenvolvido por ingleses já nos finais do séc. XVIII, sucedendo a italianos ou a mestres de formação itálica nos séculos XVI-XVII e a franceses, sobretudo no período barroco.

Por sua vez, a Arquitectura na sua relação amigável com a paisagem ganha princípios coerentes gerados pelo movimento renascentista, onde *Palladio*<sup>47</sup> têm um papel fundamental nos elementos unificadores.

*“A interacção entre Villa e paisagem define-se pelo modo como estas se organizam, integradas num plano geometricamente racionalizado.”*<sup>48</sup>

*“O arranjo espacial da quinta de recreio portuguesa obedece a regras que lhe são ditadas pelo uso racional da água. É sem dúvida, a água o elemento vivificador que está subjacente à organização espacial, funcional e vivencial característica das quintas de recreio.”*<sup>49</sup>

*“A água, indispensável à produção e ao recreio, é o grande elemento ordenador e unificador, converte-se na essência viva e dinâmica do jardim português e é o seu principal meio de expressão. É ela que vai elegendo certas zonas da quinta, construindo locais particulares, diluindo simetrias, definindo espaços autónomos e independentes que valem por si.”*<sup>50</sup>

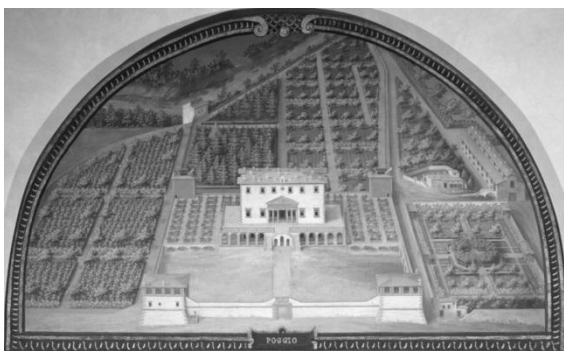


Fig. 4 - Villa Poggio

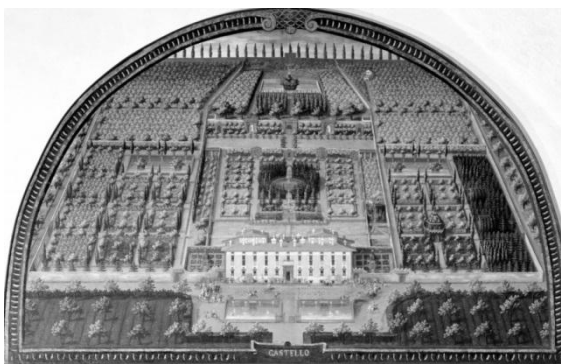


Fig. 5 - Villa Giardini Medicei in Toscana

<sup>46</sup> ARAÚJO, Ilídio Alves de, Jardins, Parques e Quintas de Recreio no Aro do Porto, separata da “Revista de História”, Vol. II – Centro de História da Universidade do Porto – 1979.

<sup>47</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p.84

<sup>48</sup> Idem, p.71

<sup>49</sup> MESQUITA, Marieta Dá, *História da Arquitectura, Uma Proposta de Investigação - O Palácio dos Marqueses de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1992, p.234.

<sup>50</sup> CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira, *Da Essência do Jardim Português*, Tese de Doutoramento no Ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, Universidade de Évora, Évora, 1995, p.353.

### 3.3.2 Sentido de Vilegiatura

*“ A Vilegiatura passa a constituir-se num símbolo social e o sentido lúdico da "villa" exprime uma demonstração de poder e prestígio social.”<sup>51</sup>*

*“ Espaço bucólico, onde em zonas confinadas à produção pontuam elementos arquitectónicos definidores de funções eminentemente estéticas e lúdicas, onde sombra, luz e água se harmonizam para criar uma atmosfera de 'locus amoenus' ”.<sup>52</sup>*

A partir da criação de um programa distinto e peculiar pela sua envolvimento com o ambiente em redor, pode afirmar-se que se originou a curiosidade e o desejo de um novo estilo de vida apreciado por inúmeros grupos de pessoas que viram uma oportunidade não só para se afirmarem socialmente, como retirando proveito desses mesmos espaços para proveito próprio, já que, *“(…)encontrada uma nova relação de usufruto do território, pelo menos por parte significativa das elites aristocráticas, tende a estabelecer-se uma nova relação territorial onde os donatários vão habitar cada vez mais os seus domínios senhoriais, realidade que veio implicar uma concreta transformação morfológica e incremento da dimensão de ócio e vilegiatura nos seus novos paços senhoriais e nas suas grandes quintas - agora, conscientemente, também 'quintas de recreio' ”.*<sup>53</sup>

Assim, *“...a Vilegiatura, como expressão do ideal cultural do habitar no ambiente rural, e impulsionada por uma elite humanista que venerava e tentava por em prática os ideais provenientes da cultura clássica. Estes eram, porém, integrados numa estrutura de cultura crista, onde o ócio se contrapunha ao negócio. Para as famílias com posição social ou eclesiástica de destaque, a Villa passaria a ser o lugar ideal para a recuperação da fadiga e das obrigações directamente relacionadas com a cidade... ”.*<sup>54</sup>

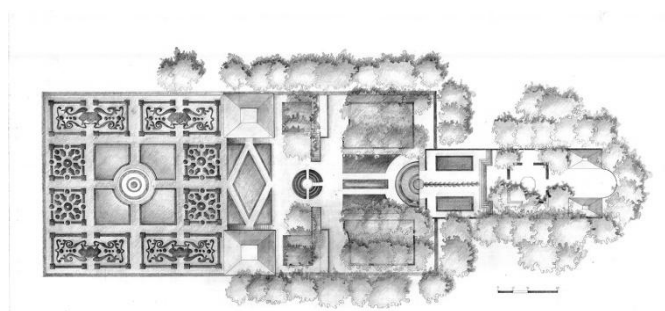


Fig. 6 - Villa Lante, Viterbo

<sup>51</sup> MESQUITA, Marieta Dá, *História da Arquitectura, Uma Proposta de Investigação - O Palácio dos Marquês de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1992, p.102.

<sup>52</sup> Idem, p.234.

<sup>53</sup> FELICIANO, Ana Marta; LEITE António Santos, *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade - A região de Torres Vedras entre o tempo medieval e o final do antigo regime*, Caleidoscópio, Lisboa, 2015, p.92.

<sup>54</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p.21

O elo de correspondência entre o edifício principal, jardim e paisagem é organizado por uma metodologia e modelo que vai diferenciando entre cada Quinta, mas todas elas estão sujeitas a determinadas regras formais que seguem critérios restritos a este tipo de comunicação entre a arquitectura e a paisagem que é projectada.

Uma melhor planificação das Quintas foi exigida ao longo dos tempos e isto levou ao progresso axial do seu desenho e as ligações visuais foram cada vez mais importantes. Desta maneira as Quintas passavam para além dos seus limites físicos fazendo parte integrante de toda a sua envolvente, criando um meio complexo mas pensado de forma coerente.

A região faz um vínculo e uma convergência dos espaços idealizados pelo Homem, dos quais por múltiplos motivos quer de ordem física, funcional ou cultural e social tendem a convergir num sentido e direcção comuns. Quando os seus programas se assemelham subsiste uma familiaridade idêntica relacionada com o Lugar.

Fazendo um sumário de todas generalidades envolvidas das Quintas de Recreio como um processo de relacionamento da Arquitectura com o Lugar que vai ao encontro do *espaço concreto, do contexto e de uma cultura arquitectónica*<sup>55</sup>, em que toda uma panóplia de princípios é conjugada desde o *Sentido de pertença, Genius Loci (identidade, história, tradição)*, *Carácter utilitário do Lugar referentes ao espaço concreto e depois como contexto a Recuperação da ideia de Lugar, Valor e Criação do Lugar, Sentido de Identidade*<sup>56</sup> e finalmente *O Projectar com o Lugar como Processo de Síntese duma Cultura Arquitectónica* que implica uma *Abordagem do sítio, Ideia de Lugar, Lugar*.<sup>57</sup>

Implica, enfim, o desejo de uma aliança entre a Arquitectura e a paisagem, através de uma ferramenta projectual, onde numa análise fenomenológica e poética que aclamam a autenticidade.

*“ A nova sensibilidade por todos exigida implica que a ideia de Lugar propõe uma recuperação crítica da noção de tradição. Esta, por sua vez, é uma clarificação do significado da História, do seu conteúdo cultural específico, e o âmbito da sua compreensão. ”*<sup>58</sup>



Fig. 7 - Maquete Villa Giulia, Roma

<sup>55</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p. 334 - 339

<sup>56</sup> Idem

<sup>57</sup> Idem

<sup>58</sup> Idem

É a tal ideia de recorrer à história, à memória do sítio para incorporar um verdadeiro respeito, alcançando a alma e o cerne do Lugar. O Lugar demonstra as suas particularidades, é a “*ignição*”, o arranque, a primeira visão que possibilita aquilo que permaneceu ao longo do tempo, toda a história é contada unicamente pelo Lugar. Entender o que pede o Lugar, para obter uma conexão entre quem projecta e para onde projecta, para depois o acto (projecto arquitectónico) seja o resultado de uma ponte estabelecida com sustentabilidade, que ligará todos os constituintes artificiais, naturais e ambientais.

Algumas *Heranças Culturais Islâmicas* <sup>59</sup>, desde o século XV, influenciaram diretamente a arquitectura das quintas situadas em Portugal através de tradições e costumes. De princípio, estas herança levam, na continuidade da tradição medieval à ideia de jardim como horto, e como horto fechado: a intimidade será uma das características do jardim dito islâmico (ou mediterrânico) até à invenção da villa italiana. Outra unidade transportada para os nossos projectos arquitectónicos foi, neste contexto, o “*pátio interior*” com funções de criar espaços com contacto com o exterior e ventilação do ar, tendo como primeiros exemplos o Palácio Nacional de Sintra, embora num processo de transição

*“(...)apesar de em certa medida se prolongar por um ambíguo ‘manuelino’ também de influência árabe e mudéjar que ainda introvertia a casa como autoprotecção à vivência do seu quotidiano, a tendência internacional que dava resposta a uma nova cultura mais universal e humanista centrada no prazer e numa nova relação com a natureza.”*<sup>60</sup>



Fig. 8 - Quinta da Bacalhoa, Azeitão

---

<sup>59</sup> Idem, p.263

<sup>60</sup> FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos; *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade - A região de Torres Vedras entre o tempo medieval e o final do antigo regime*, Caleidoscópio, Lisboa, 2015, p.90



*“Nas quintas de recreio portuguesas, principalmente nas de maiores dimensões, ainda que remodeladas ou ampliadas verifica-se a permanência de toda uma série de elementos e estruturas. É assim possível distinguir um modelo de jardim ligado à tradição mediterrâneo-Árabe, prefigurado pelo jardim renascentista italiano, que tira partido do terreno acidentado, estruturando-se em socalcos suportados por altos muros e aproveitando até ao limite os recursos hídricos.”*<sup>61</sup>

*“A paisagem transfigurada, regularizada, ordenada e determinada socialmente pela actividade humana, adquiriu o sentido de “locus amoenus”, de ócio ameno, lugar de felicidade, de quietação, proporcionadora da “humanitas”, que oferece ao espírito disponibilidade para se entregar, liberto de solicitações políticas, do êxito financeiro ou profissional, à reflexão, à meditação, à crítica artística.”*<sup>62</sup>

As coisas viriam a mudar no contexto pós-medieval e renascentista. A importância dada à relação com o exterior e o meio natural começa a ser mais valorizado e isso obriga a uma alteração e abertura das fachadas. Outra mudança foi a concepção dos jardins formais como uma expansão da casa para o exterior, tendo como consequência o surgimento de outros elementos como fontes, lagos e tanques com o intuito de servirem as áreas de produção agrícola. O local escolhido divulga as suas particularidades onde a morfologia e a topografia sobressaem deste sistema. As regiões são criadas por maiores ou menores inclinações, organizadas por linhas de água ou linhas de festa, uma correspondência com a envolvente visual e como a luz solar influencia o espaço.

Uma dependência existente é a presença da água, que para a sustentação da Quinta é um factor determinante, já que as produções agrícolas são um apoio financeiro importante. Aliados a fáceis vias de comunicação e relativamente próximos de aglomerados urbanos.



Fig. 9 - Quinta do Calhariz, Sesimbra

<sup>61</sup> MESQUITA, Marieta Dá, *História da Arquitectura, Uma Proposta de Investigação – O Palácio dos Marqueses de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1992, p.241.

<sup>62</sup> CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira, *Da Essência do Jardim Português*, Tese de Doutoramento no Ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, Universidade de Évora, Évora, 1995, p.193.

*“Estamos a falar da rentabilização cultural do nosso Património, de criar auto-estima e que se reflecte no que construimos. Este aspecto é determinante, envolve o respeito por nós próprios, pelas nossas memórias que se actualizam no tempo com a procura da autenticidade. Por isso, a arquitectura, o lugar e a Vilegiatura, são lugares ímpares que temos o dever de salvaguardar e encontrar formas de as dinamizar sem se perder o seu carácter.”*<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> Cit. DUARTE, Rui Barreiros; PIRES, Amílcar de Gil e; *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p.9

### 3.4 SINTRA LUGAR DE VILEGIATURA RENASCENTISTA

Devido à aproximação cultural entre Portugal e Itália durante os séc. XVI e XVII são planeadas e construídas as primeiras Quintas em plena Serra de Sintra, na vertente a Norte entre Sintra e o caminho que liga até à zona de Colares.

Tendo a *Vilegiatura* das influências do Renascimento a procura da correlação e associação entre a Arquitectura e a paisagem, Sintra pareceu ser o sítio ideal para edificar as *Villas* com estas dimensões e característica novas, já renascentistas.

A envolvente natural em redor foi uma premissa muito importante nestas Quintas, já que as geometrias eram influenciadas pelas interações com a topografia dos terrenos, as suas perspectivas inerentes. A edificação adaptou-se a toda uma paisagem que não podia ser desvalorizada e portanto quase todas elas, consciente ou inconscientemente, funcionavam quase como “miradouros” para a Serra.

Pode afirmar-se que as Quintas existentes em Sintra usufruem de especificidades próprias, uma vez que se integram num plano virtual mas generalizado e comum a todas elas proporcionando uma convivência com o panorama natural exterior, onde persiste uma relação intencional de toda uma estrutura arquitectónica de proporções semelhantes.

Os jardins fazem parte integrante da idealização destas Quintas: são áreas bastante enaltecidas que ganharam uma outra dimensão através de todo um conjunto de elementos que surgiram do resultado de situações particulares.

*“Na Quinta de Recreio dos arredores de Sintra, a impossibilidade de desenhar o fundo sobre a paisagem de grande profundidade espacial, que se estende pela Várzea até ao mar, é substituída pelo seu enquadramento numa relação de perspectiva, tendo o jardim em primeiro plano.”<sup>64</sup>*



Fig. 10 - Quinta da Ribafria, Sintra

<sup>64</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, “Sintra, Lugar de Materialização Arquitectónica de Paradigma de Vilegiatura Renascentista”, in “Palcos da Arquitectura – Vol II”, Edição da Academia de Escolas de Arquitectura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2012, p.31

*"...o Palácio tende a criar na Serra de Sintra um 'mundo fantasia', mundo que através de múltiplos 'fragmentos evocativos', por vezes aparentemente irracionais e desconexos, tende a criar inúmeras possibilidades de superação de estrita materialidade, fazendo-nos 'viajar', no espaço e no tempo, desde os lugares míticos e exóticos do Oriente..."*<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> LEITE, António Miguel Neves da Silva Santos, *A Influência do Romantismo Alemão no Espaço Arquitectónico - Procura de um Entendimento Crítico de uma 'Casa Romântica' nos seus Múltiplos Significados*, Tese de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2001, p. 211

## 4. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

### 4.1 HISTÓRIA: SINTRA MÍTICA, O ROMANTISMO E O TARDO-ROMANTISMO.

#### 4.1.1 *O Monte da Lua*

Os geógrafos antigos reconheciam a Serra de Sintra como um sítio peculiar e caracterizado num panorama mítico, histórico e sagrado<sup>66</sup>. Referem-se-lhe, como *Mons Sacer* ou “monte santo” – o caso de Varrão e Columela e identificam-no como o extremo ocidental da Europa: o *Cabo Ofiussa* de Avieno, o *Cabo Magnum* ou *Olisiponense* para Plínio-o-Velho. Para Ptolomeu (*Geogr.* III, 5.3) é o *Monte da Lua*.

São mais de 7000 anos de história que podemos testemunhar em Sintra. Desde as longínquas comunidades do Neolítico, que se estabilizaram nas vertentes mais seguras da serra, até à civilização romana que também por aqui passou deixando marca na velha definição da serra como *Mons lunae* (Monte da Lua).

Quando os muçulmanos assumiram a supremacia nestas terras seria o imponente castelo lá no alto a verdadeira testemunha dessa importante presença, a que se juntava o palácio dos *walis* de Sintra, cá em baixo no aglomerado urbano, no lugar que viria a ser, mais tarde, e por adaptação, o Paço Real dos reis portugueses<sup>67</sup>.

Idolatrada por reis e aristocratas, escritores e poetas, Sintra é uma terra privilegiada pelo seu encanto, contendo castelos, palácios, paisagens exuberantes compostas por flores e árvores exóticas.

O facto é que Sintra originou inúmeras preciosidades que podemos contemplar entre vestígios arqueológicos, monumentos, pinturas e obra literárias, da qual foi inspiradora. Valorizam o espírito do lugar, já que depois de tantas ocupações humanas o Homem soube manter-lhe a essência. A natureza sempre foi a principal protagonista; e para quem passear pela Serra encontrará lugares deslumbrantes nos cantos mais escondidos da floresta.

Desde os altos cumes que se estendem ao longo da serra, a perder de vista, passando pela luxuriante vegetação com as suas quintas solarengas e vivendas apalaçadas, as casas tradicionais e as aldeias saloias, tudo compõe a paisagem e o seu enquadramento no ambiente natural, podendo-se afirmar que o património natural e cultural se uniram, criando um único elemento.

#### 4.1.2 *História mítica, geografia sagrada*

A Paisagem Cultural de Sintra é, portanto, única no Mundo pela sua complexidade e originalidade sempre presente onde existe uma aliança profunda e um pacto de respeito entre o homem e a natureza. Para definir a paisagem cultural tem de existir um equilíbrio entre aquilo que é natural e humanizado. Durante a sua história, a evolução do cenário favoreceu o diálogo entre os elementos naturais e actividade feita pelos homens, construindo uma paisagem com um sublime valor cultural.

No caso da mais remota pré-história, encontra-se na serra e imediações povoados, dolmens e outros monumentos funerários (ou templos...), grutas.

No dizer de Paulo Pereira, Sintra “*Estaria em posição excelente para servir de charneira entre o Mediterrâneo, com as suas navegações, e as costas do Norte europeu, fossem as da*

---

<sup>66</sup> - É vastíssima a bibliografia sobre Sintra, o que não admira atendendo ao seu poderoso poder evocativo através dos tempos e à riqueza do seu património cultural, construído ou imaterial. Mas, para um síntese da história de Sintra ver SERRÃO, Vítor, *Sintra*, Lisboa, Presença, 1989. Mas também PEREIRA, Paulo, *Cabos do Mundo e Finisterras*, in col. *Lugares Mágicos de Portugal*, vol. V, Lisboa, Temas & Debates, 1996; idem, *Montanhas e Altos Lugares*. in col. *Lugares Mágicos de Portugal*, vol. VI, Lisboa, Temas & Debates, 1996.

<sup>67</sup> - SERRÃO, p. 10



O Comité do Património Mundial certificou Sintra como um modelo exclusivo de protecção da pureza primordial em que de facto os elementos essenciais de toda a história da Serra ainda se mantinham conservados e passíveis de testemunhar as contínuas culturas que a ocuparam. Os fundamentos principais que levaram a formalizar Sintra como parte do Património Mundial (UNESCO) na categoria de "Paisagem Cultural" prendeu-se assim, essencialmente e também, com a presença e desenvolvimento de uma área cultural onde pontifica a arquitectura enquanto referência no que toca a vários períodos de ocupação humana e com os seus vestígios preservados, seja através da paisagem, seja através de conjuntos urbanos.

Reiteramos que, na Europa – e no Mundo –, Sintra foi o primeiro local a ser classificado na tipologia de *"Paisagem Cultural"*. Esta distinção tão singular foi dada pelo reconhecimento da chegada vanguardista do paisagismo Romântico e originadora de diversas maneiras de planeamento no que à paisagem natural diz respeito em outros locais europeus, a que acresce, como é óbvio, um conjunto de verdadeiros símbolos do património edificado, como sejam o Palácio Real na vila de baixo e o Palácio Real da Pena –e em si mesmo uma peça de primeiro plano no quadro do revivalismo arquitectónico neo-medievalista –, mas não só, algo que é enfatizado pelo parecer contemplando que os critérios da classificação em causa: Segundo a UNESCO, *"a paisagem cultural de Sintra, com sua serra, é um extraordinário e singular complexo de parques, jardins, quintas, mosteiros e castelos que criam uma arquitetura popular e culta harmonizada com a abundante e exótica vegetação, criando micro-paisagens de beleza exótica e luxuriante."*

*"Os bens inscritos na Lista de Património Mundial da UNESCO constituem uma das mais fascinantes amostragens das produções da humanidade, a par de outros, que nos revelam a beleza do planeta onde vivemos e, também, a sua inesperada precariedade. Precariedade. Eis muitas das vezes do que o património (mundial ou não) trata. Efectivamente, a consagração de um bem cultural, natural ou «misto», é, também, uma forma de protecção e de responsabilização de todos nós face à delegação desse bem para as futuras gerações."*<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> PEREIRA, Paulo, *Descubra o Mundo Portugal Património da Humanidade*, EDICLUBE, p. 9

#### 4.1.4 Referências monumentais, até cerca 1860: enumeração e síntese

##### 4.1.4.1 Palácio Nacional de Sintra ou Paço de Sintra (séc. XI/XII; fundação; obras séc. XIV-XVI)

O Palácio Nacional de Sintra, situa-se no centro histórico da Vila, sendo um monumento ímpar e original pelo seu interesse histórico, artístico e arquitectónico. Tem a particularidade de se manter quase intacto desde a Idade Média, conservando a sua natureza e significado.

Já no século XI existem referências a uma construção neste local, por parte de um geógrafo árabe, construção que serviria de habitação aos governantes mouros. Depois da conquista cristã no século XII, demorou algum tempo até que os reis portugueses usufruíssem do Palácio com maior regularidade, mas a sua proximidade com Lisboa, o clima mais fresco, a paisagem e as boas condições para a caça fizeram com que a Corte optasse por Sintra como local de veraneio.

As obras mais relevantes até meados do século XVI, foram levadas a cabo pelos reis D. Dinis, D. João I e D. Manuel I, que estabeleceram a actual configuração do palácio.

Numa segunda fase do reinado de D. Manuel, várias obras foram executadas com o intuito de embelezar e valorizar o Palácio, sendo os elementos de ornamentação manuelinos (como as portas e janelas) e ainda mudéjares (os revestimentos azulejares) os elementos de maior destaque, a que se associam diversas dependências resultantes de adaptação e ampliação, ou pura e simplesmente acrescentadas. Também dois novos espaços foram criados com o propósito de receber os aposentos do rei e a Torre coroada pela Sala dos Brasões<sup>72</sup>.



Fig. 12 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D. João I (seg. Pereira, 2013 : adapt.) (vermelho)

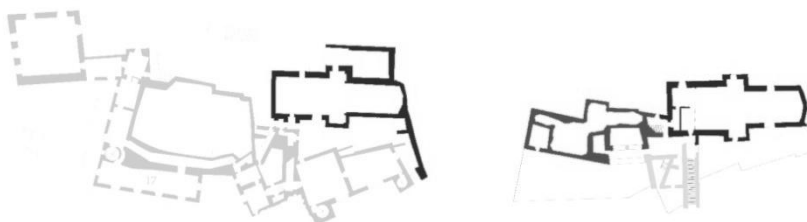


Fig. 13 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D. Afonso V (pisos 3 e 4) (seg. Pereira, 2013 : adapt.) (fonce)

<sup>72</sup> - Para um estudo mais desenvolvido e actual do Paço Real da Vila v. VIEIRA DA SILVA, *Palácio Nacional de Sintra Portugueses*, Lisboa, IPPAR/Scala Oublishers, 2001.



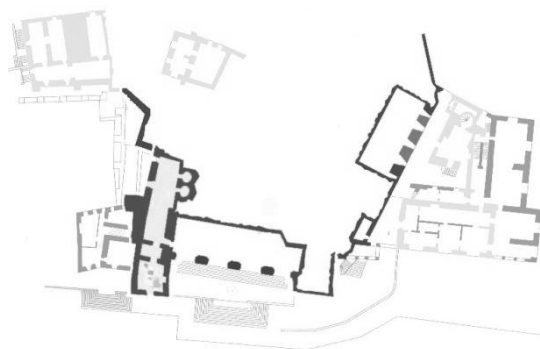


Fig. 14 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D.Manuel I (piso 0 e piso 1) (seg. Pereira, 2013 : adapt.) (amarelo)



Fig. 15 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D.Manuel I (piso 2 e piso 3) (seg. Pereira, 2013 : adapt.) (amarelo)

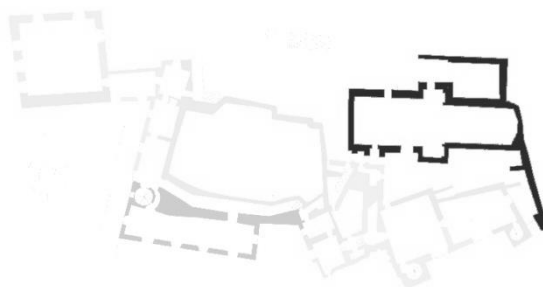


Fig. 16 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D.Manuel I (piso 4) (seg. Pereira, 2013 : adapt.) (amarelo)

As plantas juntas, ainda que esquemáticas ou simplificadas, dão conta das diversas ampliações dos períodos em que ocorreram, dando conta da feição orgânica, mais do que plena da edificação, que virá a constituir um caso raro no panorama das moradas reais europeias de origem medieval<sup>73</sup>.

Até aos dias de hoje poucas intervenções de relevo foram feitas e dos acontecimentos ali ocorridos há que destacar a da presença de um “rei sem trono”, deposto, o malogrado D. Afonso VI que ali terá ficado em cativeiro e que marcou o fim do período mais frequente de habitação real.

<sup>73</sup> - Ver PEREIRA, *Idade Média*, vol. III in col. *Decifrar a Arte Portuguesa*, Lisboa Circulo de Leitores, p. 16

#### 4.1.4.2 Castelo dos Mouros (sec. X/XII; restauros sec. XIX)

Alcandorado num dos altos da Serra, o Castelo dos Mouros é uma construção do século X, e terá sido erguido imediatamente após a conquista muçulmana. As muralhas que serpenteiam irregularmente por entre penedos e penhascos como forma de protecção, permitem vistas únicas sobre o plano inferior onde se encontra o centro histórico e recortam-se no pano de fundo do azul do céu ou do oceano.

Depois da sua configuração inicial surgem algumas alterações das quais se destacam, durante a época de D. Afonso Henriques, no século XII obras de ampliação e o acolhimento nesta parte alta de uma boa parte da população sintrense, antes da descida em meados do século XIII para as faldas da serra mais abaixo e fora já do perímetro amuralhado. Mais tarde e em contexto distinto, D. Fernando II, em meados do século XIX, viria a promover obras de restauro e alguns retoques cénicos com o seu toque romântico.

#### 4.1.4.3 Convento dos Capuchos

O Convento dos Capuchos foi fundado no século XVI no meio da Serra de Sintra, e oferecido aos frades franciscanos reformados e ao seu braço mais austero, o dos frades Capuchos. Destaca-se pela pobreza da sua construção de forma a afastar o mundo e os seus prazeres associados. Bastante pequeno, diminuto mesmo na sua dispersão montanhosa, foi construído tendo em conta a relação com os elementos naturais já existentes como as pedras, árvores e vegetação.

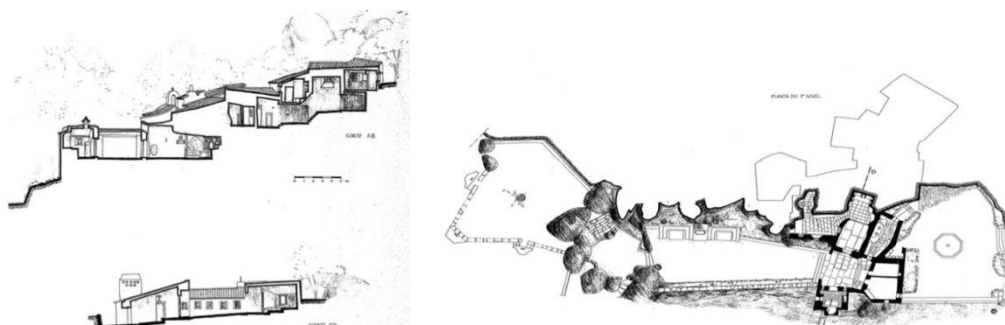


Fig. 17 - Convento dos Capuchos (corte e planta: seg. DGEMN/IHRU)

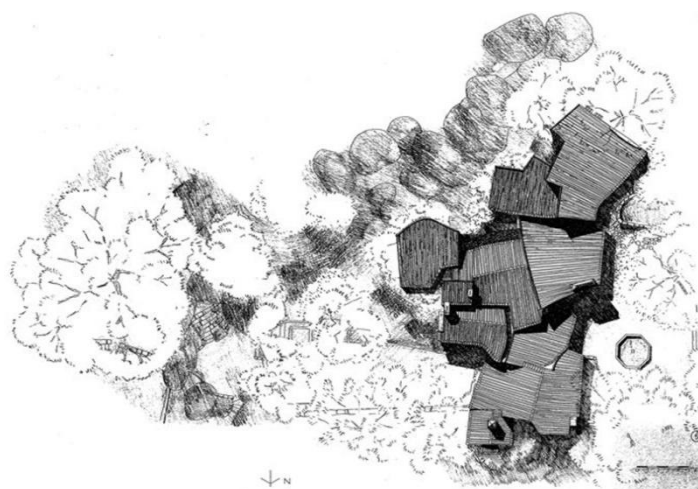


Fig. 18 - Convento dos Capuchos (coberturas: seg. DGEMN/IHRU)

Da zona envolvente faz parte o único local ainda persistente da floresta primitiva, já que os frades foram mantendo intactos os elementos naturais o que na restante Serra já não se sucedeu devido à desflorestação e ao uso intenso por parte do homem ou incêndios –e à reflorestação do período romântico, em si mesmo um evento notável, mas que oferece outra dimensão que não a primordial à serra. É uma raridade importante de ser mantida pelo seu valor natural inerente.

#### 4.1.4.4 Capela de Nossa Senhora da Peninha

A Capela de Nossa Senhora da Peninha está situada no extremo ocidental da Serra de Sintra, situada a par de um conjunto arquitectónico formado por uma ermida e por um palacete semelhante a uma fortificação, construído no ano de 1918. É uma igreja de peregrinação devido à sua disposição geográfica em plena serra com vista sobre o oceano e pelas tradições religiosas assentes neste local.



Fig. 19 - Capela (e “palácio”) da Peninha

Contrastando com o exterior, o seu interior revestido a azulejos executados por diferentes autores recompensava a sua visita mesmo de difícil acesso. Já a capela-mor de 1690 é coberta por mármore de cores diversas reflectindo a intenção de modernizar os espaços. Como se viu, os restauro oitocentistas alteraram-lhe pontualmente a traça, e as intervenções em finais do século XX levadas a cabo pelo ICN foram em grande medida pouco felizes, com aplicações de betuminoso nas fachadas em substituição de rebocos originais, tanto quanto nos é dado constatar...

Mantém, mesmo assim, um poderoso poder evocativo no recorte cénico dos cumes sintrenses e constitui um ponto de observação privilegiado de toda a serra e dos seus arredores.

#### 4.1.4.5 Palácio de Monserrate, Sintra

Na zona central da serra, na vertente norte, o Palácio e o Parque de Monserrate são caracterizados pelos seus estilos exóticos - e ecléticos - e pela harmonia da decoração interior com o exterior, demonstrações singulares do século XIX.



Fig. 20 - Palácio de Monserrate. 1ª fase (finais do século XVIII). Gravura; gravura aguarelada (inic.séc. XIX )

O palácio foi casa de veraneio, tendo sido transformado a partir das ruínas de uma mansão antes construída. Já no final do século XVIII foram realizadas algumas obras no palácio mas de maior relevo foi o início da criação de um dos mais sublimes jardins paisagísticos do Romantismo em Portugal em meados do século XIX, num processo animado pelo arq. James Knowles Jr., no que poderemos considerar a 2ª fase da sua edificação – aliás, a definitiva- e de arranjo paisagístico num projecto global de grande impacto. De todo o mundo vieram espécies para completar este jardim criando cenários verdadeiramente fascinantes complementados pelos lagos, cascatas e caminhos que formam cenários verdadeiramente únicos.

Mais adiante voltaremos a este exemplar do revivalismo neo-mourisco.

#### 4.1.4.6 Palácio Nacional da Pena, Sintra

O rei D. Fernando II sendo uma pessoa de gosto Romântico, escolheu Sintra para construir a sua residência de veraneio, o Palácio da Pena, construído no alto da Serra. Neste local existia um convento desde 1511 que foi abandonado depois da extinção das ordens religiosas em 1834 e que o rei comprou com o seu próprio dinheiro em hasta pública com o fito de o restaurar.



Fig. 21 - O conventinho antes do restauro (gravura aguarelada; inic. séc. XIX)

A intenção inicial deu origem a uma 1ª fase de obras lançada logo em 1842 mas cedo se asseverou que a campanha prevista não cumpria os requisitos de uma mansão real, mesmo que de pequenas dimensões, atendendo à etiqueta de corte e à família real. O projecto foi modificado e do restauro inicial para habitação do conventinho, passou-se a um projecto de ampliação com a edificação do chamado “Palácio Novo”<sup>74</sup>.

O Palácio é, assim, composto por duas zonas em que se dividem pelo antigo convento manuelino e pela edificação efectuada no século XIX.

A nova obra ficou a cargo do Barão de Eschwege, dotando o conjunto de salas de maior dimensão reflectindo o gosto revivalista que então dava ainda os seus primeiros passos na Europa, em Inglaterra e na Alemanha em especial, mas com um cunho pessoal a que não foi estranha a interferência interessada e empenhada do rei, ele próprio um artista e afamado ceramista, que contribui com esboços e ideias para a consecução do novo projecto.

A construção foi finalizada entre a década de 60 e 70 do século XIX, sendo que posteriormente existissem trabalhos de ornamento de interiores.

Globalmente, a sua concepção original fez dele um dos edifícios pioneiros do revivalismo europeu, contando com a inspiração em edifícios portugueses antigos, medievais e tardo-medievais, em especial manuelinos, e com uma dose de invenção colhida de outros estilos, alguns dos quais extra-europeus, de entre os quais sintagmas colhidos da arquitectura otomana ou mesmo moghol, conferindo uma atmosfera eclética e, até certo ponto, de cenário de ópera –ou não fosse D. Fernando um melómano com lugar cativo no Teatro de ópera de São Carlos, em Lisboa.

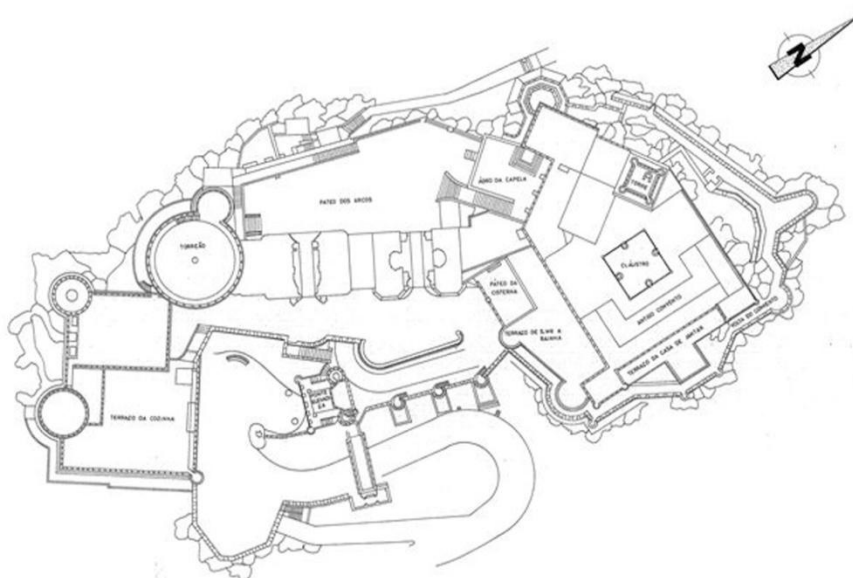


Fig. 22 - Plantas gerais actuais do Palácio da Pena (Sintra) (seg. DGEMN/IHRU). O convento à direita; o Palácio Novo e o Terreiro à esquerda

<sup>74</sup> - Para uma síntese completa v. PEREIRA, Paulo e CARNEIRO, José Martins, *O Palácio da Pena*, s/l, IPPAR e Scala Publishers, 1999.

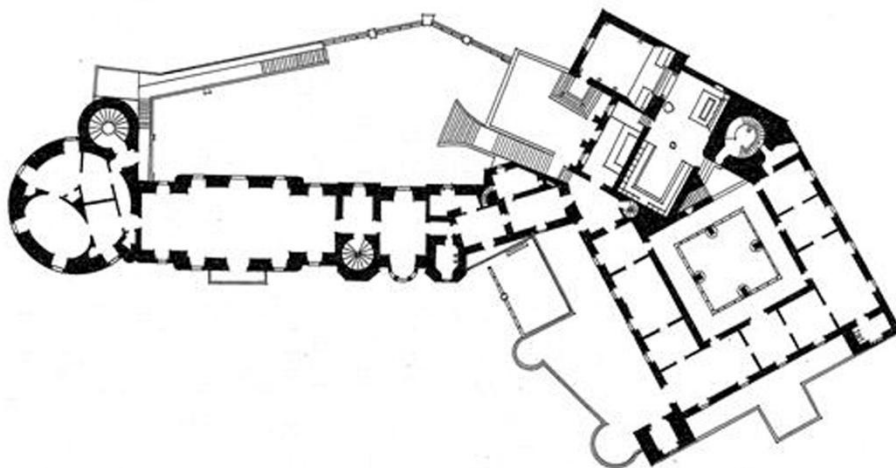


Fig. 23 - Plantas gerais actuais do Palácio da Pena (Sintra) (seg. DGEMN/IHRU). O convento à direita; o Palácio Novo e o Terreiro à esquerda

As dependências antigas do conventinho foram efectivamente restauradas e melhoradas de modo a conferir um conforto áulico à corte, sendo aqui que se encontram as áreas mais intimas e domésticas. Já o corpo novo constitui uma massa construída de grande evidência em termos do perfil da serra, com a sua grande torre cilíndrica, e os patamares de observação das vistas.

*"Através da sua localização estratégica e composição orgânica, o Palácio tende a oferecer vistas panorâmicas sobre toda a 'paisagem envolvente', vistas essas, que à semelhança da 'Pintura Romântica' tendem a privilegiar 'enquadramentos infinitos'..."*

75

#### 4.1.4.7 Parque da Pena

D.Fernando motivado pelo prazer do resultado do Palácio da Pena decidiu nas áreas circundantes continuar a sua obra romântica, mas desta vez de forma natural com jardins, com caminhos serpenteantes, árvores e plantas exóticas, aproveitando o clima característico da serra e fazendo um parque diferente com o seu cunho pessoal ao gosto romântico, podendo destacar-se, no conjunto, o Chalet da Condessa dedicado a Elise Hensler, a sua segunda mulher.

De salientar a importância que teve o rei D. Fernando ao mandar erguer o Parque da Pena nas áreas em redor do Palácio à maneira dos jardins românticos, serpenteado por percursos, pavilhões e bancos de pedra a pontuar os caminhos, bem como um conjunto de espécies arbóreas registadas proveniente dos quatro cantos do mundo, aproveitando o clima húmido da serra de Sintra e criando de raiz um parque exótico com mais de quinhentas árvores e plantas nunca antes vistas por estas redondezas.

<sup>75</sup> LEITE, António Miguel Neves da Silva Santos, *A Influência do Romantismo Alemão no Espaço Arquitectónico - Procura de um Entendimento Crítico de uma 'Casa Romântica' nos seus Múltiplos Significados*, Tese de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2001, p.137

*“ Para quem viera do centro da Europa, habituado aos horizontes próprios, quanto a vastidão e característica, não podia satisfazer-se apenas com uma cerca ou um jardimzinho anexo, mas antes com a vastidão de um parque, amplo e variado no seu relevo e na vegetação de que deveria ser composto, vegetação necessariamente requintada na sua variedade e disposição.” <sup>76</sup>*

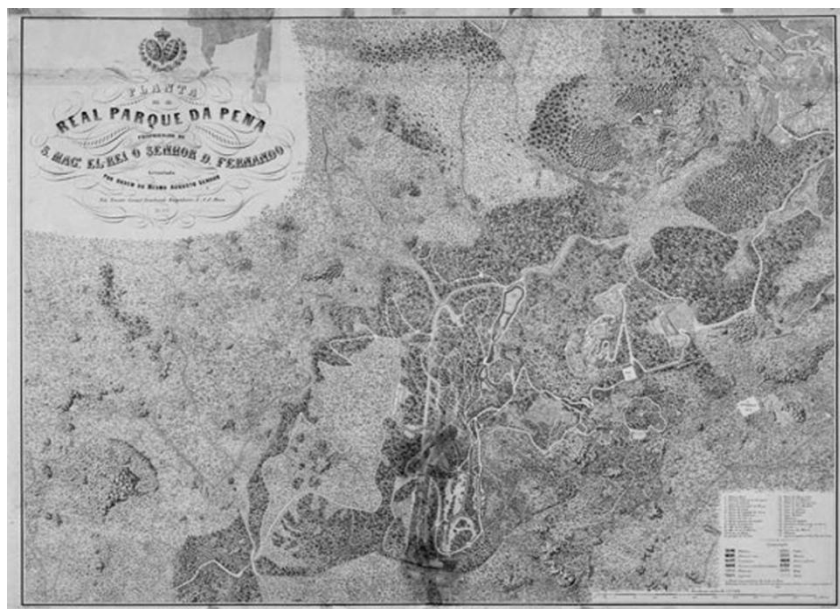


Fig. 24 - Mapa Real Parque da Pena séc.XIX

#### 4.1.5 Sintra e os românticos

A partir dos finais do século XVIII os primeiros românticos elegem Sintra como lugar de peregrinação cultural obrigatória tornando-a um dos pólos mais importantes daquilo a que poderemos chamar a geografia cultural romântica europeia. É de assinalar, aliás, a passagem, algo arrogante de um poeta como Southey ao dizer *“Cintra is too good a place for the Portuguese; it is only fit for us Goths, for Germans or English”*!

Por Sintra, como se sabe irão passar a maioria dos grandes autores e artistas do período romântico, tais como Almeida Garrett, na esteira de outros nomes maiores que ajudaram a definir esse impositivo movimento cultural, como William Beckford ou Lord Byron. Nos textos de Byron, de resto, sente-se a sua interpretação peculiar de harmonização entre a natureza indomada e o trabalho dos homens dizendo tratar-se do lugar *“mais aprazível da Europa”*. É dele a passagem de um dos poemas mais famosos do romantismo - *Childe Harold's Pilgrimage* – referindo-se a Sintra *“There is a pleasure in the pathless woods, / There is a rapture on the lonely shore, / There is a society, where none intrudes, / By the deep Sea, and music in its roar: / I love not Man the less, but Nature more”* (Byron, *Childe Harold's Pilgrimage*).

Entre os artistas contam-se desenhadores e gravadores tais como William Bumett, Clémentine Brélaz, Domenico Schiopetta ou Colebrook Stockdale. *“Lugar ‘mais para sonhar do que para descrever’ segundo as palavras de Dora Woodsworth, o mundo imaginário ganhava em Sintra novos contornos. A Serra recuperava, enfim, o seu valor simbólico, como o constatou,*

<sup>76</sup> NEVES, Baeta, *"O Papel do Arvoredo no Ambiente Romântico do Parque da Pena e o seu Interesse Científico - A Criação do 'Arboreto Nacional de D. Fernando II"*, Instituto de Sintra, Sintra 1988, p.70

*mais tarde, o grande compositor Richard Strauss: olhando o Palácio da Pena, falava do ‘castelo do Santo Graal’ alcandorado sobre o ‘verdadeiro jardim de Klingsor’”<sup>77</sup>.*

Mas um dos traços mais notáveis da serra e da sua apropriação pelos românticos tem a ver com o mistério que se pressente em cada recanto, em cada cume montanhosa, nos âmagos de rochas que a desenham, e nas ruínas que a povoavam. Com efeito, como refere Paulo Pereira, *“não parece ser possível eludir o protagonismo mágico-religioso da Serra de Sintra tendo em conta estes contextos culturais até aos tempos históricos e, inclusivamente, até à actualidade, momento em que se lhe associaram novos mitos, alguns deles relacionados com os Templários e o templarismo - logo em meados do século XIX, pelo menos, com expressão bem visível nos Palácios da Pena, e nos inícios do século XX no Palácio da Regaleira- ou com círculos teosóficos”<sup>78</sup>.*

A este facto., deveras importante e que explica, também, não só a configuração do Palácio da Pena mas também a de edifícios mais tardios, muitos deles *chalets*, e vilas campestres ou quintas de recreio, junta-se a herança longínqua, os ecos, da presença muçulmana. O exotismo islâmico fazia parte do cardápio dos grande românticos, e nas suas viagens muitas vezes privilegiaram lugares como Marrocos e Tunísia e a magnífica paisagem da Andaluzia. Ora Portugal, em Sintra, oferecia o mesmo panorama, mais mítico do que real, mas que não deixaria de interferir e influenciar, muito objectivamente – como veremos adiante – a própria criação arquitectónica do romantismo e até do romantismo-tardio ou do revivalismo “fin de siècle”, situação em que se encontra a Quinta do Relógio, objecto deste estudo e desta proposta.

Não já do âmbito romântico, Sintra não deixa de fazer parte dos roteiros dos estrangeiros e portugueses, como lugar de veraneio em especial, e um dos sítios mais procurados pelas elites lisboetas para descanso e passeio.

Testemunho disto é o facto de Eça de Queiroz, uma presença assídua em Sintra e um dos maiores romancistas portugueses ter usado como cenário e contexto físico os pontos mais interessantes da serra nas suas mais conhecidas obras. De facto não deixa de ser muito significativo o facto de em muitas das suas obras Eça de Sintra. É o que acontece com a *A Tragédia da Rua das Flores* (1877-1878), *O Primo Basílio* (1878), *Os Maias* (1888) ou *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900).

É ainda Eça de Queiroz que inventa aquele que é por muitos considerado o primeiro “romance policial”, associando-se ao seu grande amigo Ramalho Ortigão. A história foi publicada como se de tocas de cartas anónimas se tratasse, entre Julho e Setembro de 1870 no *Diário de Notícias*.

---

<sup>77</sup> - PEREIRA, 1999, p 10-11

<sup>78</sup> - PEREIRA, op. cit. p. 16



## *O Glorious Eden do românticos*

*“Os românticos vão depois fazer de Sintra um lugar de eleição na sua topografia estética, lugar de peregrinação obrigatória e, definitivamente, um dos mais importantes - senão mesmo um dos primeiros - na geografia cultural romântica europeia.*

*...qualidade "atmosférica" de âmbito fenomenológico, que atraía os poetas e os amantes de evocações paradisíacas e idílicas.*

*Lugar «mais para sonhar do que para descrever», segundo as palavras de Dora Woodsworth, o mundo imaginal ganhava em Sintra novos contornos. A Serra recuperava, enfim, o seu valor simbólico.*

*(...)Sintra tornava-se de novo um pólo de vida cultural portuguesa.*

*A articulação entre a arquitectura «construída» e a arquitectura da «natureza» respondem, com uma inesperada coerência e precocidade, ao grande projecto do romantismo, que inscrevia nos seus propósitos o urgente reencontro com a natureza - e o reencontro com o acaso ou o falso «falso acaso» da arquitectura paisagística, procurando dar expressão àquilo que Almeida Garrett testemunhara quando escrevia: «Solidão, eu te saúdo! Silêncio dos bosques, salve! A ti venho, ó natureza; abre-me o teu seio...»<sup>79</sup>*

*“Sintra, sítio de caça dos reis da dinastia de Avis, tornou-se a partir de D.João III, uma verdadeira "corte de verão", centro de vilegiatura da vida áulica e aristocrata, que ainda hoje nos oferece a maior densidade de "villas" renascentistas em todo o País. O nome de muitas dessas quintas, "casas de prazer" e tapadas transmite-nos uma impressão de altitude e humidade, valores sobremaneira prezados pela medicina do tempo, sugerindo a beleza, frescura e salubridade do seu clima.”<sup>80</sup>*

---

<sup>79</sup> PEREIRA, Paulo, *Descubra o Mundo Portugal Património da Humanidade*, EDICLUBE, p. 120 - 124

<sup>80</sup> MOREIRA, Rafael, *Novos Dados sobre Francisco de Holanda in Sintra*, Tomo I, Sintra, 1988, p.621

## 4.2 A MODA DO ORIENTALISMO ÁRABE

A apetência pelo exótico salienta-se nos finais do século XVIII. O desejo por estes espaços atrativos, sedutores e chamativos vão se implementando pela Europa e o sentido arabesco vai progredindo e ganhando cada vez mais adeptos. Arredondando e harmonizando as formas rígidas de tal forma como se levasse a um aperfeiçoamento dos próprios espaços.

Na mudança do século o orientalismo ganha ainda mais força nas obras europeias e uma construção marcante foi o Pavilhão de Brighton em Inglaterra, estabelecendo elementos de proveniência chinesa e indiana. Outras referências importantes foram a Vila Wilhelma na Alemanha e o Palácio de Aranjuez em Espanha em que ambos se inspiram por orientações e paradigmas árabes.

Este impulso burguês pelo Oriente em construções de carácter mourisco ocorre na motivação de reproduzir aquilo que não existia na Europa e de inacessível aos olhos das pessoas que não podiam viajar. Tornou-se num acontecimento acentuado e que tornavam os espaços visualmente distintos das suas envolventes, bastante atractivos e de traços e natureza extremamente singular.

Existiu um encantamento restaurado pelo passado mouro, onde os grandes artistas e escritores que adoptaram e desenvolveram este estilo na sua maioria de proveniência Inglesa e Francesa, permitiram a ideia de “provar” um pouco da cultura Oriental e é esta a maior virtude a experiência visual que permite uma passagem no tempo e no espaço.

### 4.2.1 Guildhall, London



Fig. 25 - Guildhall, London

Guildhall fica situado em Londres, tendo sido construído no século XV (1411-1440). Mas sofreu muitas alterações depois de um incêndio em meados do século XVII e da Segunda Guerra Mundial. A importância desta construção é percebida pelas suas várias funções ao longo da sua história, como sede do município da cidade durante largos anos e hoje é um palácio que recebe vários eventos ao longo do ano. É um edifício notável pela sua expressão medieval, da qual salienta-se a fachada principal.

Mas também, e no que aqui nos interessa pela introdução, num dos mais importantes restauro de uma remodelação levada a cabo na fachada por George Dance, naquilo que ficará

conhecido no seio da arquitectura setecentista britânica como "*Hindoostani Gothic*", numa obra terminada em 1788<sup>81</sup>.

#### 4.2.2 Sezincote House



Fig. 26 - Sezincote House

Nos finais do século XVIII a Índia foi colonizada pelos ingleses e com isso surgiram novas influências e orientações para algumas obras, as quais se regem de inspiração indiana. Sezincote House é uma referência. Localizada próximo de Londres sofreu intervenções da autoria de Thomas Daniell, mas foi em especial o trabalho do arquitecto *Samuel Pepys Cockerell*, que a viria a desenhar na sua forma definitiva, em projecto datado de 1805 e utilizando o estilo revivalista conhecido por neo-mogol (ou "*neo-mughali*").

Visto pelo exterior é constituído por cúpulas e vários elementos exóticos contrastando com o seu interior que permanece clássico, em revival grego<sup>82</sup>.

De referir ainda que o pavilhão é cercado e ladeado por um amplo jardim.

<sup>81</sup> - Cf. CONNER, Patrick, *Oriental Architectur in the West*, Londres, Thames and Hudsons, 1994, p.38

<sup>82</sup> - Idem, p. 41

### 4.2.3 Royal Pavillion em Brighton



Fig. 27 - Royal Pavillion em Brighton

Outro exemplo de grande impacto na história da arquitectura revivalista mais precoce é o Royal Pavillion de Brighton, projectado pelo arquitecto John Nash (projecto 1815-1822), correspondendo a um caso declarado de influência oriental diversa e eclética. Preservando as formas antigas, o edifício foi moldado encaixando os vários padrões arquitectónicos como o indiano, mourisco, chinês e o aparecimento de um novo material como o ferro, que também ajudou a formalizar esta arquitectura e a desenhar os feéricos interiores desenhados por Frederic Crace e Robert Jones.<sup>83</sup>

Uma curiosidade é a semelhança de Monserrate com esta obra, em que várias vezes foram feitas comparações pelos críticos da altura, já que o orientalismo presente no edifício situado em Sintra provia de raízes inglesas precisamente por Brighton construído em 1817 e que Knowles obviamente conhecia.

Semelhanças visíveis estão presentes em alguns aspectos como o torreão central de Monserrate e os corpos laterais do pavilhão em Brighton.

### 4.2.4 Leighton House

Este edifício é a antiga casa do artista do período victoriano conhecido como Frederic, Lord Leighton (1830-1896). Trata-se de um dos edifícios mais notáveis do século XIX, contendo um espólio fascinante de pinturas e esculturas de Leighton.

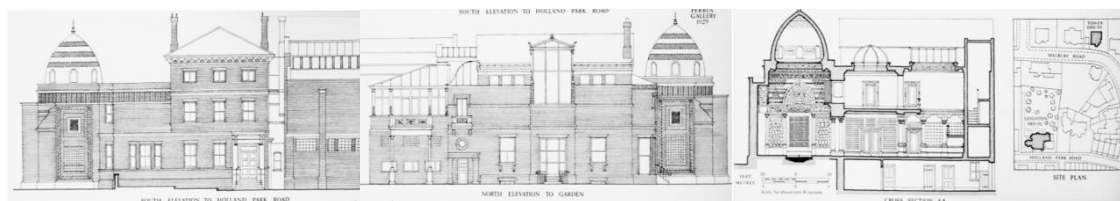


Fig. 28 - Leighton House (Alçados e Corte)

<sup>83</sup> - Cf. CONNER, Patrick, *Oriental Architectur in the West*, Londres, Thames and Hudsons, 1994, p. 48

Construído para as exigências do artista a casa foi sofrendo transformações ao longo de algumas décadas, sendo que é caracterizado por uma divisão especial e única que é o Salão Árabe, com a sua cúpula dourada e as paredes revestidas com belos azulejos islâmicos.

Esta extensão, da autoria do arquitecto George Atchinson (aliás como a casa propriamente dita), é datável do período que vai de 1877 a 1879 . Quase contemporânea da Quinta do Relógio, não deixa de existir uma relação arquitectónica.

Encontramo-nos, neste caso, e noutros acima descritos, face a exotismos diversos, que deram origem, especialmente em Inglaterra, que já assimilara o neo-gótico, ao chamado “*indo-sarracenic-style*”, o que incluirá o “neo-mogol” e o “neo-mourisco”, bem como alusões à portentosa arquitectura hindu<sup>84</sup>, unidos pelo fascínio da “passagem para a Índia”.

Este estilo arquitectónico proveniente da Índia britânica e realizado pelos arquitectos ingleses durante o século XIX e principio do século XX é a resultante de um agregado de padrões islâmicos e indianos, integrando e juntando princípios dos estilos neogótico e neoclássico bastante populares no domínio britânico, manifestando-se próximo do neomourisco<sup>85</sup>.



Fig. 29 e 30 - Leighton House: Arab Room

#### 4.2.5 Kew Gardens

<sup>84</sup> - Este estilo arquitectónico proveniente da Índia britânica e realizado pelos arquitectos ingleses durante o século XIX e principio do século XX é a resultante de um agregado de padrões islâmicos e indianos, integrando e juntando princípios dos estilos neogótico e neoclássico bastante populares no domínio britânico, manifestando-se próximo do neomourisco. No Ocidente estas tendências foram motivadas por diversas obras de pintores e ilustradores como os parentes William Daniell e Thomas Daniell e também William Hodges. Cf. CONNER, Patrick, *Oriental Architectur in the West*, Londres, Thames and Hudsons, 1994, p. 52

<sup>85</sup> - Idem, p.53



Fig. 31 - Pagode, Kew Gardens

Kew Gardens, enquanto jardim botânico, é uma das maiores colecções do mundo no tocante a plantas vivas. Na década de 40 do século XIX deu-se a sua fundação, a partir do jardim exótico em Kew Park, Londres.

O estilo exótico e até certo ponto eclético mas definitivamente revivalista, está bem presente não só conjunto botânico mas também em algumas estruturas construídas, de que a mais célebre é o conhecido, Pagoda, um edifício vertical de imitação chinesa erguido em 1762, e contendo algumas estufas de ornamentação oriental e no pórtico de entrada japonês, este construído já no início do século XX.

Tem uma vasta dimensão composta por mais de 100 hectares, nos quais estes elementos oriundos de todo o mundo compõem num só lugar possibilidades de experiências diversificadas através da integração no meio natural e exótico. Na realidade compõem um parque de grande amplitude com diversas construções, em diversos materiais – madeira, arquitectura do ferro e do vidro, alvenaria, pedra aparelhada – e era um lugar obrigatório de visita para todas as elites setecentistas e oitocentistas, formando um pano de fundo para o triunfo dos exotismos orientalistas e a realização, agora não já em ornamento, mas em edifícios, de “chinoiseries”.

#### 4.2.6 Ludwig van Zanth e o pavilhão Wilhelma (Estugarda)

Na Alemanha destaca-se um dos primeiros exemplos da adopção do neomourisco em terras europeias, a Villa Wilhelma, concebida por Ludwig Von Zanth (1796-1857), em 1846 , para o seu destinatário, o rei Guilherme I.

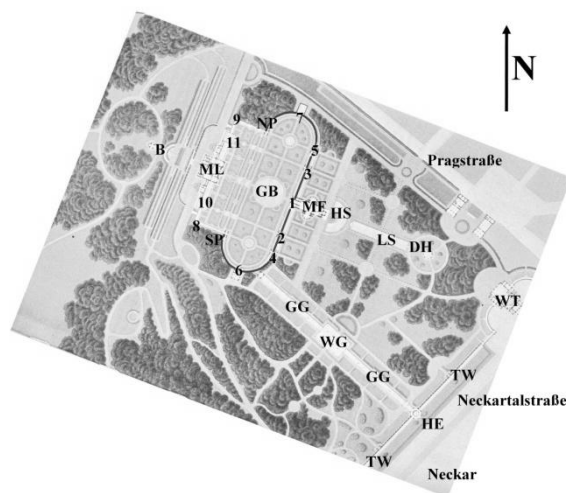


Fig. 32 - Parque Wilhelma: assinalado com as letras ML o Pavilhão Neo-Mourisco

Deste conjunto faz parte um jardim exuberante, incorporando um pavilhão que intensifica o valor do meio envolvente, configurado num clima orgânico e natural. O arquitecto António Tomás da Fonseca, terá, provavelmente, numa das suas viagens, visitado esta obra alemã que, em suma, poderá ter sido uma das suas principais referências aquando da construção do palácio da Quinta do Relógio.

O pavilhão central das estufas, de longe o conjunto mais marcante, é uma construção de alvenaria e pedra com revestimento bicromático e acabamentos de grande qualidade, eivado de um espírito de ensaio e vanguardismo arquitectónico ao escolher o neo-mourisco e a arquitectura de Granada e, em concreto, do Alhambra, como fonte de inspiração. No entanto, destinava-se a mera “casa de banho” de apoio aos imensos jardins, com um impressionante exemplar botânico, a par de ‘de notáveis espécimes zoológicos’...

Um verdadeiro exercício que resultou numa das mais notáveis peças do jardim, autêntico depoimento revivalista<sup>86</sup>, que se tornou famoso pelo seu carácter disruptivo face ao panorama maioritariamente neo-clássico da corte de Wurtemberg.

---

<sup>86</sup> - Sobre o edifício v. Ludwig von Zanth, *Die Wilhelma. Maurische Villa Seiner Majestät des Königes Wilhelm von Württemberg. Entworfen und ausgeführt von Ludwig von Zanth.* Autenrieth'sche Kunsthandlung, Stuttgart, 1855-1856 reed. Stuttgart , 1987)



Fig. 33 - Pavilhão Neo-Mourisco na sua feição original (postal do século XIX)



Fig. 34 - O Pavilhão Neo-Mourisco na sua feição actual

Os desenhos e projectos de Van Zanth e algumas das suas realizações vão todas no sentido da afirmação de uma arquitectura “de sonho”, com referencias mouriscas, e na sua maior parte organizam-se em composições de fachadas com simetria aparente e bem marcada. O repertório de formas e soluções que Von Zanth produziu<sup>87</sup>, divulgadas em livros e tratados foram decerto determinantes para António Tomás, que ali colheu os sintagmas eloquentes para um neo-mourisco sintrense, que se casava particularmente bem – ou mesmo idealmente - com a história mítica e a paisagem locais.

<sup>87</sup> - Judith Breuer: *Der Architekt Karl Ludwig Zanth*. In: *Denkmalpflege in Baden-Württemberg* 16.1987, Seite 66–68.





Fig. 35 - Parque Wilhelma. Pavilhão e lago.

É fácil de perceber a já mencionada influência da Wilhelma na casa da Quinta do Relógio<sup>88</sup>. Com efeito, encontra-se no exemplo germânico-wurtenbuguense, um sistema de fachada simétrico e um apelo ao oriente árabe nos arcos ultrapassados utilizados no eixo dessa mesma fachada. Do mesmo modo, o andar superior, ou torreado, que sobrepõe o conjunto, mostra o mesmo grau de relação proporcional com o restante edifício. Esses traços podem considerar-se os mais evidentes da composição usada por António Tomás no Palácio da Quinta do Relógio. A comparação entre ambos os edifícios dá-nos conta disso mesmo.

Outros pavilhões da Wilhelma desenhados por Von Zanth utilizavam a mesma expressão multicromática no exterior e profusamente decorados no interior. O uso da cor, a que se prestava o neo-mourisco, ia também ao encontro de um revivalismo que derivava da descoberta e difusão das policromias dos templos gregos apresentada por Hittorf<sup>89</sup>, no que seria uma revolução no quadro da percepção da arquitectura antiga. Em França e em Inglaterra, arquitectos restauradores como Viollet-Le-Duc ou Felix Duban, ou empreendedores e estetas como William Morris, reinventavam o decorativismo medieval através de panos e detalhes arquitectónicos e ornamentais pintados, demonstrando a riqueza de cores dos edifícios góticos.

<sup>88</sup> - ANACLETO, Regina; *Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924* Vol. I; Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT, Lisboa, 1997, p. 407

<sup>89</sup> - V. Jacques Ignace Hittorff; Ludwig Zanth: *Architecture antique de la Sicile ou recueil des plus intéressants monumens d'architecture des villes et des lieux les plus remarquables de la Sicile ancienne, mesurés et dessinés* par J. Hittorff et L. Zanth. Paris [1827] (Digitalizado); (reed. 1835; 1870) ; (Digitalizado).

## 4.3 O neo-mourisco em Portugal

### 4.3.1 O neo-mourisco precoce: apontamento neo-mudejares do Palácio da Pena

A existência de uma mescla de estilos que origina o Palácio da Pena é uma agregação do neogótico germânico, uma versão do manuelino e a incorporação de generalidades e princípios orientais que personificavam o cenário romântico oitocentista.

Mesmo assim, trata-se de um exemplo de grande impacto na cultura arquitectónica portuguesa. A existência de elementos de características revivalistas neo-mogol, e neo-otomanas, bem como a ornamentação interior, inclusivamente da Sala Árabe, seriam catalisadores de uma moda que a corte adoptara e que a aristocracia não deixaria, em alguns casos de imitar. Naturalmente que foi essencialmente neo-manuelino o principal inspirador para a arquitectura do Palácio, mas não deixam de se encontrar sintagmas de carácter mudéjar, como os conjunto de azulejaria, as portas, vãos, e janelas em arco de ferradura, sinal da influência da arquitectura do Paço Real da Vila cá em baixo.

*“O ecletismo da arquitectura do Palácio – diz Paulo Pereira - revela a intenção em fazer dele como que um catálogo das formas neo-medievais e exóticas disponíveis na altura. Do neogótico ao neo-mourisco, passando por sugestões indianas e pelo inevitável manuelino, tudo ali aparece segundo um esquema de fascinante bricolage.”* Mas acrescentamos nós, ainda usando as palavras daquele autor, *“O padrão nacionalista do manuelino iria dominar as intervenções do arquitecto e do encomendador”*<sup>90</sup> e isto em detrimento do neo-mourisco, mais contido e menos difundido como se verá.

---

<sup>90</sup> - PEREIRA, Paulo, “O revivalismo. A arquitectura do desejo” in *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, vol. III, Circulo de Leitores, p. 182.

### 4.3.2 Monserrate (Sintra)

Francis Cook um homem deslumbrado pelo exotismo , pode ser considerado como o principal responsável pela reconstrução de Monserrate com o conhecemos hoje, ou seja, pela sua segunda empreitada, que foi a definitiva e que alterou totalmente a pré-existência neo-gótica ali existente, já em péssimo estado de conservação. Numa das suas visitas a Sintra trouxe consigo James T. Knowles Sénior, um arquitecto inglês em que depositava total confiança para assumir o novo projecto.



Fig. 36 - Monserrate: corredores do piso térreo

Knowles seguiu normas específicas para este tipo de conjuntura, em que entender aquilo que o lugar lhe transmitia foi deveras importante e para isso visitou Monserrate para implementar uma construção aliada a este cenário e ambiente sublime.

Apesar de algumas limitações, ergueu uma estrutura diferente da que estava presente no local, ocasionalmente com modelos mouriscos e indianos. Ao nível do exterior destacam-se as duas cúpulas nos extremos, semelhantes a flores de lótus; já no seu interior uma galeria que atravessa todo o edifício com um toque indiano bem presente joga na textura e diferenças de cor filtrada e coada por lanternim que inunda os corredores de uma luz diáfana .

É usual a comparação com outras obras construídas anteriormente, como o projecto de Nash em Brighton. Provavelmente existirá uma relação próxima, até porque se tratava, como vimos, de um estilo bastante em voga; e Knowles conheceria de facto a construção inglesa que terá sido única e exclusivamente uma referência. Toda a decoração, ornamento e detalhe de Monserrate torna-o o único mesmo em Sintra, onde o panorama construtivo é aliado ao contexto paisagístico envolvente criando um ambiente de perfeita harmonia<sup>91</sup>.

---

<sup>91</sup> - ANACLETO, Regina; *Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924* Vol. I; Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT, Lisboa, 1997 , p. 411- 418

### 4.3.3 Palácio da Associação Comercial do Porto (Porto)

Nas primeiras décadas do século XIX a cidade do Porto prosseguiu a sua rápida evolução como praça comercial europeia, e para receber os empresários e negociantes foi necessário escolher um espaço disponível e praticamente devoluto. Optou-se por um antigo conjunto monacal, o Convento de S. Francisco.



Fig. 37 - Salão Árabe. Palácio da Bolsa, Porto

Por volta de 1842 começaram as obras de recuperação do edifício, sendo que só passado 20 anos se deu início à construção de um grande Salão, que levou quase duas décadas a ser finalizado<sup>92</sup>. Posteriormente, integrado já no que ficaria conhecido como “palácio do Comércio” e mais tarde Palácio da Bolsa, tornou-se na sala de honra pela sua verdadeira grandeza pela ornamentação requintada que segue directrizes árabes, em estilo “Alhambra”, com obras que decorrem entre 1862 e 1880.. Os elementos ornamentais que a constituem, assentes em estruturas de arquitetura do ferro, nas paredes, tectos, cornijas e arcarias são dotados de arabescos em gesso, banhados a ouro. Este salão mantém a sua função inicial, e é hoje uma das dependências cerimoniais da Associação Comercial do Porto. Na sua compostura global pode ser comparado com o pavilhão de festas de estilo mourisco da “vila Wilhelma”, construído para Guilherme I<sup>93</sup>.

<sup>92</sup> - Os arquitectos, escultores e decoradores envolvidas nesta longa campaha de obras foram Joaquim da Costa Lima, Gusdtavo Adolfo Gonçalves e Sousa (engº civil), Tomás Solter (arq.); Luigi Manini, António Ramalho, Veloso Salgado, Marques da Silva, Marques de Oliveira, António Carneiro (pint.), Teixeira Lopes, Soares dos Reis (escult)

<sup>93</sup> - ANACLETO, Regina; *Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924* Vol. I; Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT, Lisboa, 1997 ,p. 423-426

#### 4.3.4 A casa Ribeiro da Cunha ao Príncipe Real (Lisboa)

Em Lisboa também existem referências mouriscas do século XIX, a partir sensivelmente da década de 60 do século XIX. Um dos exemplos é a casa Ribeiro da Cunha ao Príncipe Real, riscado pelo arquitecto Henrique Carlos Afonso. O arquitecto aplicou princípios de embelezamento que têm como base o "alhambrismo" e as referências orientais básicas, representadas através de arcos de ferradura e de cúpulas bulbosas. No seu interior a presença de um pátio representa a interpretação ocidental das habitações islâmicas e do qual se organizam os pisos principais. Na cobertura é de salientar a existência de uma bela estrutura em vidro e ferro que permite a entrada de luz.

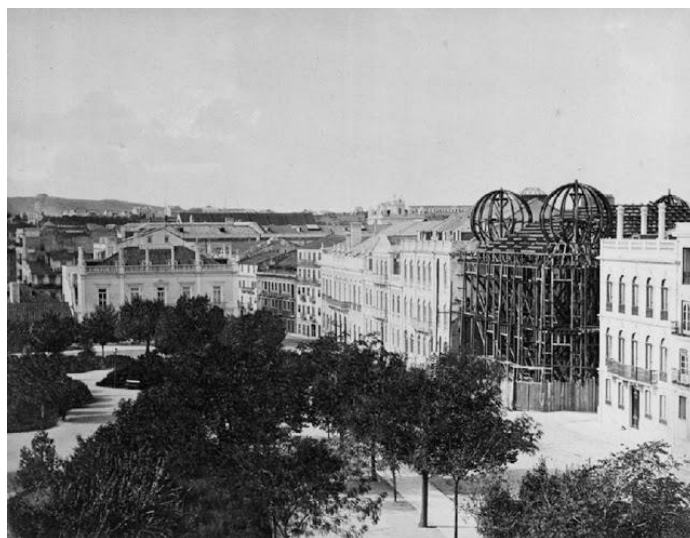


Fig. 38 - O Palacete Ribeiro da Cunha em construção vendo-se a estrutura em ferro (foto: Henrique Nunes)

Alimentando a natureza orientalista, é composto ainda por colunas e arcos que precedem uma galeria que serve de rótula de distribuição na circulação interna dando acesso aos diversos espaços<sup>94</sup>.

#### 4.3.5 Palacete mourisco da Avenida da Liberdade

Na principal Avenida de Lisboa, a da Liberdade estavam presentes todas as circunstâncias para a edificação de novas construções marcadas por gostos exóticos e ecléticos. Esta forma de ascendente e supremacia por parte da burguesia, mostrando a sua força económica partindo de vivendas luxuosas, com a nova vida da Avenida tornando-se cada vez mais moderna, foi favorável ao surgimento do neomourisco.

É feito um convite a Henri Lusseau, em 1888, para desenhar um palacete num terreno de Francisco da Conceição Silva, em plena Avenida da Liberdade. Do seu trabalho resultou um edifício com um destaque evidente no alinhamento da Avenida. De facto, a fachada é bastante diferente da correnteza mais usual. É de referir ainda que o projecto tinha sido entregue a um outro arquitecto que chegou a realizar vários desenhos. No entanto o proprietário, mais tarde, preferiu Lusseau, que curiosamente até se guiou por alguns elementos já feitos, onde o ritmo da fachada, o próprio número e espaçamento dos vãos transmitem semelhanças com o projecto passado.

<sup>94</sup> - ANACLETO, Regina; *Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924* Vol. I; Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT, Lisboa, 1997, p. 434-435

Evidenciando elementos presentes no neomourisco facilmente ficamos seduzidos pela obra, que lhe confere bastante singularidade como os arcos em ferradura ou os exóticos trabalhos em estuque <sup>95</sup>.

#### **4.3.6 Praça de Touros do Campo Pequeno (Lisboa)**

Nos finais do século XIX, Lisboa tem a sua última representação neo-oriental na arquitectura, desta feita fugindo ao tradicional programa de habitação luxuosa ou pavilhão exótico e representado através de uma praça de touros.

Por esta altura, Lisboa, que possuía uma ampla alguma tradição neste tipo de espetáculo sentiu a necessidade em construir uma nova praça, em paralelo com a grande adesão e assídua presença por parte dos espectadores. Na nossa vizinha Espanha já se erguiam grandes praças e existia uma referência que todos admiravam, construída em Madrid, e projectada por Emilio Rodriguez Ayuso e Lorenzo Alvarez, realizada com uma linguagem neomudéjar.

Os desenhos da praça espanhola foram dados ao arquitecto português António José Dias da Silva que ficou encarregue do projecto para o Campo Pequeno, local onde seria erguido a maior praça de touros em Portugal <sup>96</sup>.

A comparação é inevitável, sendo que na obra de Lisboa fica a sensação que foi levado a um maior extremo tudo o que respeita o estilo arabizante, já que a existência de quatro torres completas com cúpulas bulbosas, os vãos exteriores com elementos ornamentados e até o interior da praça, decorado a um nível de pormenorização inexistente no caso espanhol, tornam esta praça numa raridade – mas também, diga-se em abono da verdade, um corpo agigantado e insólito no conjunto do edificado da capital....

#### **4.3.7 Pátio neomourisco do Clube Magestic (Lisboa)**

Já no século XX, a burguesia assimilava outras rotinas e práticas de entretenimentos oriundas de países estrangeiros. Na capital portuguesa o aparecimento de clubes nocturnos vieram criar espaços restritos e privativos de determinadas pessoas com relevo na sociedade. É face a esta nova realidade social que é criado o Clube Magestic, da qual António Rodrigues da Silva Júnior fica com a missão de executar o projecto para este imóvel em 1917.

A diversidade de estilos presentes neste edifício é notável, sendo que a escadaria mais importante e o pátio são caracterizados por elementos pertencentes ao neomourisco. A galeria de arcos em ferradura é um dos seus pontos nevralgicos, cercando o pátio coberto por clarabóia de vidro e ferro, o que proporciona um espaço bastante iluminado.

Outras particularidades da cultura islâmica são o seu pátio interior, composto por uma ornamentação “alhambrista” e uma galeria, oferecendo características associadas ao intimismo, comodidade, aconchego e tranquilidade.

Ao longo do tempo os seus programas foram mudando consoante os interesses dos seus proprietários, actualmente o edifício é conhecido como a “Casa do Alentejo” pertencente ao Grémio Alentejano ; antes disso foi um casino de luxo <sup>97</sup>.

---

<sup>95</sup> - Idem, p. 439-442

<sup>96</sup> - Idem, p. 447-458

<sup>97</sup> - Idem, p. 465-467

#### 4.3.8 Decorativismo e “design” neo-mourisco

No Continente Europeu o neomourisco evidenciou-se através de um género ecletizante. A expectativa normal seria que também na Península Ibérica o resultado fosse idêntico. Porém, evidenciou-se de uma forma própria e bastante particular, sendo que em Espanha é bem mais evidente este facto, até pela maior expressão árabe do seu património arquitectónico.

Pode-se pensar que a inspiração deste tipo específico de neomudejar espanhol foi feita pelo passado hispano-muçulmano, mas existe uma tentativa de separação estilística até como afirmação de um “estilo” propriamente “nacional”. Evitando uma coloração excessivamente mourisca como em Inglaterra, por exemplo. Menos folclórico e mais preso à história da arquitectura, o neo-mourisco espanhol assevera-se mais rigoroso, e mais inventivo, adoptando moldes que lhe são únicos. Foi uma linguagem arquitectónica harmoniosa, proveniente de uma vasta curiosidade e principalmente de uma aprendizagem destinada a entender o passado muçulmano e mudéjar presente em território espanhol, sobretudo durante o século XIX.

Já em Portugal, podemos talvez colocar o revivalismo neo-árabe ou neo-mourisco num grupo autónomo, e com expressão mais genérica, já que nele facilmente podemos identificar algumas regras e características europeias, mais do que as que se poderiam relacionar do neomudejar hispânico. Registe-se ainda o facto dos edifícios neo-mouriscos portugueses serem, na sua grande maioria, iniciativa provenientes de proprietários estrangeiros com uma ligação mais intensa com as modas revivalistas de circulação erudita. Devido à nossa história passada e pelas suas várias ocupações no território nacional foram deixados alguns vestígios, um dos quais pelo domínio árabe durante 500 anos. Na arquitectura podemos presenciar generalidades adquiridas da arte muçulmana, principalmente mais a sul, como é o caso do Alentejo. Em Sintra também podemos contemplar alguma dessa arquitectura mudéjar como é o caso do Paço da Vila, através de D. Manuel na primeira década do século XVI, como vimos mais acima.

Por fim uma observação bastante pertinente coube ao arquitecto alemão *Karl Albrecht Haupt* que visita Portugal: *“Cabe aqui reflectir sobre a inevitável repercussão das influências do Oriente sobre os portugueses e a sua arte. Os navegadores portugueses empreenderam as primeiras descobertas com as ideias mais deslumbrantes de magnificência e luxo daquelas terras longínquas; é evidente que o esplendor extasiante das construções da Índia causou uma profunda impressão de verdadeiro deslumbramento no espírito dos colonizadores, homens das melhores classes sociais, pelo que é apenas natural que mais tarde se empenhassem vivamente em imitar nas construções portuguesas o aspecto esplendoroso desses edifícios do Oriente.”*<sup>98</sup>

Mas Haupt falava, claro está, do autêntico mudéjarismo. Do manuelino também, mas especialmente de um entendimento (também romântico) do que teria sido a arquitectura portuguesa quinhentista.

O neomourisco oitocentista na sua generalidade é uma importação de um estilo que deu primazia à ornamentação. Não integra formas do mudéjar de quinhentos ou muito raramente o fez.

Os fundamentos exóticos provenientes do Oriente direccionaram-se para um conjunto de formas ornamentadas e as mais evidentes foram os arcos em ferradura, as ameias e os arabescos em estuque. Em alguns exemplos também surgiram outros elementos como cúpulas bulbosas (Palacete Ribeiro da Cunha) ou a influência evidente do neomudéjar espanhol na Praça de Touros do Campo Pequeno. Uma dedução fácil de fazer é que se privilegiou bastante mais a parte exterior dos edifícios do que propriamente o seu interior exceptuando alguns

---

<sup>98</sup> Karl Albrecht Haupt (1852 - 1932) Arquitecto Alemão que percorreu o território português na década de oitenta de oitocentos, onde desenhcou, estudou e recolheu inúmeros dados sobre os nossos monumentos com o objectivo de estudar a arquitectura portuguesa no “tempo do Renascimento”.

projectos como o Club Majestic e o Palacete Ribeiro da Cunha, que remetem para (ou retomam a) importância do pátio.

Este estilo proveniente de outros países europeus como a França, Alemanha e Inglaterra onde eram mais desenvolvidos e utilizados pelas classes mais ricas e com maior poder, foi trazido para Portugal numa fantasia burguesa marcada pelos contos das Mil e Uma Noites, onde o mundo oriental era um capricho visualmente acessível através da arquitectura aliados à criatividade e excentricidade dos seus proprietários.

Com efeito, a versão mais cuidada e harmoniosa de um revivalismo que já não o era propriamente, mas antes uma opção técnica e estética como pressupostos funcionais, acabou por se verificar na obra com um fundo erudito e mais experimental, devidamente creditado com uma marca autoral, de um discípulo de Haupt: Raul Lino.

Mas essa seria já outra história – e outra tese...



## 5. A QUINTA DO RELÓGIO

### 5.1 Lugar e Fundação

No início do século XIX a Quinta pertencia a um padre Jerónimo. Mas já em 1851 terá passado à posse de D. José Luís Gonzaga de Sousa Coutinho Castelo Branco e Meneses (1797-1863), um nobre de pergaminhos e 15<sup>o</sup> Conde do Redondo. Foi depois adquirida pelo milionário, B.H. Metzner, que ergueu a primeira casa na Quinta do Relógio, de onde provém o nome conferido à Quinta, pois a edificação era composta por uma torre com sinos que apresentavam as horas ao som de diversos minuetes. Esta famosa Torre terá deixado de existir pouco tempo depois, uma vez que já que noutra representação da Quinta, desta feita por Celestine Brelaz, nesta *“Campagne du Relógio”* só aparece uma casa do campo de contornos arquitectónicos mal definidos. A sua localização seria muito provavelmente onde se encontra o Palácio actual, pelo que foi demolida <sup>99</sup>.

Posteriormente Thomas Horn, um banqueiro, também ele homem de posses, interessa-se pela propriedade adquirindo-a, mas mantendo-a por pouco tempo. Coloca-a à venda, não sem antes edificar uma casa junto à estrada, de que não restam testemunhos.

Em 1835 a Quinta viria a ser adquirida pelo milionário Manuel Pinto da Fonseca.

### 5.2 Manuel Pinto Fonseca: apontamento biográfico

Manuel Pinto da Fonseca (n. 1804-?) foi um emigrante no Brasil, onde fez grande parte da sua vida, regressando a Portugal em meados do século XIX com uma vasta riqueza arrecadada e não da forma mais nobre, já que o fez à custa do tráfico de escravos. Esta forma de conseguir dinheiro valeu-lhe algum rancor e indignação pela forma desonrosa como ganhava a vida por parte da sociedade, e suscitou as críticas não só elementos nobres da corte como até do rei D. Pedro V. Conta a tradição popular, inclusivamente, que num passeio pela serra, D. Pedro V, perguntou ao seu acompanhante, o marquês de Sá da Bandeira, quando ouviu o arrulhar de um repuxo ,ao passar pela Quinta do: *“Senhor, o que é este barulho?” »- Certamente a água” “ - Não, senhor, é o sangue dos negros flagelados pelo chicote que este homem transformou em ouro”*.

Assim, antigo traficante de escravos, seria apelidado *“o Monte Cristo”* pela comparação que estabeleciam na sociedade da época com o conde de mesmo nome protagonista do romance homónimo de Alexandre Dumas, escrito em 1846.

Aventureiro, pois, e com uma vida assaz atribulada, era bem conhecido nos círculos “negreiros” do Rio de Janeiro, onde se encontrava creditado, tendo sido principalmente ali que juntou a sua ampla fortuna, que lhe viria a permitir comprar vastas propriedades e quintas. Sintra guardava a sua fama como um autêntico paraíso romântico para homens ricos com o desejo de se imporem e de serem aceites pela sociedade e nos meios financeiros. No dizer de Regina Anacleto, *“Assim se compreende que Manuel Pinto da Fonseca tivesse comprado a quinta do Relógio; Francis Cook, a de Monserrate; o industrial Anjos encarregou Cinatti de lhe riscar uma residência italianizante, se não veneziana, mais tarde aristocratizada*

---

<sup>99</sup> - V. ANACLETO, Regina, *Arquitectura Neomedieval Portuguesa, 1780-1924*, 2 vols., Lisboa, FCG/JNICT, 1997, vol 1, p. 406. Ainda sobre o revivalismo +e de consulta obrigatória as obras de ANACLETO, Regina (coord.), *O Neomanuelino ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimentos*, catálogo de exposição, Lisboa, CNCDP/ÍPPAR, 1994; ainda ANACLETO, Regina, *Neoclassicismo e Romantismo*, vol. 10 da *História da Arte em Portugal*, Lisboa, Alfa, 1986.

*pelo casamento de uma sua filha com o conde de Valençães; e Carvalho Monteiro, quase se pode dizer que fecha o ciclo ao adquirir a quinta da Regaleira, onde construiu o seu cenográfico e esotérico palacete.”<sup>100</sup>*

A quinta eleita por Fonseca quando se estabelece definitivamente em Portugal em 1851 é a “do Relógio”, e aí com o intuito de construir algo marcante que permitisse afirmar o seu poder económico e social, indo ao encontro do ambiente que se vivia na época e das tendências arquitectónicas do revivalismo tardio então muito em voga <sup>101</sup>. As suas viagens e o conhecimento de outros continentes terá influenciado na escolha do tipo de edifício que pretendia, dando-lhe a configuração de uma residência do estilo árabe. Para este trabalho escolheu o arquitecto António Tomás da Fonseca <sup>102</sup>.

### 5.3 António Tomás da Fonseca, arquitecto e pintor.

António Tomás da Fonseca (1822-1894) , era filho do brilhante professor de pintura histórica na Academia de Belas-Artes de Lisboa, aliás conhecido e aclamado como “mestre Fonseca” (António Manuel da Fonseca) . A onda romântica marcada já pela construção do Palácio da Pena desde 1842 e pela 2ª fase de edificação de Monserrate, em 1858, e a formação de António Tomás, que regressara do estrangeiro, onde estudou, passando por Inglaterra, França, Itália e Alemanha –um percurso bastante completo e de bom recorte académico e didático- , marca decisivamente o revivalismo que é adoptado no Palácio da Quinta do Relógio impregnado de orientalismo, pois não existia local mais adequado do que Sintra para a expansão do estilo, não apenas devido aos antecedentes ilícios, mas também por foças dos seus pergaminhos históricos, míticos e lendários, invocavam a presença fascinante dos mouros, suscitando o ímpeto para ali se implementar este novo estilo arabizante, que depois daria origem a derivações em alguns exemplos palacianos de Lisboa e Porto.

António Tomás inicia-se na pintura seguindo primeiramente as pisadas do progenitor, mas optava mais tarde pela arquitectura como o seu trabalho profissional. Na sua vida destacam-se alguns cargos importantes como o de director da Real Academia de Belas Artes e do Museu de Belas Artes. Uma das suas obras mais conhecidas foi o monumento na praça dos restauradores, um obelisco de comemoração da libertação portuguesa do domínio espanhol em 1640 <sup>103</sup>.

### 5.4 Palácio Neo-Mourisco

Na Quinta do Relógio o Palácio encontra-se implantado numa zona central, sobre um pódio criado com o intuito de elevar o edifício sobre as restantes cotas do local e que é inseparável da sua relação cultural uma vez que está alinhado com a cidade de Meca. Era a antiga casa do proprietário e foi erguida com dois pisos principais e um outro de cota inferior que serviria como piso logístico. Foi também construído como um programa de habitação e arquitectónico

---

<sup>100</sup> Idem, p. 406.

<sup>101</sup> - A aceitação do proprietário far-se-á gradualmente e os seus descendentes perderam o estigma do fundador. Uma das presenças mais prestigiantes no palacete ocorreu em 1886, uma vez que foi ali que os futuros reis de Portugal D. Carlos de Bragança e D. Maria Amélia de Orleans, passaram a lua-de-mel. Era reconhecida a admiração desta rainha por Sintra e sobre os jardins da quinta, terá comentado: *“Vale mais a sobreira dos fetos do que Cascais e Estoril, tudo junto”*., precisamente o mesmo sobreiro que suscitara anos antes ao poeta inglês Robert Southey (1774-1843) outro comentário de admiração: *“Há aqui uma árvore tão grande e tão velha que um pintor deveria vir de Inglaterra só para a ver. Os troncos e os ramos são cobertos de fetos, formando com a folhagem escura da árvore o mais pitoresco contraste”*.

<sup>102</sup> - ANACLETO, Regina; *Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924* Vol. I; Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT, Lisboa, 1997 , p. 406-407

<sup>103</sup> Idem, p. 406-407

muito próprios do contexto a que estavam inseridos e influenciados pela época e lugar. Exteriormente à casa outros elementos foram implantados como um jardim romântico e uma zona de produção agrícola.

Quando acedemos ao Palácio a sua entrada primordial é precedida pelo Pátio de Honra, que tem a função de receber o público com um estatuto social e neste caso particular tem a curiosidade de estar associado a duas árvores de grande porte, com uma fonte centralizada que cria um cunho pessoal de identificação com o lugar na presença do verde da vegetação e dos reflexos aquáticos.

Antes de acedermos ao interior do edifício encontramos um espaço exterior em forma *Loggia* que tem a função de elevar o nível térreo sobre o pátio e marcar a transição do espaço exterior e semipúblico para o privado.

Já no interior da casa temos como espaço nuclear uma Sala de Entrada que é a dependência de maior área e que marca o estatuto social do seu proprietário. A sua definição enquanto espaço e os elementos que o decoravam estão ligados ao estilo arquitectónico inerente ao edifício e foram de extrema importância na definição do programa original. A existência de uma fonte central que serviria para a zona de recepção no interior, alinhada pelos eixos do Palácio e pelos elementos aquáticos: estes não podem ser esquecidos, como pertença à cultura Árabe e à sua determinação de purificação, de “lavagem” do corpo - porta da alma - antes da reza, ao mesmo tempo que reata com a valorização daquele elementos natural no quadro de uma proliferação de jardins islâmicos e neo-islâmicos, estes últimos então em voga como vimos já mais acima.

O corredor não existe, já que a transição dos diferentes espaços era feita pela sala central ou de forma directa, sendo que a única presença deste elemento de ligação se patenteia numa zona destinada a serviços e que fazia a ponte entre a sala de refeições e a cozinha que, por seu lado, era também assaz importante pois era um lugar de relação e de vivências por parte das famílias que usavam a casa.

Os outros espaços da casa no piso térreo foram destinados a zonas de lazer como sala da música, leitura e de estar. Eram espaços complementares e que marcavam também eles a personalidade do seu proprietário. Já no piso superior estavam presentes os lugares privados que eram compostos pelos quartos, que adjacentemente eram completados pelos dois terraços simétricos.

Os espaços exteriores correspondiam às expectativas de vilegiatura por parte dos proprietários.

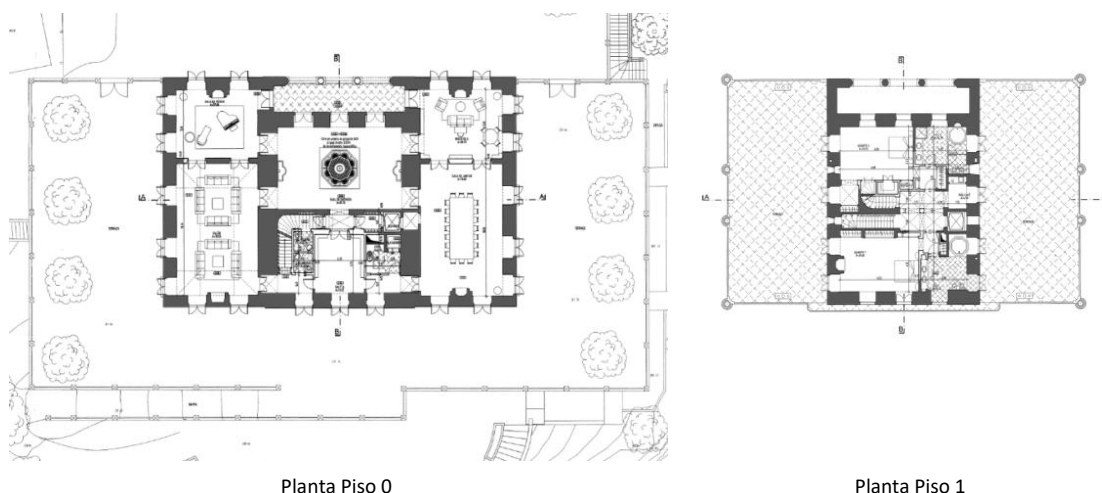


Fig. 39 - Plantas do Palácio para Projecto de Habitação

Com uma planta longitudinal simétrica e proporcional, ostenta, assim, uma estrutura volumétrica tripartida, com os corpos laterais mais baixos em relação a um volume central mais alto e estreito. A já referida entrada em *loggia* que antecede o interior do edifício, é composta por uma tripla arcada, enquadrada por uma moldura exterior, onde se encontram capitéis vegetalistas de ornamentação islâmica – ou nela inspirada e adaptada – e estreitas colunas. No seu interior cada arco corresponde a outros três vãos, de alguma semelhança, evidenciando-se pelas inscrições árabes na parte superior, estando a fachada principal totalmente pintada com faixas horizontais, alternando entre vermelhas e brancas. Em sintonia, os corpos laterais permanecem com essas listas, contendo ainda cada corpo dois vãos de arco, assentando perfeitamente no alçado.



Fig. 40 - Fachada principal no início do séc.XX

Ainda na fachada, uma inscrição árabe em letras brancas sobre fundo azul, de uma caligrafia pouco usual, marca-a definitivamente como uma das primeiras construções no nosso País em que o neo-mourisco remete para exemplos andaluzes – embora não só. Note-se que a inscrição em caracteres cúficos, adopta a divisa dos reis de Granada «*Deus és o único vencedor*». Na altura as opiniões acerca do trabalho do arquitecto variaram, já que veio romper com a monotonia presente nas casas de campo característica da zona e antes ainda da onda de neo-goticismo que viria a caracterizar muitas das mansões edificadas posteriormente. Apresentava-se, portanto, com uma assinalável originalidade no âmbito edílico sintense.

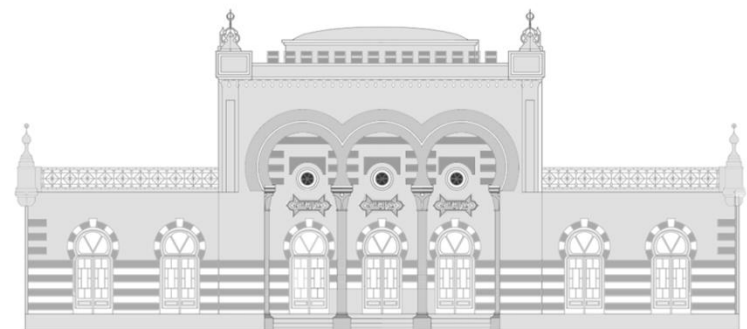


Fig. 41 - Alçado Poente

Esta diferença e extravagância também se transferiu para o jardim, complementando-se com a arquitectura presente. Na entrada principal a existência de duas imponentes araucárias, bem como a presença da água dispensada através de uma fonte circular alinhada com o eixo central do edifício, conferem ainda uma maior dimensão de monumentalidade e representam a excepionalidade desta quinta que, apesar da relativa pequena dimensão, contém vários pontos de interesse.

Como se percebe, a Quinta do Relógio é uma das primeiras novas quintas a patentear um forte investimento numa conceptualização romântica da paisagem em conjunção com a arquitectura em que a funcionalidade se alia à estética, individualizando uma clara linguagem estilística. Na altura apresentava-se num quadro arquitectónico bastante restrito onde talvez pudesse ser descrito como sendo estilisticamente de matriz neo-árabe da arquitectura revivalista portuguesa.<sup>104</sup>

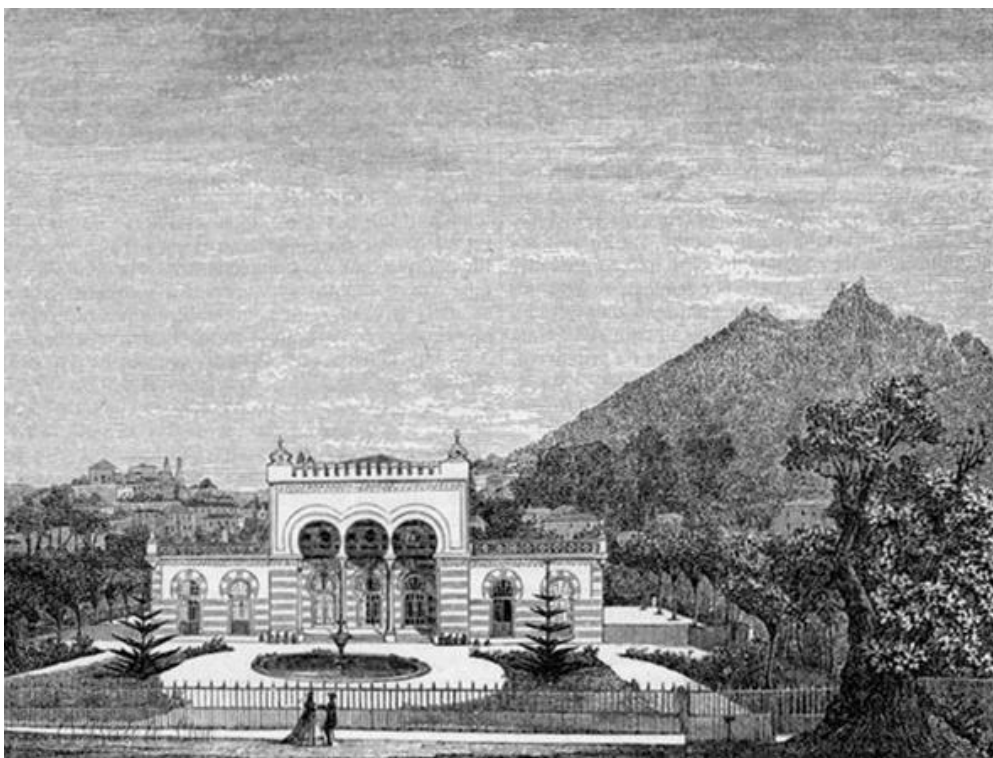


Fig. 42 - Gravura Domingos Schioppetta séc. XIX

<sup>104</sup> ANACLETO, Maria Regina; "*Arquitectura Neomedieval Portuguesa (1780-1924)*" Vol. II; Ed. Fundação Calouste Gulbenkian - Junta Nacional de Investigação Científica e tecnológica; 1997; p.409



## 5.5 Jardim Romântico

A zona dedicada ao Jardim Romântico da Quinta não é muito grande, mas é densa e variada, seguindo o modelo romântico “à inglesa”, podendo considerar-se um dos mais belos e exóticos nas diversas quintas espalhadas por Sintra em que se desenvolvem à volta de um lago pitoresco, exibindo uma modesta, mas rara, colecção de espécies botânicas, tal como em Monserrate e na Pena, sendo que algumas terão sido provenientes destes locais. A vegetação, como sempre acontece em Sintra, é luxuriante, com espécimes *"que se diriam pendurados sobre o abismo por um decorador da mais estranha e ousada fantasia"*; *vergel povoado de "araucárias, magnólias, fúcsias arborescentes, aveleiras, sobreiros, ruas de buxo, cameleiras, Grevilleas, fetos arbóreos que, entre a frescura das fontes, o ritmo alado dos repuxos e o deslumbramento sem igual das flores, a envolvem num esplendor oriente"* no dizer de Aquilino Ribeiro.<sup>105</sup>



Fig. 43 - Jardim romântico da Quinta do Relógio

<sup>17</sup> - Aquilino Ribeiro , cit. por ANACLETO, p. 409

## 5.6 Topografia do terreno

A Quinta do Relógio fica situada próxima do centro histórico, tendo inclusive panoramas e cenários privilegiados sobre a serra e a vila. São diversas as quintas por esta zona, das quais se destacam na vertente poente e mais elevada a Quinta da Regaleira e Vila Roma já na zona mais baixa é ladeada pelas Quintas dos Castanhais e dos Mouros. A Quinta dos Pisões rodeia o lado nascente.

Fixada numa encosta com algum desnível, sendo este mais acentuado na zona da mata, a área destinada às habitações, ao palácio e ao jardim é de certa forma mais regular, o que permite uma fácil deslocação pedonal dentro da quinta.

A entrada principal é feita na Rua Trindade Coelho, no Largo da Quinta do Relógio, se continuarmos pela estrada seguimos em direcção a Seteais, Monserrate ou Colares. Deparamo-nos com a fachada principal do Palácio, do qual está assente num "pódio" construído para elevar esta construção sobre a quinta, permitindo o seu destaque e uma maior visibilidade para a sua envolvência. Encontra-se centrado no contexto dos limites da quinta, em que para um lado temos a presença do jardim romântico e para o outro a casa de habitação, sendo que seguindo a encosta iremos encontrar a mata até ao limite mais baixo da quinta.

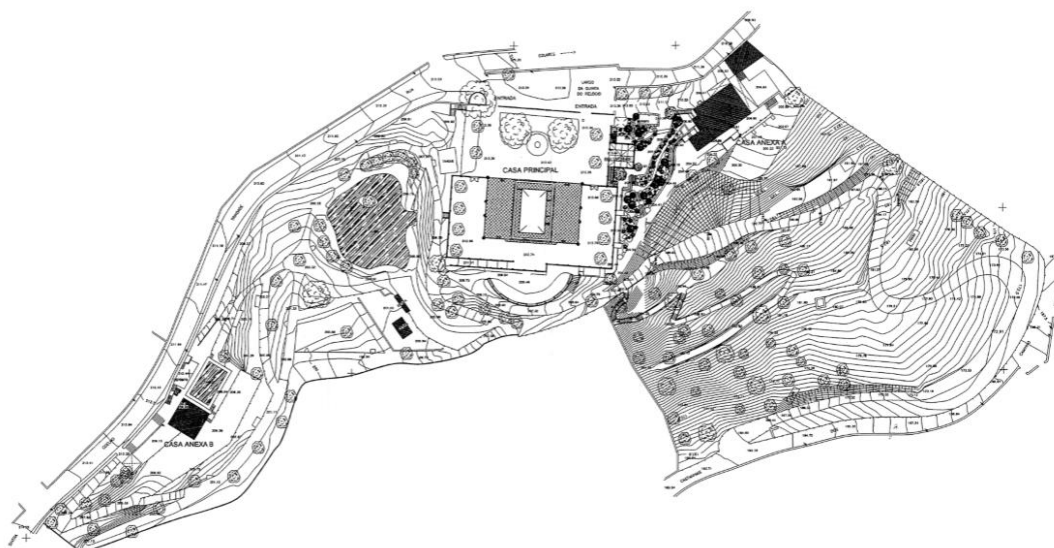


Fig. 44 - Planta da Quinta do Relógio no final do séc.XX

Na zona mais a nascente da Quinta a diferença de cotas é bastante evidente, criando um local de difícil acesso e que ficou destinado a poucos usos para além da mata existente, sendo que antigamente a zona mais elevada mais próximo do Palácio, seria destinada à produção agrícola, com hortas e um pequeno pomar.

O acesso a esta área pela vertente nascente ficou naturalmente atribuída à entrada dos serviços quer de apoio ao Palácio, entrada direta para a cozinha no piso inferior do edifício quer para o armazém da qual serviria para guardar todo o material e arrumos de apoio ao jardim. A única forma de aceder ao jardim por parte de veículos também seria por este percurso.





Fig. 45 - Perspectiva do Palácio Nacional de Sintra com o Palácio da Quinta do Relógio do lado esquerdo a destacar-se sobre a vegetação



Fig. 46 - As Quintas do Relógio e da Regaleira e a sua proximidade com o Centro Histórico tendo como fundo o Oceano Atlântico



## 5.7 Curiosidades e histórias

Para além da história já referida anteriormente, do rei D. Pedro V que passeava pelas ruas do Centro Histórico de Sintra e próximo da Quinta do Relógio viu as fatalidades exercidas sobre os escravos, existiram mais alguns acontecimentos interessantes.

Uma das presenças mais prestigiantes no palacete foi feita em 1886, na altura os futuros reis de Portugal D. Carlos de Bragança e D. Maria Amélia de Orleans, onde passariam a lua-de-mel. Era reconhecida a admiração da rainha por Sintra e comentou na época uma frase curiosa em que referia relativamente a um sobreiro da Quinta - «Vale mais a sobreira dos fetos do que Cascais e Estoril, tudo junto».

O poeta inglês Robert Southey (1774-1843) ficou rendido a um sobreiro bastante antigo existente na quinta - *«Há aqui uma árvore tão grande e tão velha que um pintor deveria vir de Inglaterra só para a ver. Os troncos e os ramos são cobertos de fetos, formando com a folhagem escura da árvore o mais pitoresco contraste»*.

Nos finais do século XX iniciaram-se as primeiras obras de restauro, sendo que até aos dias de hoje ainda não terminaram devido a várias interrupções. É de salientar ainda que na década de 90 a propriedade era local de festas e raves das quais é expectável que tenham danificado ao nível dos interiores ainda mais o palacete.

Desde 1998 que a propriedade pertence a uma família sueca, sendo que de momento está para venda. É de sublinhar que a Câmara de Sintra considerou a sua aquisição numa perspectiva de propiciar nas áreas abertas um lugar potencial de estacionamento para a Quinta da Regaleira.

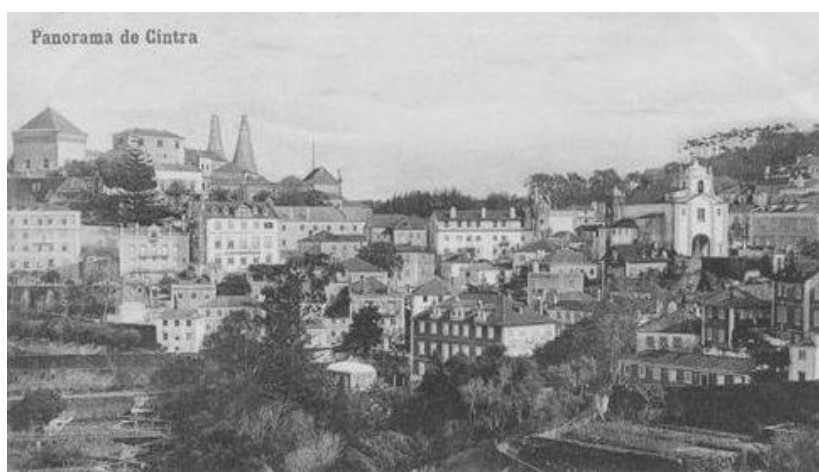


Fig. 47 - Vista da Quinta do Relógio para o Centro Histórico



Fig. 48 - Lago ainda com a ponte do jardim romântico da Quinta

*“A quinta é das mais bonitas de Sintra. Os jardins magníficos, ostentam deliciosos viveiros de flores as mais raras e delicadas. Os fetos arbóreos misturam as folhas curvas à austeridade patriarcal dos velhos sobreiros e à graça alada das palmeiras.*

*Sobre o lago debruçam-se chorões e refletem-se os perfis pontiagudos das araucárias e a coma escura das magnólias. Fúcsias trepadoras enlaçam troncos rugosos de velhos robles centenários. Cantam repuxos em taças recortadas. E de tudo parece desprender-se uma graça exótica de coisas orientais que dá a esta linda quinta um encanto especial.”*<sup>106</sup>

---

<sup>106</sup> GUERRA, Oliva, Roteiro Lírico de Sintra, E Bello in Artem Refugio, Lisboa 1967, p. 34

## **6. ESTADO ACTUAL DA QUINTA**

### **6.1 Patologias do Palácio**

A situação actual do pavilhão é uma (desagradável) surpresa para quem o observa do exterior. Nos anos 70 houve grandes intervenções internas que adulteraram completamente o espírito que o exterior revela. De facto tudo foi demolido por dentro e substituído por novas escadas e lajes de betão com pisos intermédios reduzindo o pé-direito.

A história do pavilhão no que toca à sua preservação não tem sido das mais felizes, já que para quem observa do exterior constata um edifício a necessitar de algumas intervenções ao nível das fachadas e das suas cores e padrões particulares. Mas mais desolador é o seu interior onde nos deparamos com algumas surpresas infelizes já que nada daquilo que existia anteriormente permanece intacto.

De salientar a construção de um piso superior, que ultrapassa naturalmente a cércea original, e cujo recuo impede, uma visualização plena a partir do plano de solo.

Já neste século foram executadas umas novas intervenções, desta vez com o intuito de suportar os elementos estruturais do edifício, utilizando de novo materiais e técnicas de construção nada condizentes com o da construção inicial do pavilhão. Aproveitando esta intervenção foi executado mais um piso, desta vez um piso inferior em cave por baixo da antiga zona de serviços composta por cozinha e armazém de apoio ao jardim.

O exterior tem sofrido muito devido ao clima húmido em torno da Serra, que faz com que as pinturas utilizadas com métodos e materiais tradicionais sofram deterioração, tornando assim estas fachadas únicas - devido aos seus temas decorativos mouriscos e descrições árabes em acabamentos - tristemente mal preservados. Resta esperar pela consabida falta de resistência, ainda menor do que os materiais tradicionais, das pinturas com tintas plásticas adicionadas com materiais modernos....

Relativamente a tudo o que envolve os vãos verifica-se, igualmente, uma completa destruição, já que o que ainda milagrosamente permanece no local, como os vidros e caixilharias em madeira, se apresentam danificadas fazem esquecer toda a ostentação e riqueza decorativa deste tipo de construções.



Fig. 49 - Vista exterior do Palácio através do pátio de honra



Fig. 50 - Vista exterior do Palácio fachada Nascente

*“O que era património vivo passa a ser ruína, o que era majestoso palácio, passa a triste escombro, o que era rua clara e limpa passa a beco escuro e sombrio.”<sup>107</sup>*

<sup>107</sup> COSTA, António Ricardo da; *Cidade, Ideologia e Património*, Jornal Arquitectos, Setembro, 1997, p.22

## 6.2 Área envolvente do Palácio

As intensas obras durante alguns anos e ao desejo de efectuar intervenções do nível estrutural e de aumentar o número de pisos no Palácio tiveram graves consequências nas áreas em redor do edifício – e no próprio edifício. O 'pódio' criado para elevar os restantes elementos presentes na quinta foi parcialmente destruído criando um problema de entulho e de movimentações de terras, terras essas que foram totalmente transportadas para a zona de antiga produção agrícola desfazendo-a que por vezes encontra-se marcada, outra vez através de subtil diferenciação de cotas: existe hoje uma área toda ela quase à mesma cota mas sem uso algum, já que a contaminação das terras não permite que se mantenha o programa anterior de hortas e pomar.

Eis então um ponto crítico, eventualmente menos tangível, pelo menos aparentemente, mas que constitui uma zona de oportunidade de intervenção, e no qual este projecto irá incidir.

A mata surge na encosta, onde é bastante acentuada a sua inclinação mas onde se constata a presença de arbustos e de um arvoredor já completamente desorganizado, com desmatção a par crescimentos descontrolados já que foi inexistente qualquer trabalho de manutenção.

## 6.3 Jardim

O jardim encontra-se bem conservado de momento, não sem que no final do século passado se tenham manifestado problemas devido à falta de manutenção de alguns elementos arbóreos que necessitam de cuidados especiais.

Recentemente houve a possibilidade de abertura ao público deste jardim romântico de pequena dimensão comparando com o de Monserrate ou do Parque da Pena, mas de grande valor e de espécies únicas mesmo no panorama de Sintra.

## 6.4 Restantes elementos da Quinta

Nos espaços restantes da Quinta salientam-se duas casas de habitação construídas em épocas e com funções distintas. Uma, destinada à casa do caseiro no piso superior- no piso inferior serviria de armazém -, encontra-se implantada numa das entradas de acesso ao jardim tendo estado, até há bem pouco tempo, destinada a uma galeria de exposições de pinturas sobre Sintra, com uma pequena cafetaria de apoio.

Já a outra casa, de maior dimensão, serviria de casa dos hóspedes, sendo que de momento devido ao estado actual do Palácio assume-se como casa principal por parte dos proprietários.



Fig. 51 - Casa de Habitação dos proprietários



Fig. 52 - Antiga Casa do Caseiro

*“A maior importância deste projecto está em procurar não desfigurar a propriedade que é principalmente notável pelo seu interesse pictórico e arquitectónico como raro exemplar da época romântica em Portugal e um dos pontos culminantes da beleza paisagística da Vila de Sintra.*

*Outro ponto a que é preciso atender no exame deste projecto é ao legítimo desejo de criar mais convenientes aos moradores de uma propriedade que sempre serviu de habitação de uma só família.*

*O projecto está concebido neste reconhecimento e procura servir os interesses, não só os da população culta como os do proprietário, que aliás também é pessoa culta e esclarecida. E não pode deixar de dizer-se que no presente caso aumentar a comodidade aos moradores compreensivos é condição não só justificadamente legítima, como útil para a boa conservação do imóvel com os seus dons naturais e artísticos.”*

*Raul Lino, Lisboa, 23 de Abril de 1970*<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> LINO, Raul, Arquivo Municipal de Sintra, 1970 – na altura, arquitecto-chefe da Repartição de Estudos e Obras de Monumentos do Ministério das Obras Públicas, até 1950, conservando embora o cargo honorífico de Superintendente dos Palácios Nacionais;

Escreve este Parecer sobre um projecto do Palácio na Quinta do Relógio proprietário na altura António Carvalho e Silva, deixando quase como um alerta para que se mantivesse o conceito do Palácio e memória ao seu estilo único em Sintra.

## 7. DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO

### 7.1 Fundação Luso-Árabe

#### Como se procede e organiza o programa da Fundação

Este programa, que deverá basear-se em estatutos próprios definidos pelos pilares da **Fundação Luso-Árabe**, e pretende incrementar a consciencialização de todos os cidadãos para os problemas criados pelos preconceitos em relação a outras culturas e estabelecer a promoção de união, respeito e liberdade a todos os níveis. A comparticipação de entidades na formação da Fundação será matéria a desenvolver de modo a garantir sustentabilidade financeira e retribuição social/educativa (fundos constitutivos possíveis: CMS/ME/MC/*Monte Da Lua/Fund. Aga Khan*/ Estados associados/ ONG's/ privados /voluntariado /angariação).

Foram investigados programas similares de forma a sustentar em projectos reais, como a *Casa Árabe de Madrid e Córdoba* em Espanha ou o *Instituto do Mundo Árabe* em Paris.

Terá um serviço permanente, com uma programação constante de carácter plurianual, para grupos específicos, quer pontuais, quer frequentes ou permanentes, e para grupos de ensino através de *workshops* para o público em geral nas variadas temáticas relativas à Cultura Árabe.

Para os que venham a frequentar o Instituto será concebido um programa mais específico para a sua integração numa nova realidade de vida.

Numa era de globalização e de profundas mudanças políticas e sociais, este programa procura cumprir integralmente os valores de compreensão mútua, promovendo um melhor entendimento entre civilizações, encorajando o intercâmbio internacional.

#### Casa Árabe

O objectivo principal é o de aprofundar em Portugal o conhecimento do mundo árabe, favorecendo as trocas culturais e o reforço da cooperação luso-árabe.

Contribuir para o desenvolvimento, o conhecimento e a difusão da cultura árabe por meio de divulgação artística, intelectual ou promocional destinadas a reforçar o diálogo intercultural e compreensão, alinham-se como motivações do empreendimento, em diálogo com os diversos canais de âmbito diplomático e cultural.

A **Fundação Luso-árabe** pretende ser uma instituição apartidária, não religiosa e independente, que servirá para melhorar a compreensão dos visitantes do mundo árabe, respeitando embora –e por isso mesmo– as dominantes religioso-culturais e a sua inscrição antropológica e histórica no respeito pela liberdade de expressão.

Promoverá a abertura de novas vias para o diálogo, cooperação e amizade entre o povo português e os povos árabes com vista ao fortalecimento das pontes de relacionamento entre ambos os povos.

Objectivamente a **Casa Árabe** é um espaço de conhecimento mútuo e de reflexão, e um ponto de encontro entre Portugal e o mundo árabe podendo instituir-se como um centro estratégico das relações de Portugal com o mundo árabe, um ponto de encontro onde os diferentes actores e instituições, num âmbito quer económico, quer educacional, abrangendo o mundo académico, comunicacional, político e cultural, dialoguem e interajam de modo a estabelecer linhas mestras de cooperação e de realização de projectos conjuntos.

## Instituto Casa das Culturas

O **Instituto Casa das Culturas** é um espaço desenhado para receber pessoas de todas as culturas, etnias ou religiões-

É uma plataforma única para diferentes comunidades religiosas e culturais. O *diálogo* de culturas deve tornar-se corrente na nossa sociedade, reforçando assim o respeito mútuo e a coexistência pacífica.

Compreender a integração de diferentes comunidades religiosas e culturais como um *processo social*, que consiste em informar o público, proporcionando um espaço para encontros face-a-face, incentivando a *igualdade* e a promoção da cooperação entre as comunidades.

Institui-se, neste caso, não propriamente em redor do mundo árabe, mas antes de um conceito – o dos *Cinco Continentes* - de modo a tornar-se uma plataforma que inclui outras culturas . Complementando a **Casa Árabe**, teremos assim a **Casa América**, **Casa Ásia**, **Casa África**, e **Casa Oceânia**, completando um percurso mundializante e simbólico de teor histórico-filosófico.

Cada “Casa” recebe pessoas e ajudam-nas no (re)alojamento e alimentação, direccionamento e aconselhamento apoiado nas vertentes da sua saúde, formação e adaptação à realidade europeia, assim passando a mensagem positiva do trabalho de carácter social, educativo e pedagógico.

A casa de habitação existente é recuperada e projectada para o acolhimento de residentes permanentes, trabalhando na Quinta. Será, por sua vez, um ponto de encontro, passagem e convívio frequentado por todos aqueles que, presentes no quadro de projectos do Instituto, tenham acolhimento em outras casas de habitação que a Câmara de Sintra já ofereceu, com o objectivo de integração na sociedade, provenientes de outros pontos do mundo.

Pretende-se o envolvimento e participação da comunidade local neste processo, num regime voluntariado.



## 7.2 Casos de Estudo

### 7.2.1 Programáticos

#### a) Casa Árabe de Madrid e Córdoba

Desde a sua fundação em 2006, a Casa Árabe funciona todos os dias com o objetivo de construir pontes, fortalecimento das relações políticas bilaterais e multilaterais, promoção e acompanhamento das relações económicas, culturais e educacionais, bem como a formação e compreensão do mundo árabe e muçulmano.

Em suma, Casa Árabe é um lugar de compreensão mútua e de reflexão compartilhada: um ponto de encontro entre Espanha e do mundo árabe, onde os diferentes atores e instituições públicas e privadas, o escopo do negócio, educação, académico, mundo político e cultural, podem estabelecer linhas de cooperação e realizar projectos comuns.

Todos esses elementos são essenciais para atingir os objetivos finais da instituição: fomentar os laços económicos, disseminar o conhecimento, canalizando o diálogo intercultural e analisar e mediar mudanças sociais e políticas que afectem os países árabes e islâmicos.



Fig. 53 - Casa Árabe em Madrid

## **b) Instituto do Mundo Árabe em Paris**

O Instituto do Mundo Árabe, em Paris, foi inaugurado em 1987, tendo o respectivo edifício sido projectado por Jean Nouvel.

Trata-se de uma associação de 22 países árabes e da França, e tem como missão interagir com os visitantes enquanto ponte cultural entre a França e o mundo árabe.

É um centro de cultura árabe localizado no coração de Paris, compreendendo um museu, espaços para exposições, uma biblioteca, um centro de documentação, um auditório, um restaurante e oficinas infantis.

Apesar de se tratar de uma construção de linguagem contemporânea, empregou padrões típicos da arquitetura árabe, especialmente evidentes na fachada sul em que a luminosidade do ambiente é regulada através de painéis com diafragmas, funcionando de forma semelhantes aos das máquinas fotográficas mas aplicando o jogo de linhas de plano típico da geometria árabe, através de um padrão estrelado bem conhecido. Nisto, é um formidável exemplo de recriação criativa e moderna dos padrões presentes nos vãos e ornamentos de Arquitectura Vernacular Mudéjar adaptados à arquitetura contemporânea. Remete para a questão de aceitação de algo novo que tem origem na memória colectiva desta comunidade: sombrear e proteger do sol.

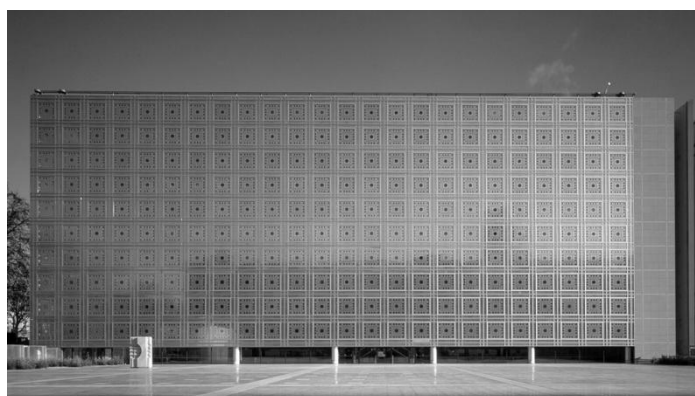


Fig. 54 - Instituto Mundo Árabe em Paris



Fig. 55 - Perspectiva da biblioteca

## 7.2.2 Solução Arquitectónica

### c) Museu Nelson-Atkins nos Estados Unidos

A expansão do museu Nelson-Atkins nos Estados Unidos, foi um projecto de Steven Holl. Neste caso prevalecia o desafio de criar um edifício para receber várias exposições de arte. A relação com a pré-existência foi um elemento fulcral: o edifício de grande dimensão feito de linhas ortogonais bem definidas e rígidas, materiais pesados, ostenta um sentido de força. O jardim faz parte integrante do museu, com galerias de visita exteriores permanentes.

O conceito do novo projecto passou por fazer contrastar o novo com o edifício antigo de forma a ser facilmente identificável já que foram construídos em épocas distintas e nisto dando plena aplicação aos conceitos patrimoniais correntes. O exterior seria, por sua vez, o mais simples possível de forma a não comprometer a paisagem natural em seu redor, onde temos uma cobertura verde e percorrível em que a planta surge com sentido horizontal mas sendo pontualmente interrompida por elementos verticais, quais 'caixas', num material translúcido de forma a permitir a iluminação natural durante o dia e a criar, à noite, uma dinâmica distinta através de um sistema de luz artificial e difusa.

As suas linhas seguem formas curvas, criando uma dinâmica de circulação e constante movimento.



Fig. 56 - Museu Nelson-Atkins nos Estados Unidos



Fig. 57 - 'Caixas' iluminadas durante a noite

#### d) Sombreamento e Protecção dos vãos

Olhando para a história vemos a importância que a cultura árabe também assumiu na arquitectura, onde trouxe-nos a importância do sombreamento dos vãos.

*“A partir do séc. XV os três grupos decorativos, arabesco vegetalista, grafia decorativa e arabesco geométrico surgem em paralelo após a fusão Otomana, a ornamentar um mesmo monumento, uma mesma miniatura ou um mesmo tapete. A coexistência dos motivos decorativos, tratados pelos mesmos artífices, promoveu as influências e as soluções de fusão, que estimularam a evolução em complexidade, e das quais resultaram os mosaicos e rendilhados sabiamente utilizados na produção de sombra, definidores de perímetro não estanque, e filtro de vento, permitindo as aragens para ventilação.*

*(...) A decoração e o gosto pelo rendilhado, pelos motivos ornamentais de pequena escala e amplamente repetidos constituem uma constante na arte islâmica. Os povos nómadas como os Beduínos, Turcos e Mongóis acentuaram a tendência para o abstraccionismo dos motivos desenhados, desenvolvendo o arabesco geométrico com entrelaçados complicados e união de figuras geométricas, com diferentes escalas sobrepostas, articuladas dos revestimentos cerâmicos para os trabalhos em cantaria, das pinturas murais para os trabalhos e em carpintaria.”<sup>109</sup>*

O sombreamento das janelas e vãos em geral, as diferentes formas de jogar com a luz natural e a utilização de diferentes padrões decorativos nas fachadas são traços bastante singulares da arquitectura árabe; e Jean Nouvel utiliza estes códigos no IMA, numa representação contemporânea para que a cultura árabe se identifique com o edifício e o aceite no quadro de uma memória colectiva que permita a fácil e cúmplice assimilação.



Fig. 58 - Casa dos crivos em Braga

<sup>109</sup> MASSAPINA, Bárbara; *Estruturas de sombreamento em arquitectura*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011, p.110

### e) Reabilitação e Restauro da Biblioteca Nacional de Sarajevo

A emblemática Biblioteca Nacional de Sarajevo do estilo neo-mourisco foi sujeita a uma grande intervenção de recuperação, já que o edifício foi parcialmente destruído durante a guerra da independência da Bósnia-Herzgovina nos anos 90.

O processo para a reconstrução consistiu numa 1ª fase de uma longa pesquisa de todos os detalhes e pormenores construtivos deste tipo de monumentos, de forma a criar novamente as ambiências tão próprias destas construções. Um conjunto de levantamentos foi necessário, bem como um aturado enquadramento histórico para se aproximar daquilo que anteriormente existiu, especialmente ao nível da representação exacta ao nível cromático como figurativo. Pode dizer-se tratar-se de um “restauro cópia” ou restauro all’identico” enquanto processo de trabalho, com a modernização, que se impunha face á destruição perpetrada, dos interiores dando-lhes uma nova função.

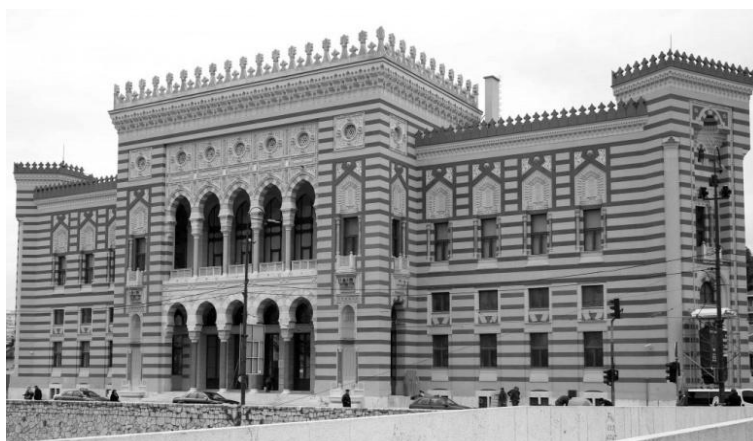


Fig. 59 - Fachada principal da Biblioteca Nacional de Sarajevo

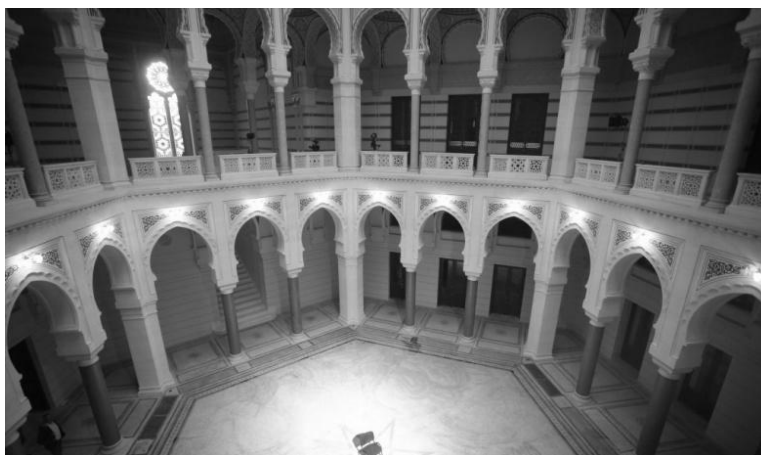


Fig. 60 - Átrio central

#### f) Chalet da Condessa d'Edla em Sintra

Outro “restauro cópia” ou restauro all’idêntico”.

O Chalet da Condessa d'Edla em Sintra, depois de um incêndio em 1999, exigiu um projecto de recuperação de todo o edifício. Uma construção de bastante importância, situada no Parque da Pena e como tal dotado de um profundo significado histórico no quadro do romântico que não podia ser desprezado – a casa de retiro do Rei D. Fernando II e de Elsa Hensler, sua segunda esposa.

Seguiu-se um minucioso e metódico processo de restauro que foi conduzido após uma pesquisa histórica de todas as referências que existiam, desde fotografias do exterior e interior, a levantamentos construtivos.

Foi necessário também ir ao encontro dos materiais e de como se procedia à sua utilização e aplicação nos trabalhos, quer de madeira, como de estuque, já que os detalhes em cortiça só seriam passíveis de serem repetidos se fossem utilizados os mesmo métodos do antigamente. Esta intervenção, assumiu-se, pois, como um restauro de *repristinação*, em que se optou por repor o edifício no seu estado original.



Fig. 61 - Chalet da Condessa d'Edla, em Sintra



Fig. 62 - Vista do interior depois do incêndio

### 7.3 Roteiros

Reaver o espírito Romântico parte por ser feito em caminhos escondidos, percursos intimistas, naturais, desenvolvendo experiências ambientais e visuais. A reabilitação da Quinta do Relógio é uma oportunidade de revitalizar toda uma área que envolve Quintas, caminhos, percursos além do património imaterial e associado.

Criar condições de ligar o centro histórico a estas zonas irá possibilitar ao público o usufruto de tais percursos românticos já quase inexistentes em Sintra por serem irreconhecíveis, devido ao abuso indevido da intervenção humana, mas ainda existentes não só em potência mas fisicamente, só que esquecidos por via de alternativas conaturais ao desenvolvimento e à passagem do tempo. O tráfego rodoviário deverá ser limitado; e um programa desta natureza, mantendo a alternativa do percurso mecânico, deve surgir como uma alternativa de descoberta, e de recriação de uma autenticidade que se julgava – mas que não está! – perdida.

A intervenção na Quinta do Relógio pode e deve ser vista como o Pólo de iniciação para toda uma mobilização da área envolvente ao criar uma nova dinâmica nesta zona de enorme potencial, já que vai ao encontro da essência do que é o espírito Romântico de Sintra. Passará sempre por pequenas intervenções focando a base do Romantismo, através do movimento natural, do passeio pedonal, fomentando o convívio e o diálogo com a natureza e fazendo uma ponte e ligação com a história e com as personagens que contribuíram para a criação e vivência destes lugares, homenageando este património imaterial que merece ser divulgado.

Esta zona é composta por diversas Quintas preenchidas de histórias importantes para a Vila de Sintra e deste imaginário Romântico, já que, como vimos, por este local passaram diversos escritores, artistas<sup>110</sup> que, encantados por Sintra, através das suas obras permitiram literalmente criar a sua reputação. Seria importante que este património imaterial fosse homenageado e lembrado para quem o visita.

É um local belo, calmo e que transmite paz, tão próximo do centro histórico que se torna numa imperiosa oportunidade de dar a conhecer as Quintas onde os grandes nomes do romantismo europeu e português, e da vida intelectual do oitocentos, como Eça de Queiroz ou Almeida Garrett, passavam férias, percursos em que estes artistas se inspiraram para fazer as suas obras e que muitos outros percorreram.

O roteiro das Quintas e de Inspiração Árabe passa mais por descrever os diversos elementos ligados a esta temáticas, já que o roteiro Romântico a seguir também proposto exige algumas intervenções pontuais na zona envolvente da Quinta do Relógio.

Acerca do Romantismo, relembramos as palavras de António Leite, que serve, de “lietmotiv”, também, para o ensaio desta recriação de percursos e de vivência físicas: *“...uma recriação idealizada, infinita e espiritual dessa mesma Natureza, onde esta tende a surgir insubordinada e criativa e como tal necessariamente dotada de um sentimento artístico (...)segundo os 'românticos' - através da transcendência material, que só se podia obter pela libertação da 'alma poética', ou seja, através de uma 'poetização criativa e espiritual'. Deste modo, o avistamento simbólico da Cidade, ao longe, o domínio sobre a 'grande planície' envolvente e as vistas sobre os 'horizontes do mar', temas recorrentes no 'imaginário estético romântico', são, sem dúvida, materializações objectivas e consequentes dos 'valores programáticos do Romantismo', valores esses que estão de facto concretizados intencionalmente na definição arquitectónica do Palácio e na sua interacção específica com a 'paisagem', e que tendem a*

---

<sup>110</sup> O ‘Realismo Literário’ tendeu a estabelecer-se a partir de meados do século XIX,...em Portugal, esta nova expressão estética viria a ser introduzida em consequência, a partir de 1865, da discussão em torno da famosa ‘Questão Coimbrã...permitir a abertura para a reconhecida ‘geração de setenta’, onde se destacou, pela sua contribuição qualitativa para a afirmação do ‘Realismo Português’, a figura central de Eça de Queiroz. LEITE, António Miguel Neves da Silva Santos, *A Influência do Romantismo Alemão no Espaço Arquitectónico - Procura de um Entendimento Crítico de uma ‘Casa Romântica’ nos seus Múltiplos Significados*, Tese de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2001, p.132

*permitir, ao seu 'sujeito individual', a desejada fuga à realidade física que 'romanticamente' limitava o ser humano."*<sup>111</sup>

Convém não esquecer que, no fim de contas, é em grande medida não apenas o restauro/reabilitação de um edifício e conjunto como a Quinta do Relógio que importa: importa também reatar com uma tradição, ou melhor, reviver essa tradição inscrita agora na nossa contemporaneidade como “experiência”. E como experiências, porque, como acima expusemos, urge, tanto quanto possível, dar “corpo”, dar “espírito”, ao potencial mais do que evidente de uma sensibilidade que convoque a fenomenologia do lugar, o espírito do Lugar, o Genius Loci, que sempre foi a parte forte – fortíssima, para não dizer, decisiva- que fez de Sintra... Sintra.

Acrescento uma reflexão de Paulo Pereira, que encaixa na realidade sintrense e, em especial, no quadro dos roteiros que propomos: *“O permanente e contínuo alargamento do universo do património edificado faz com que as tarefas do património, como gosto de lhes chamar, nunca cessem: pelo contrário, são confrontadas com novos desafios. Mas esse alargamento (...) faz-se também de elementos a integrar nesse universo e que são do domínio do social, da antropologia e da economia. Entenda-se aqui economia não como uma redução, que será eventualmente do agrado das relativamente recentes “indústrias da cultura”, mas antes como um elemento fundador da nossa ecologia, e com raízes no “oikos”, no lar, directamente religados aos sentimentos de pertença comum e reconhecimento, mas também de surpresa e estranhamento - que andam sempre a par.”*<sup>112</sup>

Ao propor uma forma de captação do património em alternativa às que habitualmente concebemos, propõe a intimidade da experiência patrimonial, a partir de percursos, que em muito reflectem a nossa própria razão de ser e de ver, e que nos é absolutamente própria, individual. Adianta: *“Dir-se-á: que ideia tão romântica. E é romântica, no sentido em que o mundo por descobrir é cada vez mais o que não está fora de nós, mas dentro de nós. Um sentimento.*

*“Não por acaso, e sem conotações que tenham que ver com a moda do “património imaterial”, é o sentimento que procuro, ou a experiência única, não massificada nem conduzida pelas vias mais comuns: por isso falei, há muito tempo já, na existência de um “património atmosférico”, isto é, de um património metafísico, feito de vibrações, de sons, de ar e cheiros, nem sempre belos, muitas vezes fiéis, com maus cheiros; ruidoso e imperfeito, até. Como o convocamos?. Eis a questão.”*<sup>113</sup>

---

<sup>111</sup> Idem, p.130 - 131

<sup>112</sup> PEREIRA, Paulo, “Património e Intimidade” in *RP Revista Património*, DGPC, nº 2-3, p. 45

<sup>113</sup> Idem, p.45



### 7.3.1 Quintas

O roteiro implica a passagem pelas Quintas de maior valor patrimonial e natural de Sintra.

Partindo do Centro Histórico, seguindo em direcção a Colares pela estrada que serpenteia a serra, temos o privilégio de encontrar inúmeros exemplos de quintas algumas delas infelizmente abandonadas. A diversidade de programas é evidente desde colégios, museu às habitações de veraneio.

#### Roteiro das Quintas



Fig. 63 - Roteiro das Quintas serpenteando a Serra

Lista das Quintas presentes neste roteiro desde o Centro Histórico até Colares:

|                            |                              |
|----------------------------|------------------------------|
| <i>Quinta da Trindade</i>  | <i>Quinta de São Thiago</i>  |
| <i>Quinta do Saldanha</i>  | <i>Quinta de Monserrate</i>  |
| <i>Quinta da Regaleira</i> | <i>Quinta da Capela</i>      |
| <i>Quinta do Relógio</i>   | <i>Quinta da Bela Vista</i>  |
| <i>Quinta de Seteais</i>   | <i>Quinta do Vinagre</i>     |
| <i>Quinta do Carmo</i>     | <i>Quinta da Penha Verde</i> |
| <i>Quinta da Piedade</i>   |                              |

### 7.3.2 Inspiração Árabe

Para se perceber o contexto de Sintra na sua relação com o mundo árabe e as suas influências sugere-se percorrer, igualmente, todo um conjunto de elementos arquitectónicos onde estão bem patente esses ambientes e características. Começando lá bem no alto da serra, no Castelo dos Mouros e ir explorando, cruzando diversas épocas históricas e o seu impacto significativo é aqui o principal objectivo, de modo a dotar o visitante de uma noção vincada da sedimentação da história.

#### Roteiro Inspiração Árabe

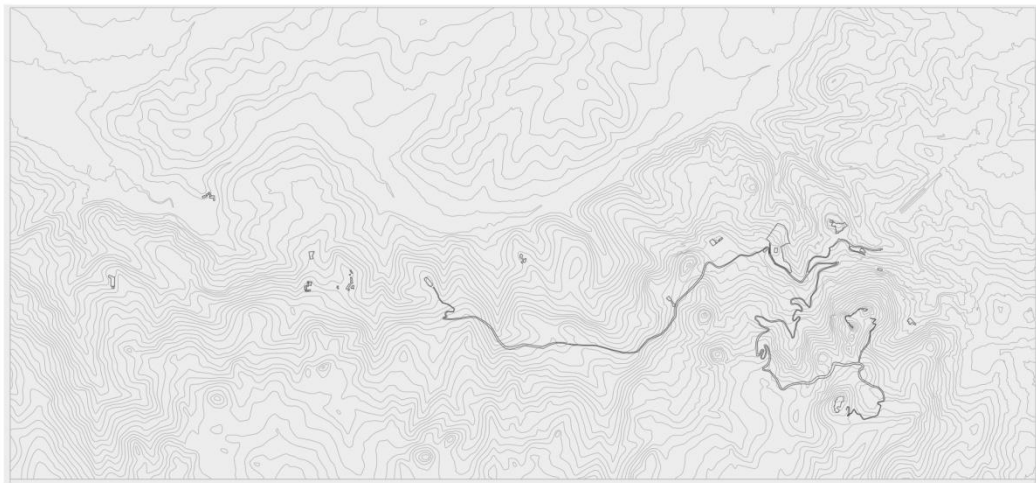


Fig. 64 - Roteiro de Inspiração Árabe

Lista dos diversos elementos presentes neste roteiro com influência Árabe:

*Castelo dos Mouros*  
*Palácio da Pena*  
*Fonte dos Passarinhos (Parque da Pena)*  
*Fonte Mourisca*  
*Palácio Nacional de Sintra*  
*Palácio Valenças*  
*Palácio da Quinta do Relógio*  
*Palácio de Monserrate*

### 7.3.3 Romântico

A ideia será que as pessoas se movimentem pedonalmente, através dos magníficos percursos que permanecem com vestígios, sinais e traços de um clima que expressa o verdadeiro conceito do romantismo.

Em Sintra, com grande fortuna, abundam estes espaços de transição, que chamam o transeunte ao passeio demorado, atento aos pormenores e que requerem toda a atenção às vistas e paisagens.

A experiência é sempre irrepetível e inovadora, os espaços exteriores naturais têm essa beleza; e todas as variáveis que compõem o seu ambiente andarem em constante metamorfose. A harmonia da luz a invadir estes esconderijos, que vai variando consoante o dia ou a estação do ano permite uma criação de novos refúgios e experiências das quais é necessário parar para ver e ouvir o que o lugar tem para nos oferecer e ter a noção da regalia que é poder usufruir verdadeiramente do espírito Romântico.

#### Roteiro Romântico



Fig. 65 - Roteiro Romântico em redor da Quinta do Relógio

Esta podia ser uma das etapas do Romantismo. Eça de Queiroz, por exemplo, palmilhava-o diariamente, quando passava temporadas em Sintra com a família, na Quinta dos Castanhais.

*Tu detestavas a quinta dos Castanhais em Sintra, toda em socalcos, descidas, precipícios.*<sup>114</sup>

<sup>114</sup> QUEIROZ, Eça de, *Carta para a sua mulher*, 2 Jun. 1898

Caracterizar o Romantismo é falar da saudade, da nostalgia de tempos gloriosos passados, do que já foi e não volta. Mas não é por essa razão que devem ficar no esquecimento os recantos perdidos e as memórias passadas, que fizeram parte de Sintra e contribuíram para a sua imagem. É hora de continuar a honrar estas ambiências e as pessoas que frequentaram estes lugares e que dinamizaram toda uma região.

São verdadeiros diamantes que possuem a curiosidade de não necessitarem de lapidação, já que o meio natural encarrega-se de lhe oferecer todas as condições para isso, não podemos é esquecê-los e criar conjunturas que não são favoráveis a visitas constantes por parte dos interessados.

Estamos próximos do centro histórico, locais como estes não devem ser menosprezados e abandonados destinados ao seu futuro desprotegido. A cultura do lugar deve ser vista sempre com as maiores considerações e apreço, as suas peculiaridades, cunhos pessoais e uma harmonia entre o ambiente genuíno tão singular de Sintra que todos nós fantasiámos quando nos vêm à memória aqueles passeios românticos que só este lugar nos pode oferecer.

A luz vem lá do alto da serra serpenteando por entre as folhas presentes no arvoredo e que chega aos caminhos de terra batida, pautando com indetermináveis sombras nestes ambientes húmidos e frescos, em que despertam o movimento e atenção no olhar pelo que nos rodeia.

Convenhamos que nem todas as intervenções feitas pelo homem têm sido condizentes com um lugar com tanta singularidade e importância, nem que seja só pelo simples facto de pertencer a uma Paisagem Cultural feita para proteger estes tipo de espaços ou por estar tão próximo do centro histórico.

No início do percurso temos a fonte próxima da *Quinta dos Pisões*; somos presenteados pela *cascata* da Quinta da Regaleira e, mais à frente, avistam-se os edifícios de maior imponência das *Quintas da Regaleira e do Relógio*. Entre as entradas das quintas chegamos ao largo onde se surpreende a sobreira dos fetos, árvore classificada. Ao chegar à Rua Trindade Coelho encontramos a *Villa Roma*; e depois é-nos oferecida outra perspectiva, lugar este alinhado com o silêncio, a paz e tranquilidade.

Uma árvore que podia ser um símbolo neste local, um Castanheiro que contempla mais de meio milhar de anos e que, reza a lenda, foi onde Luís Vaz de Camões leu os *Lusíadas* ao rei de Portugal D. Sebastião. São estas curiosidades e histórias que fazem de Sintra um local mágico e fantasiado por muitos no qual seria importante estabelecer pontes com os tempos actuais. Imaginar que foi por aqui no *Caminho dos Castanhais*, já depois de passarmos os *Caminhos da Fonte dos Amores e dos Frades*, que Eça de Queiroz passava longas férias em família, escrevendo sobre a imagem que hoje temos de Sintra e de toda a sua conjuntura romântica, ou aqui, também, sendo o sítio onde Almeida Garrett se inspirava rodeado de natureza induz-nos a retribuir o valor incalculável do seu legado.

As intervenções seriam pontuais onde se destacam a implementação de frases ou poemas célebres ao longo deste percurso em locais estratégicos, que tivessem relação com o lugar ou com Sintra e que permitisse ver como um plano sincronizado deste património imaterial.

*Oh! Cintra! Oh saudosíssimo retiro!  
Onde se esquecem mágoas, onde se folga  
De se olvidar no seio á natureza  
Pensamentos que embala adormecido  
O sussurro das folhas, c'ó o murmúrio  
Das despenhadas lymphas misturado!  
Quem, descansado á fresca sombra tua,  
Sonhou senão venturas? Quem, sentado  
No musgo das tuas rocas escarpadas,  
Espairecendo os olhos satisfeitos  
Por céus, por mares, por montanhas, prados,  
Por quanto há aí mais belo no universo,  
Não sentiu arrobar-se-lhe a existência.  
Poisar-lhe o coração suavemente  
Sobre esquecidas penas, amarguras,  
Ânsias, lavor da vida? – Oh grutas frias,  
Oh gemedoras fontes, oh suspiros  
De namoradas selvas, brandas veigas,  
Verdes outeiros, gigantesca serras!  
Não vos verei eu mais, delícias d'alma?*<sup>115</sup>

---

<sup>115</sup> GARRETT, Almeida (1799 - 1854), in *Camões*, 1825

## 7.4 Estratégias compositivas adoptadas

Quando abordamos a geometria referente à Arquitectura estamos perante um conjunto de configurações e linhas mestras, regras e traçados que compõem e ordenam o espaço. Esta vontade de estruturar o Lugar através de certas ordens geométricas serve para criarmos regras, princípios, fundamentos e padrões que são sempre generalistas no seu todo, mas que em cada escala são identificáveis com as particularidades que suscitam uma lógica.

*“Para nos orientarmos neste mundo, precisamos de simplificar a sua complexidade mentalmente e visualmente para obtermos imagens que possam ser assimiladas pela memória. Sem a repetição das folhas que são praticamente idênticas, ordenadas de acordo com a estrutura dos galhos, não nos seria possível recordar a árvore como uma identidade. Nós precisamos de ser capazes de juntar as partes em unidades maiores e mais simples sem termos que desprezar os detalhes “.<sup>116</sup>*

Ao criarmos pontualmente certos padrões, ambientes e imagens que sejam identificáveis como pertença das Quintas de Recreio - como por exemplo o Pátio de chegada, a escadaria central de entrada, a presença de espelhos de água etc - encontramos-nos perante elementos que fazem parte deste mundo, desta especificidade e não só de uma conceito abstracto.

Quando se procede a uma idealização de um grupo de unidades arquitectónicas que no seu todo formam um único corpo, é necessário coerência, regularização e universalidade: e as tais formas geométricas são os fundamentos básicos para cumprir essa tal ordem racional.

### 7.4.1 Planos de Base

Os planos de base servem como princípios de hierarquia<sup>117</sup> de organização e ordem natural das coisas, numa distinção entre as diferentes unidades compositivas de uma solução arquitectónica.

Nesta intervenção, ao ser criado um outro edifício de uma escala superior à pré-existência, era importante conceber um sistema de planos e as suas hierarquias inerentes. O plano de base existente pertencente ao pátio de honra da entrada principal foi a referência para os restantes planos; e ao ser desenvolvido o projecto, este passou a ser um plano de base elevado onde se fixa o Palácio.

Podemos constatar que a cobertura percorrível do novo edifício é um plano de base da qual é interrompido por um plano de base rebaixado: o novo pátio de entrada.

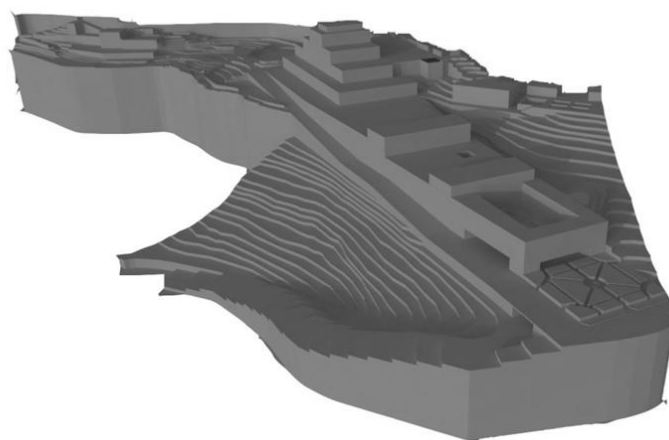


Fig. 66 - Perspectiva dos diferentes planos de base criados

<sup>116</sup> MEISS, Pierre Von, *Elements of Architecture – From form to Palce*, E FN Spon Ed., London, 1990, p. 50

<sup>117</sup> CHING, Francis D.K., *Arquitectura: Forma, Espacio e Ordem*, Ed. Gustavo Gili, México, 1991, p.103

#### 7.4.2 Eixos Visuais e Percursos

O homem e o espaço estão sempre ligados por uma linha recta visual na qual esse alinhamento entre o que é observado e quem observa é o primeiro sinal de relacionamento e comunicação. Em vários membros e componentes de toda uma Arquitectura, este eixo pode salientar e enfatizar espaços, perspectivas e interpretações através do olhar de um prisma direccionado e objectivo.

O eixo visual proposto integra o pátio de chegada de modo a alinharmos-nos com o Palácio lá no alto e propiciar o estabelecimento desse contacto e de uma noção de presença por parte da pré-existência, o que também é conseguido através do percurso criado.

*“(...) é de referir especificamente que as ‘novas quintas’, pela concreta desproporcionalidade entre um espaço territorial de grandes dimensões e a dimensão física e programática das construções propriamente ditas,...exponenciar estrategicamente a dimensão aparente do construído, quer pela expansão dos eixos visuais que se ampliam por jardins, caminhos e campos de cultivo, quer por eventuais elementos pontuais, integrados ou não nesses mesmos sistemas perspécticos, capazes de catalisarem o olhar.”<sup>118</sup>*

Estes pontos de vista reforçados até por percursos desenhados para direccionar ou criar um certo foco, permitem intensificar elementos. Estes enquadramentos visuais são definidos em diferentes direcções, com propósitos distintos dos quais se destacam a Nascente a relação com a Serra e o Centro Histórico e depois noutro sentido tendo o foco na zona verde de Colares e como fundo o azul do mar.

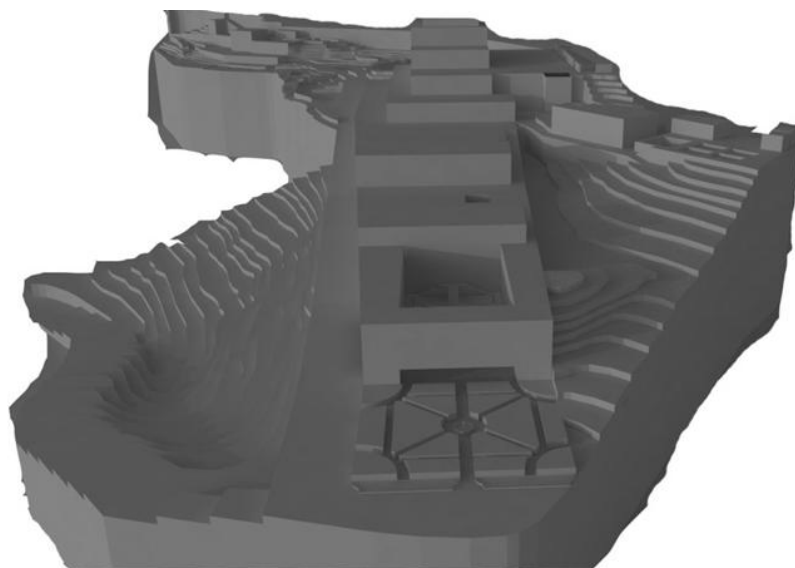


Fig. 67 - Eixo visual do jardim formal e do novo pátio de entrada

<sup>118</sup> FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos, *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade - A região de Torres Vedras entre o tempo medieval e o final do antigo regime*, Caleidoscópio, Lisboa, 2015, p.148

### 7.4.3 Eixos Estruturantes

Ao recorrermos a um Eixo para formalizarmos o nosso projecto arquitectónico estamos a utilizar uma forma rudimentar de sistematizar os diferentes espaços. A identificação destas particularidades conceptuais que concebem um método de ordenar distintas áreas permitem dividir e controlar composições e enquadramentos arquitectónicos. Francis D.K Ching<sup>119</sup> refere que este eixo pode conduzir a uma simetria e que esta, obrigatoriamente, tem de recorrer a este elemento de distribuição uniforme pois consigo transporta uma estabilidade de proporção do conjunto enquanto forma.

Devido à inerente relação com o Palácio, foi criada uma estratégia partindo de um eixo estruturante que dividia o próprio Palácio simetricamente e depois o novo edifício desde o pátio de chegada até à conexão com o edifício neo-mudéjar.

Este eixo, enquanto implantação para o novo edifício, leva a uma simetria já que vai para além do Palácio estendendo-se ao seu pátio de honra e ao piso inferior que liga ao jardim romântico.

Um trajecto axial é assim imposto, e ao longo de todo o edifício os espaços encontram-se em relação mútua através de um eixo rectilíneo que assegura um percurso estabelecido e marcante em toda a arquitectura do lugar desde o exterior, mas integrando o jardim formal, o pátio de honra e depois o próprio interior do edifício.

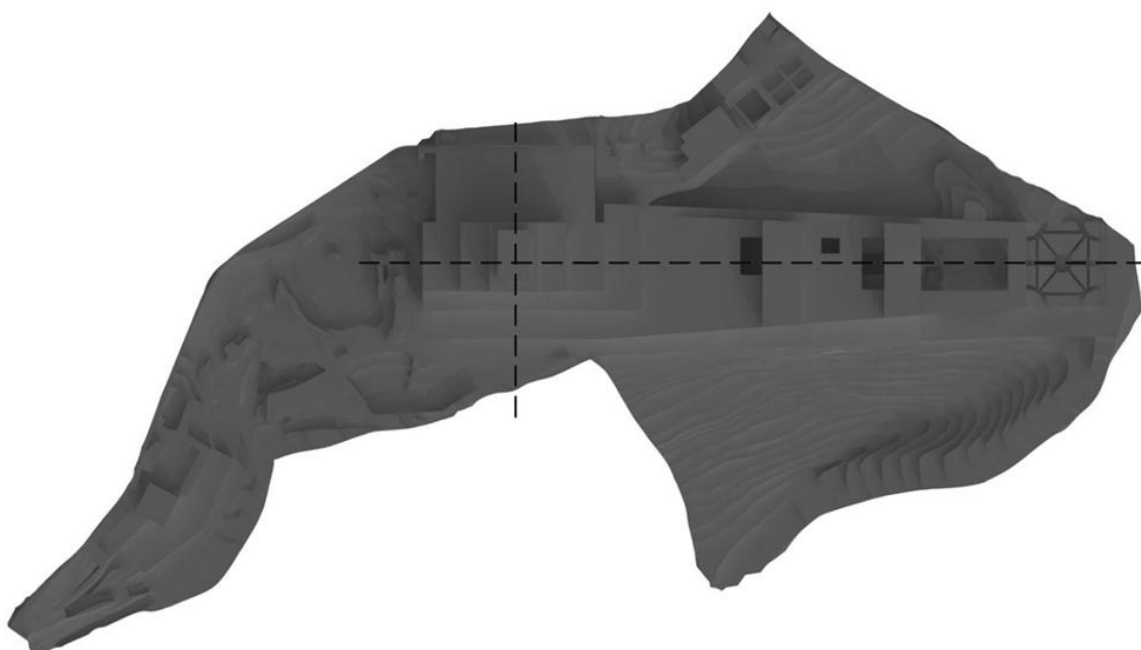


Fig. 68 - Eixo estruturante entre o novo edifício e a pré-existência

<sup>119</sup> CHING, Francis D.K., *Arquitectura: Forma, Espacio e Ordem*, Ed. Gustavo Gili, México, 1991



#### 7.4.4 Área Elevada (ou Plataforma)

Esta estrutura que se eleva em relação à sua envolvente, desenvolve-se na horizontal e cria uma diferenciação para a cota do terreno natural. Cria um campo espacial e visual distinto que é definido para realçar o significado desse elemento situado numa zona primordial.

*“A elevação de uma porção do plano de solo estabelece uma plataforma ou um pódio que apoiam estrutural e visualmente a forma e a massa de um edifício. O plano de solo elevado pode constituir uma condição preexistente do terreno ou pode ser artificialmente construído para erguer deliberadamente um edifício acima do contexto circundante ou realçar a sua imagem na paisagem.”<sup>120</sup>*

Onde o Palácio está implantado, - uma zona central da Quinta – faz desta Plataforma central um elemento de elevação em relação ao restante terreno induzindo um sentido de superiorização aos restantes elementos presentes e criando uma hierarquização da sua importância para o Lugar. Visualmente e espacialmente confere uma relação soberana sobre o terreno circundante.

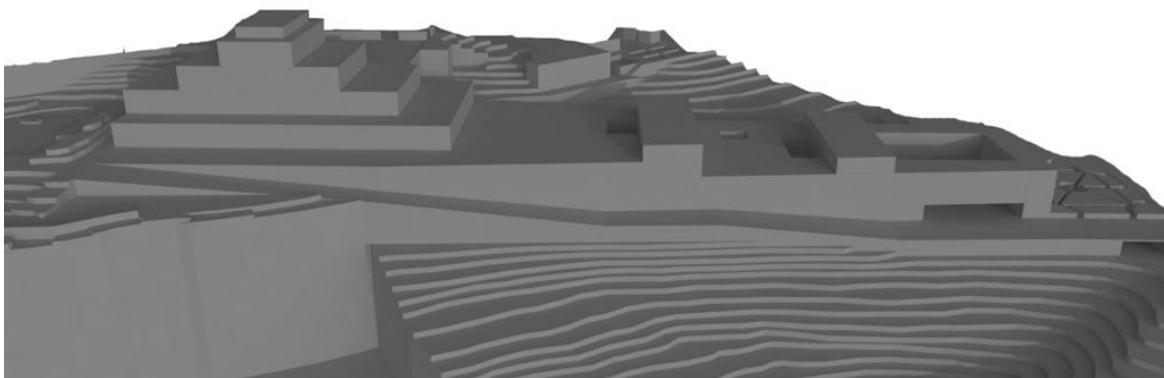


Fig. 69 - Palácio elevado em relação ao restante edificado

---

<sup>120</sup> Idem, p. 104

#### 7.4.5 Hierarquia Espacial

A entrada no novo edifício é constituída por elementos de forma a completar uma transição de espaços do meio natural para o artificial. Este formato corresponde a um desenrolar de hierarquias pensadas de modo a ir ao encontro daquilo que sucede neste tipo de soluções arquitectónicas característico das Quintas de Recreio.

*“Um percurso de transição gradual no espaço arquitectónico permite-nos reconhecer espaços com carácter diferenciado: o caminho de acesso é entendido como espaço público; um pátio de entrada como semi-público; um pórtico de entrada ou alpendre como semi-privado e os espaços interiores como privados. Esta sequência de lugares e de transições cria uma hierarquia desde a envolvente pública à privacidade do interior do edifício ou Lugar.”<sup>121</sup>*

As hierarquias podem ser vistas como estratégias diferenciadoras dos Lugares. O Palácio, como foi visto anteriormente, estando numa plataforma horizontal que o eleva em relação ao restante terreno circundante torna-o mais excepcional, pois nada irá desviá-lo de se assumir como ponto focal dominante.

Na entrada de cota mais baixa da Quinta até ao novo edifício construído a sua aproximação é feita por um caminho em elevação, com a mata bastante próxima, até surgir o jardim formal e depois o pátio de chegada, estando alinhado com um eixo que converge com o centro do Palácio.

Este pátio será um espaço de mudança entre os espaços público e privado. Será o que antecede a nova entrada, oferecendo-lhe uma proporção de regularidade já que as formas geométricas e simétricas se enquadram com a preexistência.

As trajectórias dos distintos espaços são feitas sobre uma hierarquia funcional de acordo com os diferentes programas inerentes, com o objectivo claro de definir a troca entre os espaços público e privado de uma forma perspicaz e clarividente.

As estratégias de composição da forma, espaço e princípios utilizadas na minha intervenção passaram por Planos de Base, Hierarquias e Eixos associados entre si.

A diferença visual pode ser conseguida se se dotar uma forma ou figura de uma dimensão excepcional, de um formato único ou de uma localização estratégica. Em cada caso, à forma ou ao espaço hierarquicamente importante é conferido um sentido ou significado ao constituir uma excepção à norma, uma “anomalia” (intencional e relativa., é claro) dentro de um padrão, de resto, regular.

Existe uma Hierarquia por Localização: uma forma ou um espaço podem ser estrategicamente localizados para chamar a atenção para si enquanto elemento mais importante de uma composição. As localizações hierarquicamente importantes para uma forma ou espaço incluem uma *organização axial*<sup>122</sup> e um *deslocamento para cima* (Palácio) e *para baixo* (Novo edifício).

---

<sup>121</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, *A Quinta de Recreio em Portugal Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio, 2013, p. 155

<sup>122</sup> CHING, Francis D.K., *Arquitectura: Forma, Espacio e Orden*, Ed. Gustavo Gili, México, 1991, p.341.

*"Evoquei suficientemente, nestas linhas, o momento agudo derivado das forças em presença: umas pertencentes ao racional, a técnica, que se aprende pontualmente, ao passo que as outras emanam da consciência e se cultivam, mas só dão frutos por efeito de um trabalho interior. Se a intensidade anima aqueles de vós que desejam agrupar-se numa comunidade inteiramente consagrada à Arquitectura, é possível que se produza então o acontecimento espiritual desejado, único capaz de iluminar o nosso trabalho."*<sup>123</sup>

*Paris, 17 de Outubro de 1942, Le Corbusier*

---

<sup>123</sup> CORBUSIER, Le; *Entretien avec les étudiants des écoles d'architecture*, Fondation Le Corbusier, Edições Cotovia, Lisboa, 2003, p.89

## 8. CONCLUSÃO

Sintra desde à muito tempo que se encontra ligada à cultura árabe.

Durante o domínio muçulmano surgem os primeiros textos que referem explicitamente a Vila de Sintra (*Xintara* ou *Shantara* em árabe), sendo referenciada a partir do século X por geógrafos. E foram deixando as suas marcas e influências. Reconhecemos diversos edifícios que foram dotados de princípios arquitectónicos de conjuntura árabe de diferentes épocas como o Castelo dos Mouros ou o Palácio Nacional de Sintra e, já depois, no contexto dos ideais românticos do século XIX, o Palácio da Pena, o Palácio de Monserrate, o Palácio da Quinta do Relógio, a Fonte dos Passarinhos no Parque da Pena, a Fonte Mourisca no centro histórico e os azulejos hispano-mouriscos no Palácio das Valenças – sendo que a azulejaria se encontra presente, como marca indelével do legado islâmico por toda a parte da Serra e do seu entorno.

Se juntarmos todas estas obras entendemos como Sintra está ligada a uma realidade de origem árabe e de como potencia a nossa ideia fundante em termos de programa.

A escolha da Quinta do Relógio para além da óbvia relação com o estilo neo-mourisco e das suas proveniências suscitou uma intervenção, urgente, inevitável, inadiável, atendendo à realidade de ao facto de permanecer degradada e de continuar sem uso nem programa.

Acerca da intervenção as estratégias adotadas prenderam-se com a valorização do património já existente, criando um programa diverso e funcional adequado aos diferentes ambientes presentes. Tentando solucionar um problema de preconceitos permanentes acerca de outras culturas e da qual ainda permite a integração de refugiados no nosso panorama nacional.

A intervenção na Quinta do Relógio também serve de mote para outras tantas quintas que merecem outra atenção e que devido à sua facilidade de adaptação permitem diversos programas como por exemplo habitacionais, hoteleiros ou institucionais.

É lançado também uma rota pelas Quintas de Recreio mais emblemáticas espalhadas pela Serra de Sintra de modo a criar esta conexão entre espaços idênticos com funcionalidades distintas.

A região de Sintra e Colares no que toca a projectos arquitectónicos de Quintas de Recreio exige uma importante dinâmica, sendo a sua relação espacial e visual com a envolvente um factor comum pela consideração do *Lugar*.

Existe uma clara diferença entre as Quintas que seguiram os ideais mais clássicos renascentistas no seu desenvolvimento arquitectónico e aquelas que foram influenciadas por um estilo romântico que predominou em certa altura em Sintra. Apesar destas diferenças a relação com a paisagem, meio natural e o sentido de contemplação permaneceu intacto e são essas as características fundamentais para criarmos um padrão comum entre todas elas, pois na sua essência o seu foco continuou inalterado criando condições para o Homem relacionar-se com o universo mais autêntico através do diálogo da Arquitectura com a Natureza, associando o artificial com o natural.

## 9. BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Pedro Marques de, Palácios da Memória, Percorso crítico sobre o restauro da Arquitectura, FAUTL, Lisboa, 1997.
- ACKERMAN, James S., *Architettura e Disegno, La Rappresentazione da Vitruvio a Gehry*, Ed. Mondadori Electa, Milano, 2003.
- ACKERMAN, James S., *The Villa, Form and Ideology of Country Houses*, Princeton University Press, Washington, D.C., 1985
- ADRIÃO, Vitor Manuel; *"Sintra, Serra Sagrada"*, Ed. policopiada existente na Biblioteca Municipal de Sintra, 1990.
- ALBERTI, Leon Battista, *L'Architettura - De Re Aedificatoria*, texto latino de Giovanni Orlandi; Introdução e notas de Paolo Portoghesi, 2 volumes, Milão, 1966.
- ALEXANDER, Boyd, *The Journal of William Beckford in Portugal and Spain*. London, 1954.
- ALEXANDRE, Boyd, *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, B.N.L., Lisboa, 1988.
- ALMEIDA, Francisco José de, *Um passeio de Lisboa a Cintra, vol. V*, Lisboa, 1880
- ALMEIDA, Francisco José de, *Romantismo: Sintra nos itinerários de um movimento*, Instituto de Sintra, Universidade de Indiana, 1988.
- ANACLETO, Maria Regina; *"Arquitectura Neomedieval Portuguesa (1780-1924)" Vol. I*; Ed. Fundação Calouste Gulbenkian - Junta Nacional de Investigação Científica e tecnológica; 1997
- ANACLETO, Maria Regina; *"Arquitectura Neomedieval Portuguesa (1780-1924)" Vol. II*; Ed. Fundação Calouste Gulbenkian - Junta Nacional de Investigação Científica e tecnológica; 1997
- ANACLETO, Regina, *Os Protagonistas das Arquitecturas Neomedievais, O Neomanuelino ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimentos*, Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1994
- ARAÚJO, Agostinho, O Palácio Neogótico de Monserrate e a sua leitura ao longo do pré-romantismo, *Romantismo Sintra nos Itinerários de um movimento*, Sintra, 1988
- ARAÚJO, Ilídio Alves de, *Quintas de Recreio*, in "Bracara Augusta n.º 63", Braga, 1973, p.321-331.
- AUGÉ, Mark, *Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Bertrand Editora, Venda Nova, 1994.
- AZEVEDO, José Alfredo da Costa, *Velharias de Sintra I*, Câmara Municipal de Sintra, 1980
- BARBOSA, Inácio de Vilhena, *Fragmentos de um roteiro de Lisboa, Archivo Pittoresco*, vol. VII. Lisboa, 1864

- BEHLING, Sophia and Stefan. *Sol Power, The evolution of solar Architecture*, READ GROUP Prestel, Munich-New York, 1996.
- BOLLNOW, O. Friedrich, *Hombre y Espacio*, Editorial Labor, S.A., Barcelona, 1969.
- BOYD, Alexander, *The journal of William Beckford in Portugal and Spain*, London, 1954
- CALDAS, João Vieira, *A Casa Rural nos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, FAUP, Porto, 1999.
- CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira, *Da Essência do Jardim Português*, Tese de Doutoramento no Ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, Universidade de Évora, Évora, 1995.
- CHOAY, Françoise, *A alegoria do Património*, Lisboa, Edições 70, 2000
- CORBUSIER, Le; *Entretien avec les étudiants des écoles d'architecture*, Fondation Le Corbusier, Edições Cotovia, Lisboa, 2003
- COSTA, Francisco, *Beckford em Sintra no Verão de 1787. História da Quinta e Palácio do Ramalhão*. Sintra, 1982
- DUARTE, Fábio, *Crises das Matrizes Espaciais*, Editora Perspectiva S.A., São Paulo, 2002
- FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos, *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade - A região de Torres Vedras entre o tempo medieval e o final do antigo regime*, Caleidoscópio, Lisboa, 2015
- FLOR, João Almeida, *Sintra na Literatura Romântica Inglesa*, Câmara Municipal de Sintra, 1978.
- FRAMPTON, Kenneth, *História Crítica da Arquitectura Moderna*, Ed. Martins Fontes, São Paulo.
- FRANÇA, José-Augusto - *A Arte Portuguesa no século XIX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1966. 4
- FRANÇA, José-Augusto, *Colecções Particulares, A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa.
- GRAÇA, Ana Luísa Gomes dos Santos, *Projectar com o Lugar: Sustentabilidade Patrimonial Projecto de Reabilitação para a Quinta dos Alfinetes*, Tese de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2014
- GRUBE, Ernst J., *Architecture of the Islamic World: Its History and Social Meaning*, George Michell, 1978
- GUERRA, Oliva, *III Itinerário, Roteiro Lírico de Sintra*, Lisboa, 1967
- HEIDEGGER, Martin, *Construir, Habitar, Pensar*, In Martin Heidegger, *Vortrage und Aufsätze*. Pfullingen: Gunther Neske, 1954.
- HEIDEGGER, Martin, *El Ser y Tiempo*, Ed. F.C.E. Españã, S.A., Madrid, 1984, p.38.
- JUROMENHA, Visconde de, *Cintra pinturesca*. Lisboa, 1838
- KNIGHT, Frank, *Estate and botanical gardens and palace of Monserrate, Cintra, Portugal*, Londres, 1890

LACERDA, João António de Lemos Pereira de, *Cintra Pinturesca, ou Memória descritiva das villas de Cintra, Collares, e seus arredores*, Lisboa, 1838

LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta; *Memória Arquitectura e Projecto, By the Book*, 2015

LINO, Raul; *Artes Decorativas*, Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1997

LOSA, António, *Influência Andaluza na arquitectura portuguesa dos sécs. XIX e XX*, Biblos. Coimbra, 1970

MALCOM, Jack, *Sintra: A Glorious Eden*, Fundação Calouste Gulbenkian, Carcanet, 2002  
Manuela Mota, *A Arte. Raízes da Memória, Memórias Árabe-Islâmicas em Portugal*, Lisboa, CNCDP, 1998.

MARQUES, Filipe Henriques Bicha, *Projectar com o Lugar, Proposta de Intervenção para a Quinta dos Alfinetes*, Tese de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011

MASSAPINA, Bárbara, *Palacete das Seixas*, Instituto Camões, Lisboa, 2011

MASSAPINA, Bárbara, *Estruturas de sombreamento em arquitectura*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011

MEISS, Pierre Von, *Elements of Architecture - From Form to Place*, E FN Spon Ed., London, 1990.

MESQUITA, Marieta Dá, *História da Arquitectura, Uma Proposta de Investigação - O Palácio dos Marqueses de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1992 (Policopiado)

MOREIRA, Rafael, *Novos Dados sobre Francisco de Holanda in Sintra*, Tomo I, Sintra, 1988, p.621

NETO, Maria João Baptista, Monserrate. *A Casa Romântica de uma Família Inglesa*, Lisboa, 2014

NETTO, J. Teixeira Coelho Neto, *A Construção do Sentido da Arquitectura*, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1997.

NEVES, Baeta, *O Papel do Arvoredo no Ambiente Romântico do Parque da Pena e o seu Interesse Científico - A Criação do 'Arboreto Nacional de D. Fernando II'*, Instituto de Sintra, Sintra 1988

NORBERG-SCHULZ, Christian, *A Paisagem e a Obra do Homem*, in *Arquitectura - Revista de Arte e Construção*, n.º 102, p.52, Lisboa, 1968.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Espacio y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984.

PEREIRA, Paulo - *(Re)trabalhar o passado* in Portugal. Architectura catálogo da exposição, Frankfurt, 1998.

PEREIRA, Paulo - *A Obra Silvestre e a Esfera do Rei*. Coimbra: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990.

PEREIRA, Paulo - *As intervenções no património edificado. Alguma história* in Intervenções no Património, 1995-2000, Lisboa, IPPAR, 1997.

PEREIRA, Paulo, - *O património como problema e como ideologia* in Intervenções no Património, 1995-2000, Lisboa, IPPAR, 1997.

PEREIRA, Paulo, *O Revivalismo: A Architectura do Desejo, História da Arte Portuguesa*

PEREIRA, Paulo, *Património Edificado, Pedras angulares*, Aura. Estudos e projectos de arte – Lda, 2005.

PEREIRA, Paulo; *"Alguns Aspectos da Cultura Artística de F. A. Vamhagen", "Romantismo - da mentalidade à Criação Artística"*, Instituto de Sintra, Sintra 1986

PEREIRA, Paulo; *Património Edificado, Pedras angulares*, Ed. Aura, Lisboa, 2004, p. 10.

PIRES, Amílcar de Gil e, *"Sintra, Lugar de Materialização Arquitectónica de Paradigma de Vilegiatura Renascentista"*, in *"Palcos da Architectura – Vol II"*, Edição da Academia de Escolas de Architectura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2012

PIRES, Amílcar de Gil e, *Vilegiatura e Lugar na Architectura Portuguesa*, FAUTL, Lisboa, 2008.

QUEIROZ, Eça; *"Os Mais"*; Ed. Círculo de Leitores - Livros do Brasil SARL; Maio de 1978

RAMALHO, Margarida Magalhães, *Escrever sobre Sintra*, By the Book, Sintra, 2011

ROCHA, João Álvaro, *Quinta da Gruta - Reabilitação*, Edições Asa, Porto, 2003.

RODIL, João, *Palácio e Parque de Monserrate, Freguesia de São Martinho – História e Tradição*, Junta de Freguesia de São Martinho, Sintra, 2007

SAID, Edward – *Orientalismo: Representações ocidentais do Oriente*. Trad. Pedro Serra. Lisboa: Livros Cotovia, 2004.

SANTOS, Eusébio dos, *Guia de Sintra, Colares e arrabaldes*. Lisboa.

SILVA, José Cornélio, *Sintra a Paisagem e suas Quintas*, Edições Inapa, Lisboa, 2003

SOUSA, João Silva de, *"Espontaneidade e Desordenamento no Romantismo Europeu"* (Comunicações apresentadas ao I Congresso Internacional de Sintra), Instituto de Sintra, Sintra 1986



SOUTHEY, Robert, *Letters written during a journey in Spain a short residence in Portugal*, 1797.

SPELLER, Gerda M., *A importância da vinculação ao Lugar, Contextos humanos e psicologia ambiental*, org. Luis Soczka, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005, pp. 133-167.

STOOP, Anne de, "*Algumas Casa Românticas em Sintra - Romantismo - Sintra nos Itinerários de um Movimento*" (Comunicações apresentadas ao I Congresso Internacional de Sintra), Instituto de Sintra, Sintra 1988

STOOP, Anne de, *Algumas casas românticas em Sintra, Romantismo: Sintra nos itinerários de um movimento*, Instituto de Sintra, 1988

STOOP, Anne de, *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*, Livraria Civilização Ed., Porto, 1990.

TAINHA, Manuel, *Arquitectura em Questão*, AEFA - UTL, ed. autor, Lisboa, 1994.

VAZ, Pedro; *Reabilitação Projecto e Obra - Palácio da Cidadela de Cascais*, Museu da Presidência da República, 2011

VAZ, Pedro; VAZ, Bárbara Massapina; *Viveiros de Belém*, Museu da Presidência da República, 2012

ZEVI, Bruno, *Saber Ver a Arquitectura*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1996.

## **Publicações**

Carta de Veneza, II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos, Veneza, Maio 1964, Art.6º

DUARTE, Rui Barreiros, *Os Valores do Lugar*. In: Revista "Arquitectura e Vida", n.26, Abril 2002, p.66-69

DIAS, Pedro – *Arquitectura Mudéjar Portuguesa: Tentativa de Sistematização*. Mare Liberum, nº 8 (Dez. 14994). P. 49-89

DUARTE, Rui Barreiros, *A Casa Schroder - Habitar uma Ideia*. In: ARTiTEXTOS01. Janeiro 2006, Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, p. 197/220. Depósito Legal n.º 237474/06. ISBN 972-97354-4-1.

MESQUITA, Marieta Dá, *Revista de História, Estética e Fenomenologia da Arquitectura e do Urbanismo, Metodologias para o estudo do habitar setecentista - o contributo da tratadística e a decifração dos códigos habitativos*, Ano 1, nº1, Julho de 1998

MESQUITA, Marieta Dá, *Divagações em Torno de um Sonho - Breve Percorso pelos Jardins do Palácio Fronteira*, in ArteTeoria, n.7, 2005, p.69-76.

PEREIRA, Paulo, *Intervenções Arquitectónicas recentes no património edificado*, Jornal Arquitectos, nº 213, Nov/Dez, 2003

PIRES, Amílcar de Gil e, *O Lugar da Villa Renascentista na Arquitectura Portuguesa, Investigação por um Património Sustentável*, in Uma Utopia Sustentável: Arquitectura

e Urbanismo no Espaço Lusófono: Que Futuro?, Edição da FAUTL, Lisboa, pp-252-259.

PIRES, Amílcar de Gil e *O Lugar da Quinta de Recreio na periferia de Lisboa*, Revista Tritão, n. 1, Dezembro de 2012

## Páginas Web

LINO, Raúl, *Livre Como Um Cipreste*. Cristina Antunes. Departamento de Artes Documentários, RTP. 1999. Documento de Vídeo [Em Linha] [Acedido a 12 Dezembro 2015] Disponível em: <<http://www0.rtp.pt/rtpmemoria/?t=RAUL-LINO-LIVRECOMO-UM-CIPRESTE.rtp&article=1230&visual=2&layout=5&tm=8>>

NETO, Maria João - Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), um percurso cultural e artístico entre a Alemanha, o Brasil e Portugal in *Artistas e Artífices e a sua Mobilidade do Mundo de Expressão Portuguesa - Actas do VII Colóquio LusoBrasileiro de História da Arte*. Porto: Faculdade de Letras, 2007. P. 387-392 [Em Linha] [Acedido a 25 de Jun. de 2016] Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6162.pdf>>

SILVA, Maria Cardeira da – *O Sentido dos árabes no nosso sentido*. Dos estudos sobre árabes e sobre muçulmanos em Portugal in *Análise Social*. Nº 173, (2005). ISSN 0003-2573. P. 781-806. [Em Linha] [Acedido a 13 Ago. 2016] Disponível em: <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S000325732005000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000325732005000100004&lng=pt&nrm=iso)>  
*Sintra e as suas Quintas*. Sintra, 1982

MATOS, José – *Lisboa Islâmica*. [s/l]: Instituto Camões, 1999. [Em Linha] [Acedido a 23 Nov. 2015] Disponível em: <[http://cvc.institutocamoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/cat\\_view/57-historia.html](http://cvc.institutocamoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/cat_view/57-historia.html)>

PIRES, Amílcar de Gil e; CARAPINHA, Aurora; *Encontros com o Património - As Quintas de Recreio*, TSF, 6 de Julho de 2015. Disponível em: <<http://www.tsf.pt/programa/encontros-com-o-patrimonio.html?id=918070>>

Archdaily – Informação sobre Instituto Mundo Árabe. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/162101/ad-classics-institut-du-monde-arabe-jean-nouvel>>

Archdaily – Informação sobre Museu Nelson-Atkins. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/4369/the-nelson-atkins-museum-of-art-steven-holl-architects>>

Informação sobre Biblioteca Nacional de Sarajevo. Disponível em: <[http://www.rtp.pt/noticias/cultura/biblioteca-nacional-de-sarajevo-reabre-ao-publico-ao-fim-de-22-anos\\_v736459](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/biblioteca-nacional-de-sarajevo-reabre-ao-publico-ao-fim-de-22-anos_v736459)>

## 10. ÍNDICE DE IMAGENS

Figura da capa - Fotografia da fachada principal do Palácio da Quinta do Relógio, no final do século XX

Imagem retirada de:

<<http://www.alagamares.com/entrevista-com-christopher-berglund-dono-da-quinta-do-relogio/>>

Fig. 1 - Localização da Quinta do Relógio, proximidade com o Centro Histórico.....1

Imagem retirada de:

<<https://www.google.pt/maps/@38.79693,-9.3933919,621m/data=!3m1!1e3>>

Fig. 2 - Quinta dos Marqueses de Fronteira.....15

Imagem retirada de:

<<http://www.morgadioreal.com/quintas-e-palacios/palacio-de-fronteira/>>

Fig. 3 - Villa D'Este - Tivoli.....16

Imagem retirada de:

< <https://pt.pinterest.com/explore/villa-d'este-952793659140/>>

Fig. 4 - Villa Poggio.....17

Imagem retirada de:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa\\_Medicea\\_di\\_Poggio\\_a\\_Caiano#/media/File:Villa\\_di\\_Poggio\\_a\\_Caiano,\\_Giusto\\_Utens.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_Medicea_di_Poggio_a_Caiano#/media/File:Villa_di_Poggio_a_Caiano,_Giusto_Utens.jpg)>

Fig. 5 - Villa Giardini Medicei in Toscana.....17

Imagem retirada de:

< [http://www.cultura.toscana.it/architetture/giardini/firenze/villa\\_medicea\\_castello.shtml](http://www.cultura.toscana.it/architetture/giardini/firenze/villa_medicea_castello.shtml)>

Fig. 6 - Villa Lante, Viterbo.....18

Imagem retirada de:

<<https://emilyharrisonblog.com/2014/12/17/villa-lante/>>

Fig. 7 - Maquete Villa Giulia, Roma.....19

Imagem retirada de:

< <https://pt.pinterest.com/pin/507499451733354356/>>

Fig. 8 - Quinta da Bacalhoa, Azeitão.....20

Imagem retirada de:

< <http://www.blogdosyrah.pt/2015/02/11/so-syrah-quinta-da-bacalhoa-100-syrah-setubal-2008/>>

Fig. 9 - Quinta do Calhariz, Sesimbra.....21

Imagem retirada de:

<<https://pt.pinterest.com/pin/414049759464149510/>>

Fig. 10 - Quinta da Ribafria, Sintra.....23

Imagem retirada de:

<<http://cabaredogoucha.pt/quinta-da-ribafria/>>

|   |    |
|---|----|
| Fig. 11 - Mapa geral /oficial da <i>Paisagem Cultural de Sintra</i> (C.M.Sintra).....   | 26 |
| Imagem cedida:  |    |
| Paulo Pereira < <a href="http://www.parquesdesintra.pt/">http://www.parquesdesintra.pt/</a> >   |    |
| Fig. 12 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D. João I (seg. Pereira, 2013 : adapt.)<br>(vermelho).....   | 28 |
| Imagem cedida:  |    |
| Paulo Pereira   |    |
| Fig. 13 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D. Afonso V (pisos 3 e 4) (seg. Pereira, 2013 :<br>adapt.)<br>(fonce).....                                     | 28 |
| Imagem cedida:  |    |
| Paulo Pereira   |    |
| Fig. 14 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D.Manuel I ( piso 0 e piso 1) (seg. Pereira, 2013 :<br>adapt.)<br>(amarelo).....                               | 29 |
| Imagem cedida:  |    |
| Paulo Pereira   |    |
| Fig. 15 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D.Manuel I ( piso 2 e piso 3) (seg. Pereira, 2013 :<br>adapt.) (amarelo).....                                  | 29 |
| Imagem cedida:  |    |
| Paulo Pereira   |    |
| Fig. 16 - Palácio da Vila: obras e ampliações: D.Manuel I ( piso 4) (seg. Pereira, 2013 : adapt.)<br>(amarelo).....   | 29 |
| Imagem cedida:  |    |
| Paulo Pereira   |    |
| Fig. 17 - Convento dos Capuchos.....  | 30 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.monumentos.pt/DGEMN/IHRU">http://www.monumentos.pt / DGEMN/IHRU</a> >   |    |
| Fig. 18 - Convento dos Capuchos.....  | 30 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.monumentos.pt/DGEMN/IHRU">http://www.monumentos.pt / DGEMN/IHRU</a> >   |    |
| Fig. 19 - Capela (e “palácio”) da Peninha.....  | 31 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.serradesintra.net/en/peninha">http://www.serradesintra.net/en/peninha</a> >   |    |
| Fig. 20 - Palácio de Monserrate. 1ª fase (finais do século XVIII). Gravura; gravura aguarelada<br>(inic.séc. XIX ).....                                       | 32 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.parquesdesintra.pt/pontos-de-atracao/o-palacio-em-imagens/">http://www.parquesdesintra.pt/pontos-de-atracao/o-palacio-em-imagens/</a> > |    |
| Fig. 21 - O conventinho antes do restauro (gravura aguarelada; inic. séc. XIX).....   | 32 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://riodasmacas.blogspot.pt/2006_09_01_archive.html">http://riodasmacas.blogspot.pt/2006_09_01_archive.html</a> >                               |    |

|   |    |
|---|----|
| Fig. 22 - Plantas gerais actuais do Palácio da Pena (Sintra). O convento à direita; o Palácio Novo e o Terreiro à esquerda.....                   | 33 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.monumentos.pt / DGEMN/IHRU">http://www.monumentos.pt / DGEMN/IHRU</a> >   |    |
| Fig. 23 - Plantas gerais actuais do Palácio da Pena (Sintra). O convento à direita; o Palácio Novo e o Terreiro à esquerda.....                   | 34 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.monumentos.pt / DGEMN/IHRU">http://www.monumentos.pt / DGEMN/IHRU</a> >   |    |
| Fig. 24 - Mapa Real Parque da Pena séc.XIX.....   | 35 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://sintra-subterranea.blogspot.pt/2012_02_01_archive.html">http://sintra-subterranea.blogspot.pt/2012_02_01_archive.html</a> >     |    |
| Fig. 25 - Guildhall, London.....  | 38 |
| Fonte:  |    |
| Cf. CONNER, Patrick, Oriental Architectur in the West, Londres, Thames and Hudsons, 1994, p.38  |    |
| Fig. 26 - Sezincote House.....  | 39 |
| Fonte:  |    |
| Cf. CONNER, Patrick, Oriental Architectur in the West, Londres, Thames and Hudsons, 1994, p.41  |    |
| Fig. 27 - Royal Pavillion in Brighton.....  | 40 |
| Fonte:  |    |
| Cf. CONNER, Patrick, Oriental Architectur in the West, Londres, Thames and Hudsons, 1994, p.48  |    |
| Fig. 28 - Leighton House (Alçados e Corte).....   | 40 |
| Fonte:  |    |
| Cf. CONNER, Patrick, Oriental Architectur in the West, Londres, Thames and Hudsons, 1994, p.49  |    |
| Fig. 29 - Leighton House: Arab Room.....  | 41 |
| Fonte:  |    |
| Cf. CONNER, Patrick, Oriental Architectur in the West, Londres, Thames and Hudsons, 1994, p.53  |    |
| Fig. 30 - Leighton House: Arab Room.....  | 41 |
| Fonte:  |    |
| Cf. CONNER, Patrick, Oriental Architectur in the West, Londres, Thames and Hudsons, 1994, p.53  |    |
| Fig. 31 - Pagode, Kew Gardens.....  | 42 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.kew.org/visit-kew-gardens/explore/attractions/pagoda">http://www.kew.org/visit-kew-gardens/explore/attractions/pagoda</a> > |    |

|   |    |
|---|----|
| Fig. 32 - Parque Wilhelma: assinalado com as letras ML o Pavilhão Neo-Mourisco.....   | 43 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.wilhelma.de/">http://www.wilhelma.de/</a> >   |    |
| Fig. 33 - Pavilhão Neo-Mourisco na sua feição original (postal do século XIX).....  | 44 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.wilhelma.de/">http://www.wilhelma.de/</a> >   |    |
| Fig. 34 - O Pavilhão Neo-Mourisco na sua feição actual.....   | 44 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.wilhelma.de/">http://www.wilhelma.de/</a> >   |    |
| Fig. 35 - Parque Wilhelma. Pavilhão e lago.....   | 45 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.wilhelma.de/">http://www.wilhelma.de/</a> >   |    |
| Fig. 36 - Monserrate: corredores do piso térreo.....  | 47 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="https://pt.dreamstime.com/fotografia-de-stock-corredor-de-monserrate-image35216112">https://pt.dreamstime.com/fotografia-de-stock-corredor-de-monserrate-image35216112</a> > |    |
| Fig. 37 - Salão Árabe. Palácio da Bolsa, Porto.....   | 48 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.caixaribeira.pt/en/where/">http://www.caixaribeira.pt/en/where/</a> >   |    |
| Fig. 38 - O Palacete Ribeiro da Cunha em construção vendo-se a estrutura em ferro.....  | 49 |
| Fonte:  |    |
| Fotografia: Henrique Nunes  |    |
| Fig. 39 - Plantas do Palácio para Projecto de Habitação.....  | 55 |
| Fonte:  |    |
| Plantas cedidas pelo proprietário, Mr. Christopher Berglund   |    |
| Fig. 40 - Fachada principal no início do séc.XX.....  | 56 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.serradesintra.net/en/quintas-de-sintra/quinta-do-relogio">http://www.serradesintra.net/en/quintas-de-sintra/quinta-do-relogio</a> >                               |    |
| Fig. 41 - Alçado Poente.....  | 56 |
| Imagem retirada de:   |    |
| Montagem de autor   |    |
| Fig. 42 - Gravura Domingos Schioppetta séc. XIX.....  | 57 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.serradesintra.net/en/quintas-de-sintra/quinta-do-relogio">http://www.serradesintra.net/en/quintas-de-sintra/quinta-do-relogio</a> >                               |    |
| Fig. 43 - Jardim romântico da Quinta do Relógio .....   | 58 |
| Fonte:  |    |
| Fotografia: Catarina Pires  |    |

|   |    |
|---|----|
| Fig. 44 - Planta da Quinta do Relógio no final do séc.XX.....   | 59 |
| Fonte:  |    |
| Planta cedida pelo proprietário, Mr. Christopher Berglund   |    |
| Fig. 45 - Perspectiva do Palácio Nacional de Sintra com o Palácio da Quinta do Relógio<br>do lado esquerdo a destacar-se sobre a vegetação.....   | 60 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=HdC2Xu3ZFu4">https://www.youtube.com/watch?v=HdC2Xu3ZFu4</a> >   |    |
| Fig. 46 - As Quintas do Relógio e da Regaleira e a sua proximidade com o Centro Histórico<br>tendo como fundo o Oceano Atlântico.....   | 60 |
| Imagem retirada de:   |    |
| Fotografia do autor   |    |
| Fig. 47 - Vista da Quinta do Relógio para o Centro Histórico.....   | 61 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://parasintra.blogspot.pt/2008/02/quinta-do-relgio-em-obras.html">http://parasintra.blogspot.pt/2008/02/quinta-do-relgio-em-obras.html</a> >   |    |
| Fig. 48 - Lago ainda com a ponte do jardim romântico da Quinta.....   | 61 |
| Imagem retirada de:   |    |
| Arquivo Biblioteca Municipal de Sintra  |    |
| Fig. 49 - Vista exterior do Palácio através do pátio de honra.....  | 64 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.diarioimobiliario.pt/Actualidade/Sintra-Palacio-da-Quinta-do-Relogio-esta-a-venda">http://www.diarioimobiliario.pt/Actualidade/Sintra-Palacio-da-Quinta-do-Relogio-esta-a-venda</a> >             |    |
| Fig. 50 - Vista exterior do Palácio fachada Nascente .....  | 64 |
| Fonte:  |    |
| Fotografia cedida pelo proprietário, Mr. Christopher Berglund   |    |
| Fig. 51 - Casa de Habitação dos proprietários .....   | 65 |
| Imagem retirada de:   |    |
| Fotografia do autor   |    |
| Fig. 52 - Antiga Casa do Caseiro.....   | 65 |
| Imagem retirada de:   |    |
| Fotografia do autor   |    |
| Fig. 53 - Casa Árabe em Madrid.....   | 69 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://en.casaarabe.es/sedes/show/casa-arabe-madrid-2">http://en.casaarabe.es/sedes/show/casa-arabe-madrid-2</a> >   |    |
| Fig. 54 - Instituto Mundo Árabe em Paris.....   | 70 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="https://ensaiofragmentados.com/2011/11/07/grandes-obras-instituto-do-mundo-arabe-jean-nouvel-1987/">https://ensaiofragmentados.com/2011/11/07/grandes-obras-instituto-do-mundo-arabe-jean-nouvel-1987/</a> > |    |
| Fig. 55 - Perspectiva da biblioteca.....  | 70 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="https://architetur.wordpress.com/2009/10/13/instituto-do-mundo-arabe/">https://architetur.wordpress.com/2009/10/13/instituto-do-mundo-arabe/</a> >   |    |

|   |    |
|---|----|
| Fig. 56 - Museu Nelson-Atkins nos Estados Unidos.....   | 71 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.stevenholl.com/projects/nelson-atkins-museum-of-art">http://www.stevenholl.com/projects/nelson-atkins-museum-of-art</a> >   |    |
| Fig. 57 - 'Caixas' iluminadas durante a noite.....  | 71 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.stevenholl.com/projects/nelson-atkins-museum-of-art">http://www.stevenholl.com/projects/nelson-atkins-museum-of-art</a> >   |    |
| Fig. 58 - Casa dos crivos em Braga.....   | 72 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://myrestaurant.pt/ponto-interesse/casa-dos-crivos-ou-casa-das-gelosias">http://myrestaurant.pt/ponto-interesse/casa-dos-crivos-ou-casa-das-gelosias</a> >   |    |
| Fig. 59 - Fachada principal da Biblioteca Nacional de Sarajevo.....   | 73 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.worldbulletin.net/sarajevo/140936/historic-library-in-sarajevo-reopened">http://www.worldbulletin.net/sarajevo/140936/historic-library-in-sarajevo-reopened</a> >   |    |
| Fig. 60 - Átrio Central.....  | 73 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="https://travelerattheedge.com/2015/06/02/once-upon-a-library/">https://travelerattheedge.com/2015/06/02/once-upon-a-library/</a> >   |    |
| Fig. 61 - Chalet da Condessa d'Edla, em Sintra.....   | 74 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.parquesdesintra.pt/parques-jardins-e-monumentos/chalet-e-jardim-da-condessa-dedla/descricao/">http://www.parquesdesintra.pt/parques-jardins-e-monumentos/chalet-e-jardim-da-condessa-dedla/descricao/</a> > |    |
| Fig. 62 - Vista do interior depois do incêndio.....   | 74 |
| Imagem retirada de:   |    |
| < <a href="http://www.parquesdesintra.pt/parques-jardins-e-monumentos/chalet-e-jardim-da-condessa-dedla/descricao/">http://www.parquesdesintra.pt/parques-jardins-e-monumentos/chalet-e-jardim-da-condessa-dedla/descricao/</a> > |    |
| Fig. 63 - Roteiro das Quintas serpenteando a Serra.....   | 77 |
| Fonte:  |    |
| Montagem do autor   |    |
| Fig. 64 - Roteiro de Inspiração Árabe .....   | 78 |
| Fonte:  |    |
| Montagem do autor   |    |
| Fig. 65 - Roteiro Romântico em redor da Quinta do Relógio.....  | 79 |
| Fonte:  |    |
| Montagem do autor   |    |
| Fig. 66 - Perspectiva dos diferentes planos de base criados .....   | 82 |
| Fonte:  |    |
| Montagem do autor   |    |
| Fig. 67 - Eixo visual do jardim formal e do novo pátio de entrada.....  | 83 |
| Imagem retirada de:   |    |
| Montagem do autor   |    |



Fig. 68 - Eixo estruturante entre o novo edifício e a pré-existência .....83

Fonte:

Montagem do autor

Fig. 69 - Palácio elevado em relação ao restante edificado.....84

Fonte:

Montagem do autor



## 11. ANEXOS

### I - Memória Descritiva

#### Lugar de intervenção

A intervenção de maior relevo decorre numa zona que se encontra completamente modificada e alterada, já que o actual proprietário ao efectuar as obras nos pisos inferiores do Palácio - em que o objectivo foi a sustentação da estrutura - obrigou a um grande movimento de terras; para tal transportou-as para a zona entre a mata e a casa de habitação. O local adveio completamente descaracterizado e permanece sem qualquer uso, pois as suas valências anteriores eram destinadas à produção agrícola e neste momento as condições existentes impedem esta actividade.

#### Novo Edifício

O edifício é composto por 4 pisos, sendo que dois tem especificidades próprias, em que um funciona como piso logístico, para serviços, estacionamento e outros usos particulares. Outro é a cobertura acessível pelos acessos verticais, com ligação ao Palácio por um restaurante e uma estrutura polivalente que permite a criação de um mercado.

Já os outros dois pisos têm variados espaços com diferentes funções. Uma premissa importante foi a de ligação física com o Palácio existente.

Espaços que se destacam:

- *Zona da Cozinha Árabe-Mediterrânica*
- *Zona do Auditório*
- *Zona dos Gabinetes*
- *Zona da Biblioteca*
- *Zona Sala de Aulas*

A ideia foi a de criar o máximo de condições com diversas áreas distintas para a fusão das culturas e promovendo o seu diálogo indo desde a zona de espetáculos, à cozinha e ao ensino corrente.

Acedemos pela nova entrada criada, passando pela mata; e no final deste percurso estamos alinhados centralmente com o edifício, que também ele segue o eixo do Palácio. Entramos no pátio de chegada no qual somos obrigados a passar pelo Jardim criado. Antes de entrarmos no edifício temos uma hierarquização e um desenrolar de experiências físicas e visuais das quais se destacam o percurso feito pela mata; seguidamente entramos no Jardim Formal para depois acedermos ao pátio de chegada. Sobe-se então uma escadaria dotada de espelho de água antes de entrarmos no edifício: é esta a última sensação experiencial do exterior.

No piso 0 inclui-se a zona da cozinha que constitui o centro/núcleo que vai articular os espaços adjacentes que lhe servem de apoio tais como a sala de culinária, a pastelaria, as zonas de preparação dos diferentes tipos de alimento, a copa e o gabinete do *chef* e dos professores. No piso inferior criam-se as várias despensas onde são armazenados todos os alimentos. Nesta secção ficam situados os balneários dos funcionários de cozinha.

Todos estes segmentos assumem importância, pois são destinados a usos específicos como o refeitório, o bar/cafetaria que serve de apoio ao auditório ou simplesmente enquanto alternativa ao refeitório e de apoio à zona de refeições dos camarins.

Pelo piso 0 faz-se a entrada para o auditório, que é antecedido pelo *foyer* e pelo bar que o apoia. É composto por uma plateia, palco, áreas técnicas, camarins, camarotes, bilheteira, bengaleiro, sendo no piso superior do auditório que se encontra a cabine de luz, som e vídeo que também apoia a sala polivalente e uma pequena bancada superior mais privativa.

Ainda no piso de chegada temos a recepção no átrio de entrada e, em volta do pátio, dispõem-se os serviços da fundação, tais como secretaria, tesouraria, gabinetes de acção social e apoio jurídico, área médica e sala dos professores. Na zona mais central encontram-se os gabinetes dos funcionários e do presidente da fundação. Nesta área no piso superior deparamo-nos com as salas de aula, tanto teóricas como práticas e, fazendo uma ponte de ligação, encontramos neste mesmo piso a biblioteca que serve de apoio também para os espaços do Palácio destinados a cursos, *workshops* e seminários. A biblioteca é composta por uma zona mais pública, área de consulta e leitura, bem como por uma área de multimédia que conta com a audioteca, sala dos computadores e videoteca. Numa área reservada à administração/gestão, dispõem-se os gabinetes dos bibliotecários, de investigação, da chefia e arquivos.

Nesta mesma cota existe a possibilidade de aceder ao exterior com vista para o pomar/horta, permitindo a leitura ou a estadia na esplanada de apoio ao bar deste piso.

Finalmente, na cobertura acessível e verde, tenta-se ir ao encontro do lugar e das suas dimensões, torná-lo identificado com a encosta e por isso sendo visitável e percorrível, evitando a ideia de uma barreira física já que ali se destacam o restaurante e um espaço polivalente coberto da qual poderá ser um mercado.

No piso logístico deparamo-nos com o estacionamento restrito a funcionários e privado para os convidados já que o número de lugares é reduzido obrigando ao estacionamento em lugar periférico do centro histórico. Tem acesso também para veículos de cargas e descargas, tanto relativas à zona da cozinha como do auditório. De salientar que o palco se encontra à cota deste piso para facilitar o transporte para o local de mercadorias pesadas, com o auxílio de dois elevadores de serviço para cargas e para apoio à cozinha, pelo que este último atinge a cota do restaurante no último piso, tal como o elevador que serve as áreas técnicas do auditório.

Ao longo do edifício somos presenteados por pátios e espelhos de água que relembram as vivências e ambientes do lugar e das *Villas*, para além de criar espaços exteriores e áreas de iluminação natural.

Relativamente aos alçados é feita uma ligação com a cultura árabe e com o edifício existente, tendo sido representado de uma forma contemporânea. São criadas umas faixas horizontais ao longo do edifício onde existem umas grelhas com padrões e formas geométricas que permitem o controlo e a entrada de luz natural pelas pequenas aberturas e a ventilação natural. Existem ainda uns volumes, 'caixas' que pontualmente interrompem a forma regular do edifício, pertencem a uma estrutura independente da qual no seu exterior são vistas com uns padrões a fazer lembrar a tapeçaria árabe.

Outras intervenções foram feitas na Quinta para além do Palácio e do novo edifício como no Jardim Romântico: foi criado um anfiteatro relacionado com o meio natural em que está inserido e uma estufa próxima do lago evocando a memória a uma pré-existência.

Na zona da mata foi planeado um trilho que tem a dupla funcionalidade de permitir criar espaços de lazer e de visionamento do meio natural, vencendo, ao mesmo tempo, as duas cotas de extrema diferença altimétrica.

Antecedendo o pátio de chegada foi executado um Jardim Formal que faz a junção com a mata e o percurso rampeado para o Palácio.

Como qualquer Quinta era necessário assegurar a sua sustentabilidade relativa, pelo que foram criadas áreas de produção agrícola que compostas pela horta e pelo pomar que circundam a casa de habitação numa encosta formada por socacos de modo a graduar a inclinação do terreno e respectiva pendente. De salientar também uma zona relativa a trabalhos do campo com animais.

No local actual da garagem, criada a partir de uma estrutura feita nos anos 70 do século XX a imitar o estilo árabe presente no palácio, é implantado e preparado um miradouro que possibilita, a quem esteja no pátio de honra, ver toda uma panorâmica que inclui o novo edifício, o centro histórico e, no horizonte, o oceano.

### **Palácio**

A seguir ao pátio de honra que antecede a entrada no Palácio encontra-se a área de recepção constituída por uma loja e um espaço de exposição temporária apoiado por uma cafetaria com espaço de convívio interior e exterior. Nos pisos inferiores temos, primeiramente, a área destinada a exposições semipermanentes ou permanentes e no piso de cota mais baixa o espaço destinado a seminários/workshops/cursos, tratando-se de zonas abertas ao público em geral. Mais específicos e privativos são os pisos superiores, que contam com actividades pedagógicas de carácter social para escolas, grupos; são apoiadas pelos terraços. Já no piso mais elevado sedia-se o gabinete do presidente da Fundação destinado a reuniões de representação.

Não são propostas grandes alterações no que toca ao nível de demolições ou novas construções mas antes alguns ajustes relativos à funcionalidade dos espaços, principalmente nas instalações sanitárias, cozinha e acessos verticais como escadas e o elevador.

### **Casa dos Artistas**

Como aproveitamento e reciclagem a antiga casa dos caseiros poderá ser utilizada como um refúgio de artistas - um espaço dentro do jardim romântico.

Trata-se de uma casa que organiza e dinamiza o jardim, criando eventos e exposições especialmente apta a atrair pintores, escritores, artesãos, escultores que tragam as suas criações para o exterior concebendo verdadeiros cenários suscitando um diálogo com o meio natural.

### **Casa de Habitação**

Esta casa de alguma dimensão, teria como função a habitação provisória das pessoas ou famílias que a fundação acolheria. Está localizada próxima das hortas e do pequeno pomar, o que permite fácil acesso. Prevê-se que algumas das funções produtivas e de manutenção poderiam, neste caso, ficar a seu cargo.

Outra vantagem seria a de constante permanência de diferentes pessoas na quinta, o que visa contribuir para uma maior segurança tácita.

### **Auto-sustentabilidade da Quinta**

Uma das premissas de uma Quinta é a sua auto sustentação e a promoção de alguns dos seus recursos, criando condições para que tal possa acontecer.

A zona do pomar/horta serve toda a quinta como a casa de habitação e a cozinha de grande dimensão do novo edifício.

A possibilidade de criar um plano de formação prática/profissional em diferentes áreas como a culinária, a agricultura ou as artes do espetáculo é fundamental para todos os que frequentam a fundação.

Os jardins e a mata, bem como as actividades culinárias, passam a ser tratados pelos formandos da Fundação.

Criar esta dinâmica de formar e dar trabalho na própria fundação faz com que ambas as partes saiam beneficiadas.

## **Programa**

O programa é complexo mas joga na complementaridade entre o Palácio (Casa Árabe) e o novo edifício do Instituto (Casa das Culturas), configurando, enfim, a Fundação Luso-Árabe.

## **Fundação Luso-Árabe (funções previstas /organização)**

### **Palácio (Casa Árabe)**

#### ***Piso 0 (500 m²)***

- Recepção
- Loja
- Sala de exposição temporária
- Restauração (cafetaria/bar)
- I.S

#### ***Piso -1 (900 m²)***

- Salas de exposição permanente das influências árabes ( pelo Mundo, Península Ibérica, Portugal, Sintra, Região Saloia)
- Sala da história da Quinta e do Jardim / Registo fotográfico de Sintra - Taylor Moore
- Espaço de costumes e tradições Árabes

#### ***Piso -2 (900 m²)***

- Conferências / Debates/ Congressos / Reuniões
- Cursos / Seminários / Workshops (caligrafia e língua árabe)
- Serviços técnicos e Administrativos

#### ***Piso 1 (200 m²)***

- Actividades Pedagógicas / Educativas / Carácter Social
- Terraços

#### ***Piso 2 (100 m²)***

- Sala da secretária
- Gabinete Presidente Casa Árabe

## **Instituto (Casa das Culturas)**

### ***Pátio de Honra***

#### ***Piso 0 (3000 m²)***

- Átrio Principal
- Recepção
- Arrumos processos
- Secretaria / Tesouraria
- Reprografia / Papelaria
- Gabinete posto médico
- I.S Gabinetes
- Auditório - Espetáculos (Teatro, Música, Cinema, Dança)
- Gabinete de Acção Social / Jurídico
- Gabinete Presidência
- Gabinetes Fundação
- Gabinete Docência
- Espaço Convívio
- Refeitório
- Sala culinária
- Cozinha quente
- Cozinha fria
- Copa suja
- Preparação alimentos
- Pastelaria
- Gabinete chefe cozinha
- Zona de refeições camarins
- I.S Camarins
- Grande Auditório
- Camarotes
- Cabines
- Pequeno Auditório
- Foyer
- I.S Auditórios
- Cafetaria/Bar
- Espelhos de água

#### ***Piso -2 (1500 m²)***

- Sala de Aquecimento / Ensaios
- Fosso de Orquestra
- Parque de estacionamento público

#### ***Piso -1 (3200 m²)***

- Exposições / zonas de trabalho
- Estacionamento para funcionários
- Estacionamento privado
- Zona de Cargas/Descargas
- Arrumos paletes
- Despensas

- Balneário Masculino
- Balneário Feminino
- Lixos
- Camarim colectivo
- Camarins individuais
- Arrumos cenários
- Palco grande auditório
- Palco pequeno auditório
- I.S

### ***Piso 1 (3000 m²)***

- Biblioteca
- Audioteca
- Videoteca
- Investigação
- Arquivo
- Gabinete Bibliotecários
- Livros não acessíveis
- Gabinete Chefia
- Sala Polivalente
- Salas de aulas teóricas
- Sala de aula de artes / oficinas
- Sala de aula de jardinagem
- Espaços de convívio
- I.S Sala de aulas
- Bar
- I.S Biblioteca
- Camarotes
- Bancada superior
- Régie de projecção

### ***Piso 2 (1700 m²)***

- Arrumos material técnico
- Gabinetes técnicos

### ***Piso 3 (500 m²)***

- Restaurante Árabe
- Mercado Árabe



Área total do Palácio Casa Árabe: **2600 m<sup>2</sup>**

Área total do Instituto Casa das Culturas: **13 000 m<sup>2</sup>**

Área total de intervenção: **15 600 m<sup>2</sup>**

### **Outros Elementos presentes na Quinta**

***Casa de Habitação***

***Casa dos Artistas***

***Mata***

***Jardim Romântico***

***Jardim Formal***

***Pomar***

***Horta***

***Zona animais de campo***

***Mata***

***Estufa***

***Anfiteatro***

### **Materialidade das intervenções**

#### **Instituto (Casa das Culturas)**

A estrutura do edifício é em alvenaria tijolo tradicional, com uso pontual do betão de forma a garantir uma maior sustentação estrutural, principalmente nas zonas de contenção das terras.

Em zonas específicas, onde as distâncias entre pilares são maiores como é o caso do grande auditório optou-se por uma laje treliçada em estrutura metálica.

No interior os pavimentos serão variados consoante as suas funções, mas vão ao encontro do que se encontra no Palácio, contendo mosaicos de padrões mouriscos nos corredores, quase a imitar aqueles longos tapetes característicos desta cultura.

As zonas da cozinha e espaços adjacentes terão um pavimento anti-derrapante. As salas de aulas, espaços de convívio, biblioteca e diferentes gabinetes são servidas por um soalho em madeira.

Quase todas as divisões dispõem de tectos falsos que permitam a passagem de uma galeria técnica de acordo com as normas relacionadas com os diversos espaços de multifuncionalidades.

No exterior a ideia é a relação com a pré-existência e como as faixas horizontais são uma constante, a sua escala de grande dimensão no meio natural deve ser uniforme e suave de maneira a não reduzir a importância do Palácio e da sua beleza atrativa. Não esquecendo estando inserido num meio natural onde a paisagem deve predominar e ser enaltecida e portanto as grelhas geométricas são em tons de cinzento de forma a contrastar com as cores vivas do Palácio.

A cobertura é percorrível onde o seu acabamento é em gravilha, tal como no pátio de entrada nas zonas de acesso permitido, também tem algumas áreas verdes que permitem uma maior integração visual com a envolvente, tendo toda uma guarda de segurança em volta do edifício.

### **Novo Pátio de honra**

Pavimento Impermeável, no acabamento com gravilha de cor clara.

### **Palácio (Casa Árabe)**

O edifício será objecto de um reforço estrutural em todos os seus elementos, não se manifestando necessária a cintagem betonada para sustentação e contraventamento de muros, fruto das – erróneas mas eficazes, e bastante pesadas - intervenções espúreas de um passado recente. Mesmo excessivas, não prejudicaram nas partes inferiores do edificado o seu equilíbrio e a sua estaticidade, pelo que também não deve haver lugar a um “desrestauro”, o que faria perigar toda a estrutura.

Onde a alvenaria de pedra foi revestida com betão algo especialmente testemunhável no interior como actualmente se encontra, prevê-se um acabamento com pintura de acordo com os ambientes e temas inerentes ao seu estilo em consonância no exterior. Todo o tipo de ornamentação inexistente será recuperada e similar a tantos outros edifícios semelhantes.

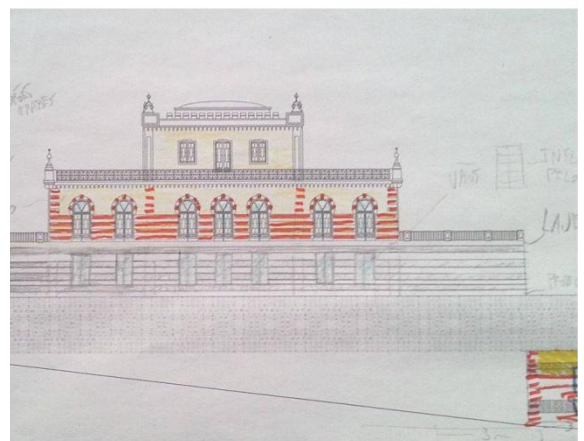
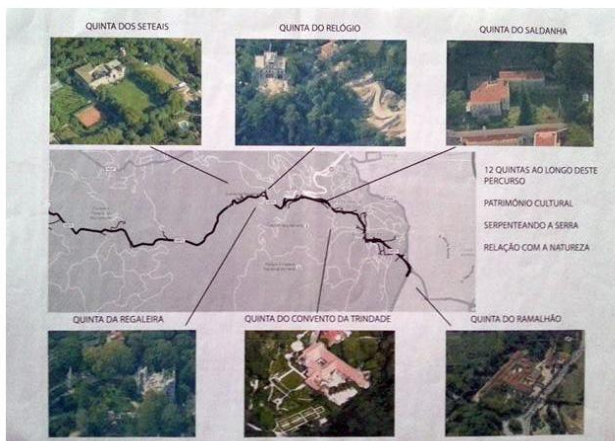
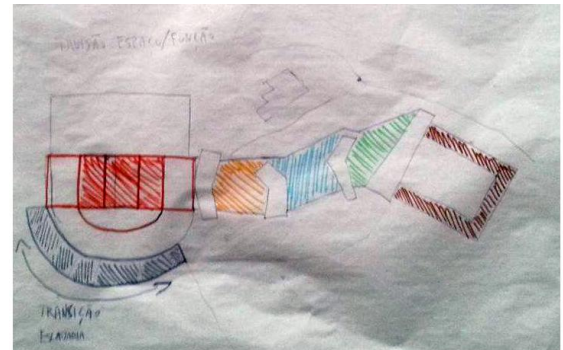
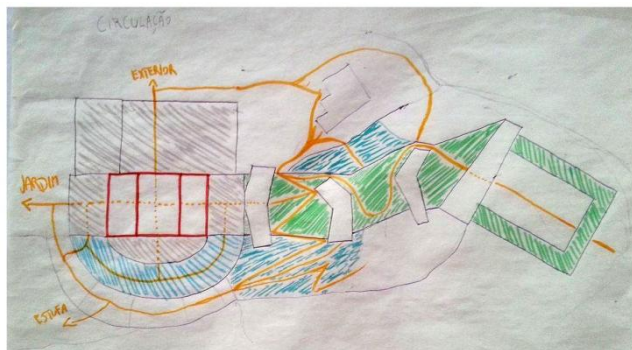
O pavimento terá de ser forçosamente substituído já que o actual está danificado ou é mesmo inexistente.

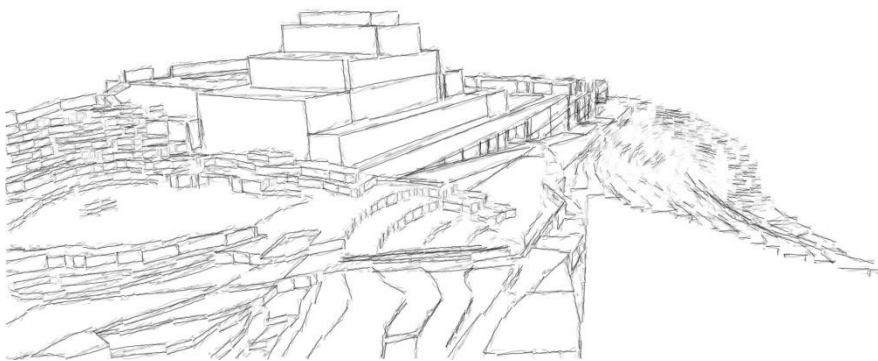
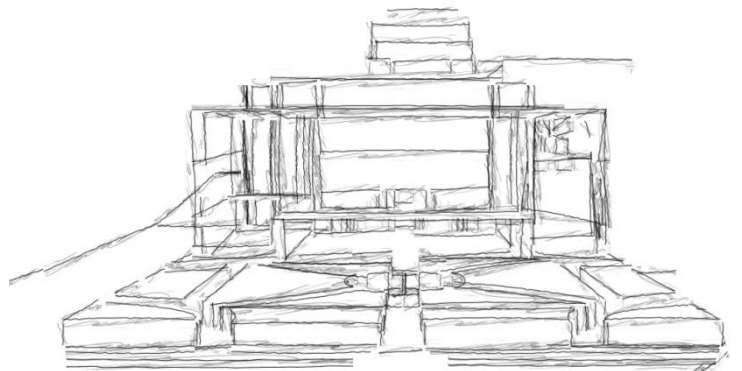
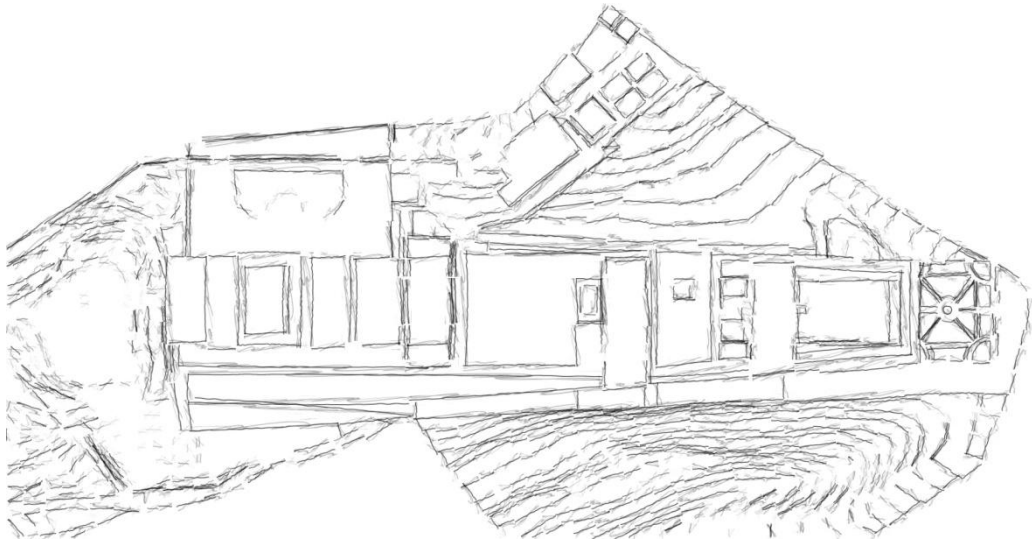
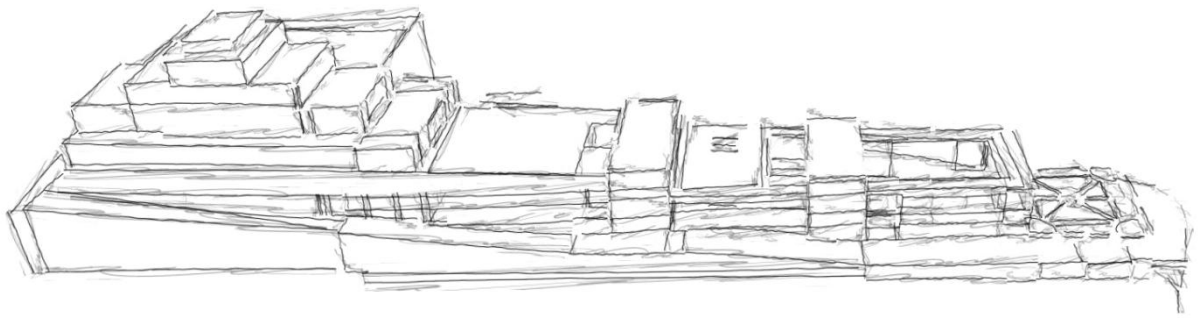
A manutenção e recriação dos temas decorativos Mouriscos existentes utilizando métodos e materiais tradicionais, conduzirá a uma escolha de elementos ornamentais baseada em catálogos de época e comparações com outros edifícios do mesmo estilo portugueses e europeus, desde que em bases documentáveis e fundamentadas, como seja a preservação das cores existentes utilizando para tal as composições de tinta tradicionais como o "almagre", o "óxido de ferro amarelo-encarnado" e o "ocre". Esta escolha cromática permite destacar o Palácio em relação à nova construção de cores mais neutras. A caixilharia será em madeira, restaurada, e pintada a sangue de boi escuro ; a serralharia de ferro será restaurada e pintada em castanho avermelhado escuro.

### **Jardim Formal**

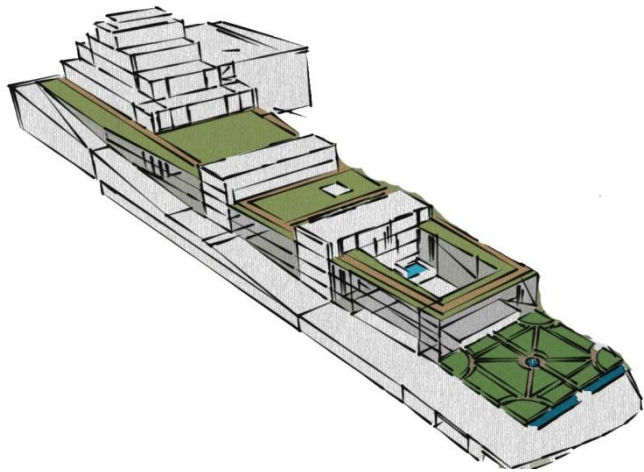
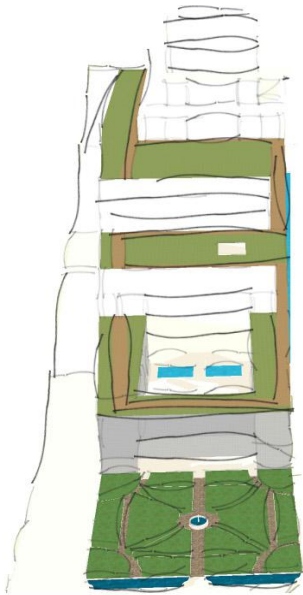
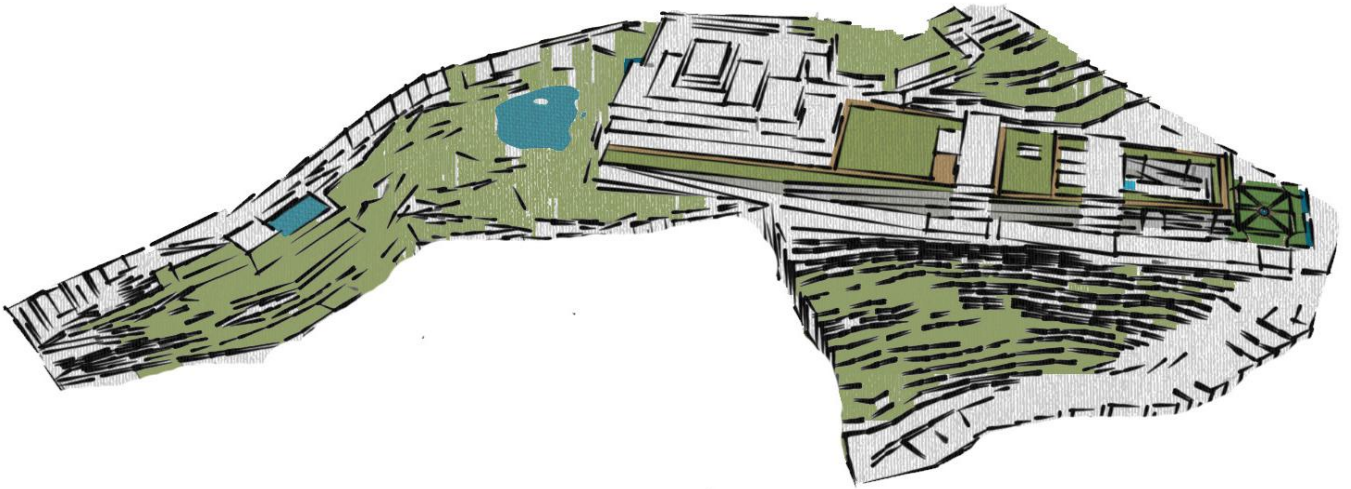
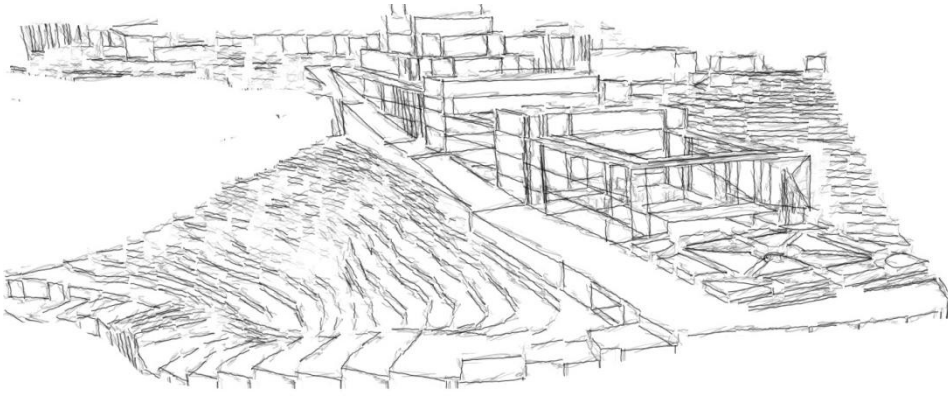
O jardim é basicamente composto pela área verde de arbustos decorativos e zonas de relva, com uma fonte ao centro. O pavimento é permeável, composto tal como no pátio de honra de gravilha de tom claro, permitindo um sentido de continuidade entre os dois espaços. O seu eixo estruturante é o mesmo do edifício.

## II - Processo Criativo







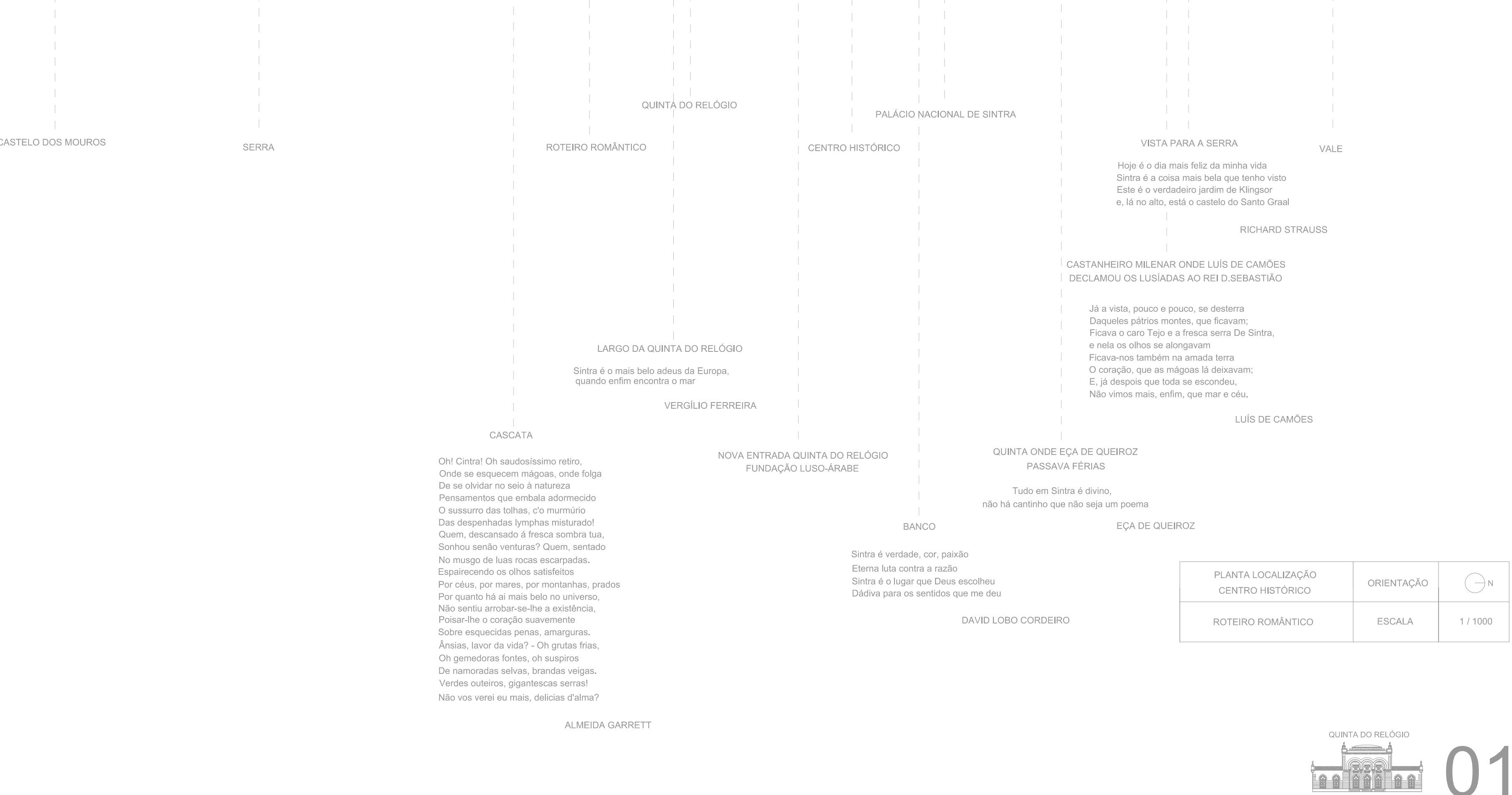
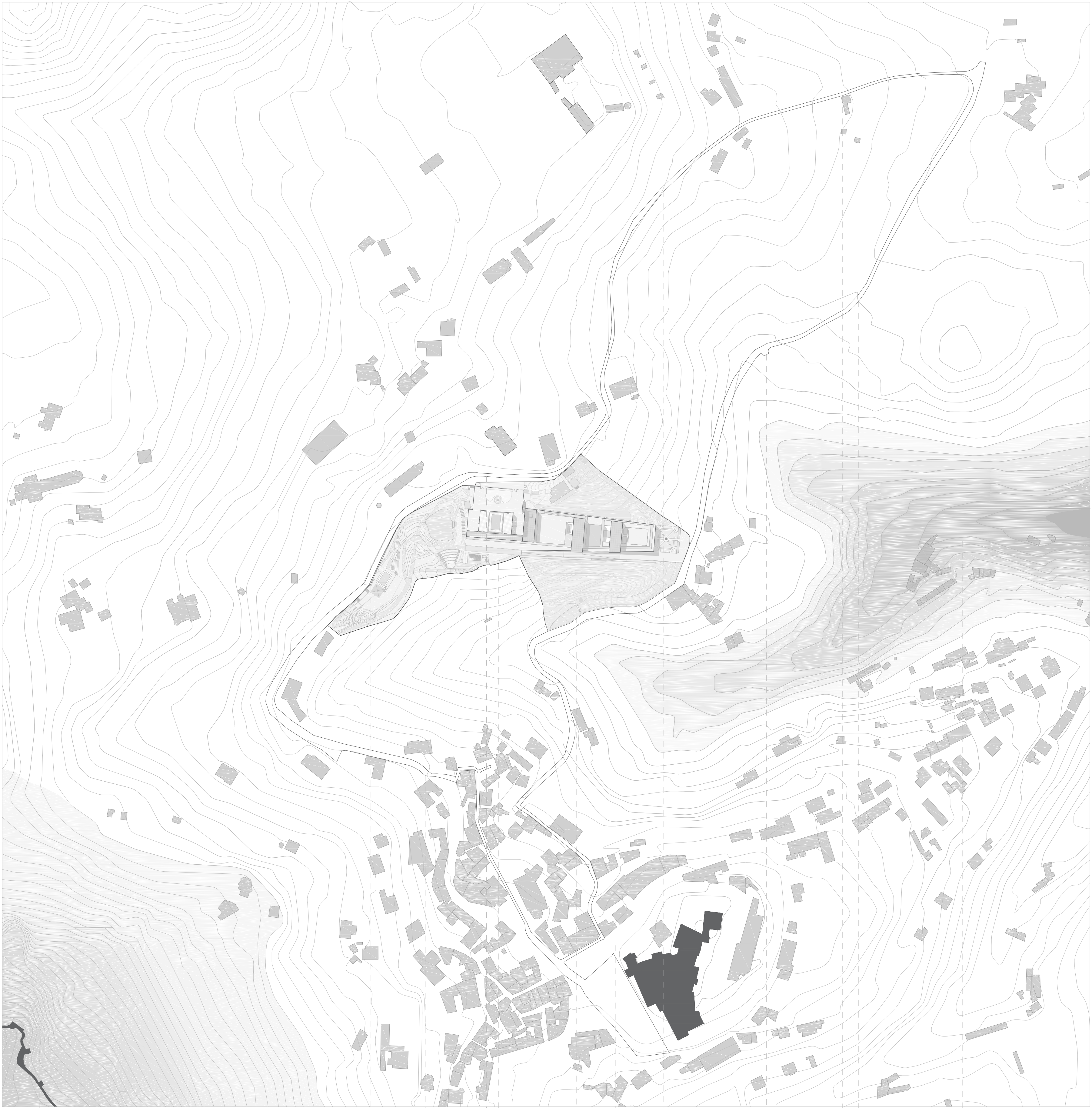
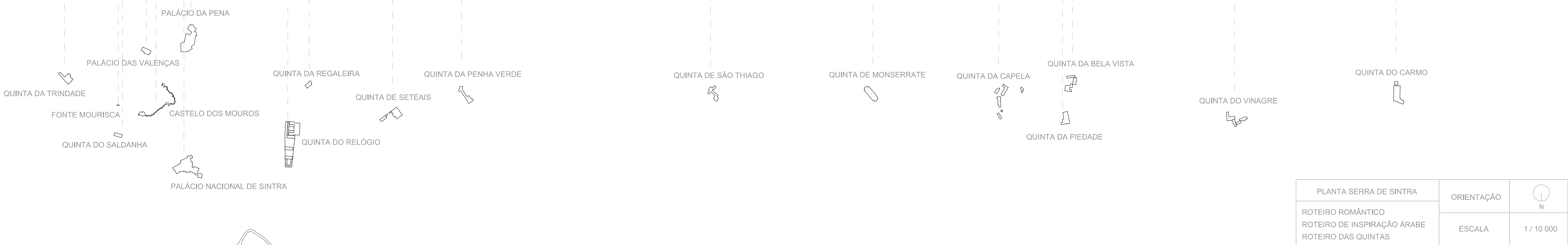




### III - Peças Desenhadas







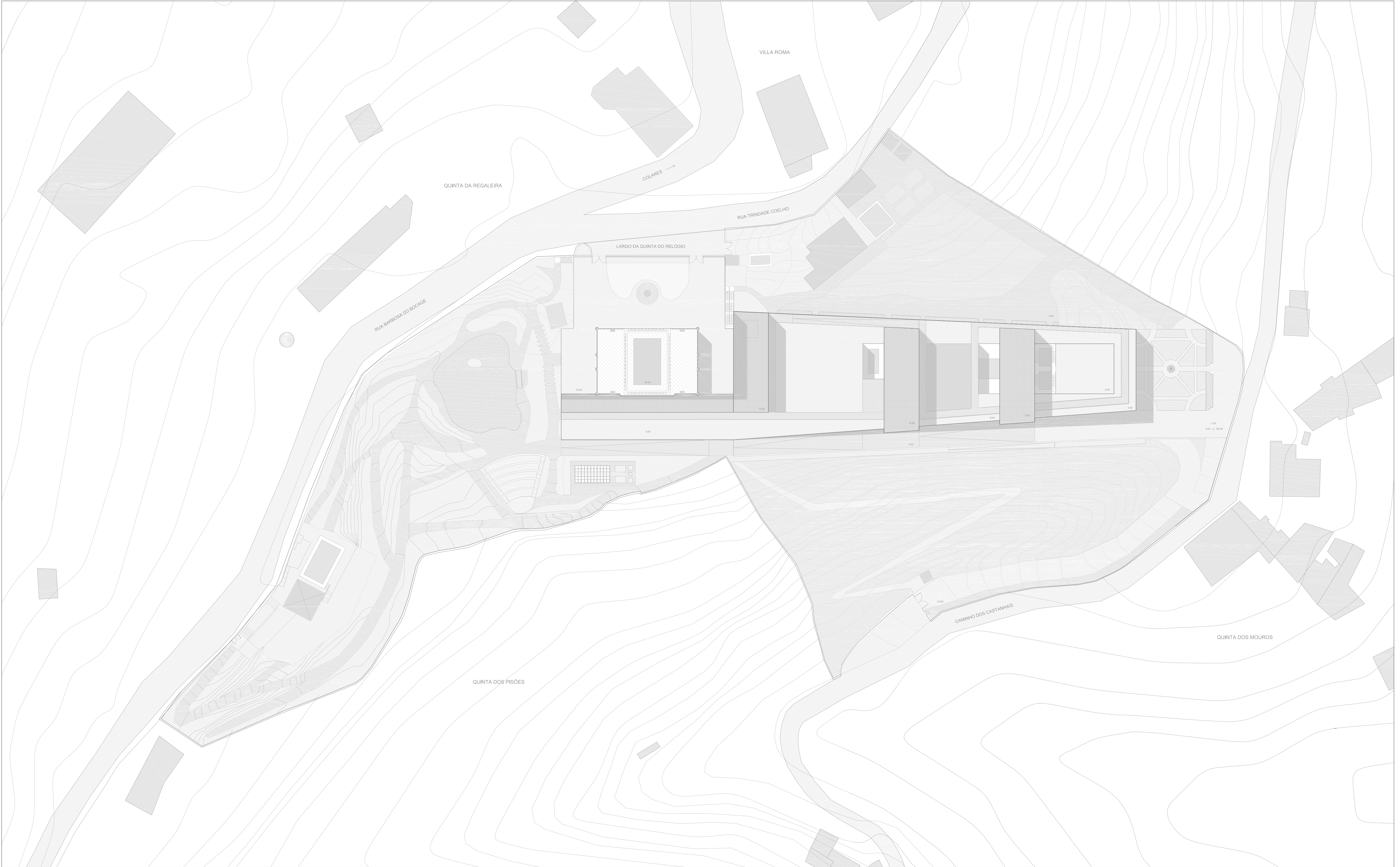




|   |            |   |
|---|------------|---|
| PLANTA GERAL<br>DA<br>QUINTA DO RELÓGIO | ORIENTAÇÃO |  N |
|   | ESCALA     | 1 / 500   |








|                       |            |   |
|-----------------------|------------|---|
| PLANTA DE IMPLANTAÇÃO | ORIENTAÇÃO |  N |
|                       | ESCALA     | 1 / 500   |



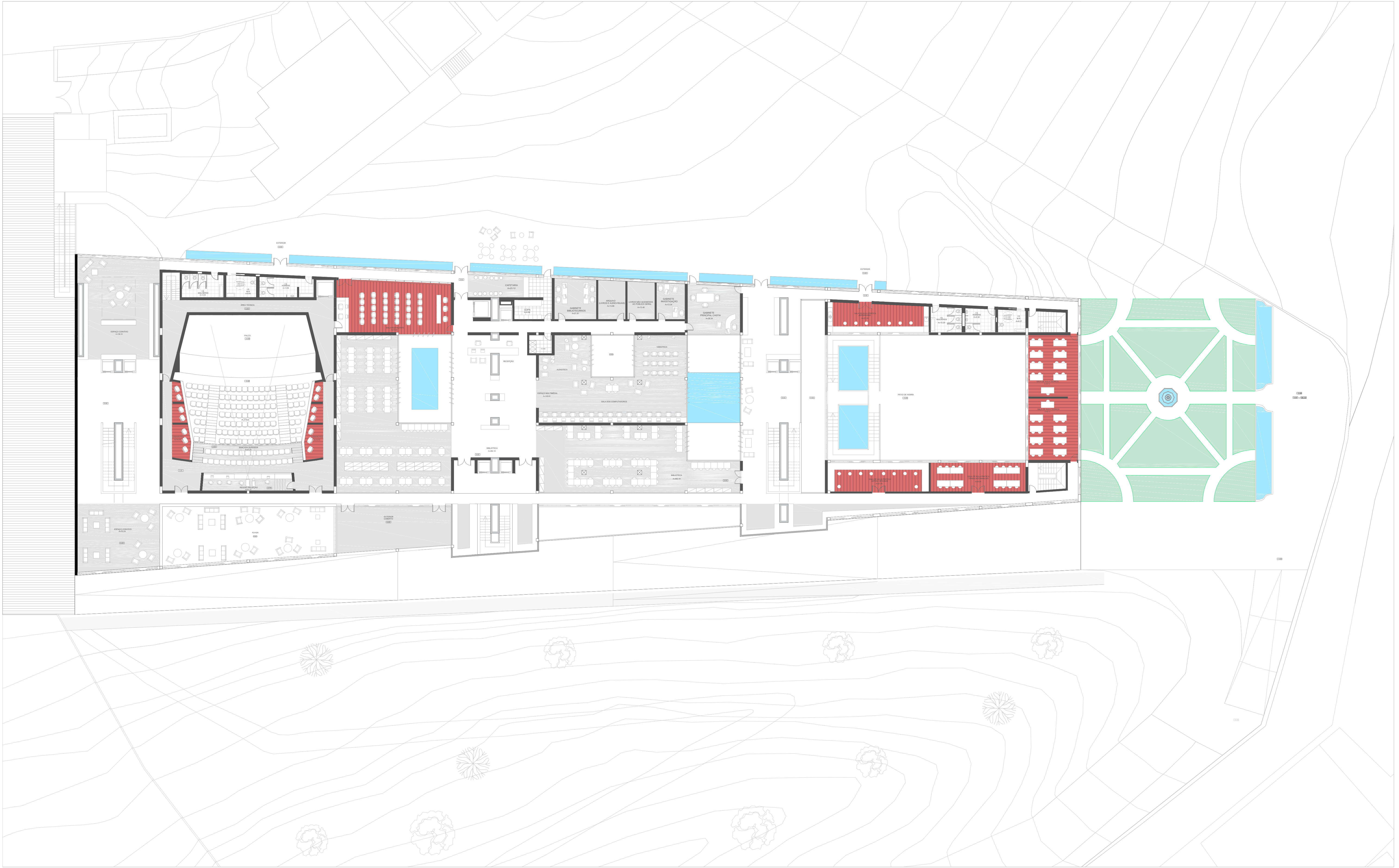





|                                       |            |   |
|---------------------------------------|------------|---|
| PLANTAS                               | ORIENTAÇÃO |  |
| INSTITUTO CASA DAS CULTURAS<br>PISO 0 | ESCALA     | 1 / 200   |








|                                       |            |   |
|---------------------------------------|------------|---|
| PLANTAS                               | ORIENTAÇÃO |  N |
| INSTITUTO CASA DAS CULTURAS<br>PISO 1 | ESCALA     | 1 / 200   |





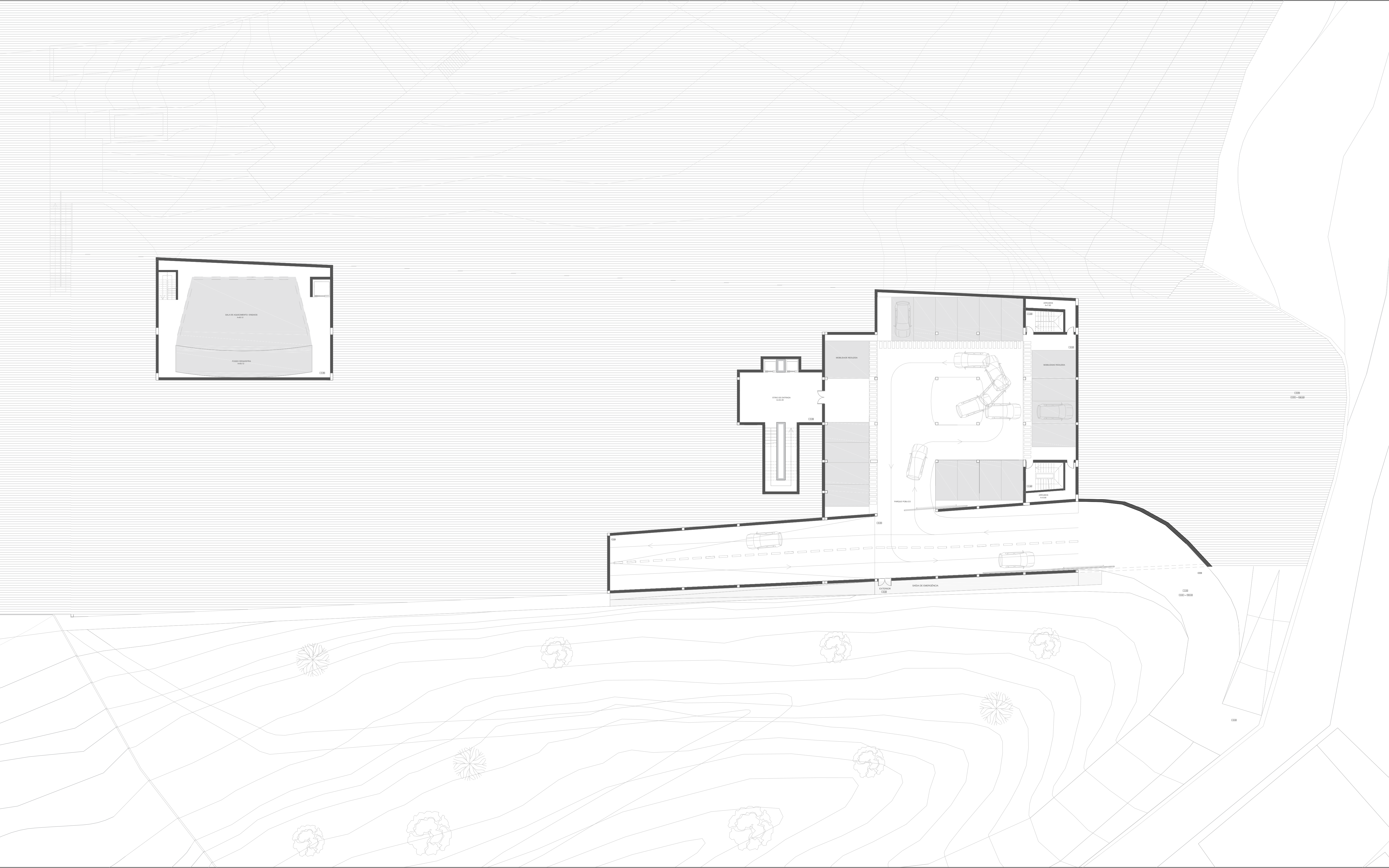


|                                       |            |   |
|---------------------------------------|------------|---|
| PLANTAS                               | ORIENTAÇÃO |  N |
| INSTITUTO CASA DAS CULTURAS<br>PISO 2 | ESCALA     | 1 / 200   |





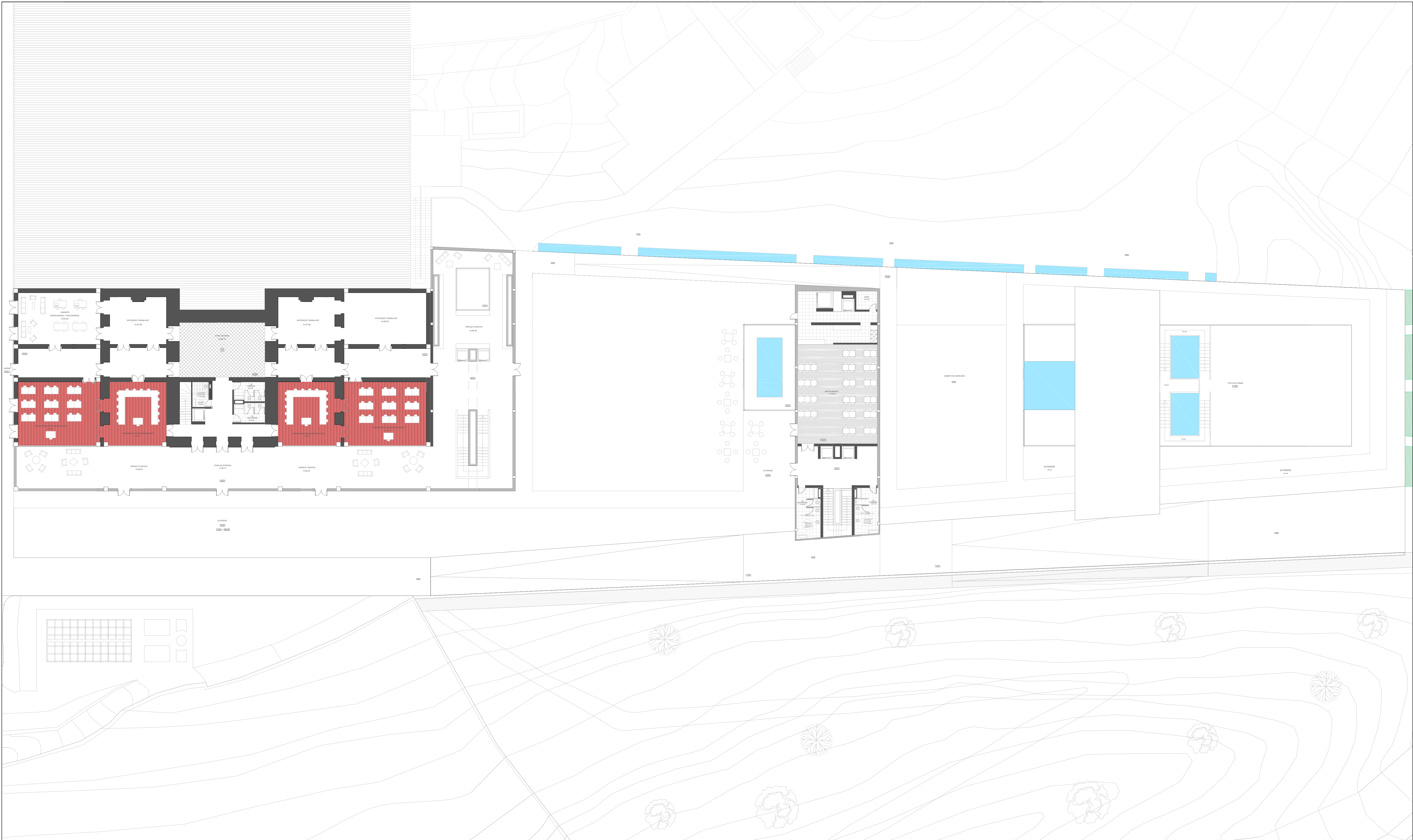




|  |            |   |
|--|------------|---|
| PLANTAS                                | ORIENTAÇÃO |  N |
| INSTITUTO CASA DAS CULTURAS<br>PISO -2 | ESCALA     | 1 / 200   |





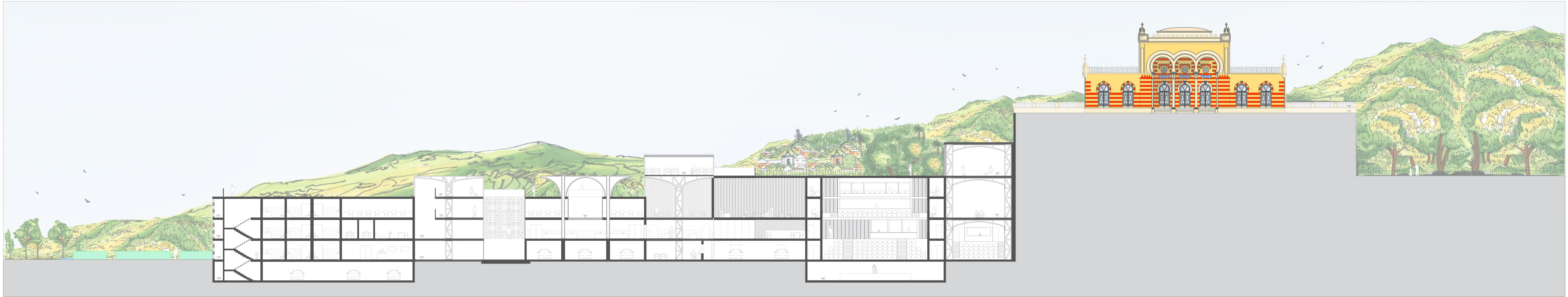


|   |            |   |
|---|------------|---|
| PLANTAS<br>INSTITUTO CASA DAS CULTURAS<br>PISO 3<br>CASA ÁRABE<br>PISO -2 | ORIENTAÇÃO |  N |
|   | ESCALA     | 1 / 200   |

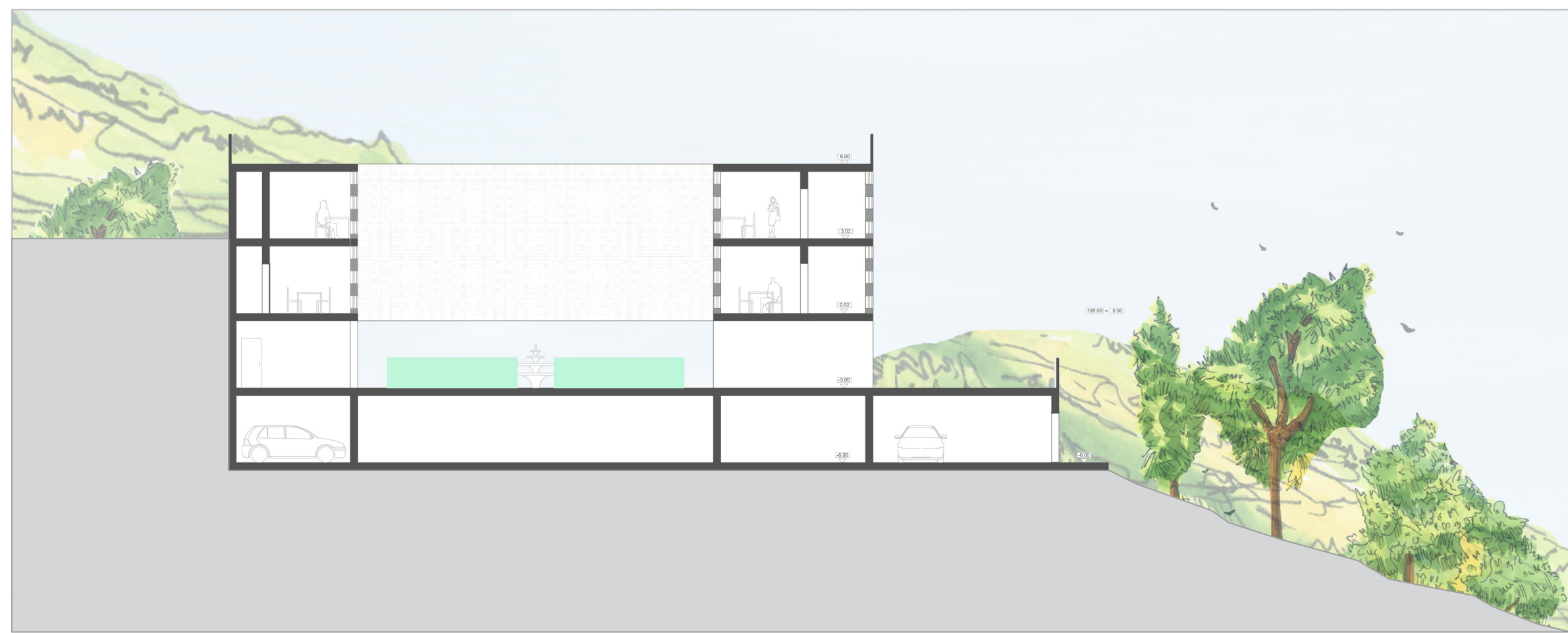
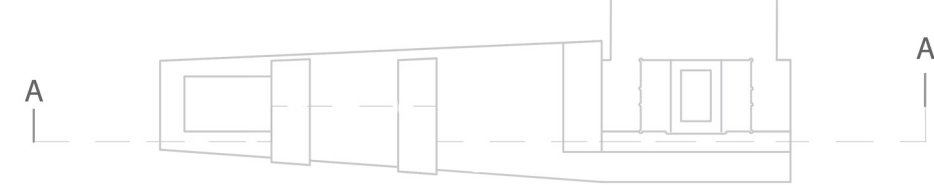




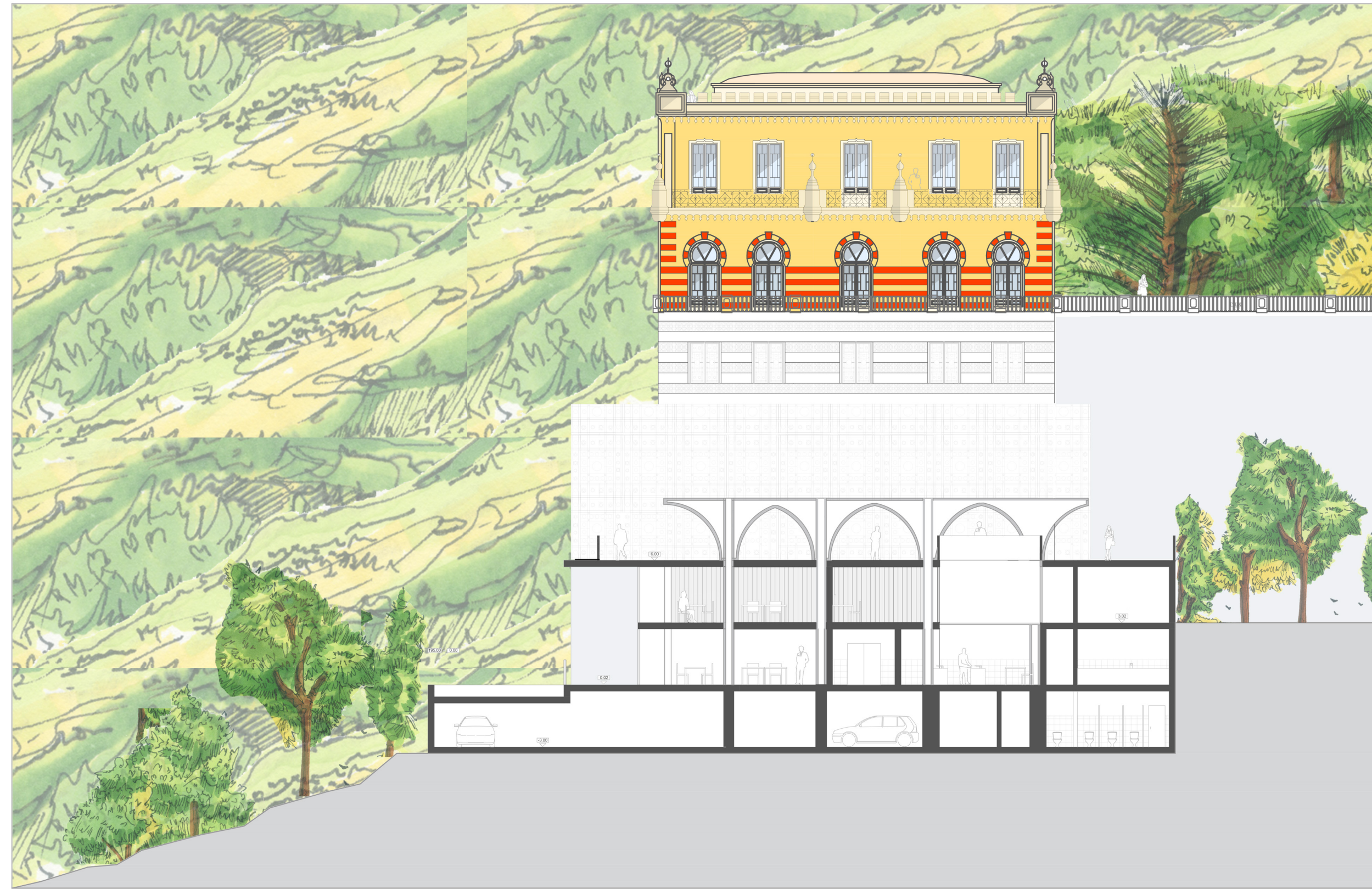
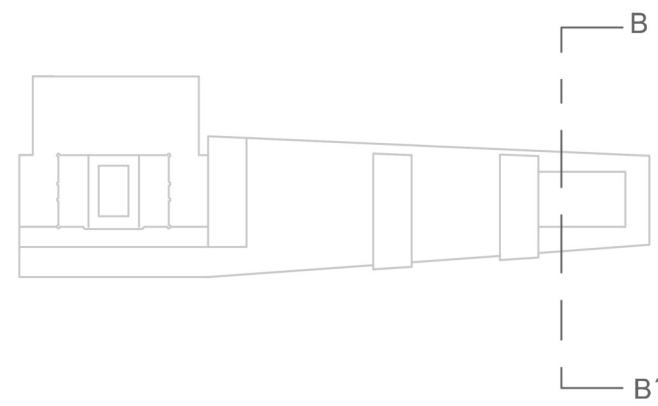




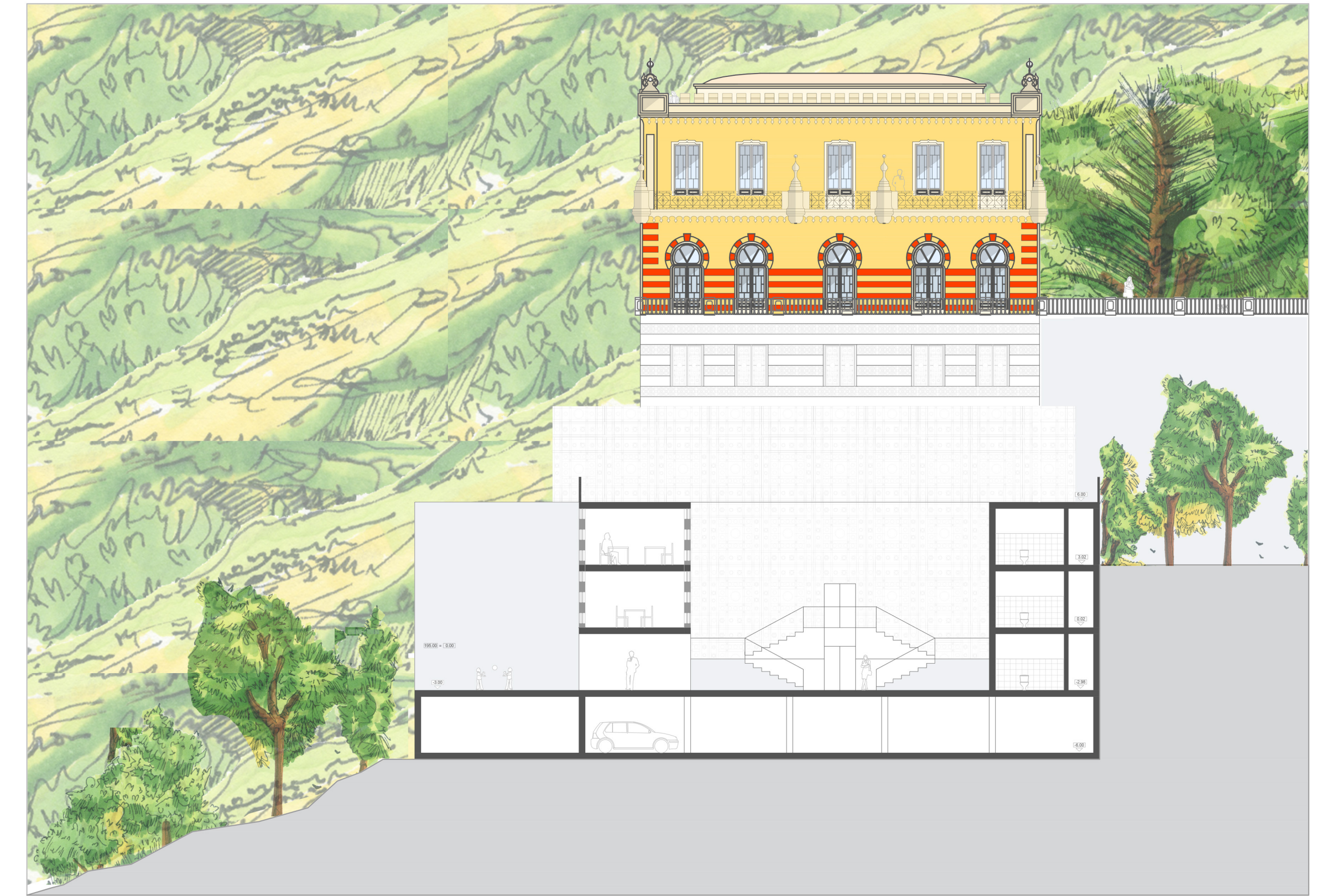
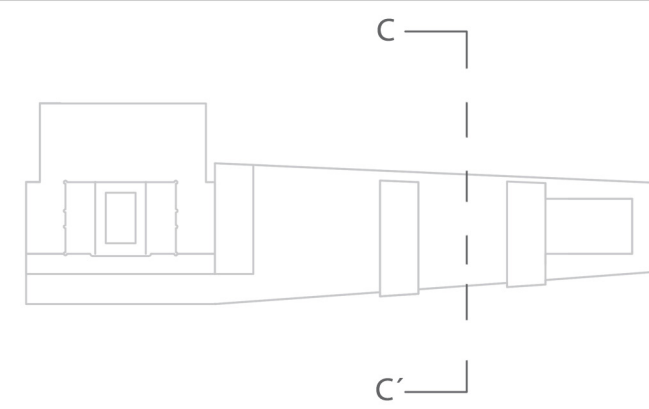
CORTE AA'



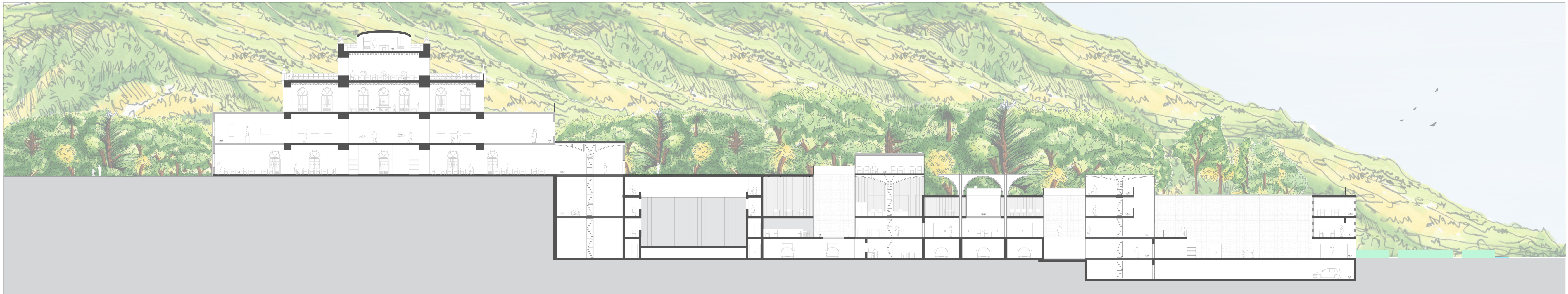
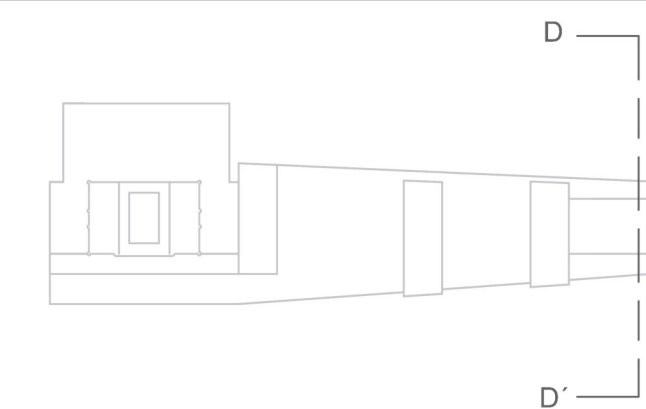
CORTE BB'



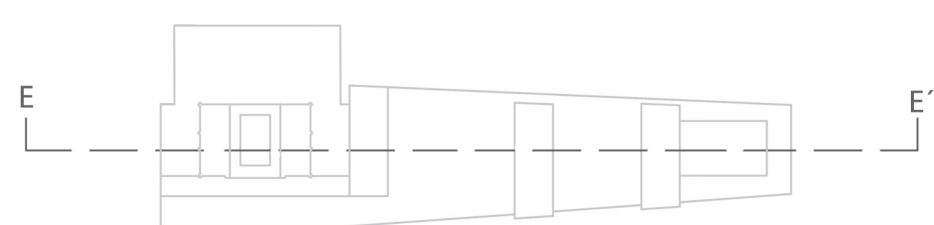
CORTE CC'



CORTE DD'



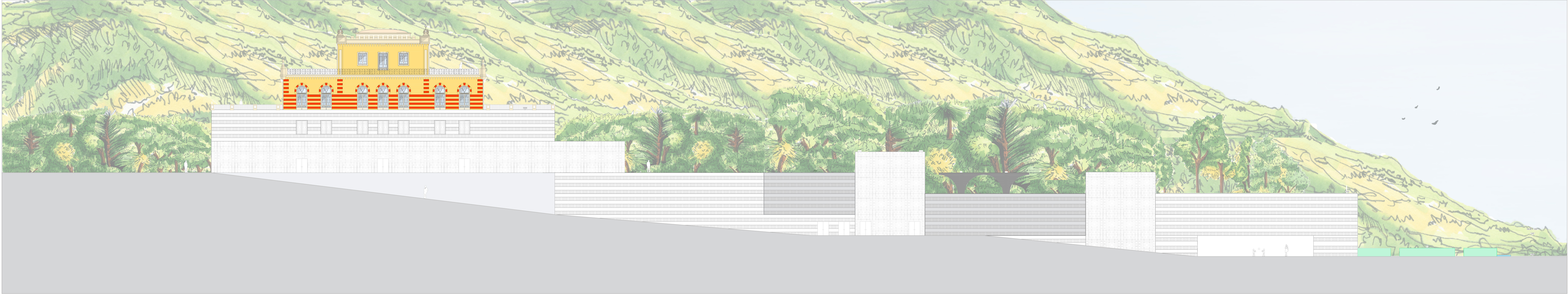
CORTE EE'



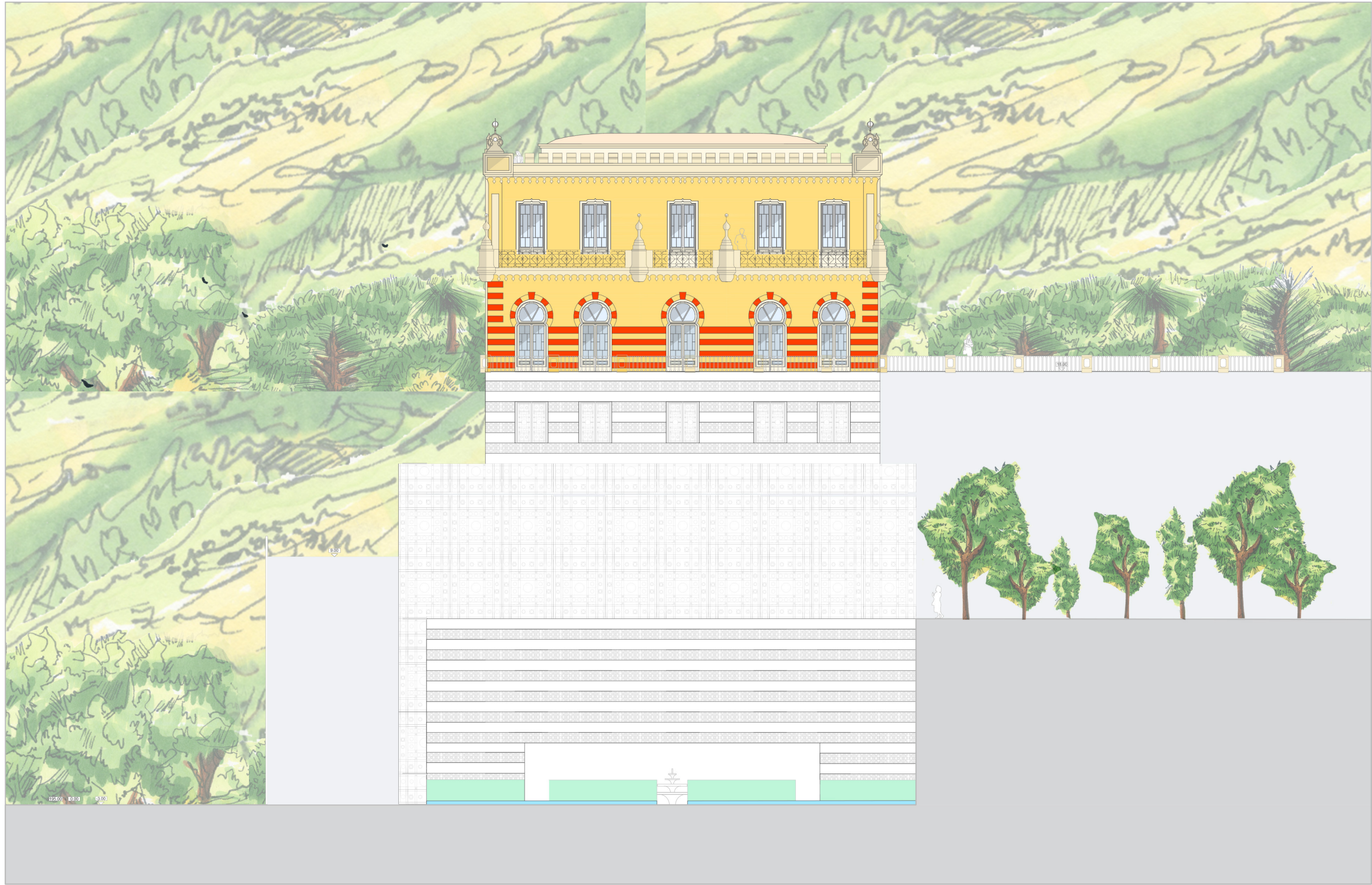
|        |            |         |
|--------|------------|---------|
| CORTES | ORIENTAÇÃO |         |
|        | ESCALA     | 1 / 200 |



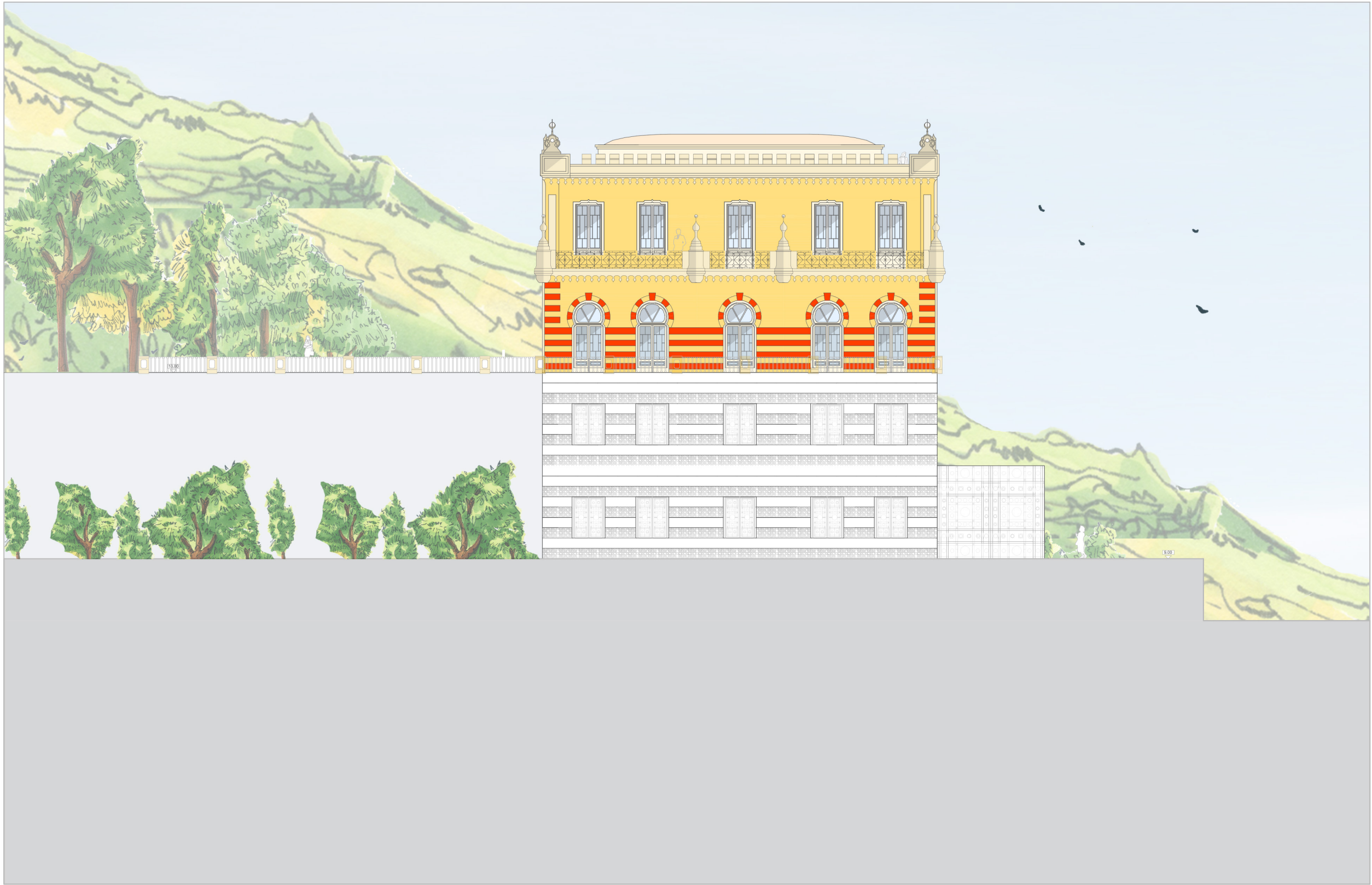




ALÇADO NASCENTE



ALÇADO NORTE

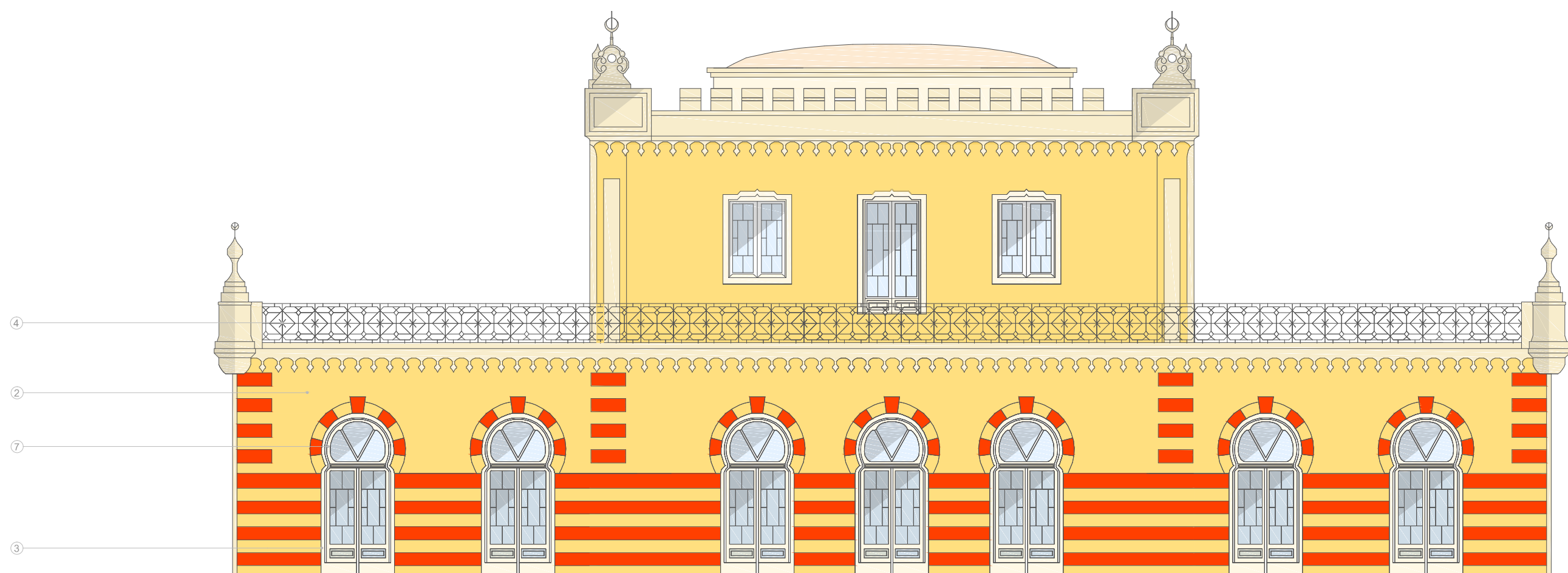


ALÇADO SUL

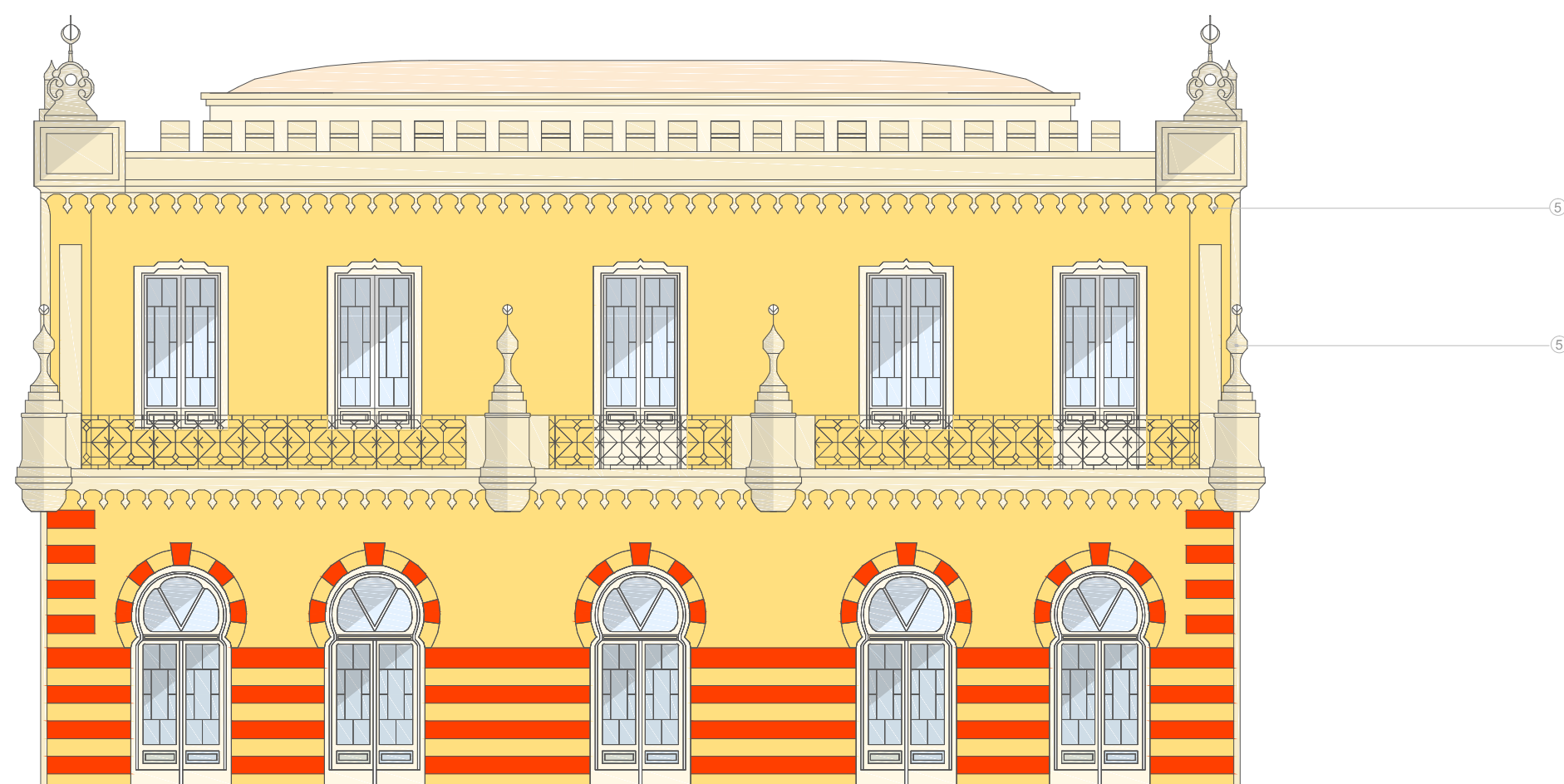
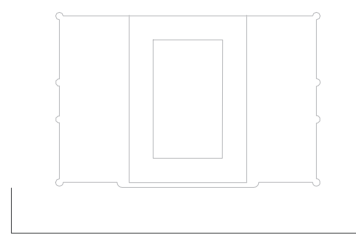


ALÇADO POENTE

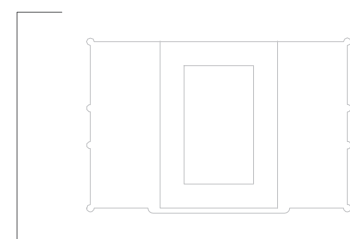




ALÇADO NASCENTE



ALÇADO SUL



Utilizados Métodos e materiais tradicionais

Óxido de ferro amarelo - encarnado

1 - Almagre

2 - Ocre

3 - Caixilharia madeira pintada a sangue boi escuro

4 - Serralharia de ferro pintada a castanho avermelhado escuro

5 - Elementos ornamentais

6 - Cartelas azuis com a inscrição árabe «Deus é o único vencedor»

7 - Arco de ferradura

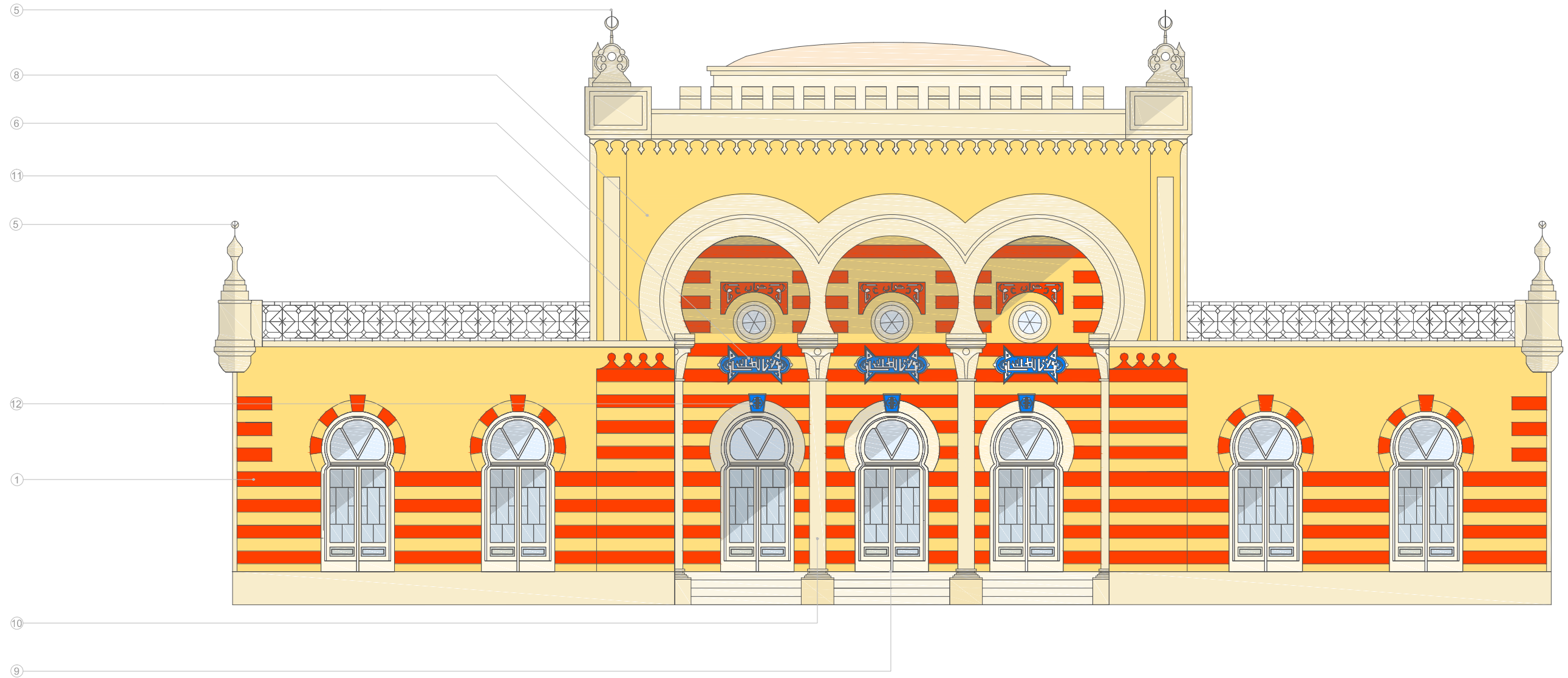
8 - Área revestida com formas geométricas florais

9 - Galilé enquadrada por três grandes Arcos em ferradura

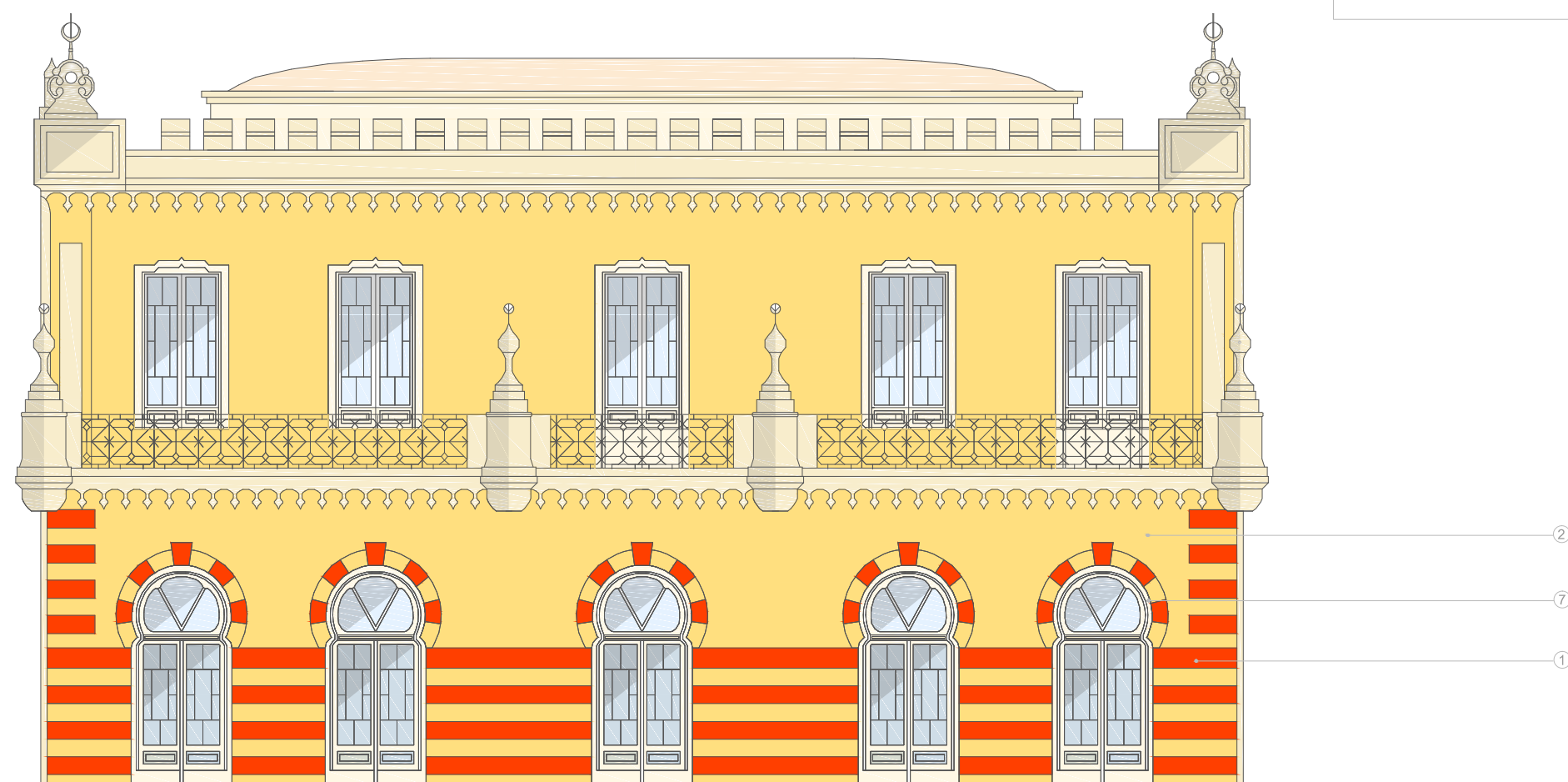
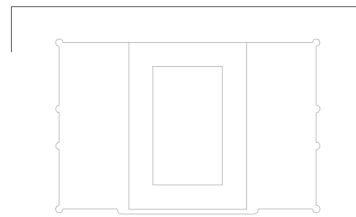
10 - Colunas lisas

11 - Capitéis decorados com motivos florais

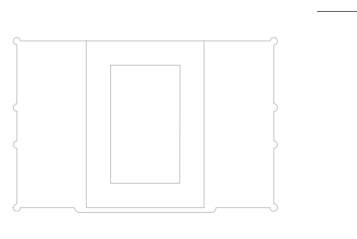
12 - Temas decorativos Mouriscos




ALÇADO POENTE



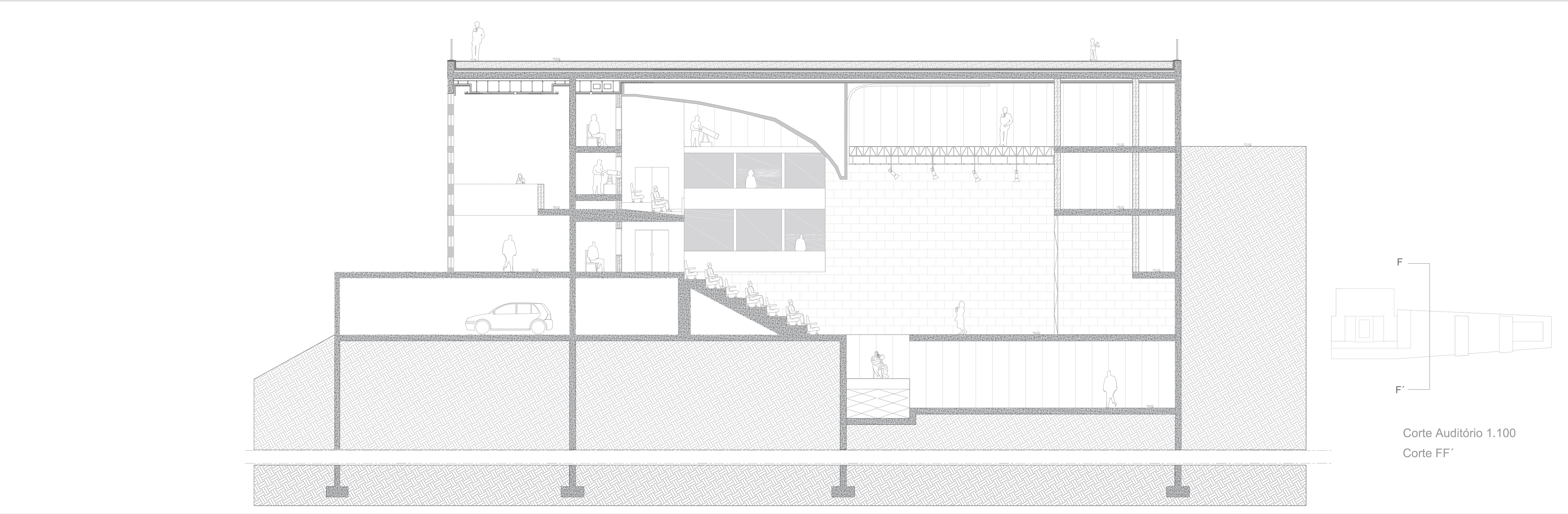
ALÇADO NORTE



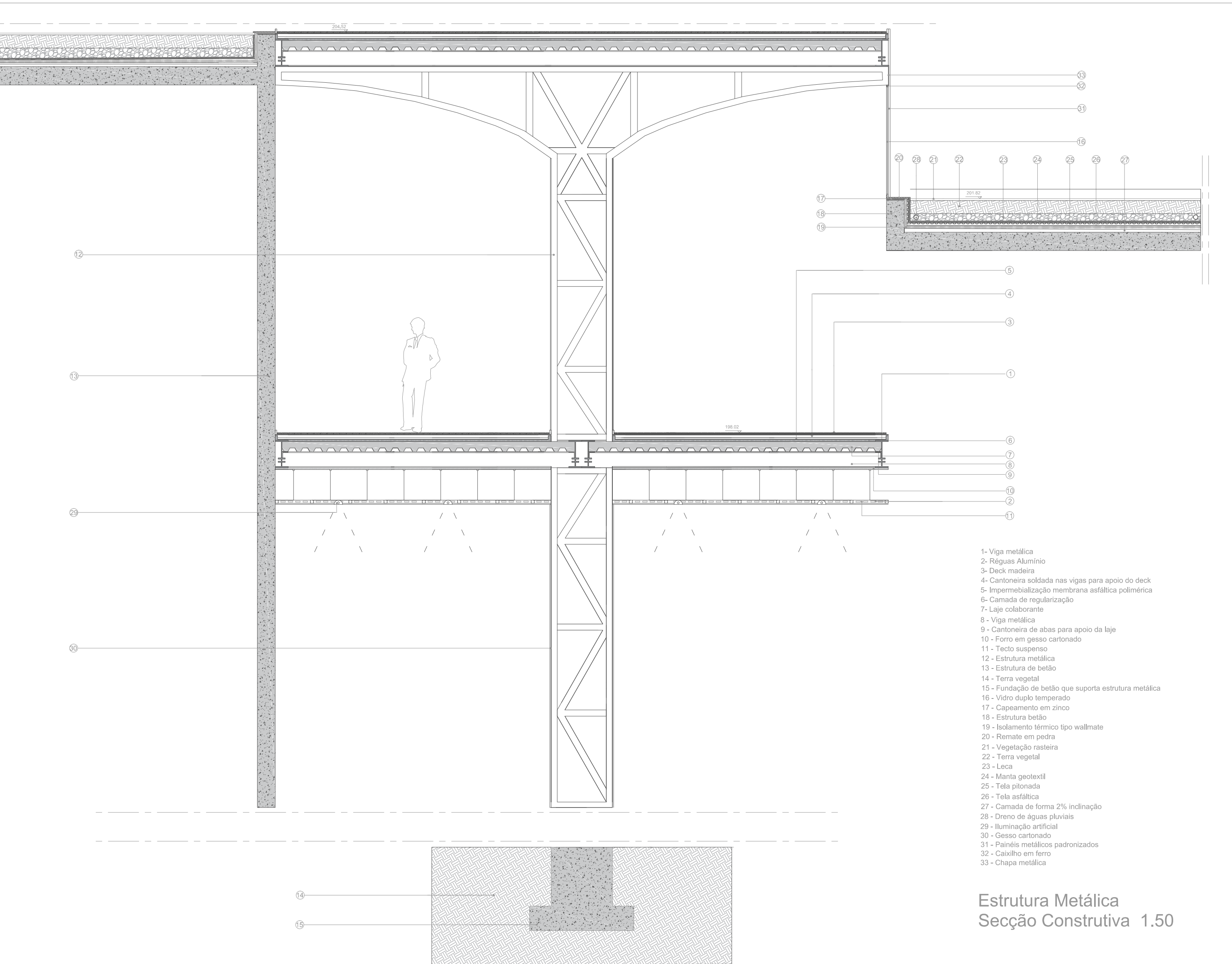
|                 |            |   |
|-----------------|------------|---|
| ALÇADOS PALÁCIO | ORIENTAÇÃO |  N |
|                 | ESCALA     | 1 / 100   |



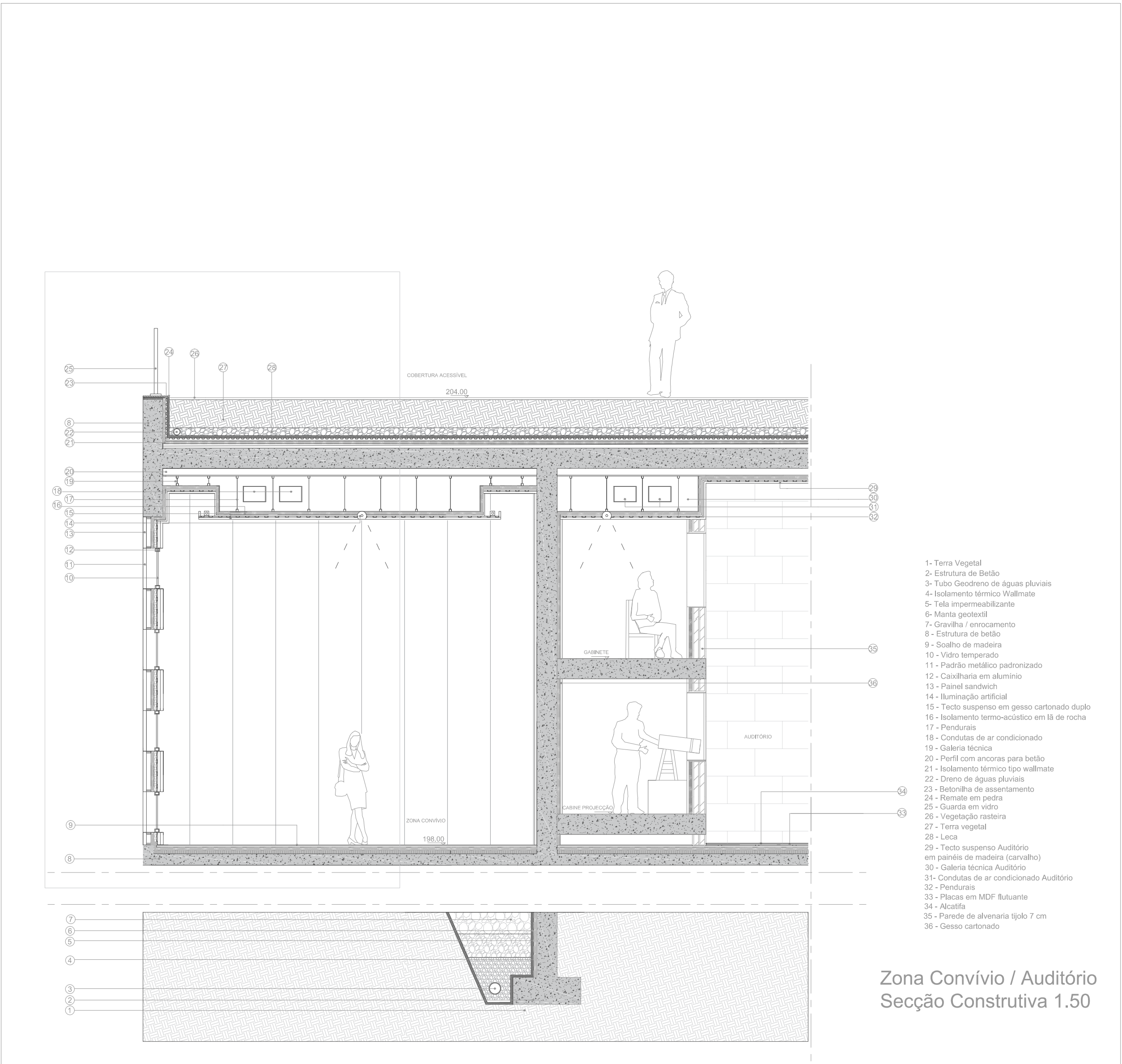




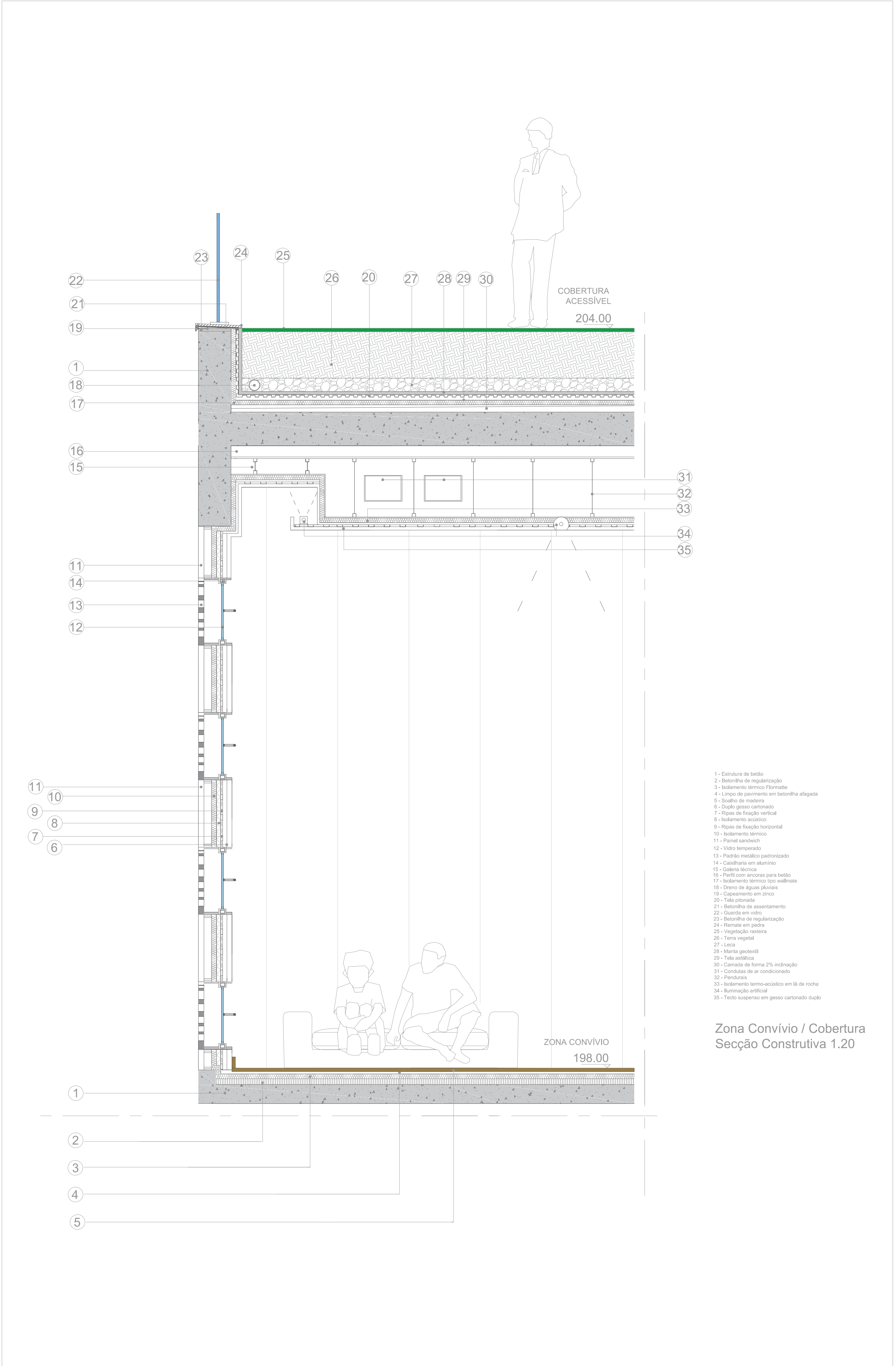
Corte Auditório 1.100  
Corte FF'



Estrutura Metálica  
Secção Construtiva 1.50



Zona Convívio / Auditório  
Secção Construtiva 1.50



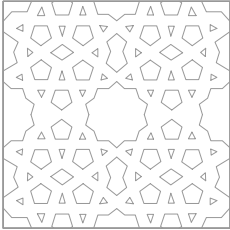
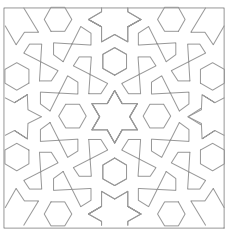
Zona Convívio / Cobertura  
Secção Construtiva 1.20

|                      |        |                  |
|----------------------|--------|------------------|
| CORTE AUDITÓRIO      | ESCALA | 1 / 100          |
| SECÇÕES CONSTRUTIVAS | ESCALA | 1 / 50<br>1 / 20 |



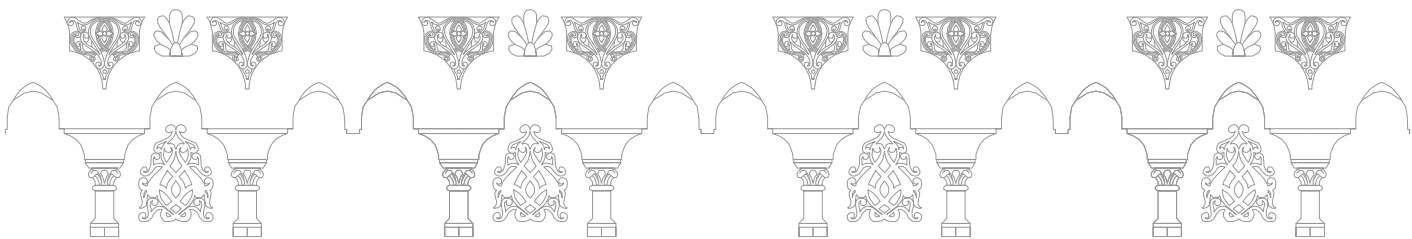


ELEMENTOS DECORATIVOS NO INTERIOR DO PALÁCIO



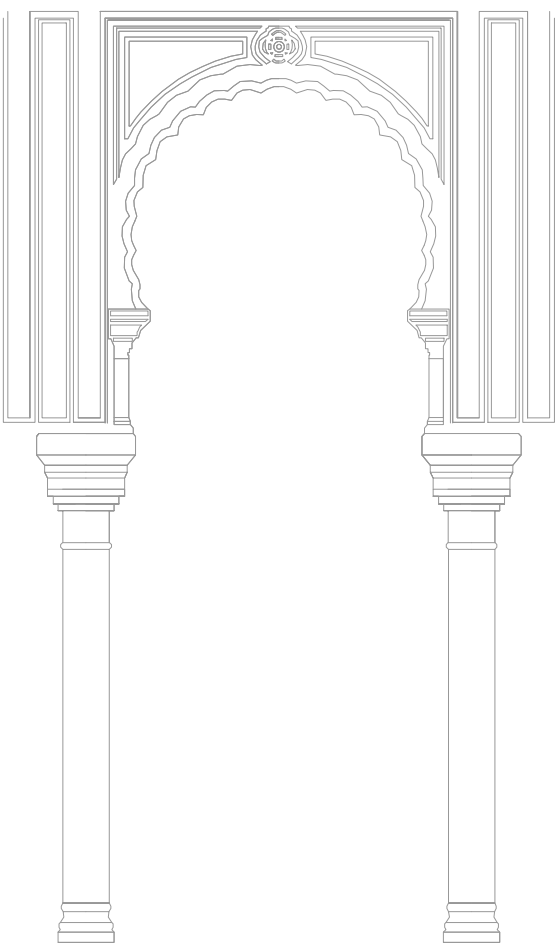
PAVIMENTO PADRÃO ÁTRIO DE ENTRADA 1 / 20

1



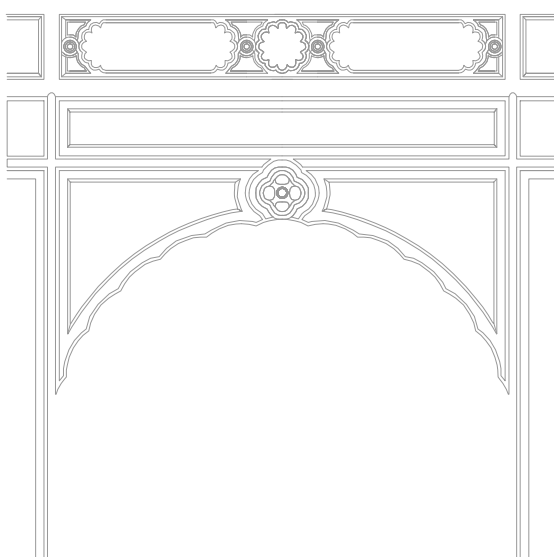
DECORAÇÃO PAREDES ÁTRIO DE ENTRADA 1 / 20

2



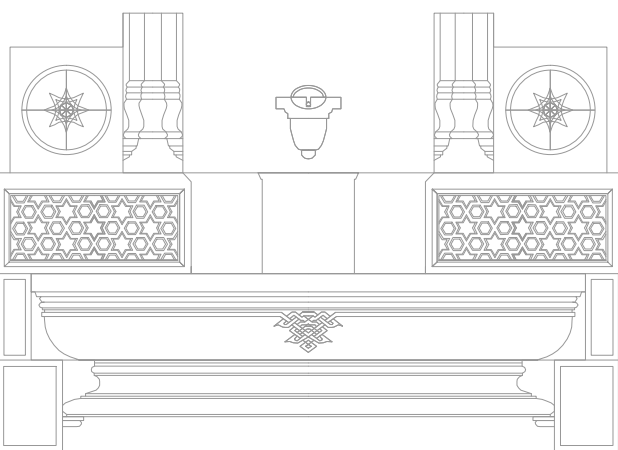
ARCO NO ÁTRIO DE ENTRADA 1 / 50

3



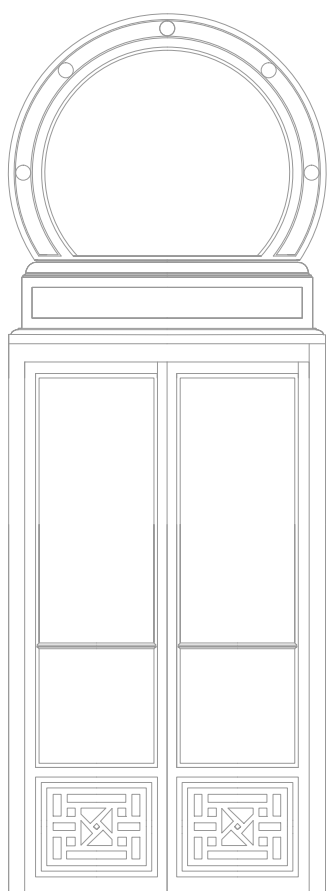
ARCO DECORATIVO 1 / 50

4



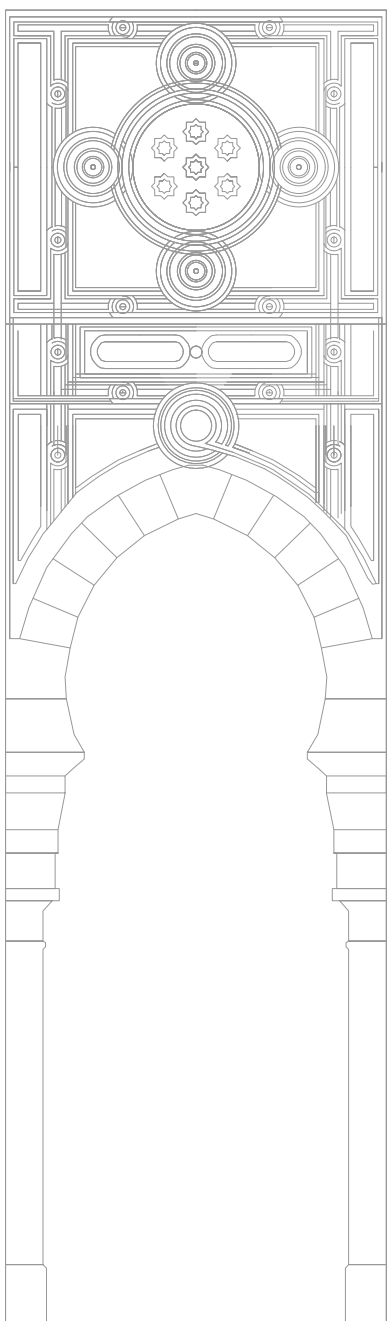
FORTE PRESENTE ÁTRIO DE ENTRADA 1 / 20

5



PORTA INTERIOR 1 / 50

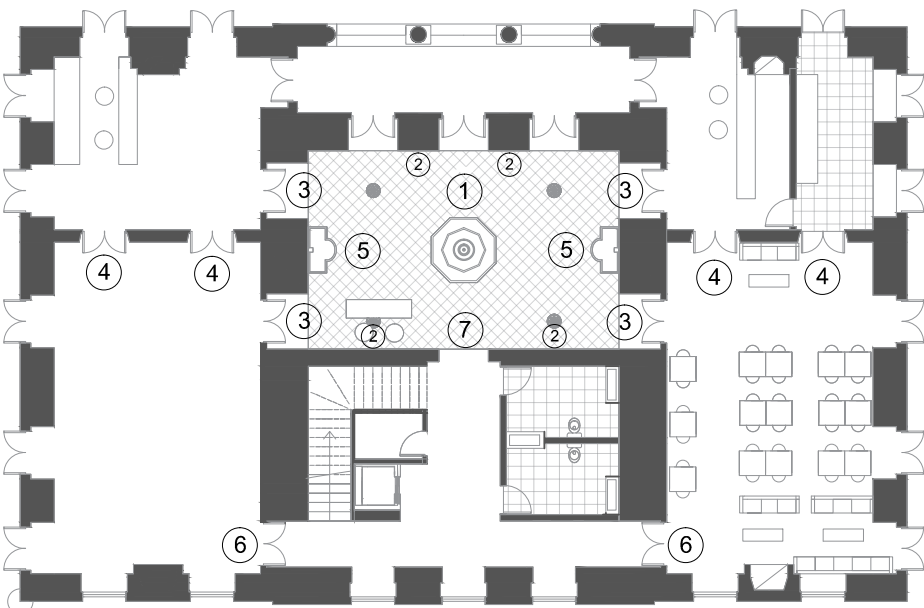
6



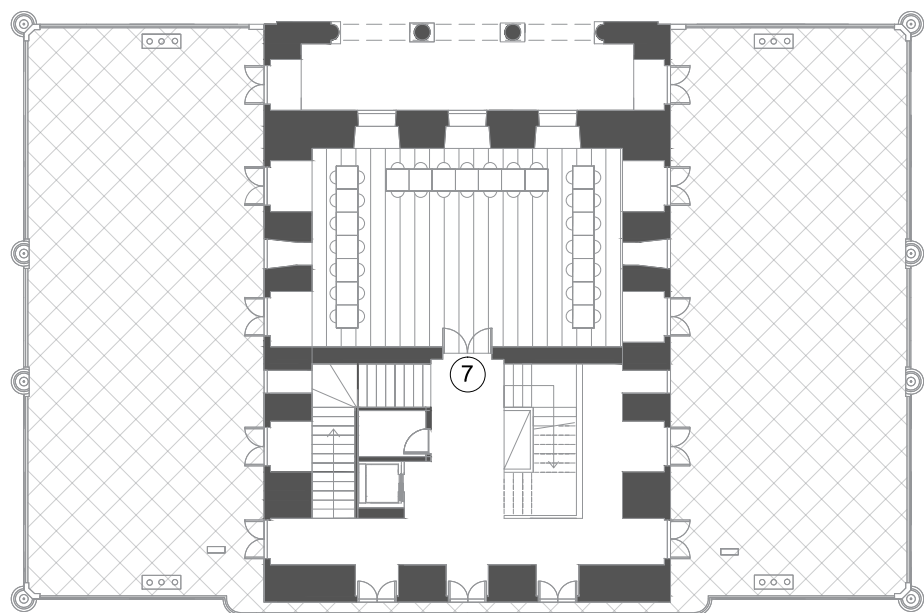
ARCO CENTRAL 1 / 50

7

LOCALIZAÇÃO DOS ELEMENTOS DECORATIVOS NO PALÁCIO

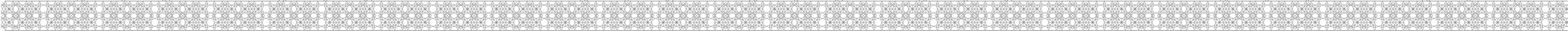
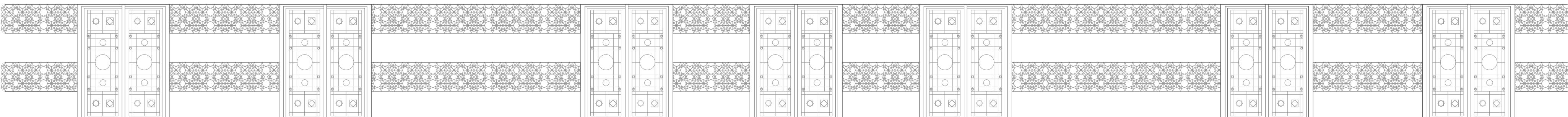
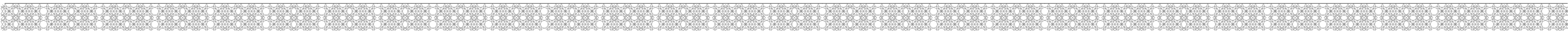


PISO 0

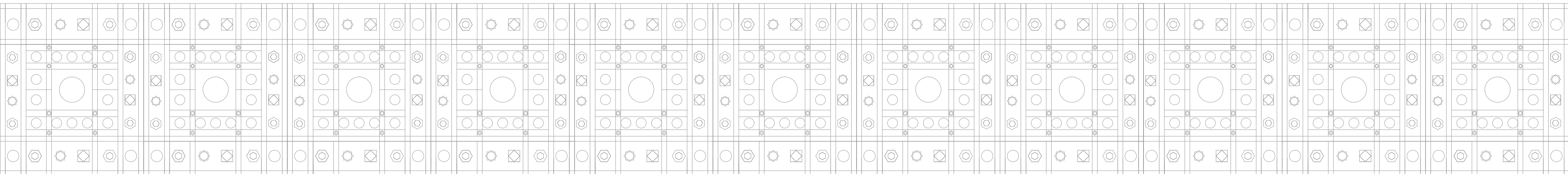


PISO 1

PADRÕES GEOMÉTRICOS PRESENTES NAS FACHADAS

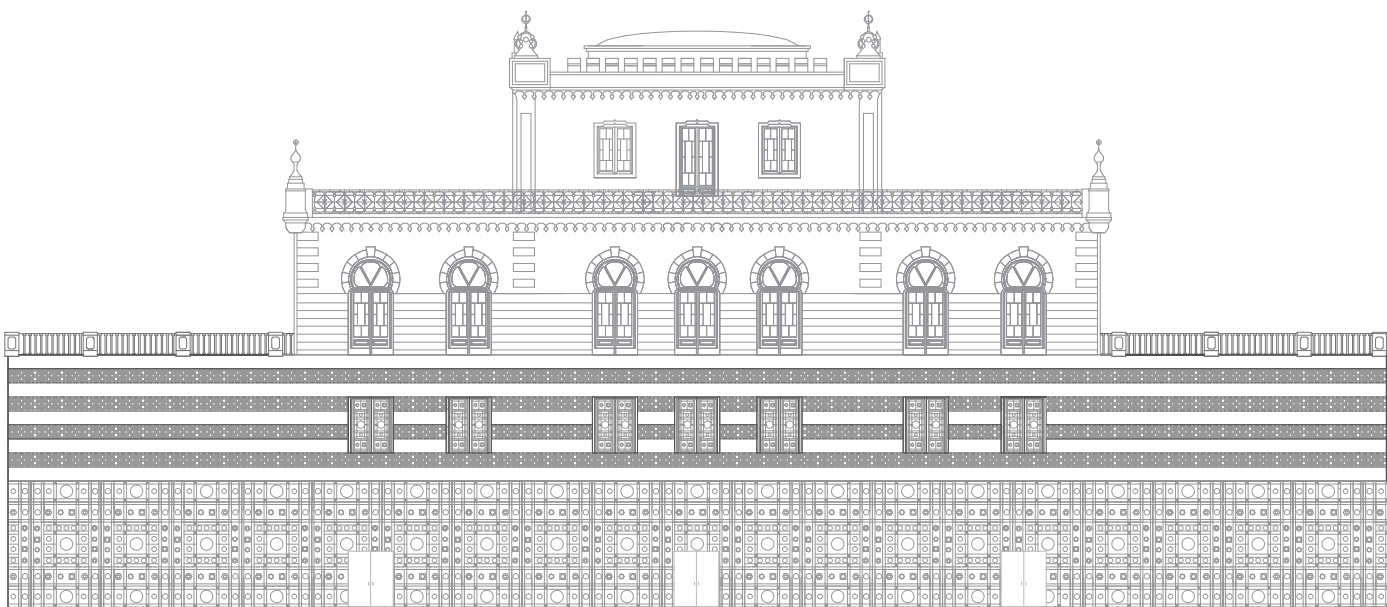


GRELHAS METÁLICAS PADRONIZADAS



PAINÉIS PRESENTES NAS 'CAIXAS'

LOCALIZAÇÃO DOS PADRÕES GEOMÉTRICOS

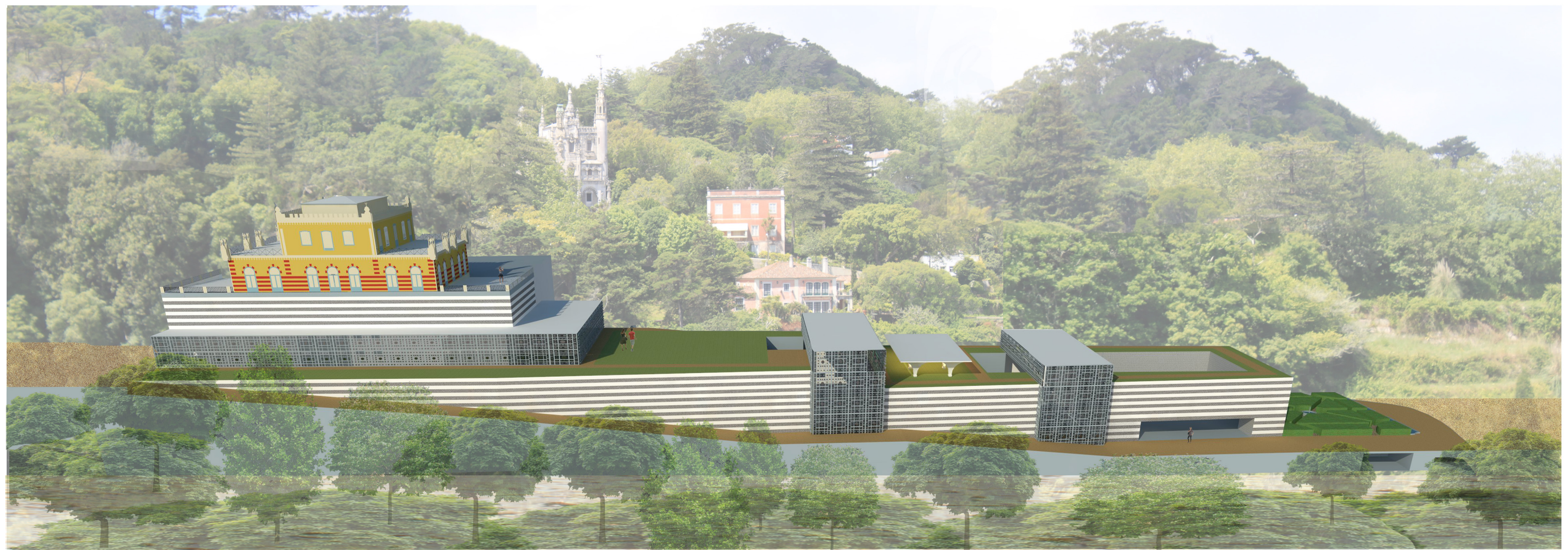


ALÇADO NASCENTE

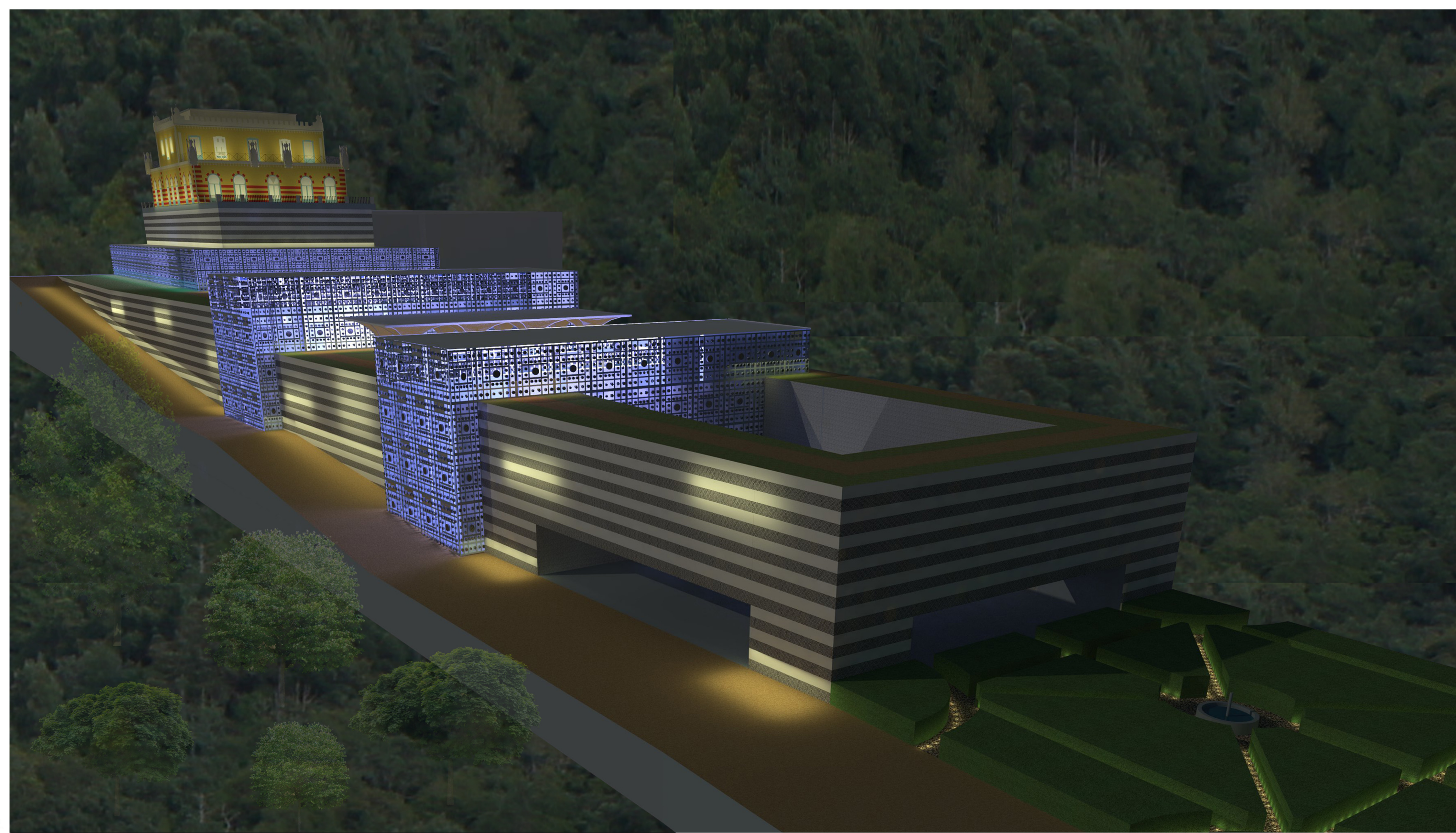
|  |        |                  |
|--|--------|------------------|
| ELEMENTOS DECORATIVOS NO INTERIOR DO PALÁCIO | ESCALA | 1 / 20<br>1 / 50 |
| PADRÕES GEOMÉTRICOS FACHADAS                 | ESCALA | 1 / 50           |



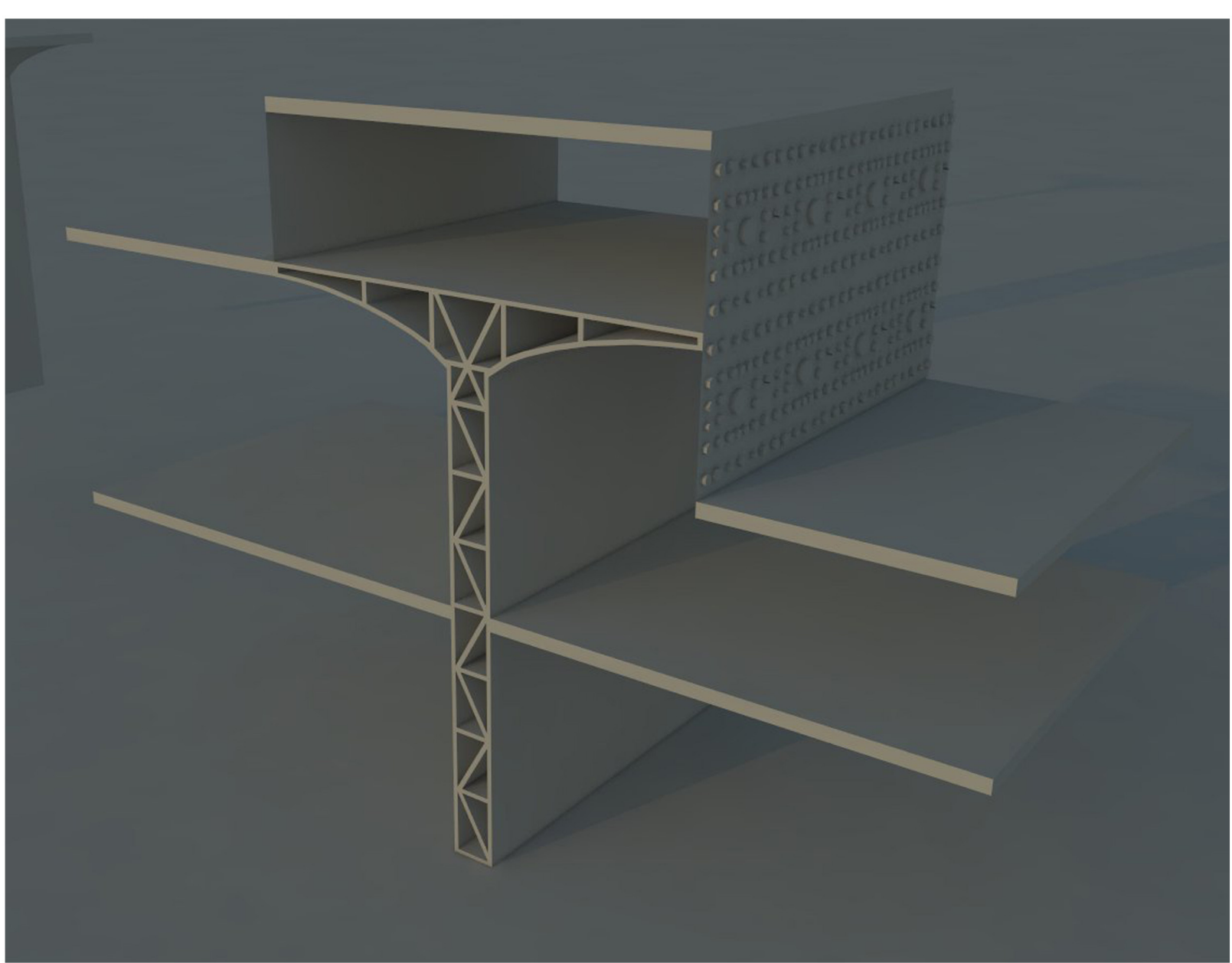
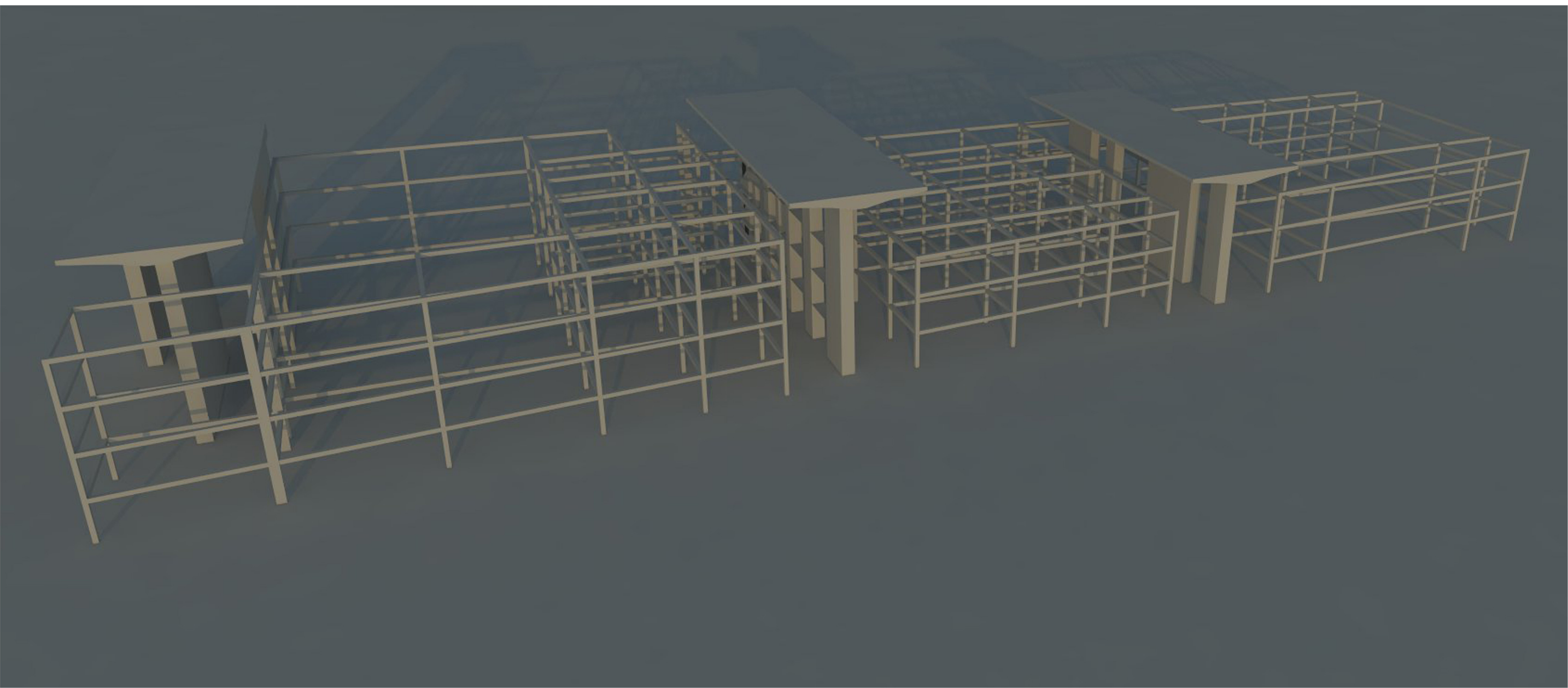
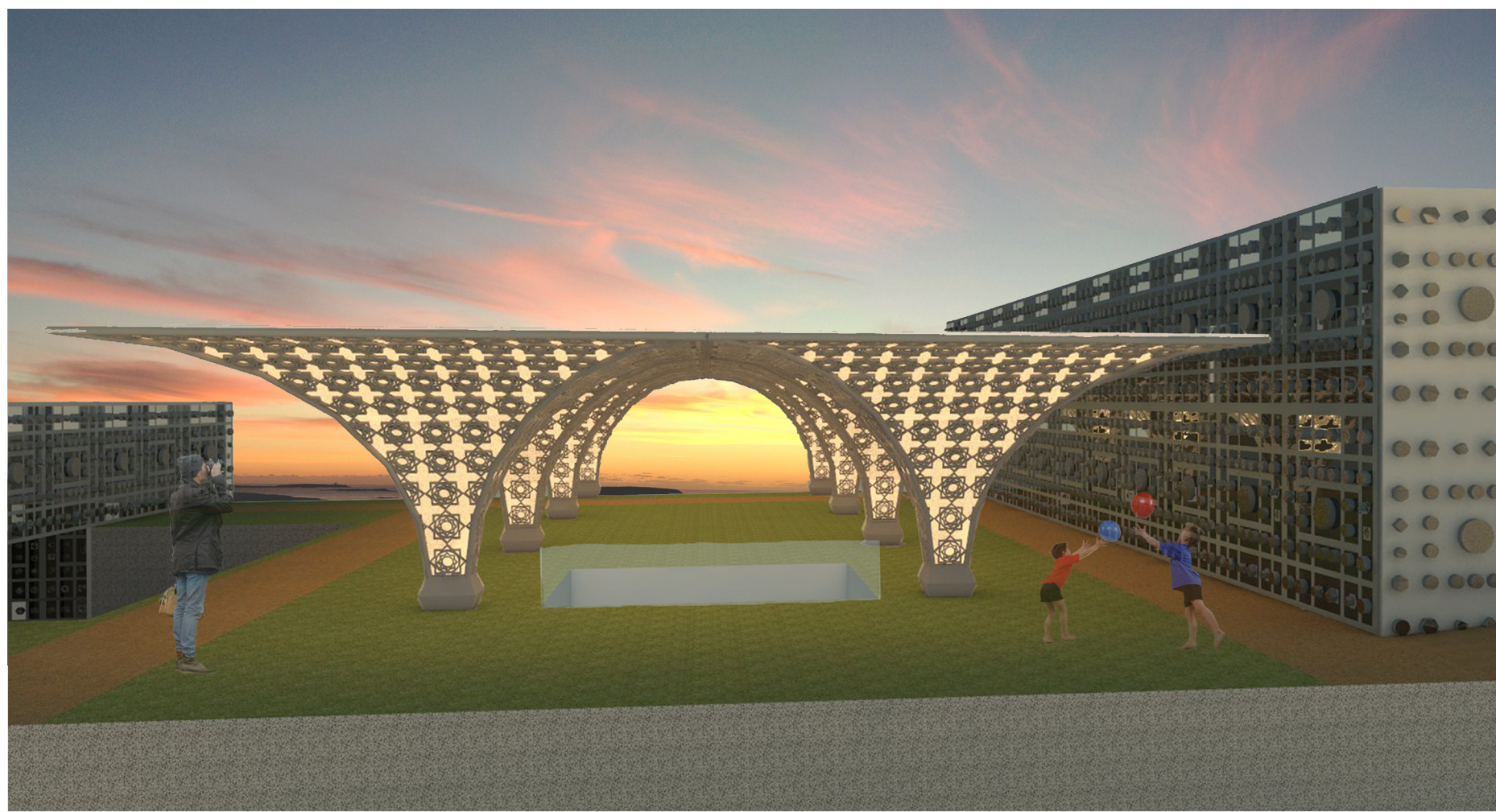
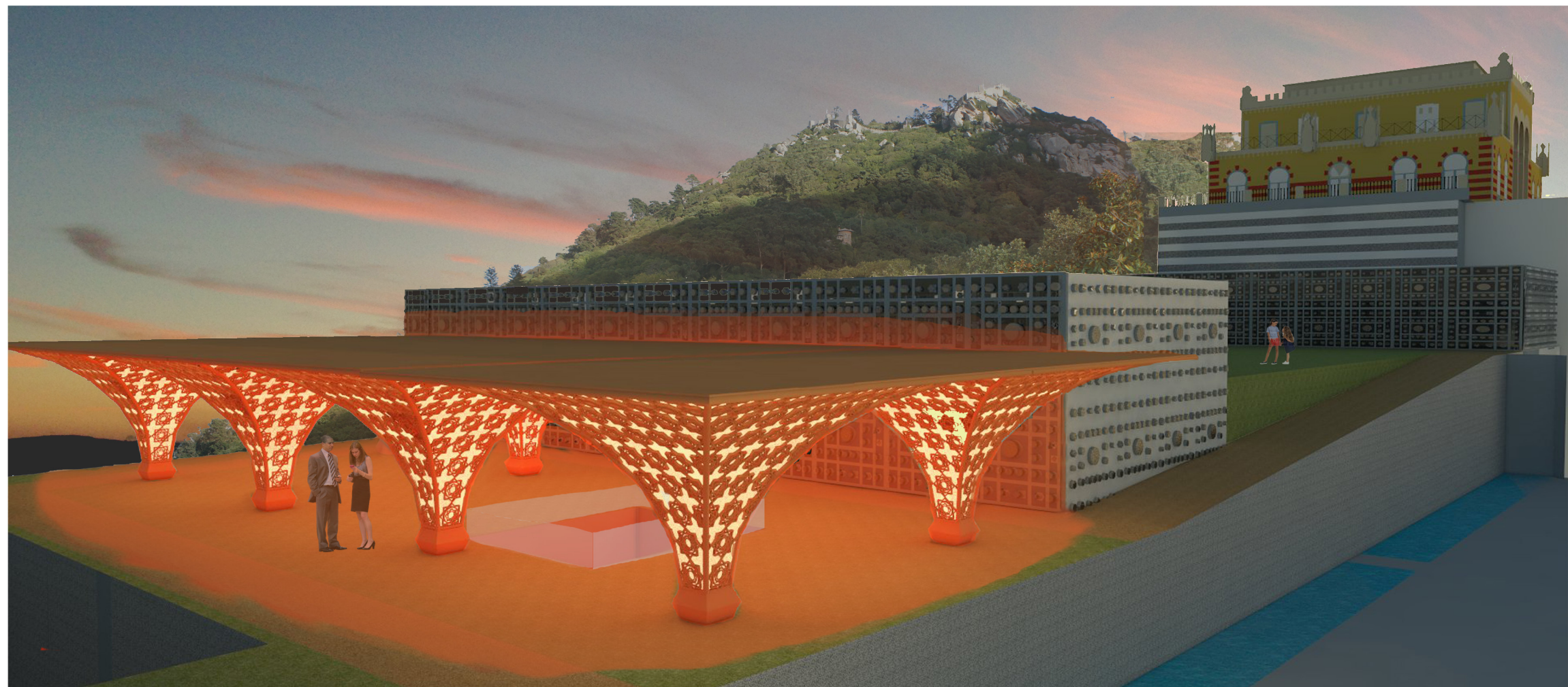












MODELO DIGITAL

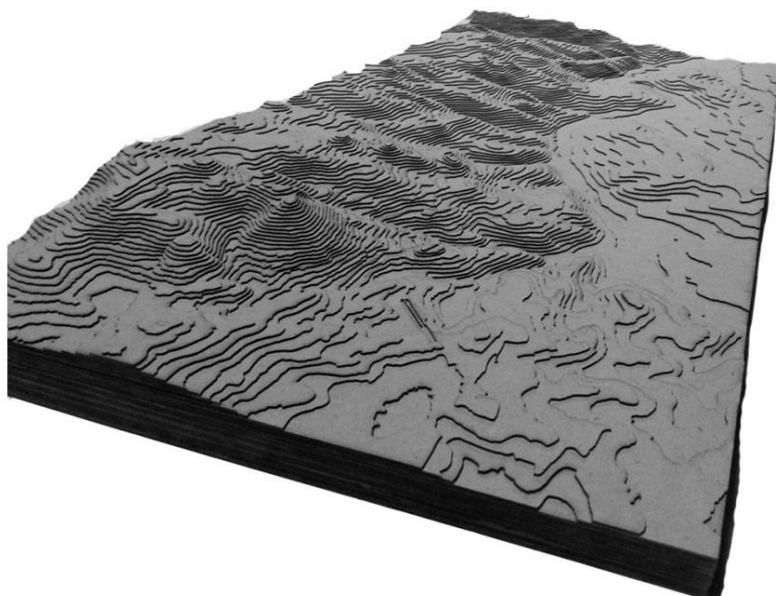
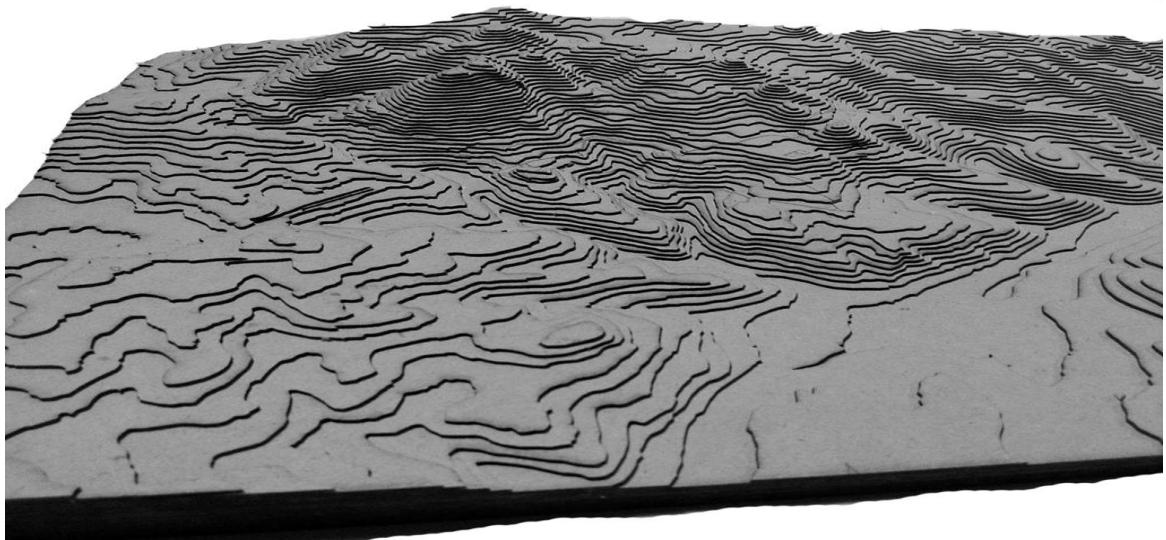
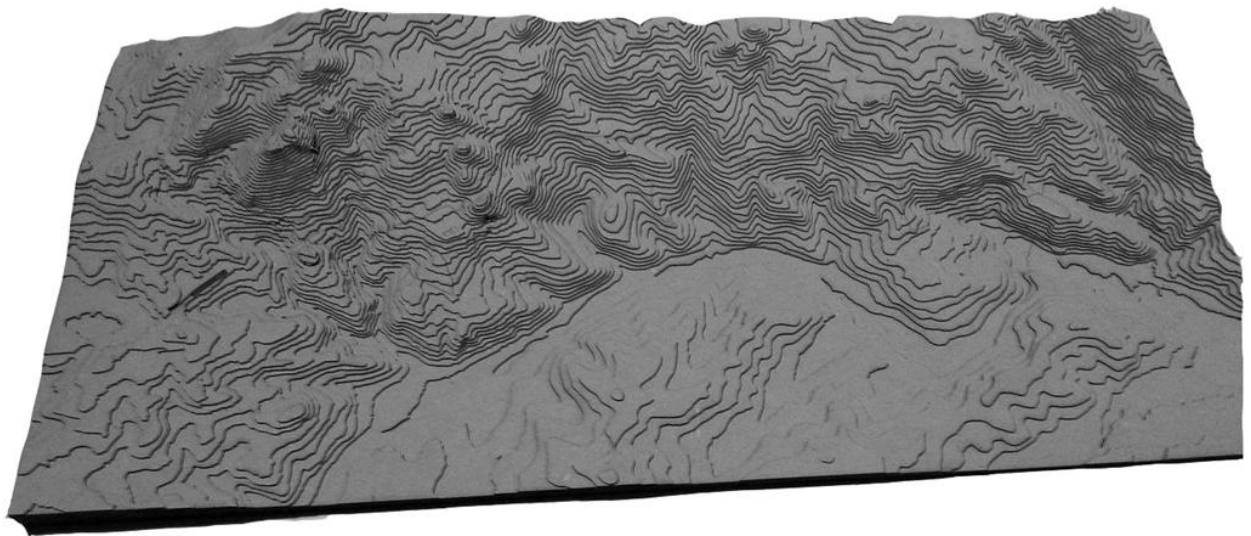
DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE O INTERIOR, ESTRUTURA DE MADEIRA, ESTRUTURA DO EDIFÍCIO, ROTEIRO ROMÂNTICO



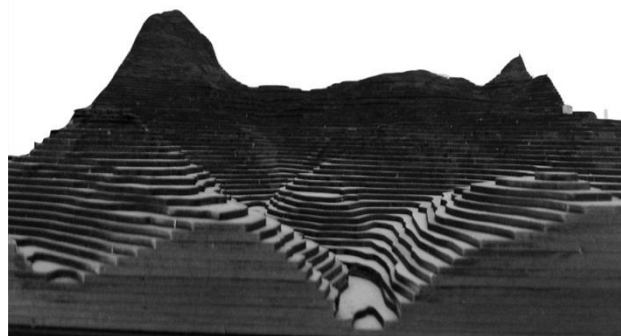
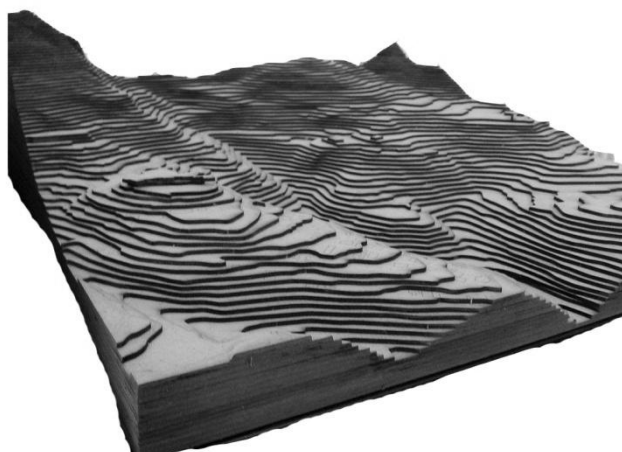
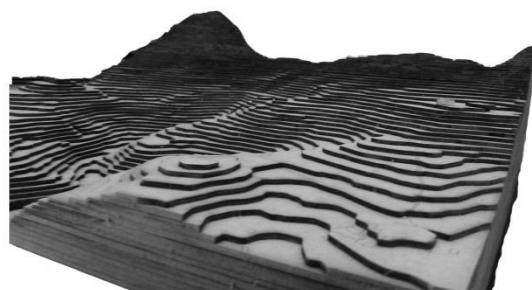
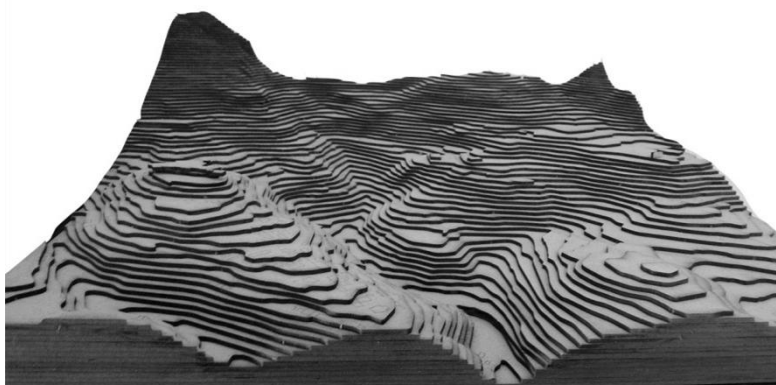
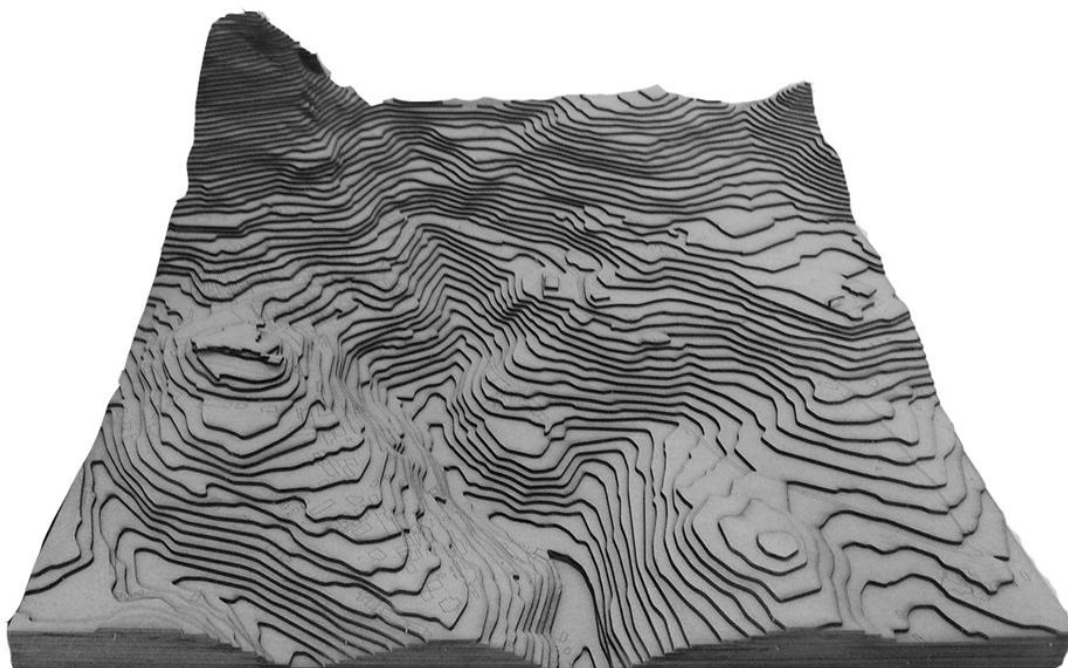


#### IV - Maquetes

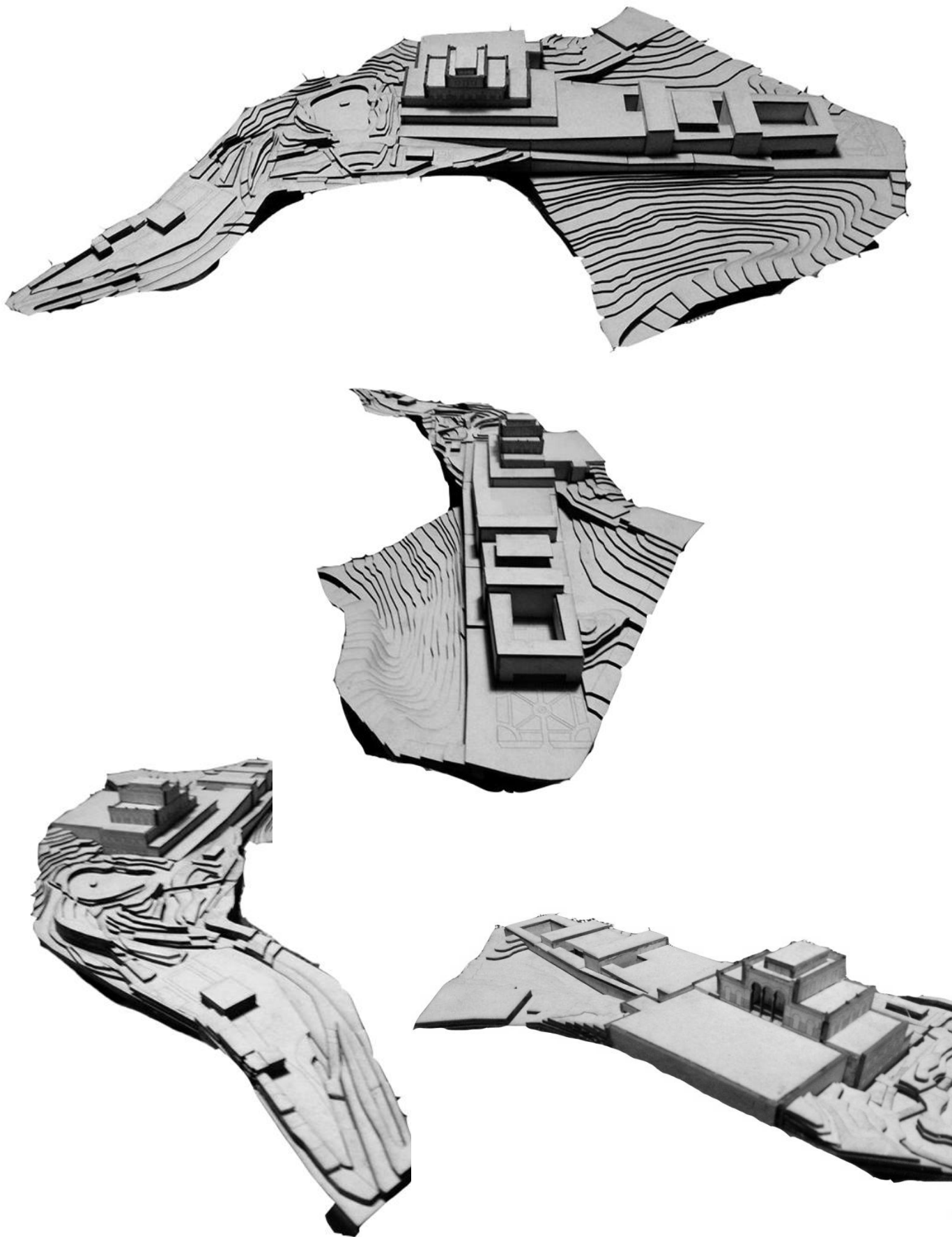
Maquete 1/10 000



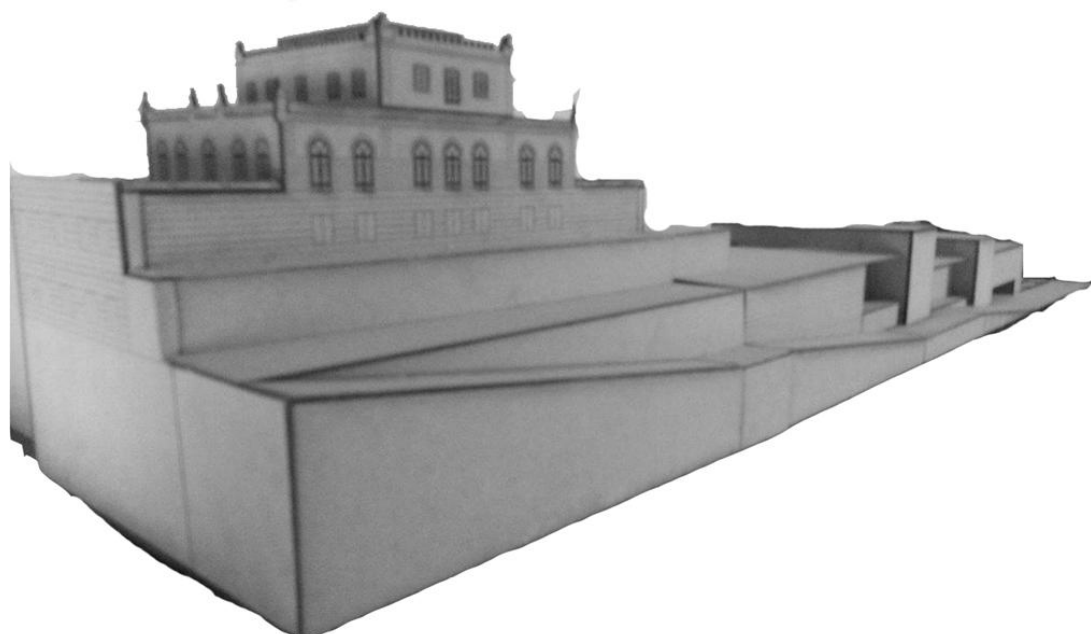
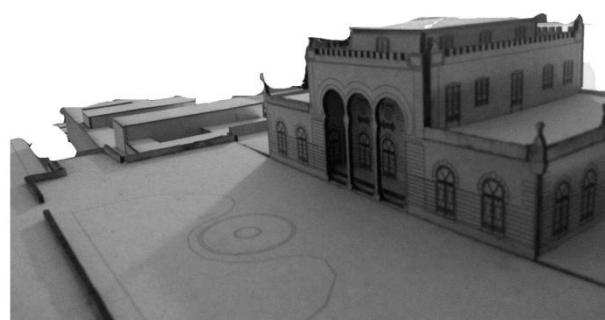
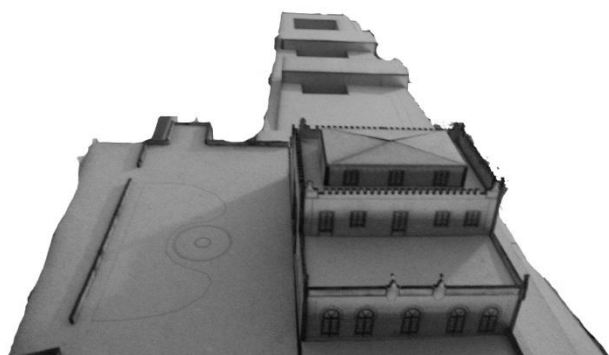
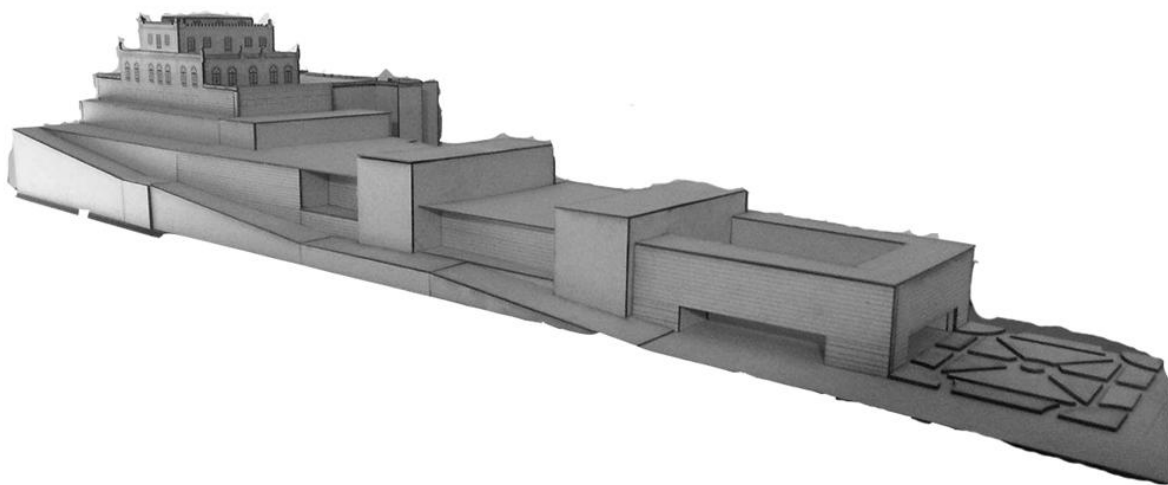
Maquete 1/2500



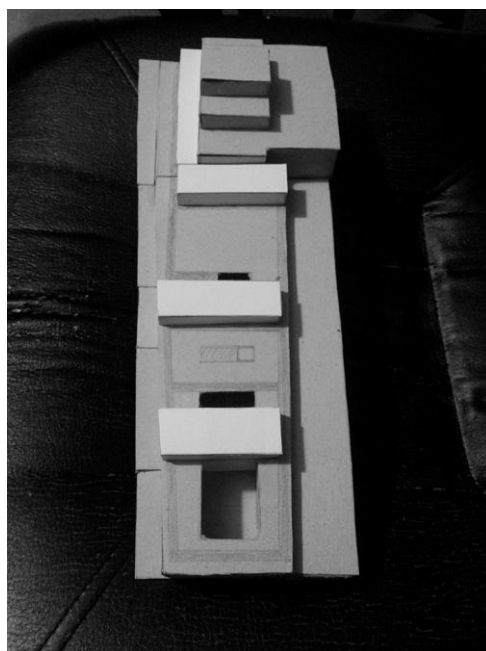
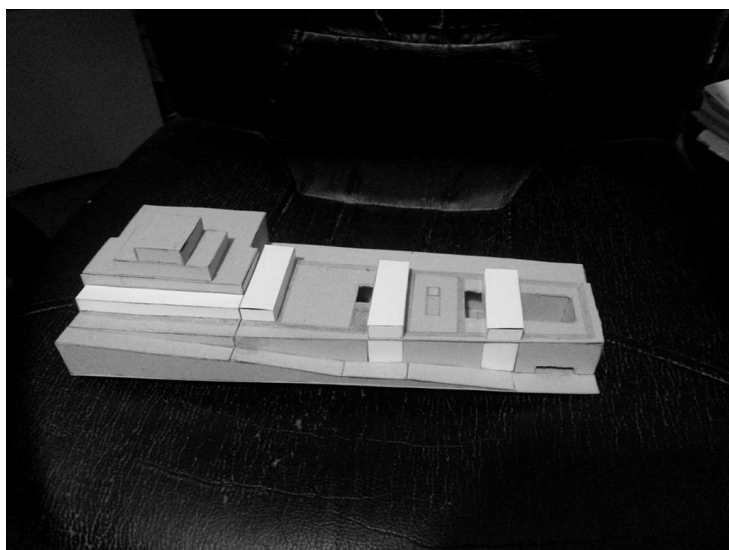
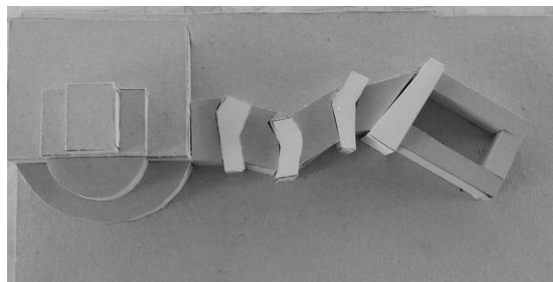
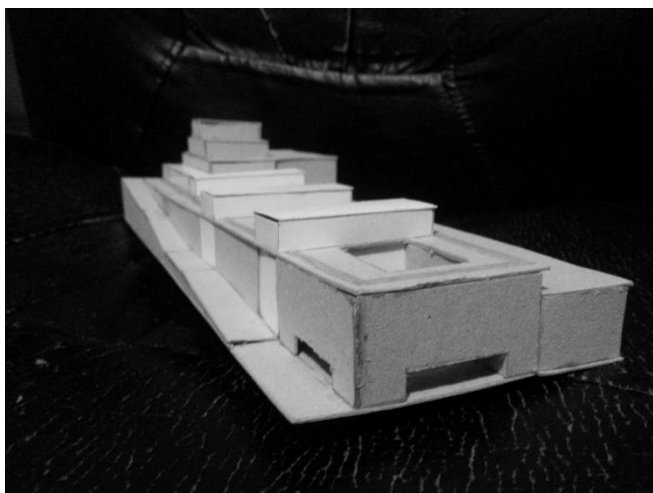
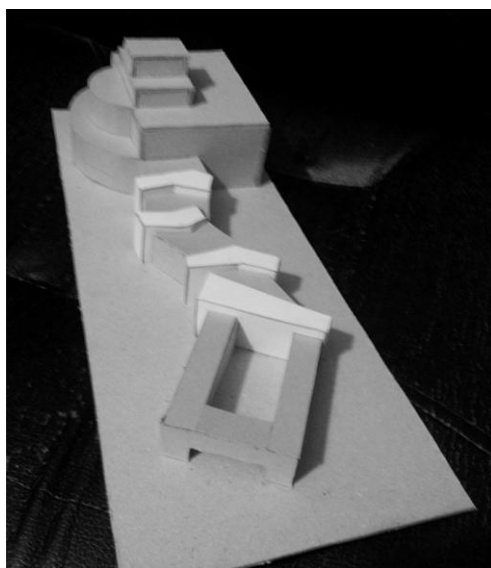
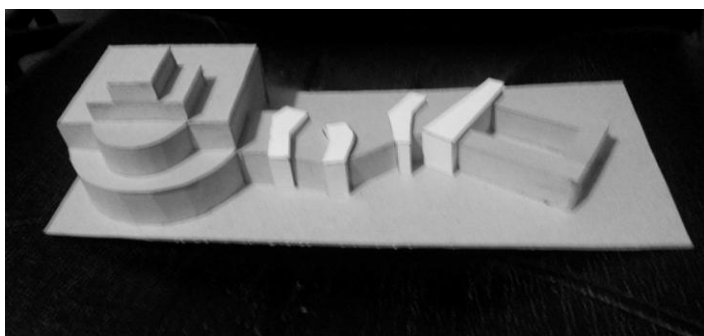
Maquete 1/500



Maquete 1/200



## Maquetes de estudo



## V - Modelo Digital

